

Sérgio Leonardo Gobbi & Sinara Tozzi Missel
Henrique Justo & Adriano Holanda

Este **vocabulário**, em si, não constitui um dicionário, visto não dar conta da totalidade das idéias de Carl Rogers e de seus continuadores. Trata-se tão-somente de uma contribuição à Abordagem Centrada na Pessoa com o fito de ser uma obra de referência inicial a alguns dos principais fundamentos conceituais da abordagem e do pensamento de Rogers.

A intenção foi acoplar dados necessários à facilitação da compreensão dos aspectos basais do pensamento de Rogers e da Abordagem Centrada na Pessoa. O objetivo é de poder oferecer subsídios para uma utilização adequada e precisa dos conceitos, fornecendo assim, além das definições em si, aspectos históricos, epistemológicos e filosóficos, bem como bases necessárias ao encaminhamento mais adequado para pesquisas ulteriores. Como a idéia básica é de abrangência, procuramos assinalar os conceitos em suas mais diversas aplicações.

Além de verbetes, surgiu a necessidade de apor alguns nomes considerados importantes para a compreensão da Abordagem Centrada na Pessoa – seja em nível teórico, seja em nível filosófico. Nesse sentido, alguns filósofos, pensadores ou nomes de destaque ligados (direta ou indiretamente) à Abordagem Centrada na Pessoa foram incluídos. Optou-se ainda por homenagear algumas personalidades pioneiras e relevantes no cenário brasileiro.

VOCABULÁRIO E NOÇÕES BÁSICAS DA ABOORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada na pessoa





Sergio Leonardo Gobbi
é psicólogo com especialização em
Psicologia e Educação na
Abordagem Centrada na Pessoa,
com mestrado em Educação e
doutoramento em Supervisão Clínica
na mesma Abordagem. Docente em
Psicologia na Unesc (Universidade
do Extremo Sul de SC), atua em
Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
Seus estudos enfatizam um aprofunda-
mento na área da complexidade,
buscando a compreensão da
Abordagem Centrada na Pessoa,
uma de pesquisa de sua
disciplina de mestrado.

Elizâra Tússié Kinsel
é graduada social e psicóloga pós-
graduada em Psicodrama na
Abordagem Centrada na Pessoa.
É facilitadora de grupos com treina-
mento na India (I.I.F.), atuando na
área clínica e com grupos. Estagiou
no Hôpital Universitário School
Hospital de Criança. Participou do
programa voluntário da Hero
e psicoterapeuta da Unimed Saúde
Centro de Tratamento. Realizou o
curso para escritores de seu livro, "A saúde
mental no hospital da área hospitalar
de São Paulo", já em lançamento.



Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa





Henrique Justo
é Doutor em Pedagogia e Livre-docente em Psicologia. Com aperfeiçoamento na Europa (com discípulos de Carl Rogers) e nos EUA (com o próprio Carl Rogers). Escreveu vários artigos e livros sobre ACP, entre eles: Abordagem centrada na pessoa: consensos e dissensos (Vetor Editora).

Adriano Holanda
é Mestre em Psicologia Clínica (UnB), Doutor em Psicologia (PUC-Campinas), Professor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (Bolsista CNPq) e Coordenador do ARCHÉ - Programa de Pesquisas em Psicologia e Fenomenologia da Religião e da Espiritualidade, Presidente da Subcomissão de Saúde Mental do Conselho Regional de Psicologia (1ª Região).

Sérgio Leonardo Gobbi
Sinara Tozzi Missel
Henrique Justo
Adriano Holanda

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

2^a edição
2002



VETOR
EDITORIA PSICO-PEDAGÓGICA LTDA.
Rua Cubatão, 48 – CEP 04013-000 – SP
Tel. (11) 3146-0333 – Fax. (11) 3146-0340

www.vetoreitora.com.br vendas@vetoreitora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dedicatória

Gobbi, Sérgio Leonardo
Vocabulário e noções básicas da abordagem
centrada na pessoa / Sérgio Leonardo Gobbi...
[et al.]. -- 2. ed. -- São Paulo : Vetor, 2005.

Outros autores: Sinara Tozzi Missel, Henrique
Justo, Adriano Holanda
Bibliografia.

1. Psicoterapia centrada no cliente 2. Rogers,
Carl R., 1902-1987 I. Missel, Sinara Tozzi.
II. Título.

05-0335

CDD-150.198

Índices para catálogo sistemático:

1. Abordagem centrada na pessoa : Rogers, C.R.
: Psicologia 150.198
2. Rogers, C.R. : Abordagem centrada na
pessoa : Psicologia 150.198

ISBN: 85-7585-006-7

Projeto gráfico e diagramação: Patrícia de Mello Aguiar
Capa: Tânia Menini

Copyright © 2002 – Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda.
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por
qualquer meio existente e para qualquer finalidade, sem autorização
por escrito dos editores, inclusive por sistema informatizado.

“.... Dedicamos àqueles que de sua
experiência construíram sua sabedoria.
E desta sabedoria sua forma de viver.”

Agradecimentos

Agradecemos ao Dr. Henrique Justo, um dos pioneiros do Humanismo no Brasil, pelo seu incansável auxílio, em nosso projeto, e nesta versão do Vocabulário da Abordagem Centrada na Pessoa.

Ao colega Adriano Holanda pela participação, complementação e dedicação dispensadas na elaboração deste Projeto, finalizado em sua 1^a versão.

E a todos aqueles que participaram do primeiro momento desta obra, em especial Vera Cury, Luiz Alfredo Milleco, Mauro Amatuzzi, Jayme Doxsey, Dinah Meirelles, Raquel Wrona, Conceição Passos, Lucio Ávila, Diana Belém, Marwell Filho, Lucia Moraes de Siqueira, Sonia Gusmão, Alberto Segrera, pela atenção dedicada.

Aos colaboradores, com artigos escritos, Carmem Barreto, Afonso Fonseca, Márcia Tassianri, Yeda Portela, nosso muito obrigado.

A nossa colega Schirley Garcia, pelo artigo de Ludoterapia desta edição, pelo seu empenho e dedicação na aventura infantil em seu enfoque clínico, nossos agradecimentos.

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	13
VOCABULÁRIO	15
Referências Bibliográficas	155
APÊNDICES	165
 <i>A Evolução da Terapia Centrada no Cliente</i> (Carmem L. B. T. Barreto)	167
 <i>Diretrizes da Ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa</i> (Schirley dos Santos Garcia)	183
 <i>Encaminhando "A Aprendizagem Centrada no Aluno"</i> (Dr. Henrique Justo)	203
 <i>O Modelo de Trabalho com Grupos na Abordagem Centrada na Pessoa</i> (Afonso H. L. da Fonseca)	219
 <i>História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil</i> (Márcia Alves Tassinari / Yeda Russo Portela)	229
 <i>Carl Rogers - Vida e Obra</i> (Sérgio Leonardo Gobbi)	261
 <i>Índice Remissivo</i>	273

Apresentação

Mutatis mutandis (isto é, com as devidas adaptações), é a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) indicada como a mais humana, eficiente e ampla das perspectivas psicológicas atuais tanto para a família, escola, empresas, a sociedade em geral, como a psicoterapia, na qual encetou a luminosa caminhada.

A ACP está convencida de que as pessoas (afora caso de malformações psíquicas extremas), em ambiente suficientemente favorável, *tendem a realizar-se ao máximo*, segundo Egmont Hiller, na esteira de Kurt Goldstein, Abraham Maslow, Carl Rogers, Chalotte Bühler, Karen Horney, Tausch, André Péretti e tantíssimos outros das grandes figuras da psicologia moderna⁽¹⁾.

Ambiente favorável é fruto de certas atitudes básicas, sobressaindo três:

- valorização da pessoa,
- empatia (compreensão do outro na perspectiva dele)
- e autenticidade (genuinidade ou congruência).

Propiciam elas clima adequado ao desabrochar das potencialidades humanas. É fácil a cada um – também você, leitor, verificar em si o maravilhoso poder energético dessas atitudes. Tendo-as, cria-se para outrem o clima ideal ao crescimento das tendências positivas. Crescer não é mera opção: é obrigação, se alguém desejar ser feliz:

Há décadas já se verificou a possibilidade de regeneração de criminosos quando colocados em atmosfera propícia ao crescimento. N° de "Seleções" de 1956, apresenta artigo confirmando, na prática, o que se acaba de afirmar: "Transformando criminosos em artifícies". Subtítulo: "Na Califórnia, os homens de negócio e os sindicatos estão colaborando numa experiência sem precedentes para transformar as prisões em escolas de reabilitação". – Transfigurando homens perigosos e peso financeiro para a sociedade em cidadãos úteis e felizes! Exemplo a seguir...

*"A pessoa é de tal modo construída
que necessita tornar-se, isto é, crescer,
a fim de não cair em problemas psicológicos."*
(Erik Erikson)

As atitudes elencadas nos transformam, por assim dizer, em felizes obstetras de pessoas mais bem realizadas...

*

Parabéns aos autores do presente livro, cujo dinamismo acadêmico, no curso de especialização na ACP, desembocou na concepção dessas páginas. Livro totalmente original no referente ao "Vocabulário" da ACP, produzindo obra pioneira, não somente no Brasil, mas, que eu saiba, no mundo! O velho mestre, ao escrever essas linhas, aplaude, emocionado, a idéia original da dupla e sua feliz concretização. Que a 2^a edição continue enriquecendo a atmosfera com os ares tonificantes da ACP!

PROF. DR. HENRIQUE JUSTO⁽²⁾

Introdução

Formulamos o **Abordagem Centrada na Pessoa: Vocabulário e Noções Básicas** a partir de necessidades teóricas que vivenciamos na prática. Acreditamos, no decorrer das pesquisas que empreendemos, que esta obra também viria ao encontro das necessidades de outros profissionais ou pessoas interessadas nas idéias de Rogers.

O **Vocabulário**, em si, não se constitui num *Dicionário*, visto não dar conta da totalidade das idéias de Rogers e de seus colaboradores e continuadores, mas, trata-se, tão somente, de uma contribuição à Abordagem Centrada na Pessoa no sentido de ser uma obra de referência inicial a alguns dos principais fundamentos conceituais da Abordagem e do pensamento de Rogers.

Nossa intenção foi acoplar dados necessários à facilitação da compreensão dos aspectos basais do pensamento de Rogers e da Abordagem Centrada na Pessoa. O objetivo, além das definições, é de poder oferecer subsídios para uma utilização adequada e precisa dos conceitos, fornecendo assim, além das definições em si, aspectos históricos, epistemológicos e filosóficos, bem como bases necessárias ao encaminhamento mais adequado para ulteriores pesquisas. Como a idéia básica é de abrangência, procuramos assinalar os conceitos nas suas mais diversas aplicações.

Além destes verbetes, surgiu a necessidade de apor alguns nomes considerados importantes para a compreensão da Abordagem Centrada na Pessoa - seja a nível teórico, seja a nível filosófico. Neste sentido, alguns filósofos, pensadores ou nomes importantes ligados (direta ou indiretamente) à Abordagem Centrada na Pessoa foram incluídos. Optou-se, ainda, por homenagear algumas personalidades pioneiras e importantes no cenário brasileiro. Estes nomes foram escolhidos por terem sido os primeiros a divulgar e contribuir com a Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil, bem como por poderem ser considerados responsáveis diretos pela difusão da mesma em solo brasileiro. A estas personalidades, a nossa homenagem com uma singela

² Doutor em Pedagogia e Livre-docente em Psicologia, tendo curso de aperfeiçoamento em Barcelona, Paris (com discípulos de Carl Rogers, sobretudo, André de Péretti) e o próprio Carl Rogers e equipe (La Jolla e Arcozelo). Além de vários artigos sobre ACP, Justo lhe dedicou dois livros: "Cresça e Faça Crescer: Pensamento de Carl Rogers" (7^a edição) e "Abordagem Centrada na Pessoa: Consensos e Dissensos", São Paulo: Votor, 2002.

citação, em respeito e consideração ao seu esforço.

Acreditamos que nossos objetivos estão em sintonia com os de nossa coletividade, resultando num trabalho mais completo com a participação da multiplicidade de nossa cultura. Porém, acreditamos que, mesmo tendo um enfoque prático realista, com a experiência de cada população, as noções básicas de seu corpo teórico se mantêm. É a visão de que o indivíduo, em sua natureza, é dotado de aspectos positivos envolvidos no processo de crescimento, desenvolvimento e atualização. Dentro desta realidade objetivamos o essencial a sua teorização.

Como obra de referência, o *Vocabulário* adotou algumas estratégias para facilitar o acesso do leitor às informações constantes nele. Neste sentido, sempre que um texto específico remeter a outros verbetes que complementem a informação dada, este novo verbete em particular se apresentará em **negrito itálico**, exceção feita aos verbetes inclusos em citações, que serão mantidos sem destaque especial para não se alterar o texto original (portanto, os grifos apresentados em qualquer citação são oriundos do original pesquisado).

Da mesma maneira, no intuito de facilitar a visualização dos verbetes e para destacar as citações, optou-se por se colocar todas elas em *itálico*, e entre aspas, conforme as regras usuais de publicações. Quando o verbete for complementado por um apêndice, este será indicado e especificado ao final do texto em destaque, em **negrito**.

Por fim, ao final dos textos relativos a um verbete, serão indicadas algumas referências bibliográficas que complementam a leitura do verbete e servirão de apoio ao leitor. Estas referências também complementam as já citadas expressamente no texto do verbete.

Acreditamos que desta forma estaremos facilitando o processo de consulta deste livro e com este apoiando e divulgando o pensamento de Rogers, que através das próprias experiências iniciou tão importante Abordagem.

Os Organizadores



ABERTURA

Ver *Experiência, Abertura à*.

ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Termo atual designativo da corrente de pensamento psicológico criado por *Carl Rogers*. Esta expressão é fruto de toda uma evolução de suas idéias e de suas formulações tendo sido usada pela primeira vez em 1976 (Buzarth, 1989) e formalizada em 1977, com a publicação de *Carl Rogers on Personal Power* e representa, antes de tudo, uma modificação na aplicação das teorias de Rogers aos mais diversos campos.

A nomenclatura da perspectiva rogeriana passa por uma evolução; desde o "aconselhamento não-diretivo", passando pela "psicoterapia não-diretiva" (primeira fase do pensamento de Rogers); evoluindo para a "psicoterapia centrada no cliente" (formulação que se tornou a mais conhecida de Rogers); alcançando a nomenclatura de "psicoterapia experiencial", até chegar à "abordagem centrada na pessoa". Nesta evolução, as idéias de Rogers, tendo sido propostas inicialmente para o campo psicoterapêutico, foram ocupando espaços em campos diversos tais como Organizações, Educação e escolas, Grupos (pequenos grupos ou workshops de grandes grupos), tendo se expandido para aplicação à resolução de conflitos e, ainda, a formação, transformação e desenvolvimento de culturas (isto leva Rogers a ser conhecido pelo "ensino centrado no estudante", ou outras designações).

Convém assinalar que, antes de ser uma mera mudança de nomenclatura, as variações nominais referem-se a clarificações da própria perspectiva teórica e prática de Rogers (Ver *Fases do Pensamento de Rogers*).

A Abordagem Centrada na Pessoa deve ser considerada conforme assinalara Rogers no título de uma de suas principais obras, como *Um Jeito de Ser*, "A Abordagem Centrada na Pessoa não é uma teoria, uma terapia, uma psicologia, uma tradição. Não é uma linha, como, por exemplo, a linha Behaviorista. Embora muitos tenham notado um posicionamento existencial em suas atitudes, e outros tenham se referido a uma perspectiva fenomenológica em suas intenções, não é uma filosofia. Acima de tudo não é um movimento, como, por exemplo, o movimento trabalhista. É meramente uma abordagem; nada mais, nada menos. É um 'jeito de ser'" (Wood, 1994:III).

Neste sentido, a Abordagem Centrada na Pessoa, que teve a **Terapia Centrada no Cliente** como a primeira de suas aplicações, pode ser entendida como uma perspectiva positiva de vida (Wood, 1994), como uma atitude básica ou uma filosofia de atitude (Holanda, 1993), atitude esta que se transforma numa "filosofia básica" (Rogers, 1987a) ou mesmo numa filosofia de vida (Bowen, 1987). A Abordagem Centrada na Pessoa se baseia fundamentalmente numa crença na potencialidade interna dos organismos (**Tendência Atualizante**) e num respeito pela individualidade e singularidade humanas.

(Ver apêndice: **Evolução da Terapia Centrada no Cliente**).

(Ref.: Rogers & Wood, 1978; Rogers, 1977, 1983a, 1983b, 1986b; Huizinga, 1984; Leitão, 1986; Cury, 1987; Santos, Bowen & Rogers, 1987; Freire, 1987, 1988, 1989; Moreira, 1990).

ACEITAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL

A Aceitação Incondicional consiste numa postura ou atitude de consideração irrestrita; numa atitude de abstenção de julgamentos, o que implica na não aprovação ou desaprovação do terapeuta, ou mesmo na oposição a qualquer elemento expresso, verbal ou não verbal, direta ou indiretamente, pela pessoa do cliente.

Na Orientação "Não-Diretiva" Centrada na Pessoa, este conceito não é apenas um conhecimento abstrato, mas indica na sua execução, um modo próprio de agir, que o facilitador efetiva e vivencia na relação com o cliente. É vivenciado através do respeito pelo modo de ser, agir e pensar do outro.

A expressão "aceitação positiva incondicional" foi a primeira a ser utilizada por Rogers. Posteriormente, devido ao caráter específico da palavra "aceitação" e pela confusão de interpretação advinda de suas conotações éticas e morais, foi substituída pela expressão **Consideração Positiva Incondicional**. A Aceitação Positiva Incondicional é uma atitude caída da principal conceito da filosofia de Rogers, a **Tendência Atualizante**.

(Ver **Consideração Positiva Incondicional**).

(Ref.: Rogers, 1957; Rogers & Wood, 1978)

ACONSELHAMENTO

Nome dado a um procedimento profissional calcado em entrevistas e intervenções, que objetiva "capacitar o cliente a dominar situações de vida, a engajar-se em atividades que produzam crescimento e a tomar decisões eficazes" (Patterson & Eisenberg, 1988:1). É designativo do termo *Counseling*,

(que comumente é traduzido por "Aconselhamento Psicológico" ou simplesmente "Aconselhamento").

Posui vínculos diretos com as idéias de Rogers, tendo profundas ligações com a Educação e a Assistência Social. Em 1942, quando da publicação de *Counseling and Psychotherapy* por Rogers, define-se o aconselhamento como uma abordagem que enfatiza o potencial individual de cada pessoa e define o aconselhador (ou conselheiro) como facilitador do crescimento e desenvolvimento do cliente. Esta obra foi fundamental para a sedimentação do papel do *Counseling* na sociedade americana.

Wood (1994) assinala que foi graças à prática inicial de Rogers (que recebeu o título de **Aconselhamento Não-Diretivo**) com o *Counseling*, que se fortaleceu o reconhecimento do trabalho do psicólogo associado à psicoterapia. Até então, a psicoterapia era restrita aos psiquiatras.

Embora ainda existam dificuldades em se diferenciar o Aconselhamento da Psicoterapia - o próprio Rogers aponta para esta diferenciação difusa quando coloca que "houve uma tendência para empregar a expressão 'consulta psicológica' mais para entrevistas accidentais e superficiais e reservar o termo 'psicoterapia' para os contatos mais intensivos e prolongados, orientados para uma reorganização mais profunda da personalidade" (Rogers, 1986a:3) - entendemos Psicoterapia como o trabalho clínico tradicional que envolve um setting definido, e Aconselhamento como o trabalho clínico em situações especiais, onde questões como tempo, espaço e procedimentos requerem atenção especial (aconselhamento escolar e educacional, aconselhamento hospitalar, aconselhamento em aids, aconselhamento em organizações, aconselhamento com vítimas de violência sexual ou aconselhamento com delinquentes, dentre outras aplicações. Há ainda o aconselhamento pastoral realizado em instituições religiosas).

(Ver **Aconselhamento Não-Diretivo**)

(Ref.: May, 1982; Santos, 1982; Rosenberg, 1987; Justo, 1987; Rudio, 1987; Scheeffer, 1989; Amatuzzi et Alli, 1996)

ACONSELHAMENTO NÃO-DIRETIVO

Atribuição dada às formulações de Rogers com referência ao Aconselhamento. Após a publicação de *Counseling and Psychotherapy*, em 1942, cria-se uma "disputa" entre duas metodologias: direitividade x não-direitividade. A expressão "não-direitividade" surge das proposições de Rogers que valorizam os aspectos individuais e que determinam que a condução do processo, fica a cargo do próprio cliente.

Para Rogers, o método diretivo se define pelo fato de que o "psicólogo descobre, diagnostica e trata os problemas do cliente desde que o cliente preste sua colaboração ativa ao processo. O psicólogo, de acordo com este

ponto de vista, aceita a maior responsabilidade na solução do problema e essa responsabilidade torna-o o centro dos seus esforços" (Rogers, 1986a:95).

O método "não-diretivo" (Ver **Não-Direção**) se caracteriza por ser uma relação que envolve calor humano e uma "capacidade de resposta" do terapeuta que aprofunda afetivamente a relação. O terapeuta, neste método, se coloca numa posição mais horizontal em relação ao seu cliente permitindo-se envolver afetivamente pela relação. Outra qualidade desta relação é a de permitir e favorecer a expressão de sentimentos, através da ausência de conteúdos ou atitudes moralistas e judiciais, sendo fundamental a compreensão e o reconhecimento do outro a partir de seu prisma. Todas estas características constituem-se na base do que viria a ser a **Terapia Centrada no Cliente** e, posteriormente, a **Abordagem Centrada na Pessoa**.

Para Scheeffer (1989), as características do método não-diretivo são: maior responsabilidade na condução da entrevista por parte do próprio orientando; ênfase maior dada à pessoa e não ao problema; oportunização de maior amadurecimento pessoal e, ênfase nos conteúdos emocionais. Nesta perspectiva, valoriza-se mais a relação e o contato, em detrimento do diagnóstico. Segundo Rogers, o que diferencia os dois métodos se deve ao fato de que "o ponto de vista não-diretivo confere um grande valor ao direito que todo o indivíduo tem de ser psicologicamente independente e de manter a sua integridade psíquica. O ponto de vista diretivo confere um alto valor ao conformismo social e ao direito do mais apto dirigir o menos apto" (Rogers, 1986a:106).

(Ref.: Santos, 1982; Cury, 1987; Rudio, 1987; Rosenberg, 1987; Scheeffer, 1989; Amatuzzi et Alli, 1996)

ACORDO INTERNO, Estado de

O estado de acordo interno é a noção teórica, baseada na experiência onde a pessoa demonstra grande interesse e busca, no processo de revisão, a modificação da sua auto-imagem, tentando a coerência entre a imagem de si e sua experiência (Rogers & Kinget, 1977). No decorrer deste processo, a pessoa passa a assumir posturas e idéias cada vez mais compatíveis com sua forma de ser. Com o processo terapêutico, estas imagens passam a ser integradas no seu modo de sentir, agir e pensar. A partir da apreensão do vivido, o estado de congruência passa a predominar sobre o desacordo interno, favorecendo a integração, autenticidade, harmonia, ou seja, o **Funcionamento Ótimo** da Personalidade, que corresponde à proposição que: "quando as experiências relativas ao eu são corretamente simbolizadas e integradas na estrutura do eu, há acordo entre o eu e a experiência. Se absolutamente todas as experiências de um determinado indivíduo fossem corretamente simbolizadas e integradas no eu, este indivíduo - hipotético - funcionaria de modo ótimo (...). Na prática,

quando um determinado segmento da experiência é corretamente simbolizado, dizemos que, numa determinada situação, ou em relação com uma determinada pessoa, ou em determinado momento, o indivíduo realiza um estado de acordo" (Rogers & Kinget, 1977, I:172).

A noção de "acordo" pode ser traduzida por **Autenticidade**, **Congruência**, integração ou harmonia, quando aplicados ao comportamento e à personalidade. Na situação específica de psicoterapia, o conceito vale tanto para o cliente quanto para o terapeuta, mas diz respeito à pessoa em si.

Segundo Rogers & Kinget (1977, I:172), "a noção de acordo é uma noção teórica central, elaborada a partir de nossa experiência prática. Esta nos mostra, durante a terapia, que o cliente se encontra empenhado num processo constante de revisão e de modificação de imagem que faz de si mesmo, e que este processo procura estabelecer um estado de acordo entre esta imagem e sua experiência. No decorrer deste empreendimento, o cliente pode descobrir que, se simbolizasse corretamente certas experiências, deveria se confessar, por exemplo, que odeia seu pai ou que tem desejos homossexuais etc. À medida que a terapia prossegue, a imagem que ele faz de si mesmo se reorganiza de modo a incluir estas características, que eram anteriormente incompatíveis com esta imagem e que, por isso, não podiam ser nelas integradas".

Em resumo, o estado de acordo interno corresponde à idéia que o que o organismo experimenta está em interação direta com os comportamentos e atitudes da pessoa.

(Ref.: Rogers, 1985a; 1986a, 1986b)

ALVIM, Mariana

Mariana Agostini de Villalba Alvim, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 8 de abril de 1909, tendo sido uma das pioneiras da Psicologia brasileira (seu registro no Ministério da Educação data de 19.12.63, com o número 274). Sua formação original é em Serviço Social, pela antiga Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro (1941). É membro-fundador da antiga Sociedade de Psicologia Individual do Rio de Janeiro; da Sociedade Pestalozzi do Brasil e de Brasília; da antiga Associação Brasileira de Psicotécnica e da Associação Profissional dos Assistentes Sociais do Rio de Janeiro.

Participou de uma série de cursos em matéria de Psicologia, com expoentes da disciplina, como, por exemplo, cursos de psicologia infantil com Henri Wallon (1931-1933). Foi colaboradora direta do Dr. Emilio Mira y Lopez, com quem teve a oportunidade de conviver em inúmeros cursos na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e outras instituições, como, por exemplo, o curso de Seleção, Orientação e Readaptação Profissional (1946-1947); Psicologia e Psiquiatria Aplicadas à Psicotécnica (1948), Psicoterapia das Neuroses (1948),

Psicologia Médica (1949), Análise Crítica dos Métodos de Exploração da Personalidade (1949), Psicologia Experimental (1950), Testes de Rorschach, T. A. T. e P. M. K. (1950-1951), Psicologia Evolutiva (1951), Higiene Mental (1955), e outros.

Como profissional, trabalhou como Psicóloga e Assistente Social no Serviço de Assistência a Menores do Ministério da Justiça (1941-1948 e 1957-1959), além de exercer funções relativas a Psicotécnico do Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da FGV. Foi ainda chefe do Serviço Social Psiquiátrico do Instituto de Psiquiatria da antiga Universidade do Brasil (1959-1960).

Em Brasília, desde a sua fundação, foi uma das responsáveis pela Psicologia no novo Distrito Federal. Organizou o Centro de Psicologia Aplicada da Polícia do Distrito Federal; foi responsável pelo Serviço de Orientação da Universidade de Brasília, psicóloga do Conselho Penitenciário do DF e do Centro de Seleção e Treinamento da Secretaria de Administração do DF.

Foi provavelmente a primeira pessoa a trazer as idéias de Rogers para o Brasil. Em 1945, foi para os Estados Unidos aprender a "entrevista não-diretiva" que logo trouxe para o Brasil e passou a aplicar em suas atividades no Rio de Janeiro e em Salvador (Tassinari, 1994). Participou diretamente de atividades com Rogers e seu staff, como o "Person-Centered Workshop", em Ashland (Estados Unidos), em 1976; bem como do Encontro Centrado na Pessoa, na Aldeia de Arcozelo (Rio de Janeiro), em 1977. Pode-se dizer que foi Mariana Alvim quem "apresentou" a Abordagem Centrada na Pessoa a Maria Bowen, que havia sido sua aluna. Atualmente reside em Brasília.

(Ver Apêndice História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil)

AMEAÇA

Vivências tidas como incoerentes com a estrutura do *self* são geradoras de ameaças, que provocam, por consequência, ansiedade. Segundo Rogers, a ameaça é definida como "..quando o indivíduo toma conta seja de maneira plenamente consciente, seja de maneira subliminar (por meio da "subcepção") de que certos elementos de sua experiência não estão de acordo com a idéia que ele faz de si mesmo. A noção de ameaça corresponde então à versão externa do que - visto a partir do quadro de referência interno - é indicado pelo nome de angústia" (Rogers & Kingel, 1965:186).

A sensação de ameaça é reforçada pelo meio externo no caso de haver recriminação de valores que a pessoa acredita serem verdadeiros, utilizando como base para a sua percepção e forma de vida. Assim também, em qualquer situação de mudança, podem ocorrer ameaças, podendo estas variarem de grau e intensidade. Quando o ambiente é ameaçador, o medo da

desaprovação é constante, podendo levar o indivíduo a um comportamento incongruente, fazendo com que este se torne superficial a fim de manter a imagem agradável aos outros e, com isto, a conquista e a aceitação das pessoas para ele importantes, negando ou modificando as experiências desaprovadas pelo meio.

A ameaça sobrepõe-se à autenticidade, abalando a segurança emocional, a auto-estima e os seus verdadeiros objetivos, tornando a pessoa prisioneira da cadeia ameaçadora vivenciada no meio, impedindo-lhe a autenticidade e liberdade psicológica. O enfrentamento da ameaça se dá a partir do movimento natural do organismo, gracias à **tendência atualizante**, propiciando a possibilidade de maior congruência da experiência com a estrutura do *self*, através da reorganização da defesa contra a ameaça, fazendo, ao menos, com que esta seja menos percebida como ameaça consciente. Os modos de enfrentamento à ameaça são designativos dos modelos defensivos de cada organismo.

Na ausência de ameaças à estrutura do *self*, vivências inicialmente incongruentes podem ser sentidas, compreendidas e examinadas, facilitando o desempenho da estrutura do *self* que, revisando as experiências, pode incluí-las em seu funcionamento. Na ausência de ameaça, a defesa torna-se inútil, pois o indivíduo se apresenta seguro de si, sendo capaz de perceber e reconhecer o fato real, sem precisar distorcer a imagem do outro, de si, ou de uma situação.

(Ver **Angústia**)

(Ref.: Rogers, 1959, 1985a)

ANGÚSTIA

O conceito de angústia é invariavelmente associado ao conceito de ansiedade, sendo comum a sua utilização conjunta como sinônimos. Do ponto de vista geral, "angústia" diz respeito a um estado emocional de desconforto, associado a uma série de sinais somáticos, fisiológicos e psicológicos.

As reações fisiológicas geralmente associadas ao estado de angústia/ansiedade são: alteração do ritmo respiratório, taquicardia, alterações relativas à musculatura tais como tremores e paralisia, sudorese, e outros. Psicologicamente, temos uma percepção dolorosa de impotência diante de assuntos de cunho pessoal; sensação de inevitabilidade e iminência de um perigo; tensão associada à vigilância com sensação de enfrentamento de emergência; é característico também um "ensimesmamento apreensivo que interfere na solução efetiva e vantajosa de problemas reais e por uma dúvida insolúvel sobre a natureza do perigo ameaçador, sobre a probabilidade do surgimento real da ameaça, sobre os melhores meios objetivos de reduzir ou eliminar o perigo e sobre a capacidade subjetiva para fazer uso efetivo desses meios.." (Campbell, 1986:42).

Algumas diferenciações, todavia, fazem-se necessárias. A ansiedade/angústia se distingue do medo pelo fato deste último ser uma reação natural de defesa com relação a um objeto definido ou perigo real ou ameaça real de perigo. A ansiedade é caracterizada por ser uma reação a um perigo irreal ou imaginário.

"De um ponto de vista fenomenológico, a angústia é um estado de mal-estar ou de tensão que o sujeito não conhece a causa. Vista do exterior, a angústia corresponde a uma tomada de consciência latente, pelo sujeito, do conflito existente entre seu eu e a totalidade de sua experiência. Quando esta tomada de consciência se torna manifesta, a ação das defesas se tornam cada vez mais difíceis. A angústia constitui a reação do organismo à 'subcepção' desse estado de desacordo e ao perigo da tomada de consciência - que exigirá uma modificação da estrutura do eu" (Rogers & Kinget, 1977, I:170).

Na perspectiva da **Abordagem Centrada na Pessoa**, por não haver julgamento sobre a realidade do outro, encara-se a angústia/ansiedade como direcionada a uma realidade específica da pessoa, a sua realidade existencial. Desta feita, a objetivação é dada pelo processo de formação de consciência da pessoa, e não é analisada como fantasiosa ou irreal, mas é apenas inserida na esquematização do **campo fenomenológico** da pessoa. Em outras palavras, ao privilegiar o **vivido** do outro, a **Abordagem Centrada na Pessoa** releva a questão da fenomenologia da existência da pessoa, sendo assim, tanto a ansiedade quanto a angústia são encaradas como reações naturais e normais, diante de situações que são percebidas pela pessoa como ameaçadoras à sua estrutura individual.

Outra diferenciação importante diz respeito aos próprios conceitos de ansiedade e angústia. No sentido de dar uma conotação mais específica dos termos, temos que a angústia será entendida como a reação direcionada preferencialmente para a própria pessoa (caracterizada por comportamentos como fechamento em si mesmo, afastamento do contato e reações somáticas mais exacerbadas), enquanto que na ansiedade, os comportamentos são direcionados para o exterior (caracterizados por comportamentos tais como agitação, mobilidade exacerbada, inquietação, dentre outros).

Rogers, ao falar do processo terapêutico, associa os resultados deste a uma diminuição da ansiedade ou da angústia como produto. Em alguns momentos, designa a ansiedade/angústia como um estado de desadaptação, fruto da **incongruência** vivida pelo indivíduo entre **experiência, eu e eu ideal**. No processo terapêutico, o cliente se tornaria mais congruente e como resultado, vivenciaria uma diminuição de sua ansiedade.

Ao falar da personalidade que se desorganiza, **Rogers** coloca que, a percepção "vaga" (**subcepção**) de sua **incongruência**, leva-o a um estado de ansiedade.

Em alguns manuais de Psiquiatria, é comum encontrarmos, segundo Rogers & Kinget (1965, I:187), a condição essencial do progresso terapêutico é justamente a diminuição da ansiedade: *"Dado que se trata de ansiedade, de um estado difuso, e não de medo, - que é uma reação a uma situação ou a um objeto definido - esta diminuição não pode se produzir por um esforço de vontade. (...) Com efeito, a ansiedade não é uma reação específica; é um estado generalizado que penetra no organismo total nos seus aspectos tanto fisiológicos - tensão muscular, circulação, secreção endócrina - quanto experienciais. Os efeitos psicossomáticos, que combinam o mal-estar psicológico com a disfunção fisiológica, demonstram claramente o caráter difuso da ansiedade".*

Do ponto de vista filosófico, o conceito de angústia é central para o **Existencialismo**, um dos fundamentos filosóficos da **Abordagem Centrada na Pessoa**. No pensamento de **Kierkegaard**, ela representa o estado de inquietude proveniente do pressentimento do pecado e da responsabilidade, sendo o sentimento básico do ser humano enquanto ser existente. Em **Heidegger** é o produto do ser existente, ou seja, o ser que é lançado no mundo e que, diante do nada, se percebe inseguro enquanto um ser que é ser-para-a-morte. O tema da angústia é mais central, contudo, no pensamento de **Sartre** que é designativa da "consciência da responsabilidade universal engajada por cada um de nossos atos" (Japiassu & Marcondes, 1990), ou seja, é o sentimento sentido diante de si mesmo, ao contrário do medo que é sentido diante dos seres do mundo.

APLICAÇÕES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Rogers iniciou seu trabalho a nível de aconselhamento e psicoterapia, de cujo trabalho advém o básico de suas intuições. Todavia, embora o **aconselhamento não-diretivo** e a **terapia centrada no cliente** tenham sido as primeiras aplicações do que hoje é conhecido como **Abordagem Centrada na Pessoa**, esta não se restringe a estes campos.

"Em 1941, escrevi um livro sobre aconselhamento e psicoterapia (...) O livro se referia integralmente ao intercâmbio verbal entre uma pessoa que ajuda e uma pessoa em busca de ajuda; não continha qualquer indício de maiores implicações. Uma década depois, em 1951, esse ponto de vista foi apresentado de modo mais completo e seguro em um volume sobre terapia centrada no cliente. Neste livro, reconheci que os princípios da terapia podiam ser aplicados a outros campos. Em capítulos escritos por outros autores, ou baseados, em grande parte, na experiência de outras pessoas, discutia-se a terapia de grupo, a liderança, a administração de grupos e o ensino centrado no aluno. O campo de aplicação se ampliava" (Rogers, 193:IX).

Além disso, Rogers (1977) havia descoberto, a partir de sua experiência

com a psicoterapia, significativas implicações e aplicações profundas para a educação, a comunicação interpessoal, a vida familiar e o processo criativo.

Rogers coloca que a "abordagem centrada no cliente tem tido uma grande receptividade, não somente entre terapeutas, mas entre conselheiros escolares e vocacionais, líderes no campo da dinâmica de grupo, conselheiros matrimoniais, conselheiros industriais, professores, executivos, clérigos de vários credos, trabalhadores sociais, e outros. E esta tem sido utilizada nos mais diversos ambientes culturais - na França, Bélgica, Itália e Japão, por exemplo" (Rogers, 1967:1227).

Pagès (1965), introdutor das idéias de Rogers na França, assinala suas aplicações à Psicologia Social em geral, com especificações para a psicoterapia de grupo, condução de grupos de trabalhos (envolvendo liderança), aplicações pedagógicas, aplicações à pesquisa social (prática da "entrevista não-diretiva"), aplicações ao aconselhamento e à intervenção psicosocial.

No âmbito da *psicoterapia e da aplicação clínica* da Abordagem Centrada na Pessoa, temos a destacar os relatos com clientes que apresentam patologias graves, tais como a esquizofrenia (Leitão, 1987; Prouty, 1994; Gendlin, 1987; Rogers, 1987b).

A Abordagem Centrada na Pessoa possui uma *aplicação social* bastante destacada, desde seu início, conforme já destacara Rogers (1985a). No que se refere ao *trabalho com grupos* ou com *psicoterapia de grupo*, o trabalho clássico permanece sendo *Grupos de Encontro* (Rogers, 1980). Outros exemplos: Braaten & Raskin (1984); Wood (1983, 1985, 1987a). Um outro exemplo significativo é o livro de Fonseca (1988), intitulado *Grupo, Fugacidade, Ritmo e Forma*.

A nível de *psicologia comunitária*, temos relatos de aplicações dos princípios de Rogers a comunidades, as mais diversas, como em periferias de grandes centros urbanos (Amatuzzi et alii, 1996). Ainda no terreno de aplicação social dos princípios da Abordagem, temos excelentes trabalhos como Doxsey (1984), ou ainda com relação à influência da cultura (Thorne & Smith, 1984). Sobre a questão cultural, encontramos nos trabalhos de Fonseca, grandes subsídios de discussão. Há ainda outras aplicações, tais como a criação de comunidades alternativas, no sentido de integração de comunidades (Silva, 1994).

Rogers já propusera a utilização dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa na *resolução de conflitos sociais* (Rogers, 1946, 1985a), como se pode observar em Segrera & Araiza (1992).

Em sua aplicação a *famílias* (Rogers, 1985a, 1992; Puente, 1970), temos a destacar o livro *Becoming Partners: Marriage and Its Alternatives*, publicado por Rogers em 1972, e que trata de assuntos como casamento, família, liberdade de experiência e relações homem/mulher. Outros exemplos: Barrett-Lennard (1984), Fox & Tausch (1984).

Uma de suas aplicações mais significativas e conhecidas, o "ensino centrado no estudante", consiste numa grande discussão de Rogers a respeito de *educação e escolas*, que se desenvolve em uma nova perspectiva pedagógica, bem como numa formulação própria do sentido da *aprendizagem*. Além do trabalho clássico de Rogers, seu livro *Freedom to Learn* (que posteriormente revisou e publicou sob o título de *Liberdade para Aprender em Nossa Década*), temos ainda os trabalhos de Brink (1984), Moreno (1984), Milholland & Forisha (1978), Poeydomenge (1984), Puente (1970), Justo (1987), Hameline & Dardelin (1977), López (1993), dentre outros.

Rogers (1992) ainda sugere a aplicação de seus princípios às *organizações*, seja no sentido de "liderança e administração centradas no grupo", seja no treinamento de pessoal, ou, mesmo, no acompanhamento de atividades desenvolvidas em organizações.

Sobre a *ludoterapia*, existe uma vasta bibliografia que assinala suas aplicações ao trabalho com crianças, já proposto por Rogers (1992) em seu livro *Client-Centered Therapy*, mas que se torna mais conhecida através dos escritos de Virgínia Axline (1984).

Uma de suas aplicações mais conhecidas é justamente no processo de *aconselhamento* (Rogers, 1986a), as suas mais diversas possibilidades, donde deriva uma modalidade diferenciada proposta por ele e denominada *aconselhamento não-diretivo* (a primeira das aplicações de seus princípios a nível profissional).

É interessante observar como as intuições de Rogers se tornam abrangentes. Como ele mesmo escreve, com referência a seu livro *Tornar-se Pessoa*, "pensei que estivesse escrevendo para psicoterapeutas, mas para minha grande surpresa, descobri que estava escrevendo para pessoas - enfermeiras, donas de casa, pessoas do mundo dos negócios, padres, pastores, professores, jovens - todo tipo de pessoas" (Rogers, 1983a: X). Isto se reflete em diversos trabalhos multi e interdisciplinares, como num programa de treinamento de enfermeiras do *Medical College of Ohio*, por exemplo, (Chickadon; Lindstrom; Utz & Whitmire, 1984). Ou ainda a aplicação dos princípios da Abordagem em trabalhos envolvendo terminalidade e morte (Ligon & Smitten, 1984) ou tratamentos oncológicos (Tausch, 1984).

Puente (1970) aponta para a aplicação dos princípios assinalados por Rogers para o tratamento de conflitos de ordem religiosa. Desde o início de sua obra, Rogers evoca o chamado "aconselhamento pastoral". Segundo Puente (1970:295), "o 'pastoral counseling' baseado nos princípios da terapia centrada no cliente é obra dos discípulos de Rogers; ele mesmo, pessoalmente, não desenvolve esta 'aplicação' ". Sabe-se que, quando lecionava em Chicago, Rogers recebia em suas aulas, estudantes de Teologia que se interessavam em lidar com problemas de ordem religiosa. Além disto, seus contatos com

conteúdos teológicos e, principalmente, com pensadores religiosos, como Paul Tillich e Martin Buber, abrem esta perspectiva com bastante clareza. Uma variante disto seria o “ensino centrado no estudante de religião”.

A flexibilidade dos princípios da Abordagem Centrada na Pessoa ainda permitem a criação de novas práticas (embora algumas destas ainda careçam de maior desenvolvimento e discussão), como, por exemplo, o trabalho de Natalie Rogers (1984, 1988), sobre “conexão criativa”. Neste há o envolvimento de trabalhos corporais, bem como de chamadas “terapias expressivas”, como dançaterapia, arteterapia e musicoterapia. Dentro desta linha de lidar com uma abordagem corporal, Dutra (1996), apesar de considerar as divergências teórico-metodológicas, propõe a utilização de técnicas de Bioenergética associadas à Abordagem Centrada na Pessoa.

Por fim, há uma base política das idéias de Rogers, seja a partir de suas proposições de solucionamento de conflitos e tensões interculturais (Rogers, 1985a) ou mesmo na proposta de mudança em estruturas familiares e educacionais, bem como na reestruturação das condições de poder. Por “política”, entende Rogers “quase todas as situações que dizem respeito ao poder, a tomada e a divisão do poder” (Rogers, 1989:68).

Rogers fala de uma “revolução tranquila” nas relações interpessoais, que para ele significa dizer que a responsabilização individual transformaria a educação, os negócios e o governo.

O que se percebe, contudo, é que, conforme o próprio Rogers assinala com freqüência em suas obras, suas intuições se voltam para qualquer situação de relações interpessoais, qualquer situação na qual estejam incluídas pessoas, daí o fato de ser uma **Abordagem Centrada na Pessoa**.

(Ref.: Rogers, 1945, 1986b; Santos, 1968; Rogers & Wood, 1978; Raskin & Rogers, 1989; Rudio, 1987)

APRENDIZAGEM

A nível genérico, “diz-se que há aprendizagem quando um organismo, colocado várias vezes na mesma situação, modifica a sua conduta de maneira sistemática e relativamente duradoura” (Reuchlin, 1979:93). Existe uma miríade de teorias da aprendizagem, cada qual baseada em pressupostos distintos. Corsini (1984) cita as teorias associadas à análise experimental do comportamento (teorias oriundas das teses de Pavlov e Skinner) e as teorias que abordam outras variáveis, como memória, motivação e cognição (Tolman, Guthrie e Hull, dentre outros).

A despeito da ênfase colocada na cognição, como na teoria de Clark Hull, Rogers considera sua visão de aprendizagem “holística”: “Acho que o indivíduo aprende como um todo, o que inclui a natureza do estímulo e a resposta,

bem como a cognição e o sentimento do indivíduo (...) Acho que esse desejo de aprender, esse desejo de compreender aquilo que é significativo para o ‘eu’, para a pessoa naquele momento, é algo que precisa ser estimulado em vez de moldado. É por isso que tenho certo receio de alguns dos possíveis resultados do uso da teoria de Skinner, e da sua noção de ‘condicionamento operante’ que visa, principalmente, modificar o comportamento do organismo (...) Em vez de ser planejada, como o quer Skinner, creio que a aprendizagem deveria ser muito espontânea e ocorrer quando a pessoa sente que aquilo que vai ser aprendido está relacionado com suas próprias necessidades e seu próprio desejo de se desenvolver” (Rogers, in Evans, 1979:45).

Para Rogers (1973) existem dois tipos de aprendizagem: uma aprendizagem “não-significativa”, que é composta de conteúdos destituídos de significado para o estudante e lida apenas com a parte cognitiva do indivíduo; e uma aprendizagem “significativa”, também chamada por Rogers de *experiencial*.

Rogers assim define a aprendizagem experencial: “Tem ela a qualidade de um envolvimento pessoal - a pessoa, como um todo, tanto sob o aspecto sensível quanto sob o aspecto cognitivo, inclui-se no fato da aprendizagem. Ela é auto-iniciada. Mesmo quando o primeiro impulso ou o estímulo vem de fora, o sentido da descoberta, do alcançar, do captar e do compreender vem de dentro. É penetrante. Suscita modificação no comportamento, nas atitudes, talvez mesmo na personalidade do educando. É avaliada pelo educando. Este sabe se está indo ao encontro das suas necessidades, em direção ao que quer saber, se a aprendizagem projeta luz sobre a sombria área de ignorância da qual ele tem experiência. O locus de avaliação, pode-se dizer, reside, afinal, no educando. Significar é a sua essência. Quando se verifica a aprendizagem, o elemento de significação desenvolve-se, para o educando, dentro da sua experiência como um todo” (Rogers, 1973:5).

Para Rogers, o importante é facilitar a mudança e a aprendizagem. Segundo faz questão de assinalar, o único indivíduo que se educa é aquele que aprendeu a aprender. Portanto, a “facilitação da aprendizagem” seria o “fim” da educação em si, ou seja, seria um processo de “tornar-se pessoa” em educação. As qualidades necessárias para se facilitar a aprendizagem seriam as mesmas descritas como funcionais para o processo psicoterápico: autenticidade, compreensão empática e aceitação, apreço ou confiança.

O que Rogers propõe é um modelo de aprendizagem que contrapõe um método autoritário, tradicional, centrado no conteúdo e na figura do professor; e um método democrático, participativo, envolvente, engajado, centrado nas necessidades do próprio aluno. A este novo método, Rogers dá o nome de “ensino centrado no aluno”.

(Ver Apêndice Encaminhando a “Aprendizagem Centrada no Aluno”)

(Ver Aprendizagem Centrada na Pessoa)

(Ref.: Rogers, 1985b; Poeydomenge, 1984; Milholland & Forisha, 1978; López, 1993; Gondra, 1981)

APRENDIZAGEM CENTRADA NA PESSOA

Ao falar de uma "aprendizagem centrada na pessoa", Rogers parte de alguns pressupostos. Em primeiro lugar estabelece uma *pré-condição*. Esta "pré-condição" refere-se ao fato de que os representantes de autoridade "são suficientemente seguros interiormente e em seus relacionamentos pessoais, de modo a confiarem na capacidade das outras pessoas de pensar, sentir e aprender por si mesmas. Quando essa pré-condição existe, os aspectos seguintes tornam-se possíveis e tendem a ser efetivados" (Rogers, 1983a:96).

Os aspectos a que Rogers se refere são: 1) As pessoas responsáveis pela facilitação da aprendizagem, compartilham esta responsabilidade com os estudantes; 2) Estes facilitadores oferecem recursos de aprendizagem e os alunos são encorajados a acrescentar recursos, além da aprendizagem ficar associada à experiência do grupo; 3) Os estudantes desenvolvem a sua própria organização de aprendizagem, seja individualmente ou em grupo, explorando seus interesses; 4) Cria-se um clima de facilitação de aprendizagem, onde se enfatiza a autenticidade, o interesse e a atenção; 5) A ênfase na aprendizagem recai sobre o processo, a continuidade, sendo o conteúdo secundário, ou seja, focaliza-se não "o que aprender", mas o "como aprender"; 6) A disciplina é auto-disciplina (em substituição à disciplina externa), sendo reconhecida pelos alunos como de sua própria responsabilidade; 7) A avaliação da aprendizagem é atribuída, primordialmente, ao próprio estudante; e 8) A tendência que a aprendizagem, a partir desta atmosfera, se desenvolva mais rápida, penetrante e profundamente do que no modelo tradicional, dado que a direção é "auto-escolhida" e os estudantes tendem a se comprometer no processo de maneira global.

Justo (1987) traça alguns princípios da aprendizagem para Rogers. Segundo o autor, o princípio norteador da pedagogia rogeriana seria o fato que não se pode ensinar diretamente às pessoas, mas tão-somente facilitar-lhes a aprendizagem. Assim sendo, os princípios seriam: 1) Todas pessoas têm um potencial natural para aprender, todas são naturalmente curiosas; 2) Uma aprendizagem significativa ocorre quando envolve o aluno, quando este percebe por si só a relevância do estudo para os seus objetivos; 3) Uma aprendizagem que implique numa mudança na organização do *self*, é percebida como ameaçadora e tende a provocar resistências; 4) Essas aprendizagens percebidas como ameaçadoras serão mais facilmente assimiladas quando a ameaça externa estiver reduzida a um grau mínimo; 5) Mesmo se a ameaça ao self for pequena, a aprendizagem tende a ocorrer; 6) A maior parte da aprendizagem significativa ocorre através da prática; 7) Quando o aluno se responsabiliza pelo seu próprio processo de aprendizagem, esta é facilitada; 8) Uma

aprendizagem é tanto mais duradoura quanto mais engajado estiver o aluno; 9) Como consequência, desenvolve-se a independência e a criatividade; 10) Uma aprendizagem socialmente útil é aquela que consiste na aprendizagem do processo de aprender.

Rogers propõe a criação de uma atmosfera de aceitação que permita o desenvolvimento da aprendizagem pelos alunos. "Se os professores aceitam os alunos como eles são, permitem que expressem seus sentimentos e atitudes livremente sem condenação ou julgamentos, planejam atividades de aprendizagem com eles e não para eles, criam uma atmosfera de sala de aula relativamente livre de tensões e pressões emocionais, as consequências que se seguem são diferentes daquelas observadas em situações onde essas condições não existem. As consequências, de acordo com as evidências atuais, parecem ser na direção de objetivos democráticos" (Eiserer, apud Rogers, 1992:448).

Num ensino centrado no estudante, a partir de um clima facilitador, o próprio aluno se faz, se realiza, torna-se ele mesmo. Para tanto, a educação parte dos problemas reais do aluno, de sua motivação pessoal.

Um dado fundamental advindo desta modalidade de atuação é a facilitação da responsabilidade. Isto possui profundas repercussões políticas que tocam questões como estrutura e modelos de escola, papel do professor, bem como as como relações de poder - questão controversa da Abordagem Centrada na Pessoa (Doxsey, 1994) - e outros.

(Ver Apêndice **Encaminhando a "Aprendizagem Centrada no Aluno"**)

(Ref.: Rogers, 1973, 1985b; Leitão, 1984; Gondra, 1981; Poeydomenge, 1984; Puente, 1970; López, 1993).

APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL

Modelo de *aprendizagem* descrito por Rogers (1973) que possui como características centrais: a) Tem a qualidade de um envolvimento pessoal, ou seja, é engajada, total (envolve o cognitivo e o sensível); b) Inicia-se no próprio aluno interessado, parte de sua própria motivação; c) É penetrante, produz mudanças significativas e profundas na pessoa; d) É auto-avaliada, ou seja, o próprio aluno define - com base em suas necessidades e objetivos - o nível de aprendizagem; e e) É pautada no significado, "quando se verifica a aprendizagem, o elemento de significação desenvolve-se, para o educando, dentro da sua experiência como um todo" (Rogers, 1973:5).

(Ver *Aprendizagem Centrada na Pessoa*)

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Ver *Aprendizagem Experiencial*

ATITUDE

Por atitude, Rogers define como "uma tendência constante para perceber e reagir num determinado sentido, por exemplo, no sentido da tolerância ou da intolerância, do respeito ou da crítica, da confiança ou da desconfiança etc. Disto se segue que a atitude se enraiza na personalidade, e esta pode ser definida como o conjunto das atitudes de um dado indivíduo. Contrariamente às técnicas, as atitudes não são passíveis de serem adotadas à vontade e segundo as necessidades do momento" (Rogers & Kinget, 1977:74).

Rogers assinala para a distinção entre uso da técnica e da atitude. Por técnica entende as condições externas à psicoterapia, tendo sido muito mais exploradas na atualidade como condições básicas para o processo psicoterápico do que os "fatores humanos de interação".

"Mais preocupado com o fator humano do que com o fator técnico, o profissional de orientação rogeriana entende as condições de seu trabalho em termos de atitude. A atitude principal, aquela que rege todas as outras, é a atitude de consideração positiva incondicional. É próprio desta atitude - além do seu caráter incondicional - a sua autenticidade. Com efeito, o terapeuta deve, não somente testemunhar tal atitude como deve igualmente experimentá-la" (Rogers & Kinget, 1977:75).

A proposta de Rogers de valorizar a atitude em detrimento da técnica se fundamenta na sua compreensão de psicoterapia como uma troca de experiências vivenciais entre terapeuta e cliente, sendo característica uma postura específica **pessoal**, ou seja, a colocação da pessoa do profissional.

Pode-se definir esta postura ou atitude como uma "dedicação" do terapeuta em caminhar em direção ao seu cliente, acompanhando o ritmo do cliente e respeitando-o como uma unicidade existencial (Bozarth, 1989). Esta postura supõe um compromisso do terapeuta e sua totalidade, com o cliente e sua totalidade.

ATITUDE TRANSFERENCIAL

(Ver *Transferência e Contratransferência*).

ATMOSFERA

Refere-se às condições gerais dominantes numa situação de facilitação de crescimento. São as "condições da terapia", bem como o "clima" proporcionado ao cliente para seu desenvolvimento. É o que caracteriza e qualifica as relações interpessoais.

A "atmosfera" está calcada em **atitudes**, em detrimento da técnica. Baseia-se no princípio da **tendência atualizante**, ou seja, na confiança, na potencialidade interna do organismo para o crescimento.

Os elementos que compõem a atmosfera de facilitação são: a **segurança**,

o que permite ao indivíduo uma percepção mais abrangente de sua realidade e o **calor**, que é a dimensão afetiva da relação. Estes componentes advêm de uma situação proporcionada pelo **facilitador** que apresenta algumas "condições" favorecedoras deste clima: a **compreensão empática**, a **autenticidade** e a **consideração positiva incondicional**.

(Ver *Condições Necessárias e Suficientes e Terapia Centrada no Cliente*)

(Ref.: Rogers & Kinget, 1977; Rogers, 1983a; Rudio, 1989)

ATUALIZAÇÃO DO SELF

"Considerando-se que a tendência atualizante rege todo o organismo, ela se exprime igualmente no centro da experiência que corresponde à estrutura do 'eu' - estrutura que se desenvolve à medida que o organismo se diferencia. Quando há acordo entre o 'eu' e o 'organismo', isto é, entre a experiência do 'eu' e a experiência do 'organismo', na sua totalidade, a tendência atualizante funciona de maneira relativamente unificada. Ao contrário, se existe conflito entre os dados experenciais relativos ao eu e os relativos ao 'organismo', a tendência do organismo pode ser contrária à tendência, à atualização do eu" (Rogers & Kinget, 1977, l:160-161).

Rogers assinala que a compreensão desta noção está diretamente relacionada com outros conceitos, tais como, **acordo** ou **self**.

(Ver *Tendência Atualizante*)

(Ref.: Rogers, 1959; Justo, 1987)

AUTENTICIDADE

Uma das chamadas **Condições Necessárias e Suficientes** estipuladas por Rogers que, juntamente com a **Empatia** e a **Consideração Positiva Incondicional**, constituem a base da atitude proposta como facilitadora do processo psicoterápico. Posteriormente, quando a perspectiva da **Abordagem Centrada na Pessoa** se ampliou e alcançou outros campos de atuação, estas atitudes foram também aplicadas às diversas situações.

Segundo Rogers, a autenticidade - também chamada de "congruência" ou "acordo interno" - é uma condição que estabelece que "o terapeuta deveria ser, nos limites desta relação, uma pessoa integrada, genuína e congruente. Isto significa que, na relação, ele está sendo livre e profundamente ele mesmo, com sua experiência real precisamente representada em sua conscientização de si mesmo. É o oposto de apresentar uma 'fachada', quer ele tenha ou não conhecimento disto" (Rogers, 1957:161).

Esta condição, conforme assinala Rogers, não se encaixa em perspectivas de perfeição, mas tão-somente no sentido de que a pessoa seja

ela mesma, no momento exato da relação. Inclui qualquer forma de ser, enquanto esta forma seja verdadeira. Implica num certo sentido, numa consideração do presente imediato de sua experiência, ou seja, na consciência de sua própria vivência, de seu próprio vivido.

Originalmente, Rogers utilizava-se de um conceito que muito se aproximava da idéia de "sinceridade" (*genuineness*) que, ao traduzir em termos conceituais foi abandonada por não convir às necessidades de teoria. A "sinceridade" referir-se-ia a uma ação de acordo como a representação consciente, ou seja, "com a experiência tal como ela aparece na consciência - não necessariamente tal como é experimentada (...), o acordo de que se trata aqui pressupõe que não há erro na percepção da experiência, e que sua representação é, portanto, autêntica" (Rogers & Kinget, 1977, I:106-107).

A autenticidade é muitas vezes definida como "transparência" do psicoterapeuta (Rogers, 1983a) em relação ao seu cliente, no instante da relação, na direção de que não haja ocultamento de sentimentos ou vivências que digam respeito ao momento da relação. Este ponto é importante de ser frisado, visto que, não se trata de total abertura de sentimentos do psicoterapeuta, mas de abertura à sua vivência imediata com seu cliente.

Rogers ainda usa como sinônimo de "autenticidade" a noção de "congruência": "Com isto quero dizer que quando o que estou vivenciando num determinado momento está presente em minha consciência e quando o que está presente na minha consciência está presente na minha comunicação, então cada um desses três níveis está emparelhado ou é congruente" (Rogers, 1983a:9).

Autenticidade, pois, é a qualidade daquele que é verdadeiro, genuíno. Assim, autenticidade mostra um resultado, consistindo no indivíduo ser realmente aquilo que é em profundidade. No percurso da psicoterapia, o cliente pouco a pouco também vai aprendendo a ser mais autêntico, coincidindo este momento com um incremento de sua percepção consciente (pode-se dizer que a autenticidade está intimamente relacionada com a vida consciente. Isto significa que no conceito que o indivíduo tem de si deve figurar apropriadamente aquilo que o organismo é de fato), fazendo com que haja uma gradual aproximação entre o que o indivíduo "pensa" e o que de fato ele "é" (aproxima-se da idéia que o homem deve "ser o que realmente é" presente na filosofia de Kierkegaard).

"Trata-se de um estado de integração da pessoa, no qual, somente seu potencial se encontra mais plenamente liberado para atuar. Isto é visto como objetivo ou meta a ser alcançada, como pólo de direcionamento do crescimento que, como tal, vem a caracterizar o que Rogers denomina de vida plena. Buscar a autenticidade é buscar ser o que se é" (Amatuzzi, 1989b:96).

Sendo autêntico, o indivíduo entra num processo de conhecer e aceitar o que ele é, de fato. Assim torna-se sensível a todas as exigências reais de

seu organismo. O organismo autêntico não buscará sua segurança em situações fora de si, mas terá autoconfiança para viver e enfrentar as flutuações das circunstâncias. O indivíduo autêntico busca o objetivo de equilibrar suas necessidades e sentimentos, possibilitando-lhes melhor funcionamento e relacionamento mais construtivo com os outros.

Todavia, a autenticidade é uma qualidade que existe na relação intersubjetiva, o que implica numa consideração do outro, num respeito pela individualidade deste outro, não sendo apenas uma qualidade do indivíduo (no caso, o terapeuta). Como assinala Rogers (1983a:38-39): "O cliente pode ver claramente o que o terapeuta é na relação: o cliente não se defronta com qualquer resistência por parte do terapeuta. Do mesmo modo que para o terapeuta, o que o cliente ou a cliente vive pode se tornar consciente, pode ser vivido na relação e pode ser comunicado se for conveniente. Portanto, dá-se uma grande correspondência, ou congruência, entre o que está sendo vivido em nível profundo, o que está presente na consciência e o que está sendo expresso pelo cliente".

Esta talvez seja a mais complexa das "condições necessárias e suficientes", dado que envolve diretamente a pessoa do terapeuta. A importância desta atitude pode ser constatada em qualquer tipo de trabalho.

(Ref.: Rogers, 1959, 1986b; Pervin, 1978; Rogers & Wood, 1978; Raskin & Rogers, 1989; Cordioli, 1993)

AUTOCONCEITO

É a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo e de suas atitudes, capacidades e qualidades, falhas, possibilidades, limitações, tendo como base os juízos de valor e avaliações no que diz respeito ao próprio comportamento.

Nas diversas pesquisas de Rogers, foi constatada a grande influência exercida pelas avaliações de figuras parentais (bem como outras figuras de significação, denominadas *pessoas-critério*) no comportamento, podendo provocar alto grau de discrepância do *SelfIdeal* com o *SelfReal*, e consequente fracasso proporcional na adaptação devido à distorção do autoconceito.

(Ver *Imagen de Sí, Avaliação Condicional, Avaliação Incondicional*)

AUTOCORREÇÃO

Capacidade do indivíduo para transformar o seu funcionamento em nível de experiência (abertura à experiência), para que estas se tornem mais satisfatórias e mais próximas do *funcionamento ótimo* da personalidade.

(Ver *Self, Avaliação Organismica*)

AUTO-IMAGEM

Ver *Imagem de Si*.

AUTONOMIA

Diz-se do funcionamento do indivíduo que ocorre de forma independente, autogovernável e autodeterminável, ou seja, de acordo com a capacidade de reger-se a partir dos valores por ele estabelecidos. Portanto, um indivíduo é tanto mais autônomo quanto mais estiver regido por um centro de **avaliação organísmica**. Corresponde ao conceito de "independência pessoa" de Puente (1970).

(Ref.: Rogers, 1983a; Justo, 1987)

AUTO-REALIZAÇÃO

Capacidade do indivíduo de estabelecer e realizar sua satisfação através das diversas experiências vividas e sentidas, conduzidas pela **tendência atualizante** do organismo.

(Ver *Self*)

(Ref.: Rogers, 1985a, 1983a)

AVALIAÇÃO, Centro de

Ver *Centro de Avaliação*.

AVALIAÇÃO CONDICIONAL

"Há avaliação condicional quando o indivíduo procura ou evita certas experiências pela única razão de que lhe pareçam (ou não lhe pareçam) dignas da consideração de si" (Rogers & Kinget, 1977:177).

Este modo de "avaliação condicional" se desenvolve relacionado aos julgamentos de uma "**pessoa-critério**", no momento em que estas se mostram seletivas a respeito de aspectos do comportamento ou atitude do sujeito. Neste momento, o indivíduo percebe que sob certo sentido é apreciado e em outro não. Parte daí a fazer uma avaliação de si baseado nesta avaliação externa (que lhe é importante) em vez de lançar mão de seu próprio sistema de avaliação.

"Em outras palavras, atribui um valor positivo ou negativo aos diversos elementos de sua experiência, levando em consideração, não o seu efeito favorável ou desfavorável no que se refere à sua atualização, mas se baseando na escala de valores de outros indivíduos" (Rogers & Kinget, 1977:177). Isto representa o que Rogers chama de "simbolização incorreta", o que impede o indivíduo de um funcionamento pleno e efetivo.

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

Sem se dar conta, passa o indivíduo a utilizar esta forma seletiva de atuação, avaliando sua experiência através dos parâmetros de outras pessoas e não da satisfação de sua vivência, desconsiderando seu agrado ou desagrado, sua atualização, pois se baseia na mescla de valores de outrem, mantendo a simbolização incorreta da elaboração da experiência. O indivíduo considera a sua experiência "como se" fosse a necessidade natural da tendência atualizante, "como se" correspondesse a uma necessidade experienciada, embora seja inexistente.

(Ver *Avaliação Incondicional*)

(Ref.: Rogers, 1986a)

AVALIAÇÃO INCONDICIONAL

A avaliação incondicional ocorre quando as "**pessoas-critério**" apresentam sentimentos de consideração incondicional para com o indivíduo, valorizando as diversas experiências de seu modo organísmico, permitindo a preservação e a valorização de seu ser. É um modo de avaliação interna que leva em conta a totalidade de sua experiência organísmica.

"Quando o indivíduo se dá conta de que suas 'pessoas-critério' demonstram sentimentos de consideração incondicional para com ele, encontra-se nas condições necessárias para avaliar suas diversas experiências de um modo 'organísmico', isto é, em função do valor destas para a preservação e a revalorização do total de seu ser" (Rogers & Kinget, 1977:177-178).

Representa uma "simbolização correta", ou seja, a experiência é considerada pelo indivíduo, levando-se em conta as necessidades internas do próprio organismo, favorecendo, desta maneira, a tendência atualizante.

(Ver *Avaliação Condicional*)

(Ref.: Rogers, 1986a)

AVALIAÇÃO ORGANÍSMICA

É um critério evolutivo de avaliação, baseado no processo de desenvolvimento e mudança, que não são fixados ou determinados por pressupostos, mas modificam-se em função da representação da experiência, vivida cada vez mais corretamente, coincidente com a satisfação organísmica.

Rogers assinala que estes critérios cambiantes se dão "em função de uma simbolização cada vez mais correta da experiência vivida e da satisfação 'organísmica' que lhe é inerente. Mais precisamente, a experiência é avaliada levando-se em conta as necessidades de conservação e de valorização, tanto do 'organismo' quanto do 'eu', no presente imediato e no futuro" (Rogers & Kinget, 1977:178).

A avaliação organísmica abrange a totalidade da experiência, numa perspectiva de globalidade, continuidade e movimento, ou seja, dá conta dos aspectos globais relacionados ao indivíduo, ao organismo como um todo (passado, presente e futuro, p.ex.). No processo de avaliação organísmica, o critério de base é a **tendência atualizante**.

Convém ressaltar que a "avaliação organísmica" abrange a totalidade do **campo fenomenológico** da pessoa, sendo portanto, uma aproximação relacional do sujeito com a sua experiência. Neste sentido, a avaliação organísmica não se restringe a um centro de avaliação puramente individual, interno (o que seria reducionista) e muito menos, puramente externo (e portanto distanciado da experiência em si). Num modo de avaliação organísmica, o indivíduo está mais aberto à experiência e suas percepções (do mundo e mais particularmente de seus semelhantes) é mais realista, objetivo e integrado.

(Ref.: Rogers, 1977; Rudio, 1987)



BIOFEEDBACK

A idéia do *biofeedback* está relacionada à noção de retroalimentação. O termo "biofeedback" surge no ano de 1969, na Califórnia, através da *Biofeedback Research Society*. O *Biofeedback* é uma técnica de autocontrole direcionada às respostas fisiológicas. "O aspecto central da investigação em *biofeedback* é o estudo do mecanismo e do processo que regulam a aprendizagem e o controle das respostas fisiológicas" (Caballo, 1996:342).

É uma metodologia de auto-regulação de stress e tensão. Parte do princípio que há considerável evidência de controle consciente das atividades corporais involuntárias, desenvolvendo gradualmente um modelo de condicionamento operante que permite à pessoa o monitoramento de certas funções fisiológicas (Wolberg, 1988). Utiliza-se de uma gama de instrumentos eletrônicos de monitoramento de temperatura, pressão sanguínea, tensão muscular e eletroencefalograma.

Rogers usa o *biofeedback* como exemplo para ilustrar a influência que a cognição tem sobre o corpo, além de demonstrar sua abertura às novas experiências e fenômenos. "Pesquisas sobre o *biofeedback* mostram que nossa mente inconsciente é capaz de aprender em poucos instantes, sem ser ensinada, a controlar a atividade de uma única célula" (Rogers, 1983a:126). Rogers classifica o *biofeedback* como um exemplo de ciência direcionada ao autoconhecimento e crescimento, não se enquadrando na categoria da ciência que distancia o ser humano da natureza.

Segundo Rogers, os seres humanos potencialmente dispõem de uma gama enorme de poderes intuitivos, sendo mais sábios que seus intelectos. O *biofeedback* veio mostrar que se nos permitirmos funcionar de um modo mais relaxado, menos consciente, mais organismicamente, aprenderemos a controlar até certo ponto, a temperatura, os batimentos cardíacos e todo tipo de função orgânica.

É possível, também, auxiliar no controle de doenças através da compreensão das capacidades interiores da pessoa, desenvolvendo a autoconscientização e controle da pessoa por si própria. Quando elabora conceitos interativos e globais, Rogers, para denotar a necessidade de visão de totalidade do ser humano, aponta para um processo de credibilidade e exploração no desenvolvimento das capacidades da mente, facilitando a

integração, a libertação da criatividade, do poder e da capacidade individual.
(Ver *Organismo*)
(Ref.: Rogers, 1977; Puente, 1970)

BOWEN, Maria Constança V- B.

Maria Constança Villas-Boas Bowen era uma "baiana" radicada nos Estados Unidos. Nascida em Salvador, a 15 de fevereiro de 1933, sendo a décima de uma família de doze irmãos, foi para os Estados Unidos em 1958, onde terminou de cursar Psicologia e obteve seu Mestrado e seu doutoramento em Psicologia Clínica pela *University of California - Berkeley*. Lá, conheceu Jack Bowen com quem se casou e teve um filho, Andy.

Foi uma das mais ativas e próximas participantes do staff de colaboradores de Carl *Rogers*. Muito próxima dele, chegou a ser confidente de Rogers, bem como confidenciava com ele. Foi apresentada às idéias de Rogers por Mariana *Alvim*, quando esta retornava dos Estados Unidos e ensinava "Entrevista Não-Diretiva" em Salvador. Faleceu em 17 de maio de 1993.

Foi autora de diversos artigos em Psicologia e Psicoterapia, além de ter participado de inúmeros treinamentos em países europeus, bem como nos Estados Unidos e no Brasil. Foi um dos membros fundadores do *Center for Studies of the Person*, em La Jolla (Califórnia), principal centro difusor da Abordagem Centrada na Pessoa, do mundo. Foi ainda co-autora do livro *Quando Fala o Coração: A essência da psicoterapia centrada na pessoa*, editado em 1987.

A partir de sua influência cultural, desenvolveu bastante seu lado místico. Nos seus últimos trabalhos, buscava aliar a psicoterapia com algumas abordagens espirituais (Zen-Budismo, p.ex.). Interessava-se especialmente por trabalhos com questões de gênero (principalmente com mulheres) e com noções como intuição.

(Ver Apêndice História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil)

BUBER, Martin

Exponente do pensamento filosófico contemporâneo, Martin Buber vem sendo sucessivamente apontado como referência obrigatória para as psicoterapias de base humanista, em especial ao Psicodrama, à Gestalt-Terapia e à *Abordagem Centrada na Pessoa*. Teólogo e Filósofo, o pensamento de Buber é muitas vezes interpretado como simples aplicação do misticismo judaico, embora seu pensamento possa ser considerado como ontológico (Holanda, 1993b).

Sua filosofia apresenta contornos de dialética, sendo na sua base

fenomenológica e existencial. A dialética buberiana serve de fundamentação filosófica à Abordagem Centrada na Pessoa por ser uma "filosofia da realidade" (Giles, 1989), onde sua consideração passa pela indissociabilidade e globalidade.

Martin Buber nasceu em Viena, a 8 de fevereiro de 1878. Tendo se separado dos pais, passa a viver com os avós paternos em 1881. Com seu avô, trazia contato com a mística judaica, e, em especial, com o Hassidismo, o qual será um de seus principais difusores (Holanda, 1996). Em 1896, conclui o curso de Filosofia e História da Arte pela Universidade de Viena, passando a estudar em Berlim onde, em 1904, doutora-se em Filosofia.

No ano de 1923, publica o que viria a ser sua obra capital: *Eu e Tu*, no mesmo período em que ocupa a cátedra de História da Religião na Universidade de Frankfurt. Em 1926 inicia, juntamente com Franz Rosenzweig, a tradução da Bíblia do hebraico para o alemão. Após a morte de seu amigo e colaborador, Buber concluir a obra em 1961.

Em 1933, é forçado a abandonar o Magistério e, com a crescente pressão do Nacional-Socialismo, abandona a Europa, vindo a se instalar, a partir de 1938, em Jerusalém, onde ocupa cátedras na Universidade Hebraica. Buber falece a 13 de junho de 1965.

Seu pensamento é profundamente influenciado por personalidades como Friedrich Jacobi, Hermann Cohen, Ferdinand Ebner e Franz Rosenzweig. No plano filosófico, Buber reconhece ter sido influenciado por Kant, que considera o pensador que melhor assinalara a tarefa da antropologia filosófica (Sidekum, 1979); Friedrich *Nietzsche*, Georg Simmel e Wilhelm Dilthey. Todavia, é mais fortemente influenciado por Ludwig Feuerbach, de cujo pensamento nasce a sua preocupação com a intersubjetividade, e Soeren *Kierkegaard*, a quem se contrapõe para desenvolver sua noção de *Pessoa*.

Do ponto de vista filosófico, Buber elabora um pensamento calcado na perspectiva da intersubjetividade, do diálogo e de uma antropologia filosófica. Encaixa-se numa vertente existentialista, dado que se propõe a questionar o ser humano.

"A obra de Buber representa o resgate de um conceito fundamental à Psicologia, à Sociologia e à Antropologia: a noção de *Pessoa*. Ele vai além do simples individualismo ou do coletivismo totalitário, e, em seu lugar, coloca a relação dialógica como o ponto de partida para a constituição de uma verdadeira comunidade" (Holanda, 1993b:80), numa perspectiva fundamentalmente ética.

No pensamento de Buber, constata-se uma indissociabilidade entre pensamento e reflexão, de um lado, e a ação, a *práxis*, de outro. Para Buber, o homem fundamenta a sua existência a partir de uma *atitude*, que é dada ao homem escolher. Por atitude entende-se a "posição fundamental, à maneira mais básica de colocar-se face ao mundo e a qualquer dos existentes que se encontram neste mundo" (Giles, 1989:180). O ato, para Buber, deve ser efetivo, atualizador, realizador.

A antropologia buberiana encara o ser humano como essencialmente relacional, que implica numa apercepção do ser como totalidade e unidade. "O ser humano é a própria imagem da transcendência e do devir em processo. O homem não se satisfaz apenas com o uso e a posse das coisas, mas também tem o desejo de entrar em relação pessoal com estas coisas, com o mundo, e imprimir nelas a marca da sua relação" (Holanda, 1993b:95).

O ato que constitui o ser humano como tal é um "entrar em relação" como um ser total. A esta atitude, denomina Buber de "relação Eu-Tu", que se constitui numa ação presentificada, aberta, caracterizada pela unidade e pela totalidade. O outro tipo de atitude é descrito como um ato objetivado, destacado, distanciado, e recebe a denominação de "relação Eu-Isso". A estas atitudes, Buber dá o nome de "palavras-princípio" e se constituem na essência de seu pensamento.

Para Buber (à semelhança de Heidegger), o ser fundamenta sua existência como um ser-em relação, a partir do momento em que profere uma das "palavras-princípio". Buber assinala que é a palavra que introduz a existência. As "palavras-princípio" significam a dimensão da intersubjetividade humana.

"É a palavra que nos introduz nas relações. Fazemos da palavra um diálogo. Este diálogo é acima de tudo, um diálogo existencial. Aqui podemos falar em uma fenomenologia da relação, cujo princípio ontológico é a manifestação do seu ser ao homem, que o intui imediatamente pela contemplação. A palavra, como portadora do ser, é o lugar onde o ser se instaura como revelação. Sem palavra, não existiria razão. Não existiria o mundo. A palavra é o princípio, é o fundamento ontológico da relação que se estabelece no inter-humano" (Sidekum, 1979:39).

Para Buber, o ser somente se determina em-relação, o que institui o princípio básico de sua filosofia dialógica. Não há eu em si, mas somente o eu relacional. Além disso, o diálogo não é um evento que ocorre em um ou outro, mas acontece entre. A intersubjetividade é um reconhecimento do Outro, ou seja, a subjetividade se identifica na relação com o Outro.

A palavra-princípio Eu-Tu é a atitude essencial do homem em direção do encontro, e implica em reciprocidade e confirmação mútua. "É a atitude da consideração incondicional do outro, da confirmação de outrem e também de sua auto-confirmação. O encontro do face a face onde o Eu e o Tu entram num confronto, e assim, Eu me descubro no outro, o Tu; e ele, se descobre em mim, que me torno seu Tu" (Holanda, 1993b:94).

Já a palavra-princípio Eu-Isso instaura a dimensão da objetivação, do contato mediato, da consideração *a priori*, da experiência de qualquer coisa existente fora de mim, destacada; instaura a dimensão da utilização.

Ambas as atitudes instauram mundos essenciais para o homem, ou seja, são parte da realidade humana. Ao mesmo tempo que não se vive unicamente no mundo do Tu, não se prescinde do mundo do Isso. Vivemos sempre na alternância entre um e outro desses dois mundos.

O pensamento de Buber prima pela questão ética. Para ele, a idéia fundamental é a questão da responsabilidade, no sentido de disponibilidade, como ação mútua dupla. "O conceito de responsabilidade precisa ser recambiado, do campo da ética especializada, de um "dever" que flutua livremente no ar, para o domínio da vida vivida. Responsabilidade genuína só existe onde existe o responder verdadeiro. Responder a quê? Responder ao que nos acontece, que nos é dado ver, ouvir, sentir" (Buber, 1982:49).

São diversos os pontos de associação entre os pensamentos de Rogers e de Buber. Em diversas obras Rogers faz referência ao pensamento de Buber, como em "Tornar-se Pessoa", "Liberdade para Aprender" ou "De Pessoa a Pessoa", por exemplo.

Rogers aponta para semelhanças com Buber em questões como liberdade, aprendizagem, encontro existencial, autenticidade, responsabilidade e outros. A destacar um diálogo ocorrido entre ambos em Ann Harbor, e mediado por Maurice Friedman. O diálogo completo está contido numa das principais obras de Buber (Buber, 1988).

Suas obras principais: "Eu e Tu" (1923); "Gog e Magog" (1941); "O que é o Homem?" (1942); "Entre o Homem e o Homem" (1947); "O Caminho do Homem" (1950); "Imagens do Bem e do Mal" (1952); "Eclipse de Deus: Relações entre Religião e Filosofia" (1952); "O Homem e sua Estrutura" (1955); "O Problema do Homem" (1961); "Daniel" (1965).

(Ref.: Buber, 1979; Japiassu & Marcondes, 1990; Friedman, 1986; Puente (1970), Justo (1987), Friedman (1986), Bowen (1987), Boris (1987), Fonseca (1988), Amatuzzi (1989a), Advíncula (1991a), Holanda (1992b). Um estudo extensivo das similaridades e divergências entre as duas filosofias encontra-se em Holanda (1993b).

(Ver *Fenomenologia e Existencialismo*)

(Ver Apêndice O Diálogo na Psicoterapia Centrada na Pessoa)



CALOR

Uma das características essenciais da **atmosfera** conforme proposta por Rogers. Refere-se à qualidade afetiva da psicoterapia, bem como de qualquer outro tipo de relação interpessoal. Apesar disto, o próprio autor não considera adequado o termo. "O termo 'calor' não me parece, por outro lado, inteiramente satisfatório. Tende a sugerir uma certa intensidade, cordialidade ou ardor, até mesmo um certo sentimentalismo que está no pólo oposto da relação verdadeiramente terapêutica. Observamos que a 'polaridade afetiva' que caracteriza a atmosfera terapêutica ótima, nada tem de manifesta. Não se trata nem de amizade, nem de amabilidade, nem de benevolência (pelo menos no sentido corrente, um pouco paternalista, desta palavra), mas de uma qualidade feita de bondade, de responsabilidade e de interesse desinteressado" (Rogers & Kinget, 1977, I:96).

Rogers assinala para a necessidade de um equilíbrio na atitude afetiva do terapeuta, para se obter efeitos positivos. Se é comedida, pode não chegar a ativar no cliente as suas forças de crescimento. Se for demasiada, compromete todo o processo.

O "calor" se destina a reforçar o sentimento de **segurança** do cliente. "Mas, além deste papel evidente, presume-se que o calor tenha agido à maneira de um fator vitalizante, que os terapeutas não esclareceram ainda teoricamente, mas que constatam clinicamente e que começam a confirmar nos resultados das pesquisas" (Rogers & Kinget, 1977, I:99-100).

(Ver **Consideração Positiva Incondicional**)

(Ref.: Justo, 1987; Rudio, 1987)

CAMPO EXPERIENCIAL

É o espaço psicológico, mais ou menos amplo ou restrito, abrangido pelas experiências do indivíduo. Corresponde ao conceito de **campo fenomenológico**.

CAMPO FENOMENOLÓGICO

A idéia do "campo fenomenológico" corresponde ao fato que "...todo

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

comportamento, sem exceção, está inteiramente em função do campo fenomenológico, onde o organismo atua. O campo fenomenológico consiste na totalidade de experiências das quais a pessoa toma consciência no momento da ação. Essa tomada de consciência pode variar de um nível mais baixo a um mais elevado, embora se presuma que nunca possa chegar a ser completamente inconsciente" (Snygg & Combs, apud Ribeiro, 1985:51).

Para Snygg & Combs, a base do comportamento humano é a defesa, ou a defesa do **self**, ou seja, o que importa não são as condições objetivas do mundo, mas as propriedades atribuídas pelo organismo a esse mundo, em outras palavras, a sua maneira de ver o mundo, que é determinada pelo "dinamismo da necessidade fundamental", a saber, a preservação e realização de si. Ao conceito de "campo fenomenal" de Snygg & Combs, correspondem as noções de *private world* ("mundo privado") de L.K.Frank, de "campo comportamental" (*the behavioral field*) de Kurt Koffka ou de "espaço vital individual" (*the individual's life space*) de Kurt Lewin (Duyckaerts, 1954).

Para Rogers, o campo fenomenológico é sinônimo de experiência. Designa tudo o que o organismo experimenta, embora seja pouco o que é conscientemente experimentado, estando, contudo, grande parte disponível à consciência. É uma concepção que resgata o poder inerente do indivíduo, visto que, acerca de sua experiência, só o indivíduo pode conhecer plenamente. Além disso, reinsere o indivíduo no seu meio sócio-histórico-cultural. O ser humano é um ser indissociado da sua própria circunscrição. Nesta perspectiva, há todo um jogo de inter-relações do qual o ser humano não pode se destacar.

"Todo indivíduo existe num mundo de experiências em constante mutação, do qual ele é o centro" (Rogers, 1992:549). "O organismo reage ao campo da maneira como este é experimentado e percebido. O campo perceptivo é, para o indivíduo, 'realidade'" (Rogers, 1992:550-551).

A reação do indivíduo é uma reação à sua realidade percebida, sendo correto afirmar que vivemos de acordo com um mapa perceptual particular. Sua percepção da realidade é a determinação do que, de fato, a realidade é. Assim, a percepção do mundo é estritamente subjetiva. Por fim, convém assinalar que o organismo reage ao seu campo fenomenológico como um todo organizado.

(Ver **Organismo**)

(Ref.: Gomes, 1988b)

CAMPOS, Lúcio

(Ver Apêndice História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil).

CATALISADOR

No processo psicoterapêutico, conforme proposto por Rogers, o terapeuta não desempenha um papel de condução do processo: o próprio cliente

é o agente de seu processo. Ao terapeuta cabe a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento do cliente e à liberação das capacidades inerentes do organismo, a sua **tendência atualizante**.

Neste sentido, o papel do terapeuta na Abordagem Centrada na Pessoa é de um catalisador do processo do cliente, é de ser um **facilitador** de seu desenvolvimento.

(Rogers, 1946)

CAPACIDADE INDIVIDUAL

Ver *Tendência Atualizante*.

CENTRADO

Expressão utilizada para definir a atitude de atenção ao outro. Diz-se que uma pessoa está "centrada" noutra pessoa quando suas atenções estão voltadas para o **campo fenomenológico** desta. Esta postura, mais do que teoria, é o ponto de interesse e empenho que a Abordagem Centrada na Pessoa define como essencial para ser possível o entendimento e compreensão do processo do outro.

(Ver *Abordagem Centrada na Pessoa*)

(Ref.: Rogers, 1978; Justo, 1987)

CENTRO DE AVALIAÇÃO

A noção de centro de avaliação refere-se "à fonte dos critérios aplicados pelo indivíduo na avaliação de suas experiências. Quando esta fonte é interna, inerente à própria experiência, dizemos que o centro de avaliação está no indivíduo. Ao contrário, quando aplica a escala de valores de outra pessoa, dizemos que o centro de sua avaliação se situa em outra pessoa" (Rogers & Kinget, 1977:178).

A pessoa funciona mais plenamente quanto mais se percebe como seu próprio centro de avaliação, dado que sente uma confiança cada vez maior em si próprio e mais capaz de se encarregar do direcionamento de sua vida. Ou seja, o **funcionamento ótimo** da personalidade se dá à medida que se substitui o centro de avaliação externo por um interno, mais próximo de uma **avaliação orgânica**.

(Ref.: Rogers, 1977; Rudio, 1987; Speierer, 1990)

CLIENTE

A terminologia usual da Psicologia ainda é a de "paciente". Esta, derivada da Medicina, e possui conotações desagradáveis como o fato de significar

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

aquele que "suporta" algo (no caso específico da psicoterapia, um tratamento, p.ex.).

Rogers, todavia, ressalta que a relação psicoterapêutica envolve ação e afetação mútuas, entre terapeuta e cliente. Com respeito a esta terminologia, escreve: "Que termo se deve empregar para indicar a pessoa com quem o terapeuta está lidando? 'Paciente', 'sujeito', 'aconselhando', 'analisando' foram os termos usados. Cada vez mais temos adotado o termo 'cliente', que foi inclusive introduzido no nome 'terapia centrada no cliente'. Embora o significado e a derivação trazidos no dicionário revelem a inadequação do termo, este é o que parece transmitir com mais precisão a imagem que temos dessa pessoa. O cliente, segundo o significado atribuído ao vocábulo é alguém que ativa e voluntariamente busca ajuda para resolver um problema, sem contudo renunciar à sua própria responsabilidade pela situação. A partir dessas conotações é que o escolhemos, uma vez que afasta a idéia de pessoa doente ou objeto de experimentos. O termo, na verdade, apresenta algumas conotações legais indesejáveis; assim, se um termo melhor chegar a surgir, ficaremos felizes em utilizá-lo. Por enquanto, contudo, este parece ser o mais adequado ao conceito que temos da pessoa que vem em busca de ajuda" (Rogers, 1992:13).

Dentro da evolução da nomenclatura da Abordagem, o termo usual geral é "pessoa", embora ainda se utilize a terminologia "cliente" para designar aquele que vem em busca de ajuda numa relação terapêutica.

(Ver *Homem, noção de*)

CLIMA

Ver *Atmosfera*.

COMPLEXO DE CONSIDERAÇÃO

"Esta noção (...) se refere a uma configuração de experiências relativas ao eu, que o indivíduo reconhece como tendo para ele o valor da consideração positiva de uma determinada pessoa. Esta noção tem por fim destacar o caráter estrutural e dinâmico das experiências que acarretam a consideração positiva (ou negativa) por parte dos outros" (Rogers & Kinget, 1977:176). É um conceito, contudo, não mais utilizado na Abordagem Centrada na Pessoa, dado que a evolução de sua consideração não mais se centra no indivíduo, mas na relação como um todo.

(Ver *Fases da Abordagem Centrada na Pessoa*)

(Ver Apêndice A Evolução da Terapia Centrada no Cliente)

COMPORTAMENTO DEFENSIVO

Forma de reação do organismo a situações de **ameaça**, cujo objetivo

é a manutenção da estrutura do organismo.

(Ver *Defesa*)

COMPREENSÃO, Atitude de

Condição primordial para o diálogo terapêutico, bem como para qualquer tipo de diálogo, segundo Rogers. Inicialmente Rogers chama a atenção para o sentido cognitivo do termo (como apreensão do sentido das palavras). O essencial no entendimento do conceito de "compreensão" está embutido na noção de *empatia* (Rogers & Kinget, 1977).

A idéia da "compreensão" perpassa um modo de percepção que abstrai o conteúdo subjacente, ou seja, o sentido implícito de determinada ação ou fala. Numa situação específica de psicoterapia, temos que o procedimento terapêutico consiste numa *atitude* de abstenção de interpretações, avaliações ou julgamentos, direcionando sua atenção para a busca do significado pessoal do expresso.

Esta atitude consiste num posicionamento fenomenológico de suspensão dos valores, conceitos e elaborações pessoais, em prol da possibilidade do encontro com a subjetividade alheia.

(Ver *Fenomenologia*)

COMPREENSÃO DE SI

A compreensão de si pode se dar de forma implícita ou explícita, a nível de *percepção*, seja esta consciente ou não, a partir de seu próprio *campo fenomenológico*. A "compreensão de si", a nível de *congruência*, é um estado desejado no processo do cliente.

(Ver *Desenvolvimento*)

(Ref.: Rogers, 1977; 1975)

COMPREENSÃO EMPÁTICA

Uma das condições "necessárias e suficientes" para o desenvolvimento de um processo terapêutico. A expressão "compreensão empática" é mais completa do que o conceito usual - e mais conhecido - de *empatia*. De um ponto de vista relacional, a "compreensão empática" traduz um dinamismo e uma flexibilidade que a noção de "empatia" não traz, permanecendo algo estático e linear. Todavia, é mais comum a utilização do termo "empatia" para designar este processo.

Esta condição se refere ao seguinte: "O estado de empatia, ou o fato de ser empático, consiste em perceber o quadro de referência interna de uma outra pessoa com exatidão e com os componentes emocionais e as

significações que se ligam, como se fôssemos a outra pessoa, mas sem jamais perder a condição 'como se'.." (Rogers apud Pagès, 1986:20).

Antes de mais nada, a compreensão empática implica na consideração do outro, de seu mundo subjetivo próprio, de seu *campo fenomenológico*. A compreensão empática é um processo, e consiste numa "escuta" ativa e sensível, permitindo acessar o mundo particular do outro e participar da sua experiência.

Rogers & Kinget (1977, I:104) assim definem a empatia: "Capacidade de se imergir no mundo subjetivo do outro e de participar da sua experiência, na extensão em que a comunicação verbal ou não-verbal o permite. É a capacidade de se colocar verdadeiramente no lugar do outro, de ver o mundo como ele o vê".

Segrera aponta que "esta compreensão empática do mundo interno do cliente não poderia reduzir-se à compreensão dos sentimentos e experiências que o cliente está plenamente consciente senão que também deve estender-se à totalidade de seu mundo" (Segrera, 1989:27). Acrescenta ainda o autor que, a partir de um trabalho de Barrett-Lennard, se estabeleceu uma diferenciação entre *reconhecimento empático* (percepção pelo terapeuta daqueles sentimentos já representados ou simbolizados claramente pelo cliente); e *inferência empática* (percepção dos sentimentos que foram expressos somente de maneira indireta ou ainda que se encontram implícitos na comunicação do cliente, os quais esse não tem consciência). Vale ressaltar que, na prática, estes dois aspectos não são separáveis, mas se encontram sempre presentes em proporções variadas.

Para que encontre a sua real efetividade, toda experiência empática deve ser comunicada ao cliente. Isto lhe permitirá clarificar e ampliar sua própria consciência de si. "Esta comunicação deve se situar no mesmo nível dos sentimentos experienciados, sem que haja conversão em constructos teóricos". (Holanda, 1993b).

Rogers coloca que "quando o mundo do cliente é suficientemente claro para o terapeuta e este move-se nele livremente, então pode tanto comunicar sua compreensão daquilo que é claramente conhecido pelo cliente, como também pode expressar significados da experiência do cliente, dos quais o cliente está apenas vagamente consciente" (Rogers, 1957:165). A estas duas categorias, Barrett-Lennard denomina "compreensão empática" e "inferência empática" (conforme assinalado anteriormente). Segundo Rogers (1983a:39), "quando está em sua melhor forma, o terapeuta pode entrar tão profundamente no mundo interno do paciente que se torna capaz de esclarecer não só o significado daquilo que o cliente está consciente como também do que se encontra abaixo do nível de consciência".

Em estudo realizado por Fiedler (apud Rogers, 1957), a empatia é considerada importante para a terapia quando o terapeuta comprehende os

sentimentos do cliente; apreende o seu significado e quando seus comentários adequam-se ao conteúdo do cliente.

(Ref.: Rogers & Wood, 1978; Rogers, 1959, 1977, 1985a, 1986a, 1986b, 1992; Puente, 1970; Rogers & Wood, 1978; Pervin, 1978; Rudio, 1987; Justo, 1987; Rosenberg, 1987; Wood et Alli, 1994; Cury, 1987; Cordioli, 1993; O'Leary, 1993; Fonseca, 1988).

(Ver *Psicoterapia*)

CONDIÇÕES DE TERAPIA

Ver *Atmosfera*

CONDIÇÕES NECESSÁRIAS E SUFICIENTES

Rogers, em artigo publicado em 1957, estabelece algumas condições para o desenvolvimento de uma relação de mudança construtiva de personalidade. Estas deveriam ocorrer e persistir durante um certo período de tempo. São as seguintes:

- 1) Que duas pessoas estejam em contato psicológico;
- 2) Que a primeira, a quem chamaremos cliente, esteja num estado de incongruência, estando vulnerável ou ansiosa;
- 3) Que a segunda pessoa, a quem chamaremos de terapeuta, esteja congruente ou integrada na relação;
- 4) Que o terapeuta experiente consideração positiva incondicional pelo cliente;
- 5) Que o terapeuta experiente uma compreensão empática do esquema de referência interna do cliente e se esforce por comunicar esta experiência ao cliente;
- 6) Que a comunicação ao cliente da compreensão empática do terapeuta e da consideração positiva incondicional seja efetivada, pelo menos num grau mínimo" (Rogers, 1957:96).

Rogers coloca com isto que há mudança de personalidade "significativa e positiva" dentro de uma relação. Para ele, poder-se-ia resumir as "condições necessárias e suficientes" como sendo a **autenticidade**, a **consideração positiva incondicional** e a **compreensão empática**. Sua hipótese era que, em qualquer situação, o que promoveria mudanças, primariamente, seriam estas atitudes, ficando a técnica em um segundo plano.

Uma série de pesquisas, particularmente a partir da década de 50 e 60, vêm discutindo a questão da "suficiência" destas atitudes, embora concordem com sua "necessidade". Destas pesquisas, surgiram as teorias da especificidade e não-especificidade para explicar o funcionamento dos diversos modelos psicoterápicos.

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

Wood (1987b) ao discutir os aspectos centrais do "fenômeno da psicoterapia efetiva", inclui, além das "condições necessárias e suficientes" propostas por Rogers, outras questões como técnica, cultura, crenças, relacionamento terapêutico e cenário.

(Ref.: Rogers & Kinget, 1977; Pervin, 1978; Cordioli, 1993; Rogers & Wood, 1978).

CONFIANÇA

É uma condição básica dentro da Abordagem Centrada na Pessoa, que o **facilitador** deve estabelecer para permitir uma **atmosfera** que favoreça o desenvolvimento do cliente. A confiança experimentada pelo cliente, permite que se processe sua **abertura à experiência**.

(Ref.: Justo, 1987; Rogers, 1983a)

CONFRONTO

Também chamado de "confrontação". Consiste na atitude do terapeuta em explicitar uma aparente discordância percebida no cliente.

(Ver *Reflexo de Sentimentos*)

CONGRUÊNCIA

Ver *Autenticidade*.

CONSCIÊNCIA

Convém assinalar um detalhe: o constructo "consciência", numa perspectiva fenomenológica, recebe duas conotações distintas e referendadas por diferenciados pontos de vista. Sob um prisma estritamente racionalista, a idéia de "consciência" está associada a "conhecimento", a "percepção". Todavia, a partir dos estudos fenomenológicos, passou-se a considerar este, um primeiro nível de consciência (ou consciência propriamente dita) e refere-se a um estado natural de vigília ou percepção mínima da realidade. Já num plano mais profundo de análise, considera-se ainda a "consciência da consciência" (conceito que em Gestalt-Terapia recebe a denominação de *awareness*), e diz respeito a uma consciência mais profunda dos próprios processos experienciais.

Este conceito encontra ressonância direta na Abordagem Centrada na Pessoa a partir do conceito de **experienciação** cunhado por Eugene **Gendlin**. Rogers associa este conceito à sua idéia de "consciência orgâsmica", aquela que envolve o todo perceptual e não apenas a instância cognitiva do indivíduo.

Nesta perspectiva, "num sentido amplo, a 'consciência' comprehende

tanto o ‘consciente’ como o ‘inconsciente’. As significações ‘conscientes’ (ou da ‘consciência consciente’) se encontram já ‘implícitas’ na ‘experienciação orgânica’ (ou na ‘consciência inconsciente’)” (Puente, 1970:135).

Consciência equivale à representação ou à simbolização, verbal ou não verbal, de parte da experiência vivida. A representação possui diferentes graus de intensidade, indo desde leve sentimento até consciência plena, ou seja, é a conscientização, mesmo que superficial de algo, até o mais alto grau de clareza e nitidez de percepção.

Para Gendlin, “a consciência é (...) algo mais do que o puro conhecimento intelectual, ou a pura simbolização conceptual de conteúdos da experiência. Quando a pessoa chega a viver plenamente a sua “experienciação”, então a consciência não é mais do que um reflexo dela mesma” (Gondra, 1981:284).

Rogers relaciona o seu entendimento de consciência com a noção de **experiência**, que envolve tanto os elementos conscientes quanto inconscientes e que, portanto, designam como “conscientes” as experiências ou percepções simbolizadas, ou seja, tudo aquilo que o indivíduo se dá conta no momento atual, bem como as experiências pessoais ou periféricas capazes de entrar no campo de percepção a partir de estímulos adequados.

Em sua teorização, Rogers utiliza como sinônimas as noções de “consciência”, “simbolização” e “representação”. “Em nossa concepção, como na de Angyal, a consciência corresponde à representação ou à simbolização (não necessariamente verbal) de uma parte da experiência vivida. Esta simbolização pode apresentar graus variados de intensidade, desde o vago sentimento de presença de um objeto qualquer, até a consciência aguda deste objeto. Na linguagem da psicologia da forma, esta variabilidade de intensidade da consciência poderia ser descrita como se estendendo a partir de uma vaga consciência de um ‘fundo’ até a percepção muito nítida de uma ‘figura’” (Rogers & Kinget, 1977, I:162-163).

Rogers questiona tardiamente o papel da consciência em relação à **tendência formativa**. Para ele, “a capacidade de prestar uma atenção consciente parece ser uma das mais recentes etapas evolutivas da espécie humana. Essa capacidade pode ser caracterizada como um pequeníssimo pico de consciência, de capacidade de simbolização, no topo de uma vasta pirâmide de funcionamento não consciente do organismo” (Rogers, 1983a:46). Esta colocação introduz uma discussão empreendida por Rogers em direção a uma nova compreensão do papel da consciência.

Isto revela um momento de seu pensamento que se caracteriza basicamente pela ampliação de conceitos e abertura a novas experiências. Como exemplo deste momento, temos sua discussão a respeito de “estados alterados de consciência”, onde discute ciência e misticismo.

(Ver **Subcepção**).

(Ref.: Puente, 1979b; Rogers, 1986b)

CONSIDERAÇÃO POSITIVA, Necessidade de

Rogers cita Standal para afirmar que todo ser humano tem uma necessidade basal de consideração positiva. “Enquanto que certos autores consideram esta necessidade (que indicam por nomes tais como afeto, amor etc.) como uma tendência inata ou instintiva, Standal a considera como uma necessidade adquirida que se desenvolve durante a primeira infância. Ao lhe dar o nome de consideração positiva, parece ter conseguido extrair, a partir das noções mais vagas, anteriormente utilizadas, a variável psicológica essencial” (Rogers & Kinget, 1977,I:175).

CONSIDERAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL DE SI

“Há consideração positiva incondicional de si quando o cliente se percebe de maneira tal que todas as experiências relativas a si mesmo são percebidas, sem exceção, como igualmente dignas de consideração positiva” (Rogers & Kinget, 1977, I:177).

CONSIDERAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL

Uma das **condições necessárias e suficientes** descritas por Rogers como facilitadoras do processo terapêutico e interpessoal (normalmente associa-se este conceito à situação de ambientação psicoterapêutica. Posteriormente o termo foi ampliado para toda situação interpessoal). Foi inicialmente descrita como **aceitação positiva incondicional**. Consiste em aceitar (não implicando, necessariamente, em aprovação) o que o próprio indivíduo oferece de si mesmo, tal como ele percebe e/ou se manifesta. Aceitar é acolher o que se oferece, sem necessidade de concordâncias, nem discordâncias. Consiste num interesse genuíno e não possessivo pelo cliente, ou seja, o terapeuta “deseja que o cliente expresse o sentimento que está ocorrendo no momento, qualquer que ele seja - confusão, ressentimento, medo, raiva, coragem, amor ou orgulho (...) O terapeuta tem uma consideração integral e não condicional pelo cliente” (Rogers, 1983a:39).

A consideração positiva normalmente está associada a sentimentos e atitudes de calor, acolhida, simpatia, respeito e aceitação. No processo terapêutico, é imprescindível a aceitação do terapeuta para que o cliente vivencie a liberdade experiencial. Normalmente, o cliente possui percepção negativa de si e, proporcionalmente, a este processo (de consideração e aceitação) passa a ocorrer, então, auto-aceitação e **consideração positiva de si**, acreditando e confiando nas mudanças que podem ser realizadas.

Rogers a define como “...se as experiências de uma outra pessoa, relativas a ela própria, me afetam (todas elas) como igualmente dignas de consideração positiva, isto é, se entre todas estas experiências nenhuma existe

que eu distingua como mais ou menos digna de consideração positiva, dizemos que experimento com relação a esta pessoa uma atitude de consideração positiva incondicional" (Rogers & Kinget, 1977, I:175).

Segundo Puente (1970:117), a consideração positiva incondicional é "aceitação calorosa de cada aspecto da experiência do cliente como ela é propriamente, sem impor condições a esta aceitação, de maneira a fornecer ao cliente uma atmosfera de segurança e de liberdade de expressão. Trata-se de uma "atenção" (caring) pelo cliente, que não é possessiva, mas respeitosa, uma "afeição" (liking) pelo cliente como por uma "pessoa separada".

Rogers coloca que "à medida em que o terapeuta se encontra experienciando uma aceitação calorosa de cada aspecto da experiência do cliente como sendo uma parte daquele cliente, ele estará experienciando consideração positiva incondicional" (Rogers, 1957:163). Consiste numa "apreciação" da pessoa (conceito emprestado a John Dewey), um "cuidado" (não possessivo) pelo cliente; uma consideração da totalidade deste.

Uma nota importante deixada por Rogers coloca que "a frase 'consideração positiva incondicional' pode ser infeliz, por soar como um conceito absoluto, do tipo tudo-ou-nada. Provavelmente, torna-se evidente a partir das descrições que uma consideração positiva incondicional total nunca existiria, exceto em teoria. De um ponto de vista clínico e experimental, creio que a afirmação mais precisa é a de que o terapeuta eficiente experiencia consideração positiva incondicional pelo cliente durante muitos momentos de seu contato com ele; ainda assim, de tempos em tempos, ele experiencia apenas uma consideração positiva - e talvez, às vezes, uma consideração negativa, embora esta não seja provável de ocorrer numa terapia eficiente. É neste sentido que a consideração positiva incondicional existe como uma questão de grau em qualquer relação" (Rogers, 1957:164).

Refere-se a uma maneira de perceber o outro. Todavia, esta condição se mostra carregada de interpretações. A idéia central parte do princípio de que o cliente, quando vem ao terapeuta, já possui toda uma história de experiências nas quais foi repelido pelas outras pessoas. Neste sentido, ele procura uma aceitação de si mesmo quando do evento da terapia. A consideração positiva incondicional será, então, um respeito pelo cliente, por sua independência - com seus próprios sentimentos e experiências - , por seu sofrimento e sua dor, visto que na perspectiva rogeriana, é fundamental ter uma profunda confiança no organismo humano e em suas potencialidades.

"É a aceitação do outro como pessoa destacada, separada, com valor próprio, e, como tal, esta pessoa é merecedora de todo crédito. É o reconhecimento da alteridade. O terapeuta valoriza seu cliente enquanto pessoa. A incondicionalidade desta consideração se refere ao fato do terapeuta experimentar uma estima pela totalidade de seu cliente, percebendo-o e respeitando-o como um ser em vias de crescimento. A analogia de que Rogers

lança mão para ilustrar esta condição é a do sentimento de um pai para com uma criança que é apreciada enquanto pessoa, e não em função de um comportamento em particular" (Holanda, 1993b).

É uma atitude desprovida de categorização ética ou moral, não implicando em aprovação ou desaprovação de comportamento, mas a consideração de sua potencialidade e de suas perspectivas. É a prova da crença de Rogers na natureza humana.

Outro ponto a destacar é que, como assinala Segrera (1989), "aceitar" o outro incondicionalmente não implica necessariamente na manutenção do cliente num estado de fixação na desordem psíquica, o que equivaleria ao fato de reconhecer a própria incapacidade, enquanto terapeutas, de ajudar a este outro. Seria ainda negar os aspectos dinâmicos da personalidade humana e suas potencialidades. O terapeuta pode aceitar com mais facilidade certos comportamentos ou condutas de seu cliente, dado que também se apresenta como pessoa na relação.

(Ref.: Pervin, 1978; Justo, 1987; Cury, 1987; Cordioli, 1993; Wood et alii, 1994; Rogers & Wood, 1978; Rogers, 1986b)

CONSIDERAÇÃO POSITIVA DE SI

"Este termo designa o sentimento de consideração que o próprio indivíduo experimenta em face de certas experiências relativas ao eu, independentemente da consideração positiva que outras pessoas atribuam a elas ou poderiam lhes atribuir" (Rogers & Kinget, 1977, I:176).

Isto conduz a uma atitude positiva em relação a si, tornando-se sua própria **pessoa-critério**, papel este desempenhado anteriormente por pessoas de significação externas.

(Ref.: Justo, 1987)

CONSIDERAÇÃO SELETIVA

Ver *Avaliação Condisional*

CONTATO

Quando duas pessoas estão em presença uma da outra e afetando-se mutuamente em seus campos experenciais, seja de forma consciente ou subliminarmente, diz-se que estas pessoas estão em contato, existindo entre elas, condições mínimas de relação.

"O termo 'contato' foi adotado preferentemente ao termo 'relação', porque este último estava por demais sujeito a mal-entendidos. Este termo tende, com efeito, a sugerir uma relação de tal profundidade, de tal qualidade

e de tal significação como a que caracteriza uma relação verdadeiramente terapêutica. Era necessário introduzir, pois, um termo que evocasse um tipo de relação estritamente mínima, ou seja, um esboço de relação. Isto é o que o termo 'contato' procura indicar" (Rogers & Kinget, 1977:174).

CRESCIMENTO

Dentro do processo terapêutico centrada na pessoa, a expressão crescimento se reporta ao indivíduo voltado ao processo de assimilação positiva de suas vivências, permitindo melhor e mais ampla estruturação da tendência atualizante (É sinônimo de **desenvolvimento**). Esta estruturação é resultado do processo de confiança desenvolvido dentro da psicoterapia, propiciando maior autoconfiança.

(Ver *Tendência Atualizante*)



DEFESA

De um modo genérico, a defesa é a representação da reação do *organismo* a qualquer situação de *ameaça*. "O objetivo da defesa é a manutenção da estrutura do eu; dito de outra forma, a defesa representa uma oposição a toda mudança suscetível de atenuar ou desvalorizar a estrutura do eu. A defesa opera por via da deformação perceptual e visa mesmo mitigar o estado de desacordo existente entre a experiência e a estrutura do eu, seja a interceptar certos elementos ameaçadores e, por este caminho, a negar a existência da ameaça" (Rogers & Kinget, 1977, I:170-171).

Também pode ser dado o nome de defesa ao estado interno do sujeito que adota comportamentos ou atitudes com vistas à manutenção da integridade do seu *eu*.

"O processo de defesa consiste na percepção seletiva, na deformação da experiência e (ou) na intercepção parcial ou total de certas experiências. Este processo procura defender o estado de acordo entre, por um lado, a experiência total e, por outro lado, a estrutura do eu e as condições impostas à avaliação. As consequências gerais do processo de defesa são as seguintes: rigidez perceptual, causada pela necessidade de deformar certos dados da experiência; simbolização incorreta, causada pela deformação e pela omissão de certos dados; ausência de discriminação ou discriminação perceptual insuficiente (intensionality)" (Rogers & Kinget, 1977:202-203). Num certo sentido, a defesa é uma resposta do organismo, uma reação, e está, assim, inserida na perspectiva da tendência atualizante.

A defesa também pode ser encarada como uma saudável compensação psicológica, podendo representar o cume de um processo de aprendizagem e/ou terapêutico. Em outras situações, a defesa é uma atitude de proteção do indivíduo, impedindo que o organismo desencadeie o processo de abertura à experiência, dado que é uma reação às vivências incompatíveis com a imagem do Self.

(Ver *Angústia*)

(Ref.: Speirer, 1990; Corsini, 1984; Gondra, 1981)

DEFORMAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

"Quando uma experiência é vagamente percebida - ou é percebida em um nível subliminar - como não estando conforme com a idéia do eu, o

'organismo' se defende. Reage, deformando ou falsificando o significado desta experiência de modo a torná-la de acordo com o eu" (Rogers & Kinget, 1977, I: 171). Consiste, pois, numa reação do organismo ante alguma **ameaça** no sentido de manter-se.

(Ver **Defesa**)

DEPENDÊNCIA

Necessidade, desenvolvida ou adquirida, do indivíduo para que outrem decida em seu lugar ou influencie suas decisões. A necessidade surge da desconfiança na própria capacidade, podendo chegar a ocasionar impossibilidades no que se refere à resolução e satisfação de suas necessidades, exceto as determinadas pelo sistema biológico ou por pressões sociais, ou seja, diante da necessidade de dependência, o organismo exerce sua autonomia de forma limitada. Estas atitudes impedem o desenvolvimento de julgamento e escolha, bem como ocasiona o retraimento do senso de responsabilidade decisório e satisfatório de sua estrutura de vida.

(Ref.: Rogers & Kinget, 1977; Rogers, 1973; Gondra, 1981)

DESACORDO

Diz-se que há desacordo entre o **self** e a **experiência**, no momento em que se percebe um distanciamento entre estas duas instâncias, delimitando consequencialmente uma discordância interna ou **incongruência**.

"Quando o indivíduo se encontra num estado de desacordo fica sujeito à tensão e à confusão (...) Como resultado o comportamento parece incompreensível e a personalidade fica desequilibrada. O comportamento neurótico é uma manifestação deste estado de desacordo" (Rogers & Kinget, 1977, I:169).

Do ponto de vista de sua teoria de personalidade, o estado de desacordo entre o eu e a experiência se desenvolve em consequência da "necessidade de **consideração positiva de si**" e de uma percepção seletiva de suas experiências, em função das condições externas às quais se submete (**deformação da experiência**).

(Ver **Desajustamento Psíquico**)

DESAJUSTAMENTO PSÍQUICO

Resultado do **desacordo** ou da **incongruência** entre o **self** e a **experiência**. "Há desajustamento psíquico quando o organismo deforma ou intercepta elementos importantes da experiência. Considerando-se que estes elementos não são representados ou o são incorretamente, na estrutura do eu, resulta que o eu e a experiência total não correspondem - o que dá lugar a conflitos, tensões e confusões" (Rogers & Kinget, 1977, I:170).

DESENVOLVIMENTO, Noção de

Corresponde à idéia associada ao vocábulo **growth** que Rogers elabora ao longo de sua obra. Toda a teoria de Rogers repousa sobre sua hipótese da autodireção. Segundo Pagès (1976), a esta capacidade de autodirecionamento ou a este "poder", denomina Rogers de "growth".

Traduz-se o termo "growth" tanto como "desenvolvimento" quanto "amadurecimento". É comum utilizar-se a forma original ao lado da tradução, tanto em língua portuguesa quanto na francesa (Pagès, 1986).

Puente elabora esta noção apontando que esta hipótese está vinculada à idéia de que o indivíduo não necessita de nenhuma ajuda direta, visto haver a influência das condições indiretas (como o clima terapêutico). "Com a hipótese do crescimento, Rogers se situa em oposição com a 'teoria do organismo vazio', que considera somente dentro da dinâmica da personalidade o estímulo (S) e a resposta (R)" (Puente, 1970:172).

Esta noção corresponde à seguinte designação: "O indivíduo tem a capacidade de experimentar conscientemente os fatores de sua inadaptação psicológica, isto é, as incongruências entre o conceito do ego e a totalidade de sua experiência. O indivíduo tem a capacidade e a tendência de reorganizar seu conceito do ego de maneira a torná-lo mais congruente com a totalidade de sua experiência, deslocando-se, assim, de um estado de inadaptação psicológica para a adaptação psicológica" (Rogers, 1959:221).

O "growth" é composto de dois elementos: uma capacidade perceptiva (dos componentes ocultos da experiência que estão em contradição com a concepção de ego) e uma capacidade de reorganização, no sentido de compatibilização com a totalidade da experiência (Pagès, 1976). Neste sentido, a noção de desenvolvimento comporta a **tendência atualizante** (uma tendência de realização) e uma capacidade de auto-regulação orgânica, o que faz com que o papel da **psicoterapia** seja liberar este potencial latente.

O "growth", para Rogers, seria composto por dois sistemas, numa interação dinâmica (como o organismo é concebido numa totalidade, não podemos deixar de considerá-los intrinsecamente relacionados): (1) um sistema motivacional unificado e, (2) um sistema de avaliação da experiência, regulador do primeiro.

O growth é uma tendência inata e universal: "Está presente, pelo menos em estado de tendência, no indivíduo perturbado, da mesma forma que no 'normal'. É o fundamento da terapia, que consistirá em liberar o exercício, e a partir daí não poderá ser concebida como uma mudança ex nihilo introduzida do exterior pelo terapeuta" (Pagès, 1986:17).

(Ref.: Gondra, 1981; Leitão, 1986; Rogers & Kinget, 1977; Rogers, 1983).

DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ver *Tendência Atualizante, Desenvolvimento*

DEWEY, John

John Dewey é um conhecido representante do "pragmatismo americano", ao lado de William James. Filósofo e Educador, nasceu em 1859, em Vermont (Estados Unidos) e faleceu em 1952. Foi professor de Psicologia, Filosofia e Pedagogia nas Universidades de Chicago e Colúmbia (Nova York). Dewey foi ainda o responsável pelo primeiro livro introdutório de Psicologia nos Estados Unidos (*Psychology*, 1886). Foi considerado por Bertrand Russell como o mais importante filósofo norte-americano do nosso século (Reale & Antiseri, 1991).

Em sua principal obra, *A Natureza Humana e a Conduta* (1922), Dewey apresenta uma introdução à Psicologia Social. Nesta, assinala que "certos momentos fundamentais do comportamento humano se convertem em 'costumes', que se tornam importantes no movimento do indivíduo com o que acontece ao seu redor. Vistos em conjunto, os costumes constituem o Eu do ser humano e o que determina sua personalidade. Os costumes têm a tendência de persistir, mas quando o ser humano deve ajustar-se a um ambiente cambianto, estes costumes devem ser capazes de modificar-se" (Bonin, 1991:93).

No terreno da Educação, é um ferrenho crítico do sistema tradicional centrado no professor, ao qual se contrapõe formulando uma pedagogia direcionada para a experiência. Desenvolve uma didática que privilegia o problema prático da criança, e a elabora em cinco etapas: a) o problema que a criança traz; b) definição do problema em comum; c) análise dos dados disponíveis; d) elaboração de uma hipótese de trabalho e; e) comprovação (pela experiência). A essência de sua pedagogia reside na motivação e nos interesses espontâneos da criança (Japiassu & Marcondes, 1990).

Na Filosofia, discorre sobre o que chama de "instrumentalismo". Segundo ele, a experiência não coincide com a consciência, nem se reduz ao conhecimento: "A experiência inclui os sonhos, a loucura, a doença, a morte, a guerra, a confusão, a ambigüidade, a mentira e o horror; inclui os sistemas transcendentais, como também os sistemas empíricos; inclui tanto a magia e a superstição como a ciência..." (Dewey apud Reale & Antiseri, 1991, vol.III:505). Lidou ainda com temas como valores, lógica, democracia e investigação científica.

Rogers reconhece a importância do pensamento de Dewey na sua formação, principalmente no tocante à consideração da pessoa, chegando a

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

incluir noções tomadas de Dewey na sua concepção de *consideração positiva incondicional*.

Principais obras: *Escola e Sociedade* (1899); *A Criança e o Currículo* (1902); *Como Nós Pensamos* (1910); *Democracia e Educação* (1916); *Experiência e Educação* (1938).

(Ver *Fundamentos Filosóficos*)

(Ref.: Puente, 1970; Corsini, 1984)

DIAGNÓSTICO

Diagnóstico, diagnose ou psicodiagnóstico refere-se ao processo de classificação de informações relevantes quanto ao estado emocional e comportamental do indivíduo, ou ainda, é o nome atribuído a um estado, tomado genericamente a partir de um sistema de classificação aceito (Corsini, 1984).

O diagnóstico, em muitas orientações, é a primeira instância de um processo terapêutico. Em abordagens de orientação humanista, não se percebe esta ênfase diagnóstica. Para estas, a terapia não se desenvolve a partir do diagnóstico, em algumas modalidades, este é efetivado ao longo do processo.

"Nessa tendência geral, a terapia centrada no cliente se coloca no final da fila ao afirmar, como seu ponto de vista, que o diagnóstico psicológico, da maneira como usualmente é compreendido, é desnecessário para a psicoterapia e pode, na verdade, ser prejudicial ao processo terapêutico" (Rogers, 1992:253).

Na percepção de Rogers, a questão psicodiagnóstica está diretamente relacionada a certas condições como a crença de que toda condição tem uma causa precedente e que, o controle desta condição se torna mais viável quando a causa é conhecida. Na sua perspectiva, o comportamento é causado por uma certa *percepção* ou modo de perceber, e o cliente é o único capaz de um total conhecimento da dinâmica de suas percepções e, portanto, de seu comportamento.

"Num sentido muito significativo e acurado, a terapia é diagnóstico, e esse diagnóstico é um processo que se desenvola mais na experiência do cliente do que no intelecto do terapeuta. É desse modo que o terapeuta centrado no cliente tem confiança na eficácia do diagnóstico" (Rogers, 1992:256).

Quanto a suas objeções ao diagnóstico, Rogers assinala que, em primeiro lugar, o processo diagnóstico em si coloca o *locus* de avaliação nas mãos do terapeuta, nesse caso, o "especialista", o que pode favorecer a dependência do cliente, bem como estabelecer uma relação desnivelada. Além disso, há ainda o risco do cliente sentir-se alheio a si mesmo quando passa a acreditar que somente o terapeuta pode avaliá-lo com clareza, diminuindo assim sua "medida de valor pessoal". Em segundo lugar estão as implicações sociais e filosóficas, relacionadas a questões como controle social (Rogers ainda cita

outras objeções, tais como o grau de falibilidade dos diagnósticos, por exemplo).

Outra questão importante com referência ao diagnóstico é que o mesmo estabelece "estruturas" muito estáticas de personalidade, incorrendo no risco de uma consideração limitada do indivíduo. A Abordagem Centrada na Pessoa se fundamenta na dinâmica e na fluidez da personalidade, não compatíveis com inserções em quadros especificados como seria um "retrato" diagnóstico.

Como assinala Rogers em seu artigo *Significant Aspects of Client-Centered Therapy*, coloca que "*o terapeuta deve pôr de lado sua preocupação com diagnóstico e sua perspicácia em diagnosticar, deve descartar sua tendência a fazer avaliações profissionais, deve cessar seus esforços em formular prognósticos acurados, deve abandonar a sutil tentação de guiar o indivíduo, e deve se concentrar num único propósito: o de prover uma profunda compreensão e aceitação das atitudes conscientemente sustentadas no momento pelo cliente, enquanto explora passo a passo áreas perigosas que têm sido negadas à consciência*" (Rogers, 1946:420).



EGO, Concepção de

Em dado momento da evolução de suas idéias (não precisado), Rogers elabora o "self-concept", que em obras traduzidas para o português (erradamente) traduziram self por "ego", que consiste na percepção que o indivíduo tem de si, resultante da diferenciação de sua experiência organísmica, como derivativa do seu *desenvolvimento*.

Convém assinalar que este "auto-conceito" é produto das interações do indivíduo com outros indivíduos, em especial os "outros significativos", ou seja, figuras de importância que dão sentido particular à experiência que se tem de si mesmo (Pagès, 1976). Este "auto-conceito" está em íntima relação com uma "necessidade de atenção positiva" (*need for positive regard*), que dá origem a uma "necessidade de atenção positiva de si próprio" (*need for positive self-regard*). Isto estabelece a idéia de que o organismo é produto da interação social (Pagès, 1976).

(Ver *Tendência Atualizante, Self*)

ELUCIDAÇÃO

Este método de intervenção terapêutica, também chamado de reformulação-Clarificação, visa "...tornar evidente sentimentos e atitudes que não decorrem diretamente das palavras do indivíduo, mas que podem ser razoavelmente deduzidos da comunicação ou de seu contexto. Por 'razoavelmente' entendemos por via simplesmente lógica - sem a intervenção de conhecimentos psicodinâmicos especializados" (Rogers & Kinget, 1977, II:83).

Constitui-se numa "dedução" sobre o discurso do cliente. Por ser a modalidade de resposta mais intelectualizada, é mais atraente para terapeutas iniciantes e para clientes (que a consideram mais "consistente"). "Disto resulta que ela é suscetível de encorajar as tendências à dependência ou, se prefere, à transferência, característica do neurótico. Esta é uma das principais razões pelas quais o terapeuta rogeriano experiente evita responder desta maneira" (Rogers & Kinget, 1977, II:84).

(Ver *Resposta-Reflexo, Atitude*)

EMPATIA

Conceitualmente é a capacidade de se colocar no lugar do outro e perceber do ponto de vista dele, “com os nuances subjetivos e os valores pessoais inerentes”. Consiste na imersão do mundo privado do Outro, “como se fosse” este outro. É a tentativa de compreender o significado pessoal do outro.

Etimologicamente, o termo “empatia” provém de *empathés*, que por sua vez deriva de *en páscho*, que significa “sentir-em”, “sentir-desde-dentro”. Implica numa extrema sensibilidade, momento a momento, até os significados sentidos e mutáveis que fluem na outra pessoa. Em um sentido poético, é habitar temporariamente a vida do outro, delicadamente, sem causar-lhe prejuízos (Holanda, 1993b).

Na Abordagem Centrada na Pessoa, costuma-se utilizar a expressão **compreensão empática**, em vez de simplesmente “empatia”, devido à sua conotação mais ampla.

ENSINO CENTRADO NO ESTUDANTE

Ver *Aprendizagem Centrada na Pessoa*.

ESTRUTURA DA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Ver *Condições da Terapia*

EU

Ver *Self*.

EU IDEAL

Ver *Self Ideal*.

EXISTENCIALISMO

Nome dado a uma vasta corrente filosófica contemporânea, nascida na Europa pós-Primeira Grande Guerra, e que se torna moda depois da Segunda Grande Guerra. Intimamente relacionada à circunstancialização histórica da Europa, é produto de uma “época de crise”, caracterizada pela fragmentação europeia (em termos sociais e políticos), por um pessimismo exacerbado pelas guerras, por uma “crise de identidade” filosófica e por uma crise do tecnicismo e do objetivismo científicos (Reale & Antiseri, 1990; Amatuzzi, 1989b).

O questionamento existencialista pode ser resumido através do que

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

Heidegger (1957) assinala quando coloca que, no ato de pensar e repensar a realidade, esquece-se ou abandona-se o sentido do próprio ser pensante.

Uma tentativa de definição pode ser encontrado na obra de Regis Jolivet e refere o existencialismo a um “conjunto de doutrinas segundo as quais a filosofia tem como objetivo a análise e a descrição da existência concreta, considerada como ato de uma liberdade que se constitui afirmando-se e que tem unicamente como gênese ou fundamento esta afirmação de si” (Jolivet, 1961:21).

Em termos gerais, dá-se o nome de Existencialismo à corrente de pensamento que se preocupa com a existência concreta do homem no mundo, afirmado que a existência precede à essência (Sartre), afirmando assim questões consideradas fundamentais para o homem, tais como liberdade, responsabilidade e a **angústia** (Japiassu & Marcondes, 1990).

Em termos históricos, o Existencialismo é comumente associado à figura de Jean-Paul **Sartre**, tido por muitos como seu criador, e Martin **Heidegger**, que aplica o método fenomenológico à análise da existência. Dentre seus principais difusores, destacamos pensadores como Gabriel **Marcel**, Martin **Buber**, Maurice **Merleau-Ponty**. Além destes citamos: Karl Jaspers, Emmanuel Levinas, Nicolau Berdiaeff, Leon Chestov, Louis Lavelle, Nicola Abbagnano e René le Senne. A gênese do pensamento existencialista é derivado basicamente das filosofias de Søren **Kierkegaard** e Friedrich **Nietzsche**, tendo algumas correlações com o pessimismo de Schopenhauer e o humanismo de Feuerbach.

Segundo alguns autores, o existencialismo seria mais corretamente representado por diversas formas de “filosofia da existência”. Como assinala Jolivet (1961), haveriam três agrupamentos distintos de existencialismos: o primeiro grupo derivado das concepções de Kierkegaard, que considera a análise existencial como individual e, portanto, não passível de ser realizada pelo ato de pensar (como Karl Jaspers e Nicolau Berdiaeff); outro grupo consideraria o existencialismo como ontologia, ou seja, como uma “filosofia do ser”. Este grupo seria representado pelas principais figuras do movimento, como Marcel, Buber, Heidegger, Sartre e Levinas. E o terceiro grupo, seria formado por pensadores que não se enquadram em nenhuma das considerações anteriores. Uma outra forma de subdividir as doutrinas existencialistas seria agrupá-las em um existencialismo ateu (Heidegger e Sartre, principalmente) e um existencialismo teísta (Jaspers, Marcel e Buber).

O principal fundamento do Existencialismo é a aplicação do método fenomenológico à consideração da existência humana. Dentre suas principais características temos: a consideração da finitude do homem; a preocupação com a existência e com o modo de ser do existente; e questões tais como possibilidade (enfatizando o “vir-a-ser” do homem) e transcendência.

A influência do pensamento existencialista pode ser percebido em situações as mais diversas, desde movimentos sociais e culturais, até a sua

penetração no âmbito científico, em especial nas ciências humanas e sociais. No que diz respeito à Psicologia e à Psiquiatria, o Existencialismo resgata a questão antropológica, situando o homem no curso da sua história. Influencia **Abordagem Centrada na Pessoa**, outras abordagens psicológicas e psicoterápicas, tais como a Gestalt-Terapia do Perls, Logoterapia de Viktor Frankl, o Psicodrama de J. L. Moreno, e a Daseinanalyse de L. Binswanger, além de outras personalidades da **Psicologia Humanista** como Rollo May, Medard Boss, J. Van den Berg, Eugene Minkowsky e outros.

(Ver **Fenomenologia**)

(Ref.: Giles, 1989; Heidegger, 1988; Sartre, 1970; Reale & Antiseri, 1991)

EXPERIÊNCIA

Rogers descreve a experiência como "tudo o que constitui o psiquismo nos seus elementos tanto conscientes quanto inconscientes em cada momento determinado" (Rogers & Kinget, 1977, I:62). Em outra passagem, escreve que "esta noção se refere a tudo que se passa no organismo em qualquer momento e que está potencialmente disponível à consciência; em outras palavras, tudo o que é suscetível de ser apreendido pela consciência" (Rogers & Kinget, 1977, I:161).

Além disso, Rogers usa como sinônimos as expressões "campo fenomenal" ou **campo fenomenológico**. Ele mesmo assinala que o conceito de "experiência" substitui às noções de "experiências sensoriais e viscerais" ou "experiências organísmicas", utilizadas anteriormente (Rogers, 1992).

"No entanto, Rogers faz uma diferença entre 'experiência' e 'experienciar'. Assim, 'experiência' refere-se e inclui 'tudo que está acontecendo a qualquer momento dentro do envelope do organismo e que é potencialmente disponível à consciência'. Já 'experienciar' refere-se ao ato de receber do organismo 'o impacto dos eventos sensoriais ou filosóficos que estão acontecendo a cada momento'" (Gomes, 1988b:40).

(Ver **Experiência Imediata**)

EXPERIÊNCIA, Abertura à

A abertura à experiência ou a "receptividade à experiência" ocorrem quando o indivíduo não experimenta sentimentos de **ameaça**. Opõe-se, pois, à atitude de **defesa**. A abertura à experiência leva a um **funcionamento ótimo da personalidade**.

"Pode-se empregar a noção de abertura no sentido lato ou restrito - referindo-se ou à totalidade, ou a um determinado setor mais ou menos amplo da experiência. Qualquer que seja a sua extensão, refere-se sempre a um estado psíquico que permite a todo excitante percorrer o 'organismo'

inteiramente" (Rogers & Kinget, 1977, I:173).

EXPERIÊNCIA IMEDIATA

Conceito introduzido ao longo do desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa, a partir dos estudos de Rogers e seus colaboradores, em especial, Eugene **Gendlin**. A noção de "experiência imediata" ou "experienciação" deriva do neologismo inglês *experiencing*, e que designa uma qualidade da experiência em geral, e serve, por vezes para indicar a "experiência imediata". Rogers também utiliza a expressão *immediate experiencing*.

"A experiência imediata se sente instantaneamente, e nela não se interpõe, entre sujeito e objeto, nem quadro temporal nem quadro intelectual: a própria distinção entre sujeito e objeto tende a ser abolida. Na experiência imediata tudo é criação e mudança, fluidez" (Pagès, 1976:50).

A "experiência imediata" está relacionada a uma compreensão fenomenológica da realidade, constituindo-se numa vivência da unidade da pessoa e da intersubjetividade. O oposto a esta vivência seria um "distantiamento da experiência imediata". Rogers chega a elaborar uma escala para medir esta distância e assinala que, a **psicoterapia** constitui-se num momento onde esta distância da experiência imediata diminui. Outro aspecto importante é que, segundo Rogers, o sucesso da terapia está diretamente relacionado à capacidade do psicoterapeuta de acessar a experiência imediata do cliente.

EXPERIÊNCIA DE SI

Abrange o subjetivo, com a valorização da **percepção**. Noção introduzida através de uma tese de doutorado por Stanley Standal, em 1954 ("The need of positive regard: a contribution to client-centered theory", Chicago), que diz respeito a todos os eventos do **campo fenomenológico** do indivíduo, contando que sejam reconhecidos como referentes ao seu *eu*. Constitui a "matéria-prima" que forma a estrutura experiencial chamada *idéia de eu* ou *imagem de eu*.

(Ver **Self**)

EXPERIÊNCIA NÃO SIMBOLIZADA

Ver **Inconsciente**.

EXPERIÊNCIA SIMBOLIZADA

Ver **Consciência**.

EXPERIENCIAÇÃO

Termo cunhado por Eugene **Gendlin**, na década de 60, e que significa "experiência vivida". *"Trata-se da formulação de um novo 'constructo' (...) teórico que, ao invés de valorizar o conteúdo da experiência, se atém à maneira como se desenvolvem os fenômenos internos que a compõem (...). Em termos mais formais, o 'experiencing' é um processo de sentimentos experimentados (feelings), que tem lugar no presente imediato, que é de natureza organísmica pré-conceitual, que contém significações implícitas, e ao qual o indivíduo pode se referir para formar os conceitos"* (Puente, 1970:134). Para Gendlin, a "experienciação" é a "responsável direta pelo processo de mudança construtiva no cliente" (Cury, 1987:32).

Para Rogers, o conceito de "experienciação" modifica sua visão da dinâmica do consciente. Até então, considerava-se a experiência fora da consciência; a partir do conceito de Gendlin, Rogers percebe a experienciação como um processo que ocorre dentro da consciência. A partir daí, Rogers passa a empregar o termo **inconsciente** para designar a "experienciação indiferenciada", ou seja, a experiência presente na consciência mas não simbolizada (não conhecida diretamente) em oposição à experiência simbolizada ou "experienciação diferenciada", à qual denomina de "consciente" (Puente, 1970).

A partir deste conceito, Puente (1970) assinala uma "ascensão teórica" no pensamento de Rogers: numa primeira etapa, a idéia de "experiência inconsciente"; num segundo momento, a idéia de "**subcepção**" ou "semi-consciente" e, numa terceira etapa, a "experienciação" que já faz parte do consciente.

"Com base nos textos de Gendlin, pode-se definir o experiencing, não como um constructo teórico, mas sim como um termo ou um processo categorial usado para distinguir não-contéudos (ou segmentos estáticos e conceitualizados de processo) mas diferentes modos ou dimensões de processo e que significa: - um dado experienciado em processo, concreto e imediatamente presente - incompleto e pré-conceitual, mas consciente e implicitamente significativo, ou capaz de diferentes conceitualizações; - que tem lugar no campo fenomenal do indivíduo, - empírica e internamente observável, diretamente pelo indivíduo ou indiretamente pelos outros, não em si mesmo mas em interação com qualquer tipo de simbolização, - e para o qual o indivíduo pode referir-se diretamente (um tipo de simbolização), ocorrendo com ou sem conceitualizações (outros tipos de simbolização) - mediante um processo de focalização, autopropulsor de mudanças; - quase sempre ocorrendo numa interação humana" (Puente, 1979a:73)

(Ver **Focalização**)

(Ref.: Rogers, Gendlin, Kiesler & Truax, 1967; Gendlin, 1962, 1987; Amatuzzi, 1989b; Dutra, 1996)

EXPERIENCIAL, Terapia

Ver **Psicoterapia Experiencial**.

EXPRESSÃO DE SENTIMENTOS

Uma das bases do processo psicoterapêutico. Na elaboração do **processo terapêutico**, Rogers assinala que, numa situação de terapia, o cliente sente-se cada vez mais capaz de expressar seus sentimentos (verbal ou não-verbalmente). Esta expressão de sentimentos está diretamente relacionada às suas percepções.

Para Rogers, o fundamental é a aproximação do indivíduo com seus conteúdos afetivos. Para tanto, a psicoterapia trabalha a nível de ampliação da **consciência** do indivíduo. É a verbalização ou expressão corporal da vivência de um sentimento, o que permite transformações organismicas e a potencialização das capacidades inerentes da pessoa. Rogers continuamente contrapõe a isto, a reflexão intelectual.

(Ver **Percepção**)

(Ref.: Rogers, 1983; Rogers & Kinget, 1977)



FACILITADOR

Nome dado à pessoa que desenvolve um trabalho a nível da Abordagem Centrada na Pessoa (Dada a diversificação de suas aplicações). Nascido no contexto da psicoterapia, para designar o profissional psicoterapeuta, com a conotação de uma pessoa que “favorece” ou “facilita” o desenvolvimento da **personalidade** e serve de catalisador para a **tendência atualizante**.

Segundo Lerner (...), o *modus operandi* do facilitador na Abordagem Centrada na Pessoa não se baseia numa **técnica**, mas numa **atitude**. “Um facilitador pode desenvolver num grupo que se reúne intensivamente um clima psicológico de segurança, no qual a liberdade de expressão e a redução de defesas progressivamente se verifiquem. Em tal clima psicológico, muitas das reações imediatas de cada membro em relação a si próprio, tendem a expressar-se. Desenvolve-se, a partir desta liberdade mútua de expressar os sentimentos reais, positivos e negativos, um clima de confiança mútua” (Rogers, 1986a:19).

Podemos definir como atributos do facilitador algumas características como: valorizar a capacidade e a potencialidade de cada indivíduo; estabelecer uma **atmosfera** favorável, composta pela compreensão, empatia e tolerância; criar um clima no qual se evita julgamentos ou críticas ao cliente, procurando aceitá-lo incondicionalmente a partir de seu referencial; perceber cada indivíduo na sua unicidade e particularidade, respeitando sua individualidade e seu movimento interno (seu ritmo); confiar na capacidade do cliente para solucionar problemas; ser autêntico; estar presente na relação.

(Ref.: Wood, 1994)

FASES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A Abordagem Centrada na Pessoa apresenta uma evolução em suas formulações que transcendem a própria figura de Rogers. Durante sua trajetória, Rogers mostrou-se disponível para quaisquer colaborações às suas elaborações (haja vista a influência exercida sobre sua teoria das contribuições de **Gendlin**). Convém lembrar que a denominação **Abordagem Centrada na Pessoa** surgiu apenas em 1976 (Bozarth, 1989), e tomando forma a partir da publicação de *Carl Rogers on Personal Power*, de 1977.

Comumente se estabelecem três grandes etapas (Puente, 1970; Hart

& Tomlinson, 1970; Wood, 1983; Cury, 1987; Huizinga, 1987), cada qual com características próprias em relação a posturas e considerações do terapeuta, além de uma obra de referência.

Para Puente (1970) as fases seriam as seguintes:

- 1) A fase do *Insight* (1940-1945).
- 2) A fase da *Congruência* (1946-1957)
- 3) A fase do *Experiencing* (1957- -)

Huizinga (1984), citando Hart e Dijkhuis, traça um quadro comparativo com algumas perspectivas históricas das fases do pensamento de Rogers, chegando à seguinte formulação:

1. Terapia Não-Diretiva
1940-1950 (Hart)
1940-1947 (Dijkhuis)
2. Terapia Centrada no Cliente
1950-1957 (Hart)
1947-1957 (Dijkhuis)
3. Terapia Experiencial
1957-1964

Huizinga (1984) ainda se refere ao biógrafo Kirschenbaum, traçando outra perspectiva, assim dividida:

1. Início e Meio da década de 1930, período em que a “essência do *counseling* com crianças consiste na manipulação das condições externas e do meio”;
2. Meados da década de 1930 e início da de 1940, quando Rogers se mostra mais interessado na mudança terapêutica e começa a desenvolver seus métodos não-diretivos;
3. Meados/Fim da década de 1940, onde se percebe uma maior ênfase nas atitudes centradas no cliente (basicamente aceitação e compreensão empática);
4. Final de 1940 e início dos anos 1950, quando se adiciona a atitude “congruência”.

Para efeito de análise preliminar, tomaremos por base a proposta por Hart & Tomlinson (1970) e Wood (1983):

- 1) Psicoterapia Não-Diretiva (1940-1950)
- 2) Psicoterapia Reflexiva (1950-1957)
- 3) Psicoterapia Experiencial (1957-1970)

A “Primeira Fase” ou *Psicoterapia Não-Diretiva* corresponde ao período entre os anos 1940 e 1950, e se caracteriza pelo rótulo da **não-diretividade**. Neste período, Rogers está na Universidade de Ohio. Neste período, sua terapia tomava como direção básica o *insight* do cliente. As atitudes do terapeuta podem ser consideradas muito “tecnológicas”, havendo a primazia do *reflexo de sentimentos*, além de uma suposta postura de “neutralidade”, “permissividade” e “não-intervencionismo”.

Puente (1970) assinala que esta fase é tida como de grande intelectualismo, o que restringe o atendimento a pessoas com razoável capacidade intelectiva e de análise. Foi nesta atmosfera de permissividade que surgiram as mais contundentes críticas direcionadas ao papel pouco ativo que o terapeuta exerceria, o que levou a uma série de mal-entendidos sobre a figura do terapeuta.

A principal referência a esta fase seria o artigo de Rogers, "The Processes of Therapy", publicado em 1940, no *Journal of Consulting Psychology*, embora a obra mais característica seja *Counseling and Psychotherapy* de 1942 (publicado em português sob o título de "Psicoterapia e Consulta Psicológica").

Cury (1987:12) coloca que "...pela primeira vez, ele [Rogers] enfatiza a própria relação terapêutica como uma experiência de crescimento para o cliente. Afirma ainda que este tipo de terapia não é uma preparação para a mudança, ela é a própria mudança".

A "Segunda Fase" ou *Terapia Centrada no Cliente* corresponde ao período compreendido entre os anos 1950 a 1957, o que, antes de ser apenas uma mudança de nomenclatura, significou uma grande mudança de seu pensamento e de sua prática: "Segundo Shlien e Zimring, o desvio da noção de 'não-direção' para 'centrada no cliente', não é uma revisão de nomenclatura simplesmente. Significa a clarificação da perspectiva: como o termo negativo sugere, a terapia não-diretiva ainda permanece fora do cliente, almeja usar a permissividade como um catalisador para o desenvolvimento do 'insight'. 'Centrar-se' no cliente sugere não apenas um papel mais ativo por parte do terapeuta; também significa que ele torna o cliente o foco de sua atenção" (Cury, 1987:15-16).

Este período corresponde aos "anos de Chicago". Os últimos anos desta fase representam a tentativa de Rogers de construir uma teoria da terapia, cujo texto matricial desta fase é o "A Theory of Therapy, Personality, and Interpersonal Relationships, as Developed in the Client-Centered Framework", escrito em 1956, mas somente publicado no ano de 1959. Mas a obra que mais caracteriza este período é seu livro *Client-Centered Therapy*, de 1951.

Nesta fase, o trabalho do terapeuta vai em direção de criar uma atmosfera desprovida de ameaça ao cliente. É nesta fase que surgem as **condições necessárias e suficientes** ao crescimento e à mudança: a empatia, a autenticidade e a aceitação positiva incondicional.

A "terceira fase" ou *Terapia Experiencial* situa-se a partir de 1957. Já nesta fase encontramos algumas controvérsias ou lacunas. A maioria das classificações fixa esta fase entre 1957 e 1970, o que corresponde à "fase de Wisconsin". Todavia, a partir de 1970 permanece um vácuo.

Durante o período acima proposto, a ênfase do terapeuta é de ajudar o cliente a usar sua experiência plenamente, no sentido de promover uma maior

congruência do **selfe** do desenvolvimento relacional. Portanto, a ênfase recai sobre a vida inter e intrapessoal do indivíduo. No tocante às posturas, percebe-se uma maior variação dos comportamentos do terapeuta, com um maior significado na relação terapêutica como um "encontro existencial" (Puente, 1970; bastos, 1985).

Nesta fase, o ponto referencial é o livro *On Becoming a Person*, de 1961. Há uma maior interação entre Rogers e seus colaboradores, tanto que Rogers se vê influenciado, em especial, pelo conceito de **experienciação** de Eugene Gendlin, que é, segundo Spiegelberg (apud Moreira, 1990) quem "fornecia a Rogers substratos teóricos para a passagem do positivismo lógico a uma orientação existencialista, dando ênfase à reinterpretação do termo experiência".

Para Cury (1987) esta é uma fase "bi-centrada", onde inter-atuam dois mundos fenomenais distintos, o do cliente e o do terapeuta. Este pensamento conduz Rogers aos movimentos de grupos e encontros de comunidade na década 70-80. Nesta fase, o conceito de **self** como entidade concreta desaparece.

Estas são as fases tradicionalmente relatadas como características do pensamento de Rogers. Porém, após 1970, ainda existe uma lacuna a ser preenchida. A título de ilustração, convém ressaltarmos a extensa produção rogeriana após esta data. Em 1972, por exemplo, Rogers publica *On Becoming Partners: Marriage and Its Alternatives*; em 1977, publica *Carl Rogers on Personal Power*; além de revisar seu *Liberdade para Aprender*. Em 1983, publica finalmente *A Way of Being*.

Diante da diversidade teórica, após 1970, surgiram novas propostas para uma ampliação desta categorização. Segundo Moreira (1990), há uma considerável mudança em seu posicionamento na terapia, em direção a uma terapia fenomenológica (em que pese o fato dele não alcançar este objetivo a contento, segundo a autora).

Esta nova fase compreenderia os anos entre 1970 e 1987. Como características deste novo período, temos a dedicação de Rogers às atividades de grupo (chegando a abandonar a terapia individual), além de se ocupar com questões que se acercavam ao relacionamento humano em geral.

Moreira (1990) sugere uma nova diferenciação para as fases do pensamento de Rogers: 1) Fase Não Diretiva (1940-1950); 2) Fase Reflexiva (1950-1957); 3) Fase Experiencial (1957-1970) e, 4) Fase Coletiva (1970-1985). Holanda (1993b) propõe a esta derradeira fase o nome de "fase inter-humana" (lançando mão de uma terminologia buberiana). Existem outras sugestões, como, por exemplo, denominar esta fase de "fase grupal".

Esta última fase se caracterizaria por ser uma fase de transcendência de valores e de idéias, na qual Rogers expressa uma preocupação com o futuro do homem e do mundo, com questões que abrangem outras áreas da

ciência (Rogers, 1983a). Na suas últimas obras, Rogers empreende uma discussão que ultrapassa o simples cientificismo tradicional e parte para uma interdisciplinaridade onde coexistem conceitos da física, da química, e de outras áreas da ciência.

Lembremos que a evolução das suas idéias é acompanhada também de uma evolução da própria nomenclatura de sua abordagem, e da designação daquele que vem ao seu encontro; assim, usar uma terminologia que faça referência a um "cliente" acaba por se tornar também insatisfatório. Com isso, surge, em 1976, a designação "centrado na pessoa", o que implica numa consideração mais ampla do próprio processo de psicoterapia.

(Ver *Terapia Centrada na Pessoa* e Apêndice A Evolução da Terapia Centrada no Cliente)

(Ref.: Amatuzzi, 1995)

FASES DO PROCESSO TERAPÊUTICO

A *psicoterapia* na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa pode ser encarada como um "encontro existencial" (Holanda, 1993b) ou um "encontro interpessoal" (Puente, 1970), onde o primordial é a qualidade do encontro. Rogers descreve o processo psicoterápico de duas maneiras, uma mais sucinta e a outra mais elaborada.

De um modo geral, ao tentar elaborar os elementos cruciais para um processo eficaz, Rogers (1956) coloca que, num primeiro momento, ocorre "algo" numa perspectiva existencial, ou "não é um pensamento sobre alguma coisa, é uma 'experiência' de algo neste instante da relação" (Rogers, 1956:4). Num segundo momento, dá-se uma "vivência sem barreiras" ou inibições. "Neste momento, ela é uma experiência integrada e unificada justamente de uma coisa só - do machucado e da ferida, da dor e da piedade que ela sente por si mesma..." (Rogers, 1956:4). O terceiro momento evoca a questão da vivência que se repete, ou seja, "num certo sentido, uma vivência (...) que nunca tinha sido completamente vivenciada" (Rogers, 1956:4). E por fim, num quarto momento, há a integração. "Esta vivência tem a qualidade de ser aceita. Isto não é, definitivamente: 'eu sinto piedade de mim, e isto é repreensível'. É, ao contrário, uma experiência de 'meu sentimento é de piedade por mim, e esta é uma parte aceitável de mim mesmo'" (Rogers, 1956:4).

Sua hipótese é que, toda vez que uma experiência que contenha estes quatro elementos ocorrer em terapia, dá-se um momento de mudança de personalidade, por ele denominado *momentos de movimento*. Estes "momentos de movimento" têm a qualidade de uma experiência imediata, total, nova e plena. A estes momentos especiais de uma psicoterapia, Santos (1985) dá o nome de "momentos mágicos" e Holanda (1993b) correlaciona com os momentos "Eu-Tu" descritos por Martin Buber.

Mais especificamente, Rogers (1977) descreve sete etapas que seriam designativas de um processo terapêutico. A primeira fase seria justamente a fase da "rigidez e do distanciamento" de sua experiência. Seriam características desta fase a recusa de uma comunicação pessoal, ficando esta no plano da superficialidade, dos assuntos "externos". "O indivíduo tem pouco ou nenhum reconhecimento do fluxo e do refluxo da sua vida afetiva (...) No seu modo de viver a experiência atual, ele é (para empregar a expressão de Gendlin e Zimring) limitado pelas estruturas de sua forma de experienciar (...) O indivíduo, nesta fase, está representado em termos de imobilidade, fixidez, em oposição a qualquer fluxo ou mudança" (Rogers, 1977:115). Além disso, o indivíduo não reconhece seus significados pessoais, e suas relações pessoais são encaradas como perigosas, ou seja, há um grande bloqueio na comunicação interna.

A segunda fase ocorre "quando o indivíduo é capaz por si mesmo durante a primeira fase de fazer a experiência de que é totalmente aceito (...) A expressão em relação aos tópicos referentes ao não-eu começo a ser mais fluente" (Rogers, 1977:115). Nesta, os problemas são percebidos como externos a si-próprio, mas já alcançam o nível perceptual, embora ainda não exista o sentimento de responsabilidade pessoal. A experiência do indivíduo está alicerçada sobre uma estrutura de passado.

Na terceira fase ocorre que, caso não haja bloqueio para o prelúdio de expressão da fase anterior e, caso o indivíduo se sinta aceito, passa-se a um momento de descontração e "fluência simbólica". O "eu" se expressa mais livremente como objeto; suas expressões de vivências pessoais também guardam uma característica objetal. Neste momento, "há uma aceitação muito reduzida dos sentimentos. A maior parte dos sentimentos são revelados como qualquer coisa de vergonhoso, de mau, de anormal, ou sob qualquer outra forma de não aceitação. Manifestam-se sentimentos e, nesse caso, algumas vezes são reconhecidos como tais (...) Os constructos pessoais são rígidos, mas podem ser reconhecidos como constructos e não como fatos exteriores (...) A diferenciação dos sentimentos e dos significados é mais nítida, menos global do que nas fases precedentes" (Rogers, 1977:118).

O sentimento de aceitação, por parte do cliente, é fundamental para a quarta fase. Nesta, os constructos se distendem e há uma fluência mais livre dos sentimentos. Estes já são descritos como objetos no presente, e por vezes, são expressos no presente. Esta tendência à experimentação de sentimentos no presente é acompanhada por desconfiança e medo, mas já se manifesta certa aceitação em relação a esses sentimentos. "Surge um relaxamento na forma como a experiência é construída. Ocorrem algumas descobertas sobre os constructos pessoais; dá-se um reconhecimento definitivo do seu caráter de construções; começa a pôr-se em questão a sua validade (...) Dá-se uma apreensão das contradições e das incongruências entre a experiência e o eu" (Rogers, 1977:119-120).

A partir disto, pode-se qualificar a quinta fase como uma fase de maior abertura e uma "renovada liberdade" do fluxo orgânsmico. Neste momento os sentimentos já são expressos no presente e estão "prestes a ser plenamente experimentados". O indivíduo começa a perceber que a experiência de um sentimento envolve uma "referência direta" e, mesmo com receio e medo, os sentimentos emergem. "Há cada vez mais uma chamada a si dos próprios sentimentos e o desejo de vivê-los, de ser o 'verdadeiro eu' (...) A experiência é mais maleável, já não distante (...) Há muitas descobertas originais dos constructos pessoais como constructos e uma análise e discussão crítica destes (...) O indivíduo aceita cada vez com maior facilidade a sua própria responsabilidade perante os problemas que tem de enfrentar, e sente-se cada vez mais afetado pelo comportamento que perante eles manifestou. O diálogo interior torna-se mais livre, melhora a comunicação interna e reduz-se o bloqueio" (Rogers, 1977:122-124).

Supondo que o clima de aceitação permanece, surge uma sexta fase, caracterizada pela experiência imediata de um sentimento anteriormente bloqueado. Este sentimento flui, é experimentado no seu presente diretamente e com riqueza, além de ser aceito como algo real. A experiência é então vivida subjetivamente, o que faz com que tenda a desaparecer o "eu" como objeto. "A incongruência entre a experiência e a consciência é vivamente experimentada no momento mesmo em que desaparece no interior da congruência. O constructo pessoal correspondente dissolve-se no momento dessa experiência e o cliente sente-se separado do seu anterior quadro de referência estável (...) A diferenciação da experiência é clara e fundamental (...) Nesta fase, já não há 'problemas' exteriores ou interiores. O cliente está vivendo subjetivamente uma fase do seu problema. Este não é um objeto" (Rogers, 1977:130-131).

Rogers assinala que a sexta etapa tende a ser irreversível, o que faz com que a sétima fase possa ser vivenciada fora do ambiente terapêutico. Nesta, "são experimentados novos sentimentos com um caráter de imediatismo e com uma riqueza de pormenor, tanto na relação terapêutica como fora dela. A experiência de tais sentimentos é utilizada como um claro ponto de referência (...) Há um sentido crescente e continuado de aceitação pessoal desses sentimentos em mudança e uma confiança sólida na sua própria evolução" (Rogers, 1977:132). O indivíduo percebe-se num fluxo contínuo, num processo, o que faz com que experience as situações não mais como eventos passados, mas como novidades. O indivíduo é o próprio processo. E este processo implica numa "transformação das formas de experiência".

(Ver *Experiência*)

(Ref.: Rogers, 1959, 1986a, 1992; Puente, 1970; Justo, 1987; Gondra, 1981; Rogers & Kinget, 1977)

FENÔMENO

Ver *Fenomenologia*.

FENOMENOLOGIA

Fenomenologia é o nome dado à disciplina criada por Edmund **Husserl**, a partir dos posicionamentos de Franz Brentano. Inicialmente idealizada como um método de pensamento, a Fenomenologia ganhou contornos de filosofia, influenciando diretamente na formação do pensamento existencial (Ver *Existencialismo*).

Segundo Husserl, a Fenomenologia é um retorno, ou um "recomeço radical", ao fenômeno (do grego *phainómenon*, que significa "aquilo que vem à luz", que se manifesta). Trata-se de uma disciplina que se preocupa com a fundamentação da ciência, que se propunha a superar a dicotomia sujeito/objeto, através da apreensão das relações do homem com o mundo.

A Fenomenologia se coloca como uma crítica ao modelo positivista da ciência que ignorava a subjetividade na produção do conhecimento. Igualmente se opõe ao naturalismo por não concordar com a concepção de comportamento em termos de simples causa e efeito.

Merleau-Ponty (considerado o principal continuador do pensamento husserlian), ao assinalar a crítica husseriana acerca do psicologismo propõe a idéia de uma "psicologia eidética". Se encarada apenas como psicologia descritiva, a Fenomenologia levaria a um psicologismo, daí a necessidade de se retornar à consciência, aqui encarada não apenas como uma parte do ser, mas como "o princípio pelo qual todo ser qualquer que seja, pode receber seu sentido e seu valor de ser para nós e que é, pois, correlativo de todo ser" (Merleau-Ponty, 1967:15).

Uma boa definição da Fenomenologia nos é dada por Merleau-Ponty no prefácio de sua *Phénoménologie de la Perception*: "O que é a fenomenologia? (...) É o estudo das essências... Mas a fenomenologia é também uma filosofia que recoloca as essências na existência e não pensa que seja possível compreender o homem e o mundo de outra forma que não seja a partir de sua facticidade. É uma filosofia transcendental, que põe em suspenso para compreender as afirmações da atitude natural, mas é ainda uma filosofia para o qual o mundo está sempre aí, antes da reflexão, como uma presença inalienável..." (Merleau-Ponty, 1976:I).

A proposição da Fenomenologia é a de retornar às coisas mesmas, ou seja, alcançar a realidade como ela de fato é. Para realizar este intento, Husserl estabelece certos conceitos capitais para o método fenomenológico.

A possibilidade de perceber a realidade como ela de fato é deriva da "redução fenomenológica" que é a abstenção de juízos pré-concebidos, a abstração de idéias prévias para permitir a emergência do fenômeno. A "redução"

é a "epoché" de Husserl, que significa pôr o mundo entre parênteses: "Quando procedo assim, (...), eu não nego este "mundo", como se fosse um sofista; eu não coloco sua existência em dúvida, como se fosse um céptico; mas eu opero a epoché "fenomenológica" que me impede de todo julgamento sobre a existência espaço-temporal. Em consequência, todas as ciências que se reportam a este mundo natural - (...) - eu as ponho fora de circuito, não faço absolutamente nenhum uso de sua validade; não faço minhas nenhuma das suas proposições, fossem mesmo de uma evidência perfeita; não acolho nenhuma, nenhuma me dá fundamentos..." (Husserl, 1985).

Trata-se de uma abstenção de *a priori* em favor da realidade fenomenal. Esta é a essência empírica da Fenomenologia. A redução fenomenológica significa uma busca do significado subjacente, em detrimento do simples aparente. Como consequência da "epoché", tem-se a *intuição das essências* (produto da redução eidética). A Fenomenologia visa pois buscar a essência mesma das coisas, e para a efetivação desta tarefa, procura descrever a experiência tal qual ela surge e tal qual ela se processa. A *fenomenologia eidética* pode ser entendida como uma metodologia que visa "elucidar vivências como emoção, percepção, aprendizagem verdadeira, imaginação, a partir da experiência comum, por reflexão e via redução fenomenológica" (Amatuzzi, 1996).

A redução evidencia o ser-no-mundo (Ribeiro, 1985), o ser que se coloca em situação, em função do qual o sujeito não é puramente sujeito, nem o objeto é puro objeto, pois há uma intrínseca correlação entre ambos, visto a consciência fenomenológica ser uma consciência *intencional*.

A *intencionalidade da consciência* significa que toda consciência é não somente consciência, mas também consciência de alguma coisa, implicando numa relação intrínseca com o objeto. A intencionalidade evidencia-se como a própria essência da consciência (Levinas, 1989).

Para a Fenomenologia, consciência é consciência ativa; é a consciência que atribui significados no mundo. Não se trata de discutir a existência das coisas, mas o significado que estas coisas têm para uma subjetividade.

Ao falar da intencionalidade, Husserl assinala que a consciência não ocorre no vazio. Toda consciência é *consciência-de-alguma-coisa*; e todo objeto é um *objeto-para-uma-consciência*.

Outro elemento importante da Fenomenologia é o conceito de **campo fenomenológico**. Corresponde à idéia que a subjetividade existe num campo de interações, portanto, o "campo fenomenológico" consiste na totalidade de experiências de um sujeito. Portanto, Husserl releva que a subjetividade não existe em si-própria (como coloca Descartes), mas num campo interacional. Assim sendo, toda subjetividade é *intersubjetividade*, ou seja, a essência da subjetividade é ser relacional.

A Fenomenologia fornece a base metodológica para a ascensão do

Existencialismo. Na questão da intersubjetividade, diversos pensadores elaboram filosofias relacionais tais como Martin **Buber**, por exemplo.

A Fenomenologia de Husserl influencia diretamente a criação da "Daseinanalytik", ou Analítica Existencial, de **Heidegger** cuja obra de referência capital é o "Ser e Tempo". Ainda no campo da filosofia, a Fenomenologia de Husserl influencia diretamente o pensamento de Jean-Paul **Sartre**, Emmanuel Levinas e outros.

No terreno da Psicologia e da Psiquiatria, Husserl influencia o pensamento de Binswanger (criador da "Daseinanalyse" ou Análise Existencial), além dos trabalhos de Rollo May (que elabora uma modalidade de Psicologia Existencial) e Viktor Frankl que desenvolve a Logoterapia. Todavia a maior influência da Fenomenologia é sobre a Gestalt-Terapia e a **Abordagem Centrada na Pessoa**, através de sua ênfase no presente, no aqui-e-agora, na relação existencial entre terapeuta e cliente.

(Ref.: Boris, 1994; Forghieri, 1984, 1993; Giles, 1989; Gomes, 1986a, 1986b, 1988b; Holanda, 1993b; Husserl, 1976, 1985, 1992; Moreira, 1990, 1993, 1994; Keen, 1989; Fonseca, 1989; Moreira, Saboia, Beco & Soares, 1994)

FOCALIZAÇÃO

A "focalização" é a técnica do processo de *experienciação* descrito por Eugene **Gendlin**, que enfatiza uma atenção interior direta com o desconforto corporal (sentido) especificamente conectado com um problema ou situação (Corsini, 1984). É definida como a habilidade de facilitar a experiência ou o processo experiential em psicoterapia (Puente, 1979a). A técnica da focalização é encarada como complementar ao *reflexo de sentimentos* proposto por Rogers.

"O método de focalização desenvolvido por Gendlin refere-se a uma sucessão de passos propostos ao cliente para conduzi-lo na direção de seu próprio processo experiential" (Cury, 1987:68). Gendlin ainda divide a focalização em quatro fases: 1) Referência direta em psicoterapia, que consiste na "focalização da atenção num significado concretamente sentido"; 2) Abertura ou revelação, que representa uma descoberta gradual para o indivíduo ou mesmo uma revelação instantânea; 3) Aplicação global, quando "o indivíduo é inundado por associações novas e variadas e por conteúdos da memória, todos relacionados com o significado recém-aprendido" (Cury, 1987:71) e; 4) Movimento do referente, que ocorre após a efetivação das etapas anteriores.

Gendlin ainda assinala que as funções do terapeuta ao longo deste processo se dirige para possibilitar ao cliente a reconstituição do necessário para uma experiência adequada.

"Na prática, a focalização efetiva-se na articulação de três fatores: o sujeito da experiência, o ato de experienciar e o objeto experienciado. Define-

se 'experiência' como o fenômeno expresso numa dada situação ambiental enquanto corporificação (a presença ativa do mundo de um sujeito corporificado). Define-se 'experienciar' como o ato de percepção desta situação ambiental incluindo o sujeito (a percepção de um sujeito corporificado enquanto presença no mundo). Por fim define-se 'experienciação' como o produto total e transformado deste movimento de apreensão e entendimento (a percepção expressa enquanto significação de minha presença corporificada no mundo) (...) Assim, a focalização, enquanto procedimento psicoterapêutico, constitui-se numa seqüência de instruções (portanto diretiva), onde comandos verbais e momentos de silêncio alternam-se para reunir as condições necessárias e suficientes à descrição, definição e interpretação do discurso do sujeito enquanto experiência" (Gomes, 1988b:44-45).

(Ver *Psicoterapia Experiencial*)

FUNCIONAMENTO ÓTIMO

"Dizemos que há funcionamento ótimo quando a estrutura do eu é de um modo tal que permite a integração simbólica da totalidade da experiência. A noção de funcionamento ótimo equivale, pois, à noção de acordo perfeito entre o eu e a experiência, e à noção de receptividade ou de abertura perfeita à experiência. No plano prático, toda a melhoria do funcionamento ótimo representa, assim, um passo na direção desse ótimo" (Rogers & Kinget, 1977, I:173).

Para que isto ocorra, é preciso que haja boa receptividade do indivíduo associada a uma **abertura à experiência**. Neste sentido, o funcionamento ótimo pode ser encarado como um processo contínuo de crescimento e aperfeiçoamento, com vistas a um estado mais congruente.

Esta noção surge da hipótese de um processo psicoterapêutico que alcança a sua plenitude, ou seja, um nível "ótimo" de desenvolvimento. Nesta situação hipotética de uma pessoa funcionando "plenamente", diria-se que esta seria capaz de experimentar e aceitar plenamente as suas experiências (quaisquer que sejam estas), como suas. No intuito de apreender sua situação existencial, faria uso de sua totalidade orgânica; além disso, usaria conscientemente todos os dados que fosse capaz de receber. Uma pessoa funcionando "plenamente", seria dotada de uma confiança irrestrita em seu organismo, deixando-se guiar pelas diversas alternativas.

"Esta pessoa seria, pois, capaz de enfrentar todos os seus sentimentos e não se sentiria ameaçada por qualquer um deles. Seria o seu próprio juiz: ela todas as fontes de dados sem excluir qualquer delas. Estaria totalmente comprometida no processo pelo qual se torna, cada vez mais, ela mesma" (Rogers & Kinget, 1977, I:265).

Justo (1987) complementa a idéia arrolando as características de uma pessoa em "funcionamento pleno": crescente abertura à experiência; vida progressivamente mais existencial; confiança no organismo; utilização de um centro interno de avaliação e engajamento num processo.

Wood (1995) cita o conceito de pessoa em funcionamento pleno como sendo de utilização mais adequada à tradução do termo original, "The Concept of Fully Functioning".

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

Rogers, pessoalmente, relata haver sido influenciado por algumas personalidades, mas destaca que suas idéias derivam basicamente de sua experiência clínica e pessoal. Baseado neste pressuposto, podemos subdividir os fundamentos filosóficos da Abordagem Centrada na Pessoa sob dois prismas. Inicialmente podemos analisar a Abordagem Centrada na Pessoa como relativa à figura de Rogers e, portanto, a fundamentação filosófica se restringe - basicamente - às "influências" sofridas por ele. Num segundo momento, pode-se avaliar a Abordagem Centrada na Pessoa como uma formulação que transcende à personalidade de Rogers.

Genericamente, a Abordagem Centrada na Pessoa se enquadra na perspectiva de uma **Psicologia Humanista**, que apresenta sua fundamentação filosófica calcada, basicamente, na **Fenomenologia** e no **Existencialismo**, além de possuir outras correlações no campo da Filosofia.

Podem ser percebidos, no pensamento de Rogers, direcionamentos filosóficos que o aproximam de pensadores tais como Søren Kierkegaard, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre e Martin Buber. Alguns outros estudos apontam ainda para correlações com Heráclito de Éfeso, Jean-Jacques Rousseau, e pensadores modernos como Paul Tillich, Gregory Bateson, Ludwig Binswanger e outros.

Rogers, pessoalmente, apresenta um pensamento fundamentado em conceitos oriundos de sua formação pessoal. Em especial, podem ser destacados: o papel da religião e da biologia, da filosofia e dos conceitos de ciência empírica.

Dentre as personalidades que mais influenciaram a formação de seu pensamento, encontramos relatos de figuras tais como Otto Rank, Alfred Adler, Karen Horney, H. S. Sullivan, Kurt Lewin, Erich Fromm, Max Wertheimer, Kurt Koffka e Köhler, além dos psicólogos humanistas Abraham Maslow, Rollo May e Eugene Gendlin (Puente, 1970; Bastos, 1985; Holanda, 1993b; Wood, 1995). Rogers também se considera devedor do pensamento de Kurt Goldstein (Gondra, 1981) e aponta para uma dívida intelectual com os trabalhos de J. Taft e F. Allen (Rogers, 1946; Santos, 1968).

Rogers (1983) ainda escreve sobre correlações que encontrou com pensadores tais como o historiador da ciência Lancelot Whyte, além do

idealizador do holismo Jan Christian Smuts; o físico Fritjof Capra; o filósofo da ciência Magohah Murayama, o teólogo Michael Polanyi e o físico-químico Ilya Prigogine.

Puente (1970) lembra das influências sofridas por Rogers pela filosofia da Educação e, em particular, das idéias de John Dewey e J. Kilpatrick (seus professores no *Teacher's College*). Ao mesmo tempo, recebe muita informação da chamada "psicologia americana" numa tendência positivista e científica. Durante sua permanência em Nova York, Rogers ressalta a importância da obra de Freud e de outras personalidades de orientação psicanalítica que encontra no decorrer da evolução de seus trabalhos (como Karen Horney, H.S. Sullivan, Otto Fenichel, Franz Alexander e T. M. French). O autor ainda reforça a importância do impacto recebido pelo contato com os *social workers* de orientação rankiana e dos psicólogos da *self-theory*, como Victor Raimy, G. W. Allport, A. Angyal, P. Lecky, D. Snygg e A. W. Combs. Por fim, no que concerne à sua concepção fenomenológica de terapia, Puente releva a influência já citada de E. Gendlin bem como de F. Zimring.

(Ref.: Pervin, 1978; Evans, 1979; Leitão, 1986; Advíncula, 1991a, 1991b; Moreira, 1990, 1993, 1994; Holanda, 1992a; Gomes, 1988b; Fonseca, 1989; Moreira, Saboia, Beco & Soares, 1994)



GENDLIN, Eugene T.

Um dos colaboradores mais próximos de Rogers, Eugene Gendlin (1926-) foi responsável por uma significativa mudança na Abordagem Centrada na Pessoa, em especial no que tange a uma concepção mais dinâmica da mudança de personalidade (Puente, 1970). Para Gomes (1988b), Gendlin foi mais do que um colaborador, chegando a exercer importante papel na transformação da teoria de Rogers de fenomenológica para existencial.

Nascido em Viena, tem toda sua formação realizada nos Estados Unidos, onde doutora-se em 1958, pela Universidade de Chicago, onde estudou com Rogers. Quando este se muda para Wisconsin, Gendlin o acompanha (Cury, 1987). Em 1963, funda o jornal da Divisão de Psicoterapia da *American Psychological Association*, o *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, no qual permanece editor até 1976. No ano de 1970, recebe o *Distinguished Professional Psychologist Award* da referida divisão da APA, por suas pesquisas sobre sucesso em processos psicoterápicos (Corsini, 1984). Atualmente leciona no Departamento de Psicologia da Universidade de Chicago.

A figura de Gendlin está intimamente associada a conceitos tais como **focalização** e **experienciação** (derivando estes conceitos para a *Psicoterapia Experiencial*). Uma de suas principais contribuições foi a elaboração da Escala de Experienciação (*Experiencing Scale*), desenvolvida em parceria com Marjorie H. Klein, Philippa L. Mathieu e Donald Kiesler, e que serve para avaliar mudanças no envolvimento do cliente, bem como as interveções do terapeuta e a interação terapeuta-cliente.

Sua principal obra é *Experiencing and the Creation of Meaning*, publicada em 1962. Para Gendlin, toda conceptualização ou simbolização é produto da interação da "experienciação" com os símbolos já captados.

Para Gomes, (1988b), Gendlin avança a teoria de Rogers em dois sentidos: "Primeiro, resolve o problema teórico da dualidade entre organismo e self chamando a atenção para esta relação dinâmica e global entre a experiência sentida e sua simbolização, que é o processo de experienciar (...) Segundo, providencia um método onde as dimensões da experiência (existência e lógica) podem ser verificadas empiricamente" (Gomes, 1988b:43).

(Ref.: Gendlin, 1962; Klein, Mathieu, Gendlin & Kiesler, 1970)

GENUINIDADE

É utilizada para definir a qualidade de ser original, único. Na Abordagem Centrada na Pessoa, corresponde ao conceito de **autenticidade** ou de **congruência**.

(Ref.: Corona, 1978; Rogers, 1987a; Justo, 1987)

GROWTH

Ver *Desenvolvimento, noção de*.

GRUPOS DE ENCONTRO

Também chamado de "grupo de encontro básico" (Rogers, 1980), é o nome dado ao modelo de trabalho realizado com grupos na Abordagem Centrada na Pessoa. É uma experiência de grupo intensivo e planejada que se propõe a acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento da comunicação, bem como o incremento das relações interpessoais, a partir de um processo experiential. No decorrer do tempo, ganhou diversas denominações, como "T-group" ou "treino de sensibilidade".

Para Rogers, os Grupos de Encontro são a "invenção social do século", encontrando aplicações nas mais diversas áreas e situações, tais como indústrias, universidades etc.

Os Grupos de Encontro têm sua origem mais remota nos trabalhos de Kurt Lewin que, em 1947, desenvolve um treino de capacidades em relações humanas que, num primeiro momento, recebe a denominação de "T-Group" (ou "training group"). Sua evolução passa também pelas experiências intensivas efetivadas por Rogers e sua equipe na Universidade de Chicago - por volta de 1946 e 1947 - com treino de aconselhadores para Veteranos.

Segundo sua definição, [o trabalho com grupos de encontro] "era uma tentativa para ligar a aprendizagem experiente com a cognitiva, num processo que tinha valor terapêutico para os indivíduos (...) Os grupos de Chicago orientaram-se, fundamentalmente, para o crescimento pessoal, desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, em vez de serem estes os seus objetivos secundários (...) Os alicerces conceptuais de todo este movimento foram inicialmente, por um lado, o pensamento lewiniano e a psicologia gestáltista e, por outro, a terapia centrada no cliente" (Rogers, 1980:15-16).

Esta experiência de grupo intensiva prosperou para diversas modalidades tais como os "grupos de treino de sensibilidade", os "grupos orientados para a tarefa", os "grupos de percepção sensorial", os "grupos de criatividade", bem como outros (Rogers, 1980).

Em linhas gerais, o grupo de encontro é composto por um número pequeno de participantes (de oito a dezoito pessoas), caracterizando-se por

ser "relativamente não estruturado", ou seja, o próprio grupo é que define seus objetivos e direções. Este grupo conta com um **facilitador**, cuja função é favorecer a expressão dos sentimentos e pensamentos dos membros do grupo. A tendência é que a aprendizagem advinda dentro do grupo transponha-se para as demais relações interpessoais (familiares, de trabalho etc.).

Um elemento importante e definidor dos grupos de encontro é o fato desses grupos não terem um líder propriamente dito, dado que o facilitador não conduz o processo de uma maneira direta. O próprio grupo passa a ser, paulatinamente, o facilitador de si mesmo.

O processo de um grupo de encontro se dá a partir de diversas etapas que são observadas nas mais diversas modalidades grupais.

- 1) A primeira fase de um grupo de encontro é - invariavelmente - a "fase da hesitação" ou do "andar em volta" (*milling around*). Dado o nível de liberdade existente neste tipo de grupo, é natural que haja um período inicial de confusão, de um silêncio embarracoso, cuja comunicação é superficial e "cerimoniosa". A idéia básica é: não há uma estrutura pré-formada. Esta estrutura deve ser organizada pelos membros do grupo.
- 2) Num segundo momento, há uma considerável "resistência à expressão ou explorações de conteúdos pessoais".
- 3) Após este período, a expressão inicial se dá a partir de "descrições de sentimentos passados". É uma forma de se manter de certa forma externo ao grupo, no tempo e no espaço.
- 4) "Expressão de sentimentos negativos". Primeira forma de expressão no *aqui e agora*, como expressão de sentimentos negativos aos membros do grupo; consiste num primeiro momento de "sentimentos atuais pessoais". Segundo Rogers, estas expressões "é uma das melhores maneiras de avaliar a liberdade e confiança do grupo. Será o grupo realmente um lugar em que posso ser eu próprio e me exprimir, positiva e negativamente? Será um lugar realmente seguro, ou arrependido-me-ei? Outra razão, diferente, é que os sentimentos profundos positivos são muito mais difíceis e perigosos de exprimir do que os negativos (...) Sejam quais forem as razões, estes sentimentos negativos tendem a ser o primeiro material 'aqui e agora' a aparecer" (Rogers, 1980:37).
- 5) "Expressão e exploração de material com significado pessoal". Momento onde o indivíduo começa a perceber que há no grupo uma liberdade da qual pode usufruir, "*embora uma liberdade arriscada*". O indivíduo começa a se revelar ao grupo, arriscando-se a que o grupo o conheça mais intimamente.
- 6) "Expressão de sentimentos interpessoais imediatos no grupo". Atitude que surge no crescente de confiança do grupo. Momento no qual as expressões são dirigidas a membros do próprio grupo como consequência do momento vivencial no qual estão inseridos.
- 7) "O desenvolvimento dumha capacidade terapêutica no grupo", onde o grupo passa a trabalhar seus próprios problemas por si.



- 8) "Aceitação do eu e começo da mudança". "É muito freqüente esta sensação de maior verdade e autenticidade. É como se o indivíduo aprendesse a aceitá-lo e a ser ele próprio, lançando assim as bases para uma mudança. Está mais perto dos seus próprios sentimentos, que, por isso, não são já tão rigidamente organizados e estão mais abertos à mudança" (Rogers, 1980:39).
- 9) "O estalar das fachadas". O grupo passa a se incomodar quando um membro se posiciona atrás de alguma fachada. O grupo passa a exigir a expressão dos sentimentos desta pessoa.
- 10) "O indivíduo é objeto de reação (feedback) por parte dos outros".
- 11) "Confrontação". Um indivíduo se confronta com outro.
- 12) "Relações de ajuda, fora das sessões de grupo".
- 13) "O encontro básico". Os indivíduos tomam contato entre si, de maneira mais íntima, do que é freqüente no cotidiano. Neste ponto, Rogers fala das "relações Eu-Tu" de *Buber*. "Um membro, tentando exprimir as suas experiências, logo depois de um workshop, fala do 'compromisso de relação' que freqüentemente se desenvolve em dois indivíduos - e não necessariamente entre indivíduos que simpatizassem um com o outro desde o início" (Rogers, 1980:46).
- 14) "Expressão de sentimentos positivos e intimidade". Como consequência de um clima de aceitação, é inevitável a expressão de sentimentos que levam a uma maior intimidade.
- 15) "Mudanças no comportamento do grupo". Mudam os gestos, os tons de voz, os modos de se portar em relação aos outros. Mudam ainda as relações com a família, grupo social, colegas de trabalho etc. "Por vezes são mais sutis as transformações descritas. A principal alteração é a descoberta positiva da minha capacidade de ouvir e de sentir o 'apelo mudo' de alguém" (Rogers, 1980:48).

A partir de 1968, no *Center for Studies of the Person*, Rogers iniciou um programa de facilitação de grupo, para grupos de 50-100 pessoas. Em 1973, este projeto foi ampliado para uma nova modalidade de trabalho grupal: mais de uma centena de pessoas em regime de comunidade, por um período de duas semanas ou mais. Nestas comunidades, apenas um programa mínimo é planejado com antecedência, e a única atividade "oficial" é exatamente o grande encontro (Wood, 1983).

Esta modalidade de trabalho grupal se disseminou por vários países. Além disso, nos Encontros da comunidade da Abordagem Centrada na Pessoa, utiliza-se um modelo semelhante de interação grupal.

(Ref.: Pagès, 1982; Wood, 1985, 1987a; Fonseca, 1988; Reale & Antiseri, 1991)

(Ver Apêndice O Modelo de Trabalho com Grupos na Abordagem Centrada na Pessoa)

HEIDEGGER, Martin

Filósofo alemão, nasceu em Messkirch, em 1889, e faleceu em 1976. Estudou Filosofia na Universidade de Freiburg (1916) onde é aluno de Rickert e Husserl. Em 1923 é nomeado para lecionar na Universidade de Marburg, e logo em seguida, sucede a Husserl na cátedra de Filosofia de Freiburg. Heidegger é um dos filósofos contemporâneos mais importantes.

A obra mais importante de Heidegger é o *Ser e Tempo* (*Sein und Zeit*) publicado em 1927. Esta obra se caracteriza pelo afastamento de seu pensamento da *Fenomenologia* de Husserl, e marca o início de sua reflexão acerca da questão da existência humana, além de discussões sobre a metafísica. A partir desta obra, Heidegger desenvolve a *Analítica Existencial*.

Sua intenção é resgatar "a importância fundamental da questão do ser, que na tradição do pensamento moderno dera lugar à problemática do conhecimento e da ciência. É necessário para Heidegger realizar uma destruição da ontologia tradicional para recuperar o sentido originário do ser" (Japiassu & Márcondes, 1990:116).

A partir daí, Heidegger propõe que a existência somente pode ser entendida a partir do *ser-no-mundo*, a partir do *ser-aí* ou *Dasein*. Heidegger utiliza o método fenomenológico na análise do "Dasein". Assinala que o homem não pode ser categorizado, visto não ser uma coisa entre as coisas. Ao invés das categorias tradicionais, o ser humano é caracterizado por estruturas existenciais (Pires, 1990). O ser só pode ser compreendido na sua essência que é o *ex-sistere*, sua "existência". Como um ser que se refere a si mesmo, o homem se torna ligado ao mundo (*Dasein*).

O Ser do homem é um Ser que não se deixa reduzir à objetividade, à simples-presença. "O ser-aí não é nunca uma simples-presença, já que ele é precisamente aquele ente para o qual as coisas estão presentes" (Reale & Antiseri, 1990:583), não se pode reduzir a simples estar-presente.

Para Heidegger, a apreensão do ser se dá a partir da linguagem, visto que considerava a linguagem como a "morada do ser". Este, além da questão da verdade, é um dos temas centrais de sua filosofia. Para Heidegger, verdade é desvelamento, revelação do ser; e a essência da verdade consiste na liberdade, no mostrar-se tal qual se é (Pires, 1990). Já a linguagem não é simples construção humana, mas a própria casa do ser.

Uma outra questão importante para Heidegger é a questão da morte. Quando esta se torna realidade, não há mais existência, ou seja, "enquanto há o existente, a morte é possibilidade permanente e essa é a possibilidade de que todas as outras possibilidades tornem-se impossíveis" (Reale & Antiseri, 1990:586). A existência autêntica é a de um ser-para-a-morte, e a possibilidade da morte é possibilidade da existência "e somente assumindo essa possibilidade com decisão antecipadora é que o homem encontra o seu ser autêntico" (Reale & Antiseri, 1990:587). Segundo Heidegger a morte é a possibilidade mais própria, incondicionada e insuperável. Própria por dizer respeito à essência da existência; intransponível por ser a última possibilidade da existência; e incondicionada por pertencer somente ao indivíduo. Ninguém assume o morrer do outro.

Obras capitais: "Ser e Tempo" (1927); "Kant e o Problema da Metafísica" (1928); "Introdução à Metafísica" (1935); "Carta sobre o Humanismo" (1946).

(Ver *Fenomenologia, Existencialismo*)

(Ref.: Heidegger, 1957, 1988; Giles, 1989; Jolivet, 1961; Delacampagne, 1997)

HERÁCLITO

Um dos mais importantes pensadores da Grécia pré-socrática, é considerado o "pai da dialética". Chamado de "o obscuro" por usar constantemente de metáforas e aforismos, contam os historiadores que Heráclito teria depositado sua obra, em estilo enigmático, no templo de Ártemis. "Heráclito, filho de Blôson, ou segundo outros autores de Herácon, nasceu em Éfesos; estava no apogeu da 69ª Olimpíada [504-501 a.C.]. Era o mais altivo que qualquer outro homem, e olhava para todos com desdém, como demonstra claramente sua própria obra, na qual diz: 'A erudição não ensina a ser inteligente, pois, se ocorresse o contrário, teria ensinado a Hesíodos e a Pitágoras, e também a Xenofanes e Hecataios. A sapiência consiste em uma coisa: entender a razão que governa todo o mundo em toda parte'" (Diogenes Laertios, 1988:251).

Os conceitos principais da filosofia heraclítica são o Logos e o Devir. O "Logos" heraclítico corresponde ao princípio ativo do Universo, ou seja, é aquilo segundo o qual as coisas acontecem, é o que governa a própria realidade, é a lei universal. O Logos assim, é para Jean Brun (1988) "simultânea e paradoxalmente, um Sentido que nos é transcendente e uma significação que nos é imanente".

Heráclito observava o ciclo contínuo de mudanças que ocorriam no mundo, ciclos constantes de transformação, permanentes, sejam em escala ascendente, sejam numa escala descendente, mas quantitativa e qualitativamente equivalentes. Conseqüência disto seria uma visão de um mundo caótico, perpetuamente agitado e rebelde a toda uma sistematização ou explicação estática.

O conceito de *Devir* estabelece todo o dinamismo da filosofia heraclítica. É ele que determina que as coisas estão em constante e perpétuo movimento. Poderíamos resumir em três pontos esta parte da filosofia de Heráclito: 1) A essência, o "elemento primordial", é o *devir*, ou seja, o vir-a-ser. Tudo se encontra em perpétuo fluxo; a realidade está sujeita a um contínuo e ininterrupto vir-a-ser, da mesma forma que uma criança está vindo-a-ser um adolescente, que por sua vez está vindo-a-ser um adulto, e assim por diante. Esta é a sua famosa máxima *Panta Rhei*, ou "tudo flui"; 2) o vir-a-ser é antítese, luta, oposição entre contrários, revezar-se de vida e morte, não é puro devir linear; antes, se desenrola no interior de um círculo e, 3) este círculo, este vir-a-ser e esta oposição são reconduzidos à estabilidade e à unidade pela harmonia, pela sabedoria universal, que determina o acordo entre as oposições.

A correlação encontrada entre o pensamento de Heráclito e a proposta de Rogers está na consideração da psicoterapia como um processo de transformação, de mudança. Existem ainda semelhanças muito fortes entre o pensamento de Heráclito e a *psicologia humanista*. Isto pelo fato de que, em sentido mais profundo, os conceitos de *Logos* e de *Devir* estão relacionados a uma crença num princípio motivador e impulsionador universal, algo inerente, intrínseco aos organismos e ao universo como um todo; crença esta que encontramos no pensamento de nomes como Abraham *Maslow*, Viktor Frankl, Rollo May e Carl *Rogers*.

(Ref.: Holanda, 1992a; Bréhier, 1962; Brun, 1988; Durant, 1988; Reale & Antiseri, 1981; Lalande, 1956)

HOMEM, Noção de

Subjacente à prática existe uma "noção de homem", que é um modo de se perceber o ser humano. Este modo de percepção dá sustentação e direcionamento ao trabalho. É uma determinada crença no que é o ser humano.

Na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa e do pensamento de Rogers, não encontramos uma noção fechada de "homem", em boa parte devido à sua perspectiva dialética da realidade humana. O interesse central da Abordagem Centrada na Pessoa está no modo de funcionamento e mudança de personalidade, não restando muito espaço para uma estrutura acabada do indivíduo.

Rogers revela em seus escritos e no seu trabalho, uma profunda confiança no organismo humano. Para ele, o homem possui uma natureza que lhe é própria, tendo um valor positivo, direcionado para o crescimento e a evolução. O homem é um ser que cria significações na vida e expressa sua liberdade.

Para Puente (1970), Rogers possui uma concepção de pessoa humana

cujas características são o fato de ser uma totalidade, um *organismo*; ser independente e autônomo no qual os sentimentos desempenham grande papel e este organismo possui uma capacidade para o crescimento.

"Para Rogers - ao contrário de Rousseau -, o homem não é considerado como uma essência perfeita, maculada pela sociedade, mas tem características próprias de um ser positivo, progressista, construtivo, realista e, principalmente, merecedor de confiança" (Holanda, 1993b).

Na sua concepção de uma personalidade em "funcionamento ótimo", *Rogers* encara o ser humano como tendo uma inteira confiança em si mesmo, com uma imensa capacidade criativa, uma imensa riqueza interior, sendo um ser livre, "mestre de si mesmo, capaz de desenvolver suas imensas potencialidades" (Puente, 1970:127).

Poderíamos sugerir que a "noção de homem" no pensamento de Rogers seria correspondente à seguinte definição: "...um ser concreto, situado historicamente, criador e transformador da natureza e de si mesmo, através das relações que estabelece com outros homens". (Freire, 1987:78).

(Ver *Pessoa*)

(Ref.: Leitão, 1986; Moreira, 1990)

HOMEOSTASE

O conceito de "homeostase" foi introduzido em 1932, pelo fisiologista americano Cannon, para designar "a totalidade de efeitos responsáveis por manter certa constância fisiológica (relativa). Cannon distinguiu vários níveis homeostáticos hierárquicos: comportamento reflexo e instintivo, hábitos adquiridos e adaptações, e por fim ações voluntárias - que entram a serviço do sistema auto-regulador, destinado a manter um 'equilíbrio fluido'" (Arnold, Eysenck & Meili, 1982, II:168).

Normalmente a noção de homeostase está associada ao conceito de "equilíbrio" ou simplesmente "auto-regulação". A expressão "equilíbrio fluido" foi cunhado por L. Von Bertallanfy, e corresponde a uma idéia sistêmica de retroalimentação. Já no pensamento de Kurt Goldstein encontramos a idéia de processo homeostático num sentido de equilibrar-se e reequilibrar-se.

Para Rogers, o termo "homeostase" mantém íntima relação com a sua idéia de tendência ao crescimento ou necessidade de realização (Ver *Tendência Atualizante*). Neste sentido, difere da noção tradicional de homeostase como "equilíbrio final" ou "redução de tensões". Para Rogers, a idéia de homeostase pressupõe a tensão. Vale ressaltar que esta idéia de tendência a uma atualização encontra sua base nas idéias de Goldstein.

(Ver *Desenvolvimento e Personalidade*)

(Ref.: Corsini, 1984; Justo, 1987)

HUMANISMO

O vocábulo "humanismo" possui diversas acepções. No sentido mais tradicional, refere-se ao movimento de retorno à cultura clássica (aqui compreendida como a cultura greco-latina, admirada por suas concepções estéticas e filosóficas), sob a ótica da literatura, da lingüística, da arte e da filosofia, que teve sua gênese na Itália dos séculos XV e XVI, caracterizando assim a Renascença. Este "renascimento" deu prosseguimento ao ideal da *Paideia* grega e da *Humanitas* latina, assimilando-os à cultura da época (Pacheco, 1990).

Etimologicamente temos que o Humanismo é tudo aquilo que se volta para o humano, que é "relativo ao homem" (Cunha, 1991), embora seja uma concepção demasiado abrangente para ser tomada por definição. "O humanismo é uma idéia, centrada no humano. É a tomada do humano por objetivo. É a tentativa de transcender a si mesmo e se centrar no homem como objeto próprio. Falar de um humanismo é, fundamentalmente, expressar uma atitude diante do fenômeno humano. É uma consideração valorativa do gênero humano, atribuindo-lhe um sentido" (Holanda, 1993b:1).

Heidegger (1957:36) coloca que: "...por humanismo em sentido geral, se entende o esforço tendente a tornar o homem livre para a sua humanidade e a levá-lo a encontrar nessa liberdade sua dignidade, então o humanismo se diferenciará segundo a concepção de "liberdade" e de "natureza" do homem".

A posição humanista é a de questionar exatamente este ser humano; é de se perguntar sobre o que é o homem? ou ainda, quem é o homem? Os filósofos pré-socráticos devem ser considerados os verdadeiros fundadores do pensamento ocidental. O próprio Sócrates muito deve a estes pioneiros pensadores.

Protágoras de Abdera (Séc.V a.C.) é sucessivamente apontado pelos pensadores humanistas como o ponto de referência das idéias humanistas na Grécia antiga. Durant (1988), em sua obra histórica, refere-se a Protágoras como o maior dos sofistas, na qualidade de quem "começou o subjetivismo na filosofia". Seu pensamento se sobressai à Sofística por trazer à tona a questão da individualidade e do relativismo em meio a uma afirmação da superioridade da vida social baseada na técnica do ensino da "virtude política" (Bréhier, 1962), como a usada pela maioria dos sofistas. Este "humanismo" sofístico de Protágoras surge da sua máxima que diz: "O homem é a medida de todas as coisas, do ser daquilo que é, do não-ser daquilo que não é" (Japiassu & Marcondes, 1990).

O humanismo no seu sentido mais estrito, começou com o advento da Renascença (Sécs.XV-XVI), considerada uma cultura humanista. O humanista na Renascença era aquele que cultivava as *humanidades*, as "humanitas". Era uma tentativa de reintegrar o homem ao mundo da natureza e da história, e de interpretá-lo nesta perspectiva. Uma reação à obscuridade medieval, e uma

reformada da *humanitas* grega, no sentido da educação do homem nos moldes da *Paideia*. Segundo os ideais renascentistas, o homem antigo era aquele que se formava a si próprio graças à penetração da livre razão (Husserl, 1976).

Nogare (1985) classifica os humanismos em histórico-literário, que se refere diretamente ao humanismo renascentista; especulativo-filosófico, que estabelece a visão de homem de um determinado pensador; e, ético-sociológico, que visa o real, o costume e o social. Na sua concepção, o mais adequado seria a consideração sartreana de atribuição de algo característico ao ser humano em relação aos outros seres, o que permitiria divisar um humanismo e um anti-humanismo.

Numa outra tentativa de esclarecer os diversos sentidos do humanismo, temos em Etcheverry (1975), um humanismo racionalista, caracterizado pelo primado do pensamento e pela autonomia do espírito a partir de sua consciência criadora; um humanismo existencialista, onde o homem aparece como ser colocado no mundo, num posicionamento vinculado à sua liberdade e à sua projeção no mundo, cujo sentido está no vivido; um humanismo marxista, com o primado do materialismo dialético e histórico, e a colocação do homem face à questão da alienação; e um humanismo cristão, que coloca o homem como senhor do universo, segundo o mistério da cristandade.

A definição de homem, a busca de sua identidade, uma atitude frente ao fenômeno humano caminham no sentido de valorizar este homem, de considerá-lo como um valor. O humanismo passa a ser então a valorização do humano, uma atitude de valorização frente ao fenômeno humano. Estas são algumas das características principais da idéia humanista contemporânea. O ser humano é diverso dos demais seres, e esta particularidade o torna o centro de interesse do humanismo.

O humanismo deriva em diversas considerações. Contemporaneamente, podemos assinalar que o humanismo encontra eco nos pensamentos de Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Martin Buber (e em todo o movimento característico do *Existencialismo*).

(Ver *Fenomenologia, Psicologia Existencial e Psicologia Humanista*)
(Ref.: Heidegger, 1957; Sartre, 1970)

HUSSERL, Edmund

Edmund Husserl é um dos principais filósofos do nosso século. Foi o idealizador da *Fenomenologia* e seu pensamento é determinante na formação do *Existencialismo*. Sua obra é uma tentativa de fundamentação epistemológica da Filosofia; sendo que seu compromisso era de tornar a Filosofia uma “ciência rigorosa”. Para realizar esta tarefa, Husserl resgata a questão da *subjetividade* de Descartes, transcendendo sua filosofia no estabelecimento da *intersubjetividade*.

De origem judaica, Husserl foi proibido de publicar qualquer texto durante o governo nacional-socialista alemão. Suas obras foram queimadas junto às de outros judeus, sendo que seus manuscritos originais foram salvos e encaminhados clandestinamente ao exterior por alunos e colaboradores e posteriormente publicados integralmente em Haia.

Seu pensamento foi muito influenciado por seu professor Franz Brentano, de quem apreende o primordial de suas idéias e as desenvolve, em especial os conceitos de *intencionalidade da consciência* e de *redução*. Husserl nasceu na cidade de Prostnitz, na Morávia, em 1859; graduou-se em Matemática em Leipzig e, em 1882, doutora-se em Viena. Falece em 1938.

Sua obra e seu pensamento fornecem subsídios que influenciam diversos pensadores como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Martin Buber, Max Scheler e Emmanuel Levinas. Além disso, a Fenomenologia se torna fundamento de praticamente todas as correntes humanistas de Psicologia, em especial a *Abordagem Centrada na Pessoa*, a Gestalt-Terapia, a *Dasein-análise*, a Logoterapia e outras.

Suas obras capitais: “Investigações Lógicas” (1900-1901); “A Filosofia como Ciência Rigorosa” (1910); “Idéias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica” (1913); “Lógica Formal e Transcendental” (1929); “Meditações Cartesianas” (1931); “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” (1936).

(Ver *Fenomenologia*)

(Ref.: Quintanilla, 1996; Japiassu & Marcondes, 1990; Giles, 1989)



IMAGEM DE SI

Ver *Self*.

IMERSÃO

Denominação dada aos *Grupos de Encontro*, no sul do Brasil, em especial no Rio Grande do Sul.

A proposta de mudança na nomenclatura consistiu numa necessidade de se diferenciar do termo *Workshop* (muito utilizado nesta região, em outras linhas psicológicas).

(Ver Apêndice *Modelo de Trabalho com Grupos na Abordagem Centrada na Pessoa*)

INCONGRUÊNCIA

Refere-se ao estado de desacordo entre a *experiência*, sua simbolização e os sentimentos despertados por este. É ainda representado como a diferença sentida pela pessoa entre o que ela é e o que gostaria de ser.

(Ver *Autenticidade*)

INCONSCIENTE

Apesar de não ser tema específico da Abordagem Centrada na Pessoa, Rogers trata diversas vezes da questão do "inconsciente". Por "inconsciência" podemos entender a "condição em que está suspensa a capacidade de perceber e agir conscientemente. O estado de inconsciência mais profundo é o coma. A inconsciência resulta de ameaça a todo o organismo (...) ou de perturbação direta do funcionamento do cérebro" (Arnold, Eysenck & Meili, 1982, II:215-126).

A noção de "inconsciente" tornou-se popular a partir das elaborações psicanalíticas de Freud. Para Freud, o inconsciente se constitui de elementos que nunca foram conscientes e não estão acessíveis à consciência. Este conceito faz parte de sua elaboração topográfica do aparelho psíquico, que inclui o consciente e o pré-consciente.

Rogers, em sua obra, lida com o inconsciente a partir de sua análise da psicodinâmica da personalidade. Para ele, a psicodinâmica se aplica a duas noções: "De um lado, a palavra designa uma realidade psíquica, um conjunto de forças internas, na maioria inconscientes, que exercem um papel importante na determinação do comportamento. Por outro lado, refere-se a um sistema de abstrações relacionado com estas forças. Ora, este conjunto de forças vivas, únicas e subjetivas, representa a matéria-prima de toda psicoterapia como processo de interação, enquanto que o conjunto das noções abstratas constitui o objeto de toda terapia enquanto sistema teórico" (Rogers & Kinget, 1977, I:59-60). Com esta afirmação, Rogers ressalta a importância de se tratar de questões que envolvem o inconsciente.

Historicamente, a noção de "inconsciente" se aplica a tudo o que envolve a incapacidade de explicação, compreensão ou atribuição imediata. Em termos de Abordagem Centrada na Pessoa, podemos assinalar que esta reconhece a existência de *experiências inconscientes* (Rogers & Kinget, 1977). Esta expressão, contudo, não se refere a uma "função" ou a uma "entidade" interna autônoma. Tendo em vista que a noção-chave do pensamento de Rogers é a *tendência atualizante*, qualquer instância dotada de autonomia absoluta e de poderes próprios, que não dê conta da totalidade orgâsmica, se torna incompatível com esta teoria.

É importante retomarmos o que Rogers assinala quando afirma que "...a maneira pela qual bom número de profissionais se exprime nas suas apresentações de casos, parece revelar que eles quase não tomam o inconsciente pelo que é, a saber, uma hipótese sem realidade concreta, uma proposição que tem significação apenas no contexto da teoria de que ela faz parte" (Rogers & Kinget, 1977, I:61). Isto significa que, afora a teoria psicanalítica, em teorias orientadas para o *self* (Self-Theories) ou para teorias experimentais de aprendizagem, a noção de "inconsciente" não possui um sentido próprio.

Em sentido estrito, a noção de "inconsciente", pois, não encontra suporte no cerne da teoria rogeriana, embora Puente (1979b) o correlacione à noção de "pré-consciente" freudiano. No escopo da sua teoria, outras noções tornam-se capitais, tais como *consciência* (compreendida a partir do vocábulo *awareness* que não possui correspondente em português, mas cujo significado difere sobremaneira do vocábulo *conscience*, ou "consciência" propriamente dita), *percepção* - como assinala Gondra (1981), o inconsciente se explica com relação à reorganização do campo perceptual - ou *experiência*.

Podemos entender o inconsciente como os conteúdos subjacentes e ainda não-simbolizados pelo organismo, ou seja, os "elementos conscientes", são aquelas percepções ou experiências simbolizadas; enquanto que as experiências não-simbolizadas, estariam na categoria dos "elementos experientiais não-disponíveis à consciência".

Uma quantidade razoável de experiências pertence a esta categoria do "não-simbolizável", e são consideradas como experiências que tinham pouco ou nenhum significado para o indivíduo. São elementos que foram "registrados" de alguma forma, mas que necessitam de estratégias ostensivas para serem recuperados, ou seja, "sem processos tão penetrantes da atenção e da memória, estes elementos permanecem inconscientes. Em termos 'gestaltistas', poder-se-ia dizer, que eles pertenciam ao 'fundo' e que não tinham relação com a 'figura' da experiência" (Rogers & Kinget, 1977, I:63).

Uma parcela significativa da experiência - "de importância indeterminável" - faz parte da categoria do "não-simbolizável". Seus efeitos subsistem, mas muitas vezes de tal forma amalgamados com a experiência simbolizada, que sua gênese perde seu valor, alterando ainda qualquer modalidade de interpretação desta. Associe-se a isto o fato de que a atribuição de significado que o indivíduo dá à sua experiência, muda constantemente. Em outros termos, podemos dizer que, o que realmente tem valor para uma abordagem fenomenológica são os conteúdos conscientes e como estes se articulam com aqueles que não foram ainda ou não serão simbolizados. Para designar os elementos que impedem uma simbolização. (Ver **ameaça**)

Rogers, em entrevista a Evans, reafirma sua postura fenomenológica, quando coloca que é comum se concretizar conceitos em coisas, quando estes são formas de compreensão da realidade fenomenal: "Eu preferiria pensar numa série de fenômenos: primeiro, aqueles que estão bem nítidos no campo da consciência no momento presente - o auge da consciência, elementos que você sabe que estão lá e pode lembrar, mas não formam 'figura' no momento - estão no campo 'campo', ou no 'fundo'; depois, finalmente, alguns fenômenos que estão mais e mais vagamente relacionados com a consciência, um material que está realmente impedido de chegar mesmo a uma vaga consciência, porque a sua emergência prejudicaria o conceito que a pessoa tem de si mesma" (Rogers, in Evans, 1979:41).

Para Rogers, os fenômenos são classificados num continuum, e não em estruturas. Nesta perspectiva, Shlien aponta que: "as idéias de Rogers, Snygg e Combs e outros membros de sua escola podiam expressar-se deste modo: há dois elementos, 'amplitude da atenção' e 'nível de consciência', que operam dentro de um sistema energético no qual sobem e descem os níveis de energia e a atenção é dirigida e centrada, graças às emoções" (apud Gondra, 1981:133).

Comparativamente ao conceito de "inconsciente" freudiano, Rogers discorda quanto a considerá-lo uma instância que se caracteriza por ser depositário de conteúdos passados, além de não aceitar a sua irracionalidade, nem o seu caráter alógico e atemporal. Para Rogers, considerar uma instância como tal, seria descaracterizar a compreensão de um único campo fenomenológico, ou seja, seria compartmentalizar o ser humano, segmentá-

lo, em vez de percebê-lo como uma "gestalt". A rigor, a grande diferença conceptual entre a psicanálise freudiana e as idéias de Rogers reside no fato que cada um possui uma **noção de homem**, que apresentam distintas concepções de natureza humana.

Se observarmos o conceito de "inconsciente" por uma ótica gendliniana, veremos que este o considera como uma **experienciação** bloqueada ou como um "processo incompleto" (Ver **consciência**). Gondra (1981) coloca que esta "experienciação bloqueada" não é conhecida intelectualmente visto faltar-lhe a simbolização adequada.

(Ver **Gendlin**)

(Ref.: Puente, 1970; Rogers, 1983; Advíncula, 1989)

INSIGHT

Do ponto de vista rogeriano, o *insight* não é considerado pelo prisma intelectivo ou cognitivo, mas de um ponto de vista orgânico, ou seja, é produto da reorganização interna, que se caracteriza por ser profundo e duradouro (Gondra, 1981).

Rogers constata que não há concordância entre os psicólogos no que tange à descrição do *insight*, embora estes, em sua maioria, concordem com a concepção de que o "insight" é, essencialmente, uma maneira diferenciada de perceber.

"Rogers explica três tipos de percepção que compõem o insight tal qual ele o entende: Primeiramente, uma nova percepção das relações entre as coisas já conhecidas. Por vezes, chamamos esta percepção como a experiência do "Ah!". Trata-se de um tipo de experiência pessoal, que não podemos substituir a nenhum meio intelectual (...). Em segundo lugar, a aceitação de todos os aspectos do "eu", visto que, numa atmosfera de acolhimento, o indivíduo não experimentará a necessidade de recusar o reconhecimento dos sentimentos que lhe parecem inaceitáveis do ponto de vista social, ou que não se adaptam ao "eu ideal". A pessoa se encontrará menos dividida e seu funcionamento será de uma maior unidade. Em terceiro lugar, a eleição positiva de objetivos que trazem ao indivíduo uma maior satisfação (...) uma satisfação muito mais profunda e mais estável" (Puente, 1970:107).

A idéia do "insight" é característica da primeira fase do pensamento de Rogers, o que é assinalado tanto por Puente (1970), como por Shlien & Zimring (apud Cury, 1987). Está muito relacionado, nesta fase, ao conceito de "clarificação".

(Ver **Fases do Pensamento de Rogers**)



JUSTO, Henrique

É religioso, Irmão da Congregação docente de La Salle, natural de Montenegro, RS, onde nasceu a 25 de julho de 1922. Formou-se em Psicologia na PUCRS e no Instituto Psicotécnico de Barcelona (1956-57), fundado por Emílio Mira Y Lopez. Seguiu curso de especialização na Associação Médico-Psicológica de Paris (1966-67), onde teve professores da Abordagem, ex-alunos de Rogers. Doutorou-se em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde igualmente conquistou o diploma de livre-docência em Psicologia. Foi um dos pioneiros a utilizar princípios de Rogers na psicoterapia e no ensino a partir da metade da década de 50. Após o curso de Paris, com bolsa da CAPES, organizou grupos de estudo da ACP, grupos de encontro e fundou, com outros, o "Centro de Estudos da Pessoa em Porto Alegre". Participou, em 1976, de um curso de verão com John Wood, Carl Rogers e outros mestres em La Jolla (San Diego, USA), sendo um dos promotores da primeira vinda de Rogers e equipe ao Brasil (1977). Durante quatro décadas esteve vinculado à PUCRS como professor, vice-diretor da Faculdade de Educação e diretor do Instituto de Psicologia. Atualmente, é coordenador do curso de especialização na Abordagem Centrada na Pessoa nas Faculdades La Salle (Canoas, RS - na região da Grande Porto Alegre). É autor de 23 livros e opúsculos, além de uma centena de artigos sobre psicologia, educação e espiritualidade.

Justo lançou o primeiro livro publicado no Brasil a respeito da Personalidade na ACP (*Cresça e Faça Crescer: Pensamento de Carl Rogers*), que encontra-se na 7ª edição. Também, "Abordagem Centrada na Pessoa: Consensos e Dissensos". São Paulo: Vetur, 2002 (205 páginas). Organizou o "Cadernos La Salle" nºs 6/7, 86 páginas, dedicado à ACP, da autoria de dois professores e 3 acadêmicos do Curso de Especialização na ACP do Centro Universitário La Salle, Canoas, RS. Justo abre a brochura com 20 páginas dedicadas a "Carl Rogers (1902-1987): caminhada científico-profissional". Preparou, igualmente, um capítulo de novo livro a ser lançado pelo "Instituto Delphos de Psicologia" (Porto Alegre, RS): "O Problema Religioso em Carl Rogers". Em 2001, publicou "La Salle e os Desafios do seu Tempo", 175 páginas. O mesmo, continua produzindo e participando ativamente das atividades e encontros da Abordagem Centrada na Pessoa, sendo um referencial da Psicologia Humanista.

(Ver Apêndice História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil)



KIERKEGAARD, Søren Aabye

Filósofo dinamarquês, nasceu em Copenhagen, em 1813, onde estudou Teologia e Filosofia. Faleceu em 1855. Sua filosofia é indissociável de sua vida pessoal e, particularmente, de suas angústias individuais e familiares. Em seus embates, critica o Luteranismo vigente em sua época, em favor da vivência da religiosidade; é ainda crítico voraz do hegelianismo e da metafísica especulativa (Japiassu & Marcondes, 1990).

Kierkegaard é considerado o precursor do existencialismo, tendo influenciado profundamente pensadores tais como *Heidegger* e *Buber*, por exemplo.

Para Kierkegaard, é preciso, antes de tudo, existir; não se alcança o ser da verdade pelo pensamento (o que o caracteriza como antiintelectualista). Um de seus fundamentos críticos recai sobre a ciência objetiva: o excesso da objetividade ocultaria os meios de se alcançar a verdade, que reside somente na subjetividade.

"Uma pergunta central da perspectiva de Kierkegaard é: de que vale o pensamento abstrato? Pois a resposta de Kierkegaard é a de que vale pouco, ou efetivamente, nada. E nada porque ele deixa de lado a individualidade, ou seja, deixa de lado a existência. Pensar a realidade, a seu ver, é transformá-la em possibilidade e, logo, suprimi-la. Em outras palavras pensar a realidade é explicá-la e explicá-la é submetê-la à lógica. Isso, todavia, se revela uma impossibilidade, dado que a lógica é atemporal, ou seja, desenvolve suas verdades sub-specie aeternitatis" (Penna, 1985:10).

Nesta oposição, a filosofia de Kierkegaard evidencia o homem, como um ser que atribui significados e não pode abstrair-se de si mesmo. "Existir, pois é já, em si próprio, descoberta do ser da verdade, e este não se alcança pelo pensamento o qual, enquanto mediação, abstrai do compósito que se vive e, deste modo, afasta-se do próprio cerne onde a verdade corre e nos percorre" (Kierkegaard, 1972:183).

Para Kierkegaard, um dos aspectos centrais do ser humano é a unicidade da existência, a unicidade do próprio indivíduo que é relevado como o mais importante, em detrimento do sistema e do social. Em sentido estrito, para Kierkegaard, o indivíduo é considerado de tal importância que, se ele se

associa aos outros, deteriora-se. Com isto temos uma apregoação do individualismo que é considerado por muitos, como anárquico. Na verdade, Kierkegaard aponta para a "ousadia de sermos nós-mesmos", de sermos *indivíduos*, indivisíveis e únicos (Kierkegaard, 1959).

"Na visão kierkegaardiana, a subjetividade é a consciência de si mesmo. O indivíduo só pode alcançar a realidade subjetivamente, porque a subjetividade é a realidade, é a verdade. O universal nada mais é do que a abstração do singular, uma vez que, o pensamento abstrato só comprehende o concreto abstratamente, enquanto que o pensamento centrado no indivíduo procura compreender, de modo concreto, o abstrato e apreendê-lo em sua singularidade, captando-o em sua manifestação subjetiva" (Bastos, 1985:155).

Uma questão fundamental na filosofia de Kierkegaard é o problema da *angústia*: são pelas dificuldades e adversidades, riscos e incertezas, que o homem alcança a constituição moral e o crescimento espiritual. Em outras palavras, a dor e o sofrimento são partes importantes da existência humana. Ao abordar esta questão, Kierkegaard soluciona o problema filosófico através da transcendência religiosa cristã, aliada a um conceito de fé, como meio de comunicação entre dois existentes: o crente e Deus. Mas a angústia se depara com o desespero resultante do fracasso e, portanto, relacionado à frustração. A angústia difere do desespero pelo fato de que a primeira procede do pecado, mas se relaciona com a possibilidade e com a liberdade, dando margem ao ser humano libertar-se dela (Holanda, 1993b).

Outros temas trabalhados por Kierkegaard são: a importância do momento presente, ou do *instante*; a questão da *liberdade* e da *escolha* que, refere-se ao existente enquanto aquele que toma a sua liberdade, ou seja, existir é escolher e, por consequência, ser livre. Aliado a tudo isto está o problema da *solidão*: é através da solidão individual que o ser encontra seu desenvolvimento espiritual, seu contato com Deus, sendo através dela que o indivíduo alcançaria o objetivo final da pessoa humana, que é ser ela mesma.

É possível encontrar uma grande ligação entre a psicologia de Rogers e o pensamento de Kierkegaard (Bastos, 1985). Questões como a educação, ou mesmo o antiintelectualismo presente em Kierkegaard também se acha visível na obra de Rogers.

O ponto de maior confluência entre os pensamentos de Rogers e de Kierkegaard refere-se à questão da aprendizagem. "Segundo o filósofo dinamarquês, a aprendizagem real e significativa seria a experencial, a auto-apropriante, a verdadeira subjetividade. É aquela que o próprio indivíduo toma, reconhecendo como sua, fruto de sua liberdade; não uma aprendizagem imposta do exterior, mas partindo de si próprio. Acentua Kierkegaard que não pode mesmo haver comunicação direta ou indireta, mas o máximo que uma pessoa pode fazer por outra é criar determinadas condições que tornem possível

esta forma de aprendizagem significativa" (Holanda, 1993b:73).

Obras principais: "Ou...Ou" (1843); "Tremor e Terror" (1843); "Migalhas Filosóficas"; "O Conceito de Angústia" (1844); "Estágios do Caminho da Vida" (1845).

(Ver **Existencialismo**)
(Ref.: Giles, 1989; Jolivet, 1961)



LAISSEZ-FAIRE

Esta expressão não apresenta uma tradução exata para a língua portuguesa, porém, é comumente confundida com uma idéia de um grau de extrema liberdade e de ausência de limites que denota certo desprezo e displicênciA. Embora laisser-faire seja utilizado muitas vezes como uma crítica à Abordagem Centrada na Pessoa, nada mais é, na realidade, do que o contrário das atitudes utilizadas nas relações pessoais. Em qualquer estado de relacionamento, esta expressão denotaria a ausência de clima, atmosfera, compreensão, respeito e acima de tudo amor. Na relação terapêutica e/ou de aprendizagem esta atitude tem um caráter negativo onde há carência de uma autêntica relação. Tal falta de manifestação emocional torna-se desprestigiosa, penosa e impede o indivíduo de vivenciar suas próprias experiências. Rogers assinala que "...quando falamos de dar às pessoas mais liberdade, trata-se de liberdade com responsabilidade. Não se trata nem um pouco de permissividade" (Rogers, 1989:74).

"Do ponto de vista externo, não-direção e 'laisser-faire', sem dúvida, se assemelham. Mas na sua intenção e na sua especificidade, os dois termos quase nada têm em comum. A não-direção, tal como ela é entendida pelo rogeriano, está inspirada numa atitude incondicionalmente positiva, enquanto que o 'laisser-faire' reduz-se essencialmente à indiferença, e até a uma tolerância próxima do desprezo" (Rogers & Kinget, 1977, I:33).

(Ref.: Pagès, 1976; Leitão, 1986; Rudio, 1987)

LIBERDADE EXPERIENCIAL

"Consiste no fato de que o indivíduo se sente livre para reconhecer e elaborar suas experiências e sentimentos pessoais como ele o entende. Em outras palavras: supõe que o indivíduo não se sinta obrigado a negar ou a deformar suas opiniões e atitudes íntimas para manter a afeição ou o apreço das pessoas importantes para ele" (Rogers & Kinget, 1977, I:46).

Está relacionada com um processo interno de exploração da personalidade; é a liberdade que a pessoa necessita para constatar e representar adequadamente suas experiências orgânicas. Está associado a um clima de segurança quer permite a liberdade de expressão.

(Ver *Pessoa-Critério, Percepção*).

(Ref.: Rudio, 1987; Justo, 1987; Leitão, 1990)

LIMITES

Na Abordagem Centrada na Pessoa, os limites estão associados aos comportamentos e não às atitudes (Rogers, 1992).

Dentre os exemplos de limites que o psicólogo deve formular adequadamente temos a limitação da responsabilidade do profissional em relação aos problemas e às ações do cliente; limitação do tempo, limites em relação a uma ação agressiva e até mesmo a limitação do grau de afeição que o terapeuta demonstra.

"Toda a situação de consulta psicológica tem, portanto, os seus limites. A única questão é saber se esses limites estão claramente definidos, compreendidos e construtivamente utilizados ou se o cliente, num momento de maior carência, descobre subitamente limites erguidos contra ele como barreiras" (Rogers, 1986a:80).

(Ver *Liberdade Experiencial*).



MASLOW, Abraham

Abraham H. Maslow (1908-1970) nasceu em Nova York. Uma das figuras mais importantes da Psicologia moderna, é considerado, ao lado de Carl Rogers, o fundador da chamada "Psicologia Humanística" (ou a "terceira força" da Psicologia), sendo responsável pela criação, em 1961, do *Journal of Humanistic Psychology* e, da inauguração, em 1963, da *American Association of Humanistic Psychology* (Ver *Psicologia Humanista*).

Estudou com expoentes do movimento gestáltico, como Max Wertheimer e Kurt Koffka, dos quais recebe a idéia de uma "psicologia holística" (Corsini, 1984). Além da *Gestalt-Theorie*, pode-se perceber o pensamento de Maslow como devedor à Psicanálise (chegou a fazer sua análise pessoal nesta abordagem) e à Antropologia Social (e aos trabalhos de Bronislaw Malinowski, Margaret Mead e Ruth Benedict, dentre outros).

Além de iniciador do movimento humanista, também teve participação ativa na Psicologia Transpessoal. Quando, em 1957, Julian Huxley cunhou o termo "transhumanista", Maslow e outros derivaram-no em "transpessoal", o que para muitos representa a "quarta força" em Psicologia, ao se ocupar das experiências místicas e dos estados alterados de consciência.

Tornou-se, todavia, mais conhecido pelos seus estudos sobre a motivação humana, o que o levou a elaborar uma hierarquia de necessidades básicas. Maslow via nas necessidades a base das ações (Bonin, 1991). Para ele, a "auto-realização" seria um objetivo inerente ao ser humano e o patamar mais alto de sua hierarquia.

Sua intenção era de conhecer e compreender as realizações que o ser humano é capaz de realizar, lançando mão de estudos de pequenas amostras de seres humanos "saudáveis" psicologicamente, para determinar o diferencial das outras pessoas (chegou a selecionar um grupo de personalidades históricas, como Abraham Lincoln, Thomas Jefferson e Albert Einstein, p.ex.). Esta atitude é de extrema importância, pois resulta numa crítica à Psicanálise no que tange à sua ênfase na observação de indivíduos mentalmente perturbados, o que derivaria numa posição pessimista e rotuladora.

A partir destes estudos, Maslow relacionou certas características distintivas de "pessoas auto-realizadoras" como orientação realística, aceitação de si mesmo e dos outros, espontaneidade (de expressão), atitudes centradas

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

no problema (ao invés de serem auto-centradas), independência, identificação com a humanidade, "profundidade" emocional, valores democráticos, um "senso de humor filosófico", transcendência e criatividade (Corsini, 1984).

Principais obras: *Motivation and Personality* (1954); *Toward a Psychology of Being* (1962).

(Ref.: Fadiman & Frager, 1979; May, 1988)

MATURIDADE PSÍQUICA

Para Rogers, "há maturidade psíquica quando o indivíduo percebe de maneira diferenciada e realista (...). Este indivíduo assume a responsabilidade de sua individualidade (reconhece que é diferente dos outros e se comporta de acordo com isso); tem coragem para suas convicções; avalia de modo autônomo, baseando-se nos dados de sua própria observação e somente modifica suas concepções em presença de novos dados..." (Rogers & Kinget, 1977, I:173).

É a capacidade interna que um sujeito possui de diferenciar e assimilar de forma real suas vivências. O sujeito que apresenta maturidade psíquica, assume suas escolhas, suas vontades e sua própria autenticidade, assumindo suas atitudes de acordo com sua coerência e sua congruência. Ao mesmo tempo que o indivíduo "maduro" assume e age de acordo com seus princípios, respeita os dos outros, tratando-os como pessoas únicas.

(Ver *Percepção Discriminativa*)

(Ref.: Rudio, 1987)

MERLEAU-PONTY, Maurice

Filósofo francês, nascido em Rochefort-sur-Mer, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), foi co-fundador, ao lado de Sartre, da revista *Les Temps Modernes*, famosa como veículo de discussão filosófica na França. Estudou Filosofia na *École Normale Supérieure* (1926-1930), onde mais tarde passa a lecionar, depois de haver ensinado nos *Licées de Beauvais e Chartres*. Em 1945, é nomeado "mestre de conferências" da Universidade de Lyon. Em 1949, obtém a cátedra de Psicologia da Sorbonne, onde se mantém até sua eleição para o *Collège de France* (1952). Profundamente influenciado pela *Fenomenologia* e pelo *Existencialismo*, desenvolve uma obra importante sobre a consciência e a percepção.

Para Merleau-Ponty, "o filósofo reconhece-se pela posse inseparável do gosto da evidência e do sentido da ambigüidade (...). Sempre aconteceu que, mesmo aqueles que pretendiam construir uma filosofia absolutamente positiva, só conseguiram ser filósofos na medida em que, simultaneamente, se recusaram o direito de se instalar no saber absoluto - que ensinavam, não

este saber, mas o seu devir em nós, não o absoluto mas, quando muito, como diz Kierkegaard, uma relação absoluta entre ele e nós" (Merleau-Ponty, 1953:10-11).

Paul Ricouer considerava Merleau-Ponty o maior dos fenomenólogos. Para diversos outros autores, Merleau-Ponty foi o autêntico sucessor da fenomenologia husseriana, a quem se destinava completar a tarefa empreendida por Husserl. Todavia, sua morte prematura impediu o acabamento de uma obra, mas não impediua uma decisiva influência na filosofia moderna.

Sua tese de doutoramento, publicada em 1942, "La Structure du Comportement", aponta para uma "ontologia implícita". "Para compreender as relações da consciência e da natureza - orgânica, psicológica ou mesmo social - deverá apelar-se para uma reabilitação ontológica do sensível, para uma racionalidade incarnada" (Cantista, 1990:817). Já em sua obra capital, "Phénoménologie de la Perception", Merleau-Ponty procede a uma "recriação" da Fenomenologia. Nesta, descreve a percepção como uma experiência originária, pré-reflexiva. "A experiência perceptiva é existência, coexistência ou pacto originário eu-mundo, na simultaneidade paradoxal da consciência naturada e naturante. O reconhecimento desta ambigüidade é o verdadeiro pensar transcendental para o autor, o fenômeno do fenômeno, que faz aparecer o mundo tal como ele é, antes de qualquer regresso sobre nós mesmos" (Cantista, 1990:819).

Merleau-Ponty utiliza-se do "corpo" para elaborar sua fenomenologia. A noção de corpo próprio cede lugar ao conceito de "carne" como elemento do ser. "O olhar que exerce é sobre mim". O corpo é o meio para o sujeito. O homem existe em mútua constituição com o mundo.

"É preciso então redescobrir, após o mundo natural, o mundo social, não como objeto ou soma de objetos, mas como um campo permanente ou dimensão da existência: eu bem posso me desviar, mas não cessar de estar situado em relação a ele. Nossa relação com o social é como nossa relação com o mundo (...) É tão falso nos colocar na sociedade como um objeto no meio de outros objetos, quanto colocar a sociedade em nós como objeto de pensamento, e, dos dois lados, o erro consiste em tratar o social como objeto" (Merleau-Ponty, 1976:415).

Merleau-Ponty parte de uma visão de corpo sensível (como sujeito-objeto) para definir a intercorporeidade, que liga o homem à história. O mundo contém os nossos corpos e os nossos espíritos. A "carne" é o meio para se chegar ao âmago das coisas. É o fato que o corpo é "ativo-passivo" (Moreira, 1990).

Moreira apresenta a filosofia de Merleau-Ponty, e em especial seu conceito de "carne" como uma contribuição à reformulação da teoria rogeriana em sua concepção homem/mundo. "Para Merleau-Ponty, fenomenologia não é idealismo transcendental. Seu destino é tematizar a existência, o ser-no-mundo.

A fenomenologia se dá pelo contato com os paradoxos da fatualidade" (Moreira, 1990:164).

Moreira (1994) faz uma crítica da noção de **pessoa** no pensamento de Rogers, considerando-o como um ser autônomo, livre internamente, absoluto, universal, concordante com uma concepção dicotomizada, enfaticamente essencialista e metafísico, caracterizado por ser uma "pessoa-indivíduo". A partir do conceito de "carne" de Merleau-Ponty, propõe um modelo de psicoterapia "na qual o homem é mundo e o mundo é o homem, abolindo uma visão de homem dicotomizada em interioridade e exterioridade, em individual e social" (Moreira, 1994:120) (Ver **Noção de Homem**).

Obras Principais: "A Estrutura do Comportamento" (1942); "A Fenomenologia da Percepção" (1945); "Humanismo e Terror" (1947); "Sens et Non Sens" (1948); "Elogio da Filosofia" (1953); "Les Aventures de la Dialectique" (1955); "Signes" (1960); "L'Oeil et l'Esprit" (1961); "Le Visible et l'Invisible" (1964).

(Ref.: Giles, 1989; Merleau-Ponty, 1967, 1976; Delacampagne, 1997; Reale & Antiseri, 1991)

MOTIVAÇÃO

Ver **Tendência Atualizante**.



NÃO CONSCIENTE

Ver *Inconsciente*.

NÃO-DIREÇÃO

O primeiro conceito pelo qual o método desenvolvido por Rogers ficou conhecido refere-se à expressão "não-direção" (ou método "não-diretivo"). Trata-se de uma noção que causou significante impacto nas concepções psicológicas no momento de sua proposição, dando origem a toda uma discussão em torno da própria definição do método psicoterápico (com suas variantes e aplicativos, como o *Aconselhamento Não-Diretivo* ou o *"Ensino Não-Diretivo"*). Embora esta noção tenha se tornado central no seu pensamento, Rogers assinala que esta não é a idéia fundamental de sua psicoterapia.

Durante uma boa parte da evolução de suas idéias, o conceito central foi o de não-direção, ou seja, a abstenção de intervenções que pudessem vir a se interpor ao processo do cliente. Mas os mal-entendidos surgiam da confusão entre "não-direção" e "dar diretivas":

"Não-direção é em essência a abstenção de juízos de valores, em outro sentido, não direção não existe. Cumpre distinguir entre 'diretivas' e 'direção'. Enquanto o termo 'diretivas' implica conselhos, sugestões, ordens, o termo 'direção' sugere a idéia de significação" (Bastos, 1985:72).

O importante da psicoterapia, para Rogers, não é contudo, a ausência de diretivas, mas a presença do terapeuta, certas atitudes deste, em face do cliente e uma concepção aberta de relações humanas.

A expressão "não-diretivo" corresponde à primeira fase do pensamento e da evolução da Abordagem Centrada na Pessoa. Num segundo momento, esta expressão foi substituída por "centrado no cliente". O que Rogers propôs com a primeira expressão foi uma subversão de valores: ao invés do poder do terapeuta, a responsabilidade do cliente.

"A não-diretividade é, antes de tudo, uma atitude em face do cliente. É uma atitude pela qual o terapeuta se recusa a tender a imprimir ao cliente uma direção qualquer, em um plano qualquer, recusa-se a pensar que o cliente deve pensar, sentir ou agir de maneira determinada. Definida posteriormente, é uma atitude pela qual o conselheiro testemunha que tem confiança na capacidade

de autodireção do seu cliente" (Pagès, 1976:66).

Muitas vezes confundida com uma total inação ou com um *laissez-faire*, Rogers coloca que: *"Eu me sinto responsável pelo que tento fazer e dizer. Mas não posso ser responsável pela percepção que outras pessoas têm de mim ou do que faço. É verdade que certas pessoas que considero como meus piores inimigos se auto-intitulam 'rogerianos'. Às vezes isso me assusta. Mas não cabe a mim discriminá-los entre os 'bons' e os 'maus' rogerianos, e não tenho o menor interesse nisso"* (Rogers, 1989:75).

NÃO-DIRETIVIDADE

Ver *Não-Direção*.

NIETZSCHE, Friedrich

Filósofo de origem germânica, Friedrich Nietzsche (1844-1900) nasceu em Röcken, Prússia. Recebe uma educação marcada por uma tradição humanista e luterana no colégio protestante de Pforta. Aí descobre a Grécia e a cultura grega. Em 1864, inscreve-se em Teologia na Universidade de Bonn, onde estuda filologia (que completa em Leipzig) e se entusiasma com o pensamento de Arthur Schopenhauer e a música (posteriormente vem a ser amigo íntimo de Richard Wagner). É nomeado professor de Filologia na Basílica (1869-1879). Após este período inicia um período de vida errante. Em 1889, em Turim, é acometido de uma "paralisia progressiva", acompanhada de "perturbações mentais". Interna-se durante algum tempo na Basílica e em Léna. A partir de 1890, é assistido por sua mãe e, após a morte desta, por sua irmã, até vir a falecer, em Weimar (Freitas, 1990).

"A doutrina filosófica de Nietzsche, cujo caráter poético e pessoal tem sido constantemente relevado, é também, em certo modo, como a de Kierkegaard, uma filosofia existencial, mas um 'existencialismo' de um conteúdo e sentido distintos" (Mora, 1994:2556). Mora ainda distingue três períodos na evolução de seu pensamento: o primeiro, compreende o período que vai de 1865 a 1878, e se caracteriza por seus trabalhos de interpretação e crítica da cultura, além de sua "devoção" por Schopenhauer e Wagner; no segundo período, "rende homenagens" à cultura e ao espírito livres e é representado por obras como *Humano, Demasiado Humano* (1876-1880) ou *A Gaia Ciência* (1882). O terceiro período é o também chamado "período de Zarathustra" ou da "vontade de potência".

"Nietzsche inicia sua obra através de uma reflexão sobre a cultura grega e sua influência no desenvolvimento do pensamento ocidental. Identifica ai dois elementos fundamentais: o espírito apolíneo, representando a ordem, a harmonia e a razão; e o espírito dionisiaco, representando o sentimento, a ação,

a emoção; sendo que em nossa tradição cultural, o espírito apolíneo teria triunfado sufocando tudo aquilo que é, na expressão de Nietzsche, 'afirmativo da vida' (Japiassu & Marcondes, 1990:180).

Nietzsche é um crítico profundo dos valores dominantes da sociedade moderna. Para ele, a sociedade valoriza o "saber racional", em detrimento do "saber instintivo". Com isto assinala que a relação entre pensamento e vida, seria encontrada nos pré-socráticos. Ao contrário, critica duramente a Sócrates (por ser o principal responsável pelo "império do logos") e Platão (a quem acusa de ser cristão antes do cristianismo). Para Nietzsche, é na vivência pessoal que se manifesta a existência (Advíncula, 1991b).

Para ele, uma existência verdadeira está diretamente relacionada à "voz da consciência" que diz para o indivíduo tornar-se o que se é. Segundo Nietzsche, as pessoas nada fazem pelo seu verdadeiro "eu", mas pelo fantasma do "eu".

Da Grécia antiga, Nietzsche retira a idéia de complementariedade em contraposição à dicotomia. Para ele, a civilização grega alcançou a perfeição por não separar o deus Dionísio do deus Apolo. O 1º seria o representante da embriaguês, da desordem, da música; e o 2º, da harmonia e ordem.

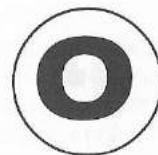
"O princípio de reconciliação entre Dionísio e Apolo, entre natureza e valor, entre desperdício e finalidade, entre o sujeito empírico e o verdadeiro sujeito é a vontade de potência. Só onde há vida, há vontade. A vontade de potência não é a simples vontade de viver" (Giles, 1989:34). A vontade de potência é uma vontade vital, inegociável, criadora. É sinônima de vontade de superação, pois, conforme assinala Nietzsche, ao "vivente" é dado expandir a própria força. A vida é encarada como uma evolução.

Advíncula aponta para uma correlação entre os pensamentos de Rogers e de Nietzsche. *"De um lado, Rogers nos fala na sabedoria do organismo e na importância das direções apontadas pelo experienciar orgâsmico inconsciente. De outro lado, Nietzsche proclama a sabedoria dos instintos e aponta o corpo como fio condutor para o conhecimento. Ambos acreditavam, então, na sabedoria instintiva. O primeiro, falando na importância de nos deixarmos guiar pelo ilógico, pela loucura; o segundo, falando de uma racionalidade instintiva. Na sua fisiologia da potência, Nietzsche menciona que os instintos têm o poder de auto-regulação na inter-relação das suas forças. E Rogers, ao visualizar a pessoa em pleno funcionamento, refere-se ao equilíbrio interno dos instintos em inter-relação mútua"* (Advíncula, 1991b:212).

Obras Principais: "O Nascimento da Tragédia" (1872); "A Filosofia na Época da Tragédia Grega" (1873); "A Gaia Ciência" (1882); "Assim Falou Zarathustra" (1883-1885); Além do Bem e do Mal (1886); "A Genealogia da Moral" (1887); "O Crepúsculo dos Ídolos" (1889).

(Ref.: Reale & Antiseri, 1991; Deleuze, 1962)

(Ver: Existencialismo)



OLIVEIRA, Dario

(Ver Apêndice História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil).

ORGANISMO

Designa a totalidade do indivíduo, a partir de uma visão holística da pessoa. Diz respeito à totalidade das experiências vividas pelo indivíduo, envolvendo sentimentos, pensamentos, emoções etc. O organismo, para Rogers, está concebido como uma totalidade que interage com o ambiente.

"O organismo reage a seu campo fenomenológico como um todo organizado" (Rogers, 1992:553). O organismo é um sistema total e organizado, e como tal reage aos estímulos de seu campo fenomenológico. Esta concepção holística determina uma concepção similar à da Psicologia da Gestalt.

"O organismo tem uma tendência e um impulso básicos - concretizar, manter e aperfeiçoar o organismo que experimenta" (Rogers, 1992: 554). Este é um conceito que Rogers aponta como o mais importante dentro do escopo do seu pensamento: a noção de **tendência atualizante**, ou seja, é uma força direcional, uma tendência orgâsmica em direção ao aperfeiçoamento e ao crescimento.

(Ver Personalidade)

(Ref.: Justo, 1987)

ORGANISMO HUMANO

Rogers aponta para uma formulação de organismo humano semelhante à corrente humanista de Psicologia, representada por **Maslow**, Gordon Allport e outros, e considera-o como ativo, autônomo, prospectivo e orientado para o crescimento e o desenvolvimento.

(Ver Homem, Noção de)



PERCEPÇÃO

Genericamente, a percepção pode ser definida como o "processo pelo qual o indivíduo se torna consciente dos objetos e relações no mundo circundante, à medida em que essa consciência depende de processos sensoriais" (Cabral & Nick, 1989:269). Davidoff (1983) alerta para o caráter processual da percepção, classificando-a como uma "operação ativa e complicada". A percepção pressupõe várias atividades cognitivas, como a atenção, a consciência e a linguagem.

Rogers trata da percepção, sob um prisma fenomenológico, quando elabora sua teoria de **personalidade**. Chama de "percepções" aos elementos conscientizados ou às experiências simbolizadas. "Estas englobam tudo aquilo que o indivíduo se dá conta atualmente, assim como todas as experiências passadas ou periféricas capazes de entrar imediatamente no campo de percepção sob a influência de um estímulo adequado" (Rogers & Kinget, 1977:62-63). Assim, Rogers utiliza "percepção" como sinônimo de "**consciência**", apenas diferindo no fato que o primeiro se refere aos efeitos motivadores externos, enquanto o segundo se refere tanto aos internos como externos.

No seu livro *Terapia Centrada no Cliente*, Rogers elabora alguns postulados que vêm a esclarecer esta questão. O organismo reage à realidade conforme seu "campo perceptivo", ou seja, ele reage ao meio circundante de acordo com a sua percepção deste. Assim sendo, "...o campo perceptivo é, para o indivíduo, 'realidade'" (Rogers, 1992:550-551). A reação do indivíduo é uma reação a sua realidade percebida, sendo correto afirmar que vivemos de acordo com um mapa perceptual particular. A percepção do mundo é, pois, estritamente individual e particular.

(Ver *Campo Fenomenológico*)

(Ref.: Buys, 1987; Evans, 1979; Rudio, 1987)

PERCEPÇÃO DIFERENCIADA

Ver *Percepção Discriminativa*.

PERCEPÇÃO DISCRIMINATIVA

Também chamada de *percepção "diferenciada" ou "realista"*. É indicada pelo termo em inglês *extensionality*. "O indivíduo que percebe desta maneira, situa suas percepções no contexto espaço-temporal dos fatos; seu pensamento se deixa guiar por observações, não por opiniões ou teorias, avalia os objetos de sua percepção baseando-se em múltiplos critérios; reconhece que há níveis de abstração; submete suas conclusões ou suas teorias à prova da realidade". (Rogers & Kinget, 1977, I:173).

(Ref.: Rudio, 1987; Buys, 1987)

PERCEPÇÃO REALISTA

Ver *Percepção Discriminativa*.

PERCEPÇÃO SELETIVA

Refere-se ao processo de **defesa** do organismo. O indivíduo não leva em consideração todo o leque dos dados de sua **percepção**. Dá-se uma "seleção" dos aspectos que lhe convêm, e exclui os demais dados percebidos como ameaçadores.

(Ver *Ameaça, Deformação da Experiência*)

PERCEPÇÃO SUBLIMINAR

Ver *Subcepção*.

PERSONALIDADE, Teoria de

Na Abordagem Centrada na Pessoa, a personalidade é concebida como um processo e Rogers esboça algumas características importantes. A teoria da personalidade como produto de sua própria experiência clínica, de suas observações acerca do processo de mudança de personalidade.

Rogers (in Evans, 1979) relata que, a partir do contato com seus clientes, percebeu o uso contínuo de determinados conceitos, que necessitavam de definição, para uma boa compreensão do fenômeno da personalidade. Daí surgiram diversas noções tais como **selfou eu, congruência ou incongruência**.

A teoria de personalidade de Rogers repousa sobre uma confiança básica no ser humano, o que implica dizer que o organismo é capaz, mesmo sob pressão, de modificar seu sistema de valores em função de sua manutenção e do desenvolvimento de sua experiência.

O elemento básico de sua teoria de personalidade é a idéia de que há uma tendência inerente aos organismos no sentido de atualização e

desenvolvimento, e que a interação do organismo com a realidade se dá segundo esta tendência, denominada por Rogers como **tendência atualizante**. Para Rogers, o núcleo central e mais íntimo da personalidade é de natureza positiva, sendo digno de confiança: "Um dos conceitos mais revolucionários que se destacaram da nossa experiência clínica foi o reconhecimento progressivo de que o centro mais íntimo da natureza humana, as camadas mais profundas de sua personalidade, a base de sua natureza animal, tudo isto é naturalmente positivo - fundamentalmente socializado, dirigido para diante, racional e realista" (Rogers, 1977:92).

Puente (1970) subdivide a teoria da personalidade que Rogers desenvolve em três etapas: (1) a de uma organização da personalidade; (2) a de uma desorganização da personalidade; e (3) a de uma reorganização da personalidade.

No que diz respeito à "organização da personalidade", Rogers determina que a experiência é percebida como uma realidade pessoal, individual; ou seja: "É a percepção do meio ambiente que constitui o meio ambiente, sem levar em conta como isto se relaciona a uma realidade 'real' que possamos postular filosoficamente" (Rogers, 1959: 222).

A desorganização da personalidade ocorre segundo certas condições de valor, referentes às experiências do organismo baseadas na condicionalidade ou incondicionalidade da consideração percebida. Partindo disto, numa situação de psicoterapia, a reorganização se inicia a partir da percepção do organismo de consideração incondicional e positiva por parte do terapeuta. Com isto as condições de valor se enfraquecem e tendem a desaparecer, e as experiências ameaçadoras serão aceitas e integradas na sua estrutura do eu.

Sobre a reorganização da personalidade - terceira etapa, segundo Puente - temos o papel preponderante da figura do terapeuta, visto requerer consideração positiva incondicional.

Para que se reorganize a personalidade, supõe-se que esta se sinta desorganizada, o que caracterizaria um estado bifásico da personalidade, como aponta Rogers. Mas o fato é que nem toda personalidade desorganizada atinge necessariamente a fase da reorganização. Para isto é necessária a criação de certas condições interpessoais.

"A chave de todo esse processo de reintegração é a nova percepção do 'conceito de eu'. Não se deve temer que a pessoa, tornando-se mais consciente de si própria, mais ela mesma, se torne na mesma medida incapaz de viver em sociedade. Ao contrário, já que no fim das contas todos os indivíduos

item fundamentalmente as mesmas necessidades" (Puent, 1970). O objetivo final do desenvolvimento da personalidade seria a congruência entre o campo **fenomenológico** e a estrutura do **self**, o que representaria um alto grau de adaptação. Um conceito central a esse respeito em Rogers, é o que chama de "growth", usualmente traduzido por **desenvolvimento** e o de capacidade inerente à atualização do organismo.

Rogers elabora uma série de postulados que correspondem ao conceito de personalidade. Os três primeiros postulados correspondem ao conceito de campo **fenomenológico** e são os seguintes:

1. "Todo indivíduo existe num mundo de experiências em constante mutação, do qual ele é o centro" (Rogers, 1992:549).
2. "O organismo reage ao campo da maneira como este é experimentado e percebido. O campo perceptivo é, para o indivíduo, 'realidade'" (Rogers, 1992:550-551).

3. "Organismo reage à seu ambiente." (Rogers, 1992:553). O quarto postulado refere-se ao principal conceito da teoria de Rogers: a Tendência Atualizante, ou a força direcional, impulsionadora, a tendência ao crescimento:

4. "O organismo tem uma tendência a um impulso basico e aperfeiçoar o organismo que experimenta" (Rogers, 1992:554).

Os postulados seguintes tratam do comportamento em si:

5. "O comportamento é, basicamente, a tentativa dirigida para uma meta que o organismo utiliza para satisfazer as necessidades que ele experimenta" (Rogers, 1992:559).

6. "A emoção acompanha e, em geral, facilita o comportamento dirigido para a busca versus consumação de comportamento, e a intensidade da emoção relaciona-se com a importância percebida do comportamento para a preservação e o aperfeiçoamento do organismo" (Rogers, 1992:560). O comportamento é direcionado para a satisfação das necessidades e campo que ele percebe" (Rogers, 1992:558).

O comportamento é um efeitor dirigido para o processo de crescimento desse organismo. É um efeitor dirigido para o processo de crescimento desse organismo. Ainda segundo Rogers, os sentimentos desagradáveis e/ou conflitados estão mais relacionados ao esforço da busca, enquanto que as

exaltados, essas intenções calmas e/ou satisfeitas, acompanham a satisfação. O segundo postulado refere-se à estrutura de referência interna. 7. "O melhor ponto de observação para compreender o comportamento é a estrutura de referência interna do próprio indivíduo" (Rogers, 1992:561). Neste sentido, Rogers propõe uma inversão de valores. Ao invés de

Neste postulado, Roger propõe uma consideração excessivamente calcada na percepção pessoal do terapeuta que, para compreender adequadamente algum evento particular do indivíduo que, para assumir o seu quadro de referência interno.

Nos postulados seguintes, temos a definição da concepção de *self*:

8. "Uma parte do campo da percepção total torna-se gradualmente diferenciada como *self*" (Rogers, 1992:563).
9. "Como resultado da interação com o ambiente, e particularmente, como resultado da interação avaliatória com os outros, é formada a estrutura

- self** - um padrão conceitual organizado, fluido e coerente de percepções de características e relações do 'eu' ou de 'mim', juntamente com valores ligados a esses conceitos" (Rogers, 1992:566).
10. "Os valores ligados a experiências e os valores que fazem parte da estrutura do **self** são, em alguns casos, valores experimentados diretamente pelo organismo e, em outros casos, valores introjetados ou tomados de outras pessoas que, percebidos de forma distorcida, parecem ter sido experimentados diretamente" (Rogers, 1992:566).
 - Nestes dois postulados encontramos a idéia da construção dos conceitos de si pelas interações que se estabelecem. Entra neste quadro a avaliação do **self** por parte dos outros significativos, que ao se tornarem significativos, passam a ter poder de influência sobre o senso de avaliação do organismo.
 11. "À medida que ocorrem na vida do indivíduo, as experiências podem (a) ser simbolizadas, percebidas e organizadas em alguma relação com o **self**, (b) ser ignoradas porque não há relação percebida com a estrutura do **self**, ou (c) ter uma simbolização negada ou distorcida porque a experiência é incoerente com a estrutura do **self**" (Rogers, 1992:572).
 - A estrutura do **self** é o que determina a **percepção** que o organismo tem da realidade que o circunda.
 12. "A maior parte dos modos de comportamento adotados pelo organismo são os que apresentam coerência com o conceito de **self**" (Rogers, 1992:576). Ou seja, o comportamento do indivíduo, em geral, está em congruência com o seu autoconceito.
 13. "A conduta pode surgir em alguns casos de experiências orgânicas e de necessidades que não foram simbolizadas. Essa conduta pode ser incoerente com a estrutura do **self**, mas nesses casos a conduta não é 'apropriada' pelo indivíduo". (Rogers, 1992:578).
 14. "O desajustamento psicológico existe quando o organismo nega à consciência experiências sensoriais e viscerais significativas que, consequentemente, não são simbolizadas e organizadas na gestalt da estrutura do **self**. Quando esta situação ocorre, há uma tensão psicológica básica ou potencial" (Rogers, 1992:580).
 15. "O ajustamento psicológico existe quando o conceito de **self** é tal que todas as experiências sensoriais e viscerais do organismo são, ou podem ser, simbolicamente assimiladas para formar uma relação coerente com o conceito do **self**" (Rogers, 1992:582).

A seguir, o postulado da **defesa** como manutenção da estrutura do **self**. Os comportamentos desviantes não podem ser observados isoladamente, mas dentro de uma circunstância específica de manutenção do organismo.

16. "Qualquer experiência incoerente com a organização ou estrutura do **self** pode ser percebida como uma ameaça, e quanto mais numerosas forem

essas percepções, mais rigidamente a estrutura do **self** é organizada para preservar-se" (Rogers, 1992:585).

17. "Sob certas condições, principalmente na ausência completa de qualquer ameaça à estrutura do **self**, experiências incoerentes com essa estrutura podem ser percebidas ou examinadas, e a estrutura do **self** pode ser revista para assimilar e incluir tais experiências" (Rogers, 1992:587).

Quando não se sente ameaçado, existe a possibilidade do organismo aceitar certas experiências incoerentes. Para tanto, é imprescindível que, numa situação de psicoterapia, o indivíduo experimente a aceitação por parte do terapeuta, para com isto, desencadear plenamente seu processo de aprendizagem.

Da aceitação de si, surge um aprimoramento das relações interpessoais, onde há a percepção do outro diferenciado, não mais como ameaça (Ver **aceitação positiva incondicional**).

18. "Quando o indivíduo percebe e aceita, num único sistema coerente e integrado, todas as suas experiências sensoriais e viscerais, ele adquire necessariamente uma compreensão e uma aceitação maior dos outros como indivíduos diferenciados" (Rogers, 1992:590).
19. "À medida que percebe e aceita em sua estrutura de **self** uma parcela maior de experiências orgânicas, o indivíduo descobre que está substituindo seu sistema de valores atual - baseado em grande parte em intropessoais simbolizadas de forma distorcida - por um processo contínuo de apreciação organizmica" (Rogers, 1992:593).

Nisto temos a diferença entre valores introjetados e valores experimentados. Inicialmente, é comum introjetarmos continuamente, pela necessidade de aceitação externa. À medida que se desenvolve a própria capacidade de aceitação, de seus aspectos internos e de suas experiências, passa-se a vivenciar nova forma de relação com o campo fenomenal. A realidade passa a ser um contínuo processo de aprendizagem.

Para Pagès, a "alienação fundamental do ser humano", consiste na não fidelidade consigo próprio, ao seu processo organizmico, valorizando os aspectos externos acerca de si, o que leva o indivíduo a falsificar seus valores. O que leva o organismo a um estado de congruência é a revalorização consciente e incondicional de sua experiência total

"A idéia central de Rogers é, no fundo, que o indivíduo possui um sistema próprio de regulação de sua experiência, ou, ainda, que a personalidade funciona como um sistema de finalidades reguladas, isto é, que a experiência por um lado é orientada para os fins, a manutenção e a promoção do organismo, e que, por outro lado, o indivíduo possui um sistema de controle (de regulação) que lhe permite apreciar os resultados obtidos em função dos fins perseguidos e que o orienta a experiência ulterior" (Pagès, 1976:47-48).

(Ref.: Rogers, 1946, 1959, 1963, 1977, 1985a; Rogers & Kinget, 1977; Rogers & Wood, 1978; Scheeffer, 1969; Pervin, 1978; Gondra, 1981; Cury, 1987; Justo, 1987; Freire, 1989; Moreira, 1990; Advíncula, 1991a).

PESQUISAS EM ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A Abordagem Centrada na Pessoa, desde a sua gênese, sempre se constituiu num modelo de trabalho que aliaava intuição e empirismo, prática e avaliação desta prática. "...Rogers tenta satisfazer e integrar duas exigências aparentemente contraditórias: uma exigência fenomenológica e uma exigência experimental (...). Rogers é implicitamente fenomenólogo a nosso ver à medida em que para ele a fonte de todo conhecimento autêntico reside numa experiência que partindo da experiência cotidiana, destaca-se daquela que contém pre-concepções e quadros intelectuais deformantes..." (Pagès, 1976:30).

Além disto, desde o início, Rogers revela uma preocupação com a fundamentação de suas teorias, lançando mão, principalmente, de pesquisas que pudessem refutar ou confirmar suas hipóteses. Como ele mesmo escreve, "um dos aspectos mais marcantes desta terapia é o caráter científico de seu desenvolvimento. Desde o seu início, ela não somente estimulou o espírito de investigação, como também seus progressos se realizaram paralelamente aos progressos de sua metodologia de pesquisa e de sua conceituação teórica" (Rogers & Kinget, 1977:227).

Contrariamente à versão comum que atribuía críticas à sua abordagem por ser excessivamente "subjetivista", Rogers destaca que uma imensa série de estudos empíricos foram realizados para fundamentar suas idéias. Destaca que, em 1953, já haviam cerca de cinqüenta estudos com clientes adultos; enquanto em 1957, este número alcançava a marca de 122 trabalhos de pesquisa. Justifica isto assinalando que a teoria subjacente à sua terapia centrada no cliente, sempre foi vista como um "conjunto de hipóteses".

Rogers (in Rogers & Kinget, 1977) relata uma série de pesquisas empíricas realizadas tendo como foco os pressupostos terapêuticos da *Terapia Centrada no Cliente* ou que, de alguma forma, reforça suas idéias. Dentre elas podemos destacar os estudos de Raskin (sobre centro de avaliação da experiência); Thetford (sobre a relação entre o funcionamento nervoso autônomo e os efeitos da psicoterapia); Bergman (sobre o efeito dos diferentes modos de interação verbal); Butler & Haigh (sobre as mudanças que são produzidas na noção de eu) ou Halkides (sobre as relações entre a qualidade da relação terapeuta-cliente e os progressos terapêuticos), entre outros.

Pagès (1976) relata uma série de pesquisas envolvendo estudos clínicos, como os estudos de Butler & Haigh sobre a evolução da percepção do ego; ou de Dymond, sobre ajustamento pessoal.

Rogers (1992) ainda cita uma série de estudos aplicados à *ludoterapia*

(bem como Axline, 1984), à terapia centrada no cliente, ao aconselhamento e outros. Outra série de estudos psicoterapêuticos está arrolada no livro *On Becoming a Person* (Rogers, 1977).

Em termos de pesquisa empírica pura, temos a destacar o importante papel desempenhado pela figura de John Keith *Wood*, como uma das mais importantes personalidades da atualidade na Abordagem Centrada na Pessoa, bem como seu empenho na continuidade da cientificação da teoria e da prática humanistas.

Atualmente, existe uma forte vertente de pesquisa fenomenológica dentro da Abordagem Centrada na Pessoa. A aplicação da metodologia husserliana à pesquisa em psicologia consiste na "descrição do processo tornando-o presente como objeto de consciência e podendo assim orientar criticamente a ação. Paralelamente, e muitas vezes entremeado com isso, surge uma forma mais livre, metodologicamente falando, de pesquisa, e que se aproxima de uma fenomenologia eidética: é a reflexão filosófica contribuindo com um repensar a terapia ou o processo terapêutico" (Amatuzzi, 1995).

Esta "fenomenologia eidética" é um modelo já utilizado por *Sartre* e *Merleau-Ponty* na Filosofia, e por Jaspers na Psiquiatria. Esta metodologia pode derivar numa "psicologia fenomenológica empírica", partindo de "dados empíricos" para aplicação na pesquisa em Psicologia - conforme encontramos em diversos autores como Giorgi (1985), Forghieri (1993), Gomes (1988a), dentre outros.

A utilização da Fenomenologia enquanto metodologia de pesquisa em Psicologia permite o acesso a realidades psicológicas não descritíveis pela metodologia tradicional. Enquanto a ciência positivista pura se preocupa com dados mensuráveis, a pesquisa fenomenológica preocupa-se com a descrição da vivência. Como assinala Forghieri (1993), o estudo da Psicologia envolve questões que não são passíveis de apreensão externa. Refere-se à dimensão do vívido, da experiência vivencial. Coloca a autora que: "Ao fazer a transposição do método fenomenológico, do campo da Filosofia para o da Psicologia, o objeto inicial de chegar à essência do próprio conhecimento passa a ser o de procurar captar o sentido ou o significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano" (Forghieri, 1993:59). Outras formas de pesquisa qualitativa vêm sendo empregadas na Abordagem Centrada na Pessoa.

No que tange às diversas *aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa*, uma série de pesquisas foram relatadas com referência à ludoterapia. Estudos de protocolos de ludoterapia foram realizados por Landisberg e Snyder; estudos categoriais específicos com crianças foram feitos por Seeman ou Finke; estudos que exploram a ludoterapia grupal com crianças deficientes foram relatados por Cruickshank e Cowen ou os efeitos da ludoterapia em grupo sobre o desempenho em testes de personalidade são descritos por Fleming e

Snyder; estudos com atraso de leitura são descritos por Bills (apenas para citar alguns exemplos). Os estudos mais clássicos da aplicação da ludoterapia são encontrados em Axline (1984). Uma grande bibliografia destas pesquisas está em Dorfman (1992). Ainda sobre ensino e aprendizagem, podemos encontrar vasta bibliografia em Rogers (1973, 1983a, 1985b), e outros.

Puente (1970) relaciona estudos sobre auto-avaliação ou avaliação externa; sobre aprendizagem sócio-experimental, e outros. Sobre a psicoterapia temos a ressalva de que Rogers foi o primeiro a utilizar como recurso didático e de pesquisa, as gravações das sessões terapêuticas. Cita ainda um grande número de pesquisas empíricas.

É importante ressaltar que, no momento atual, em que se discute progressivamente a unificação da ciência psicológica, e o fim dos sectarismos ideológicos propugnado pelas "escolas" ou "linhas" de terapia, Rogers já havia antecipado esta discussão (revelando um profundo senso epistemológico), ao valorizar a investigação empírica da psicoterapia. Como escreve, *"a meu ver, a significação principal da pesquisa reside no seu potencial de unificação do campo da psicoterapia. Quando estivermos de posse de um conjunto suficiente de conhecimentos objetivamente verificados relativos à psicoterapia, as 'escolas' de terapia tenderão a desaparecer - incluindo-se entre elas aquela que representamos. À medida que for se acumulando o conhecimento cientificamente fundado, relativo às condições facilitadoras da reorganização psíquica, ao processo terapêutico e às condições que entravam ou interrompem a terapia, as afirmações dogmáticas e puramente especulativas irão perdendo a sua força"* (Rogers & Kinget, 1977, i:253).

(Ver *Versão de Sentido*; Apêndice *História da Abordagem Centrada na Pessoa*)

(Ref.: Rogers, 1959, 1977, 1983a; Santos, 1968; Lerner, 1974; Cordioli, 1993; Wolberg, 1988; Corsini, 1984; Justo, 1987)

PESSOA

Usualmente se associa a idéia de "pessoa" com a noção latina de *persona*, esta designativa de "máscara" ou ainda de *prósopon* ("o que disfarça"). A palavra *persona* provém de *per-sonare*, ou seja, refere-se à funcionalidade da máscara teatral grega. O termo usual em grego (Saglio, 1919), designa a *persona* como "face", donde deriva, "face artificial" e, posteriormente, "máscara". A origem etimológica do termo, porém, para advir do etrusco, cuja civilização seria caracterizada pela instituição das máscaras (Mauss, 1974) e da palavra *phersu*, que significa "um ser que existe entre o mundo e o submundo" (Arnold, Eysenck & Meili, 1982).

Moreira (1990) ao realizar um percurso histórico da noção de pessoa, aponta para a primeira indicação do conceito como um ser individual em Boécio

(Séc.VI). "A noção de pessoa, entretanto, deveria sofrer ainda uma outra transformação para tornar-se no que é desde um século e meio, mais ou menos: a categoria do 'eu'. Longe de ser a idéia primordial, inata, claramente inscrita no mais profundo do nosso ser desde Adão, eis que ela continua, ainda em nossos dias, lentamente, a edificar-se, a esclarecer-se, a especificar-se, a identificar-se com o conhecimento de si, com a consciência psicológica" (Mauss, 1974:237).

Contemporaneamente, temos as filosofias ditas "personalistas" que retomam o conceito de pessoa na sua integridade, dissociando-a das demais correlações (em especial da noção de *indivíduo*). O personalismo se preocupa com a descentralização do indivíduo sobre si mesmo, estabelecendo "perspectivas abertas da pessoa" (Japiassu & Marcondes, 1990), ou nos dizeres de Emmanuel Mounier, distingue-se do individualismo e "sublinha a inserção coletiva e cósmica da pessoa" (Mounier, apud Lalande, 1956:757).

O conceito de "pessoa" é central na *Abordagem Centrada na Pessoa*. Refere-se à própria evolução da nomenclatura e das idéias de *Rogers*. Segundo as perspectivas epistemológicas atuais, "pessoa" é um conceito que encontra resonância em filosofias que tratam da questão da existência humana, como *Buber* e *Merleau-Ponty*.

Numa perspectiva relativa à filosofia de Merleau-Ponty (Moreira, 1990), o conceito de "pessoa" na Abordagem Centrada na Pessoa está relacionado à idéia de "uma psicoterapia na qual o homem é mundo e o mundo é homem, abolindo uma visão de homem dicotomizada em interioridade e exterioridade (...) Nessa psicoterapia, o cliente é visto de forma intrinsecamente entrelaçada ao mundo, sendo sua própria história e sua possibilidade de transfiguração: o mundo não é mais visto como objeto tanto quanto o cliente não é visto como sujeito. Ambos, o cliente e a sociedade, fazem parte da mesma contextura carnal" (Moreira, 1990:187).

Sob o prisma da filosofia de Martin Buber, temos o conceito de "pessoa" como o mais central. Como assinala Giles (1989:210), "*Buber se mostra claramente contra o indivíduo e a favor das pessoas, pois a afirmação do outro como pessoa é a única maneira em que a verdadeira humanidade é possível*".

Esta oposição entre os conceitos de "indivíduo" e de "pessoa" advém da filosofia de Kierkegaard, da qual Buber era profundo conhecedor. Para Kierkegaard, o pensamento abstrato deixa de lado a individualidade. A partir disto, define como centro de sua reflexão, a unicidade da existência, ou seja, o indivíduo se define como a singularidade do ser humano. "*Indivíduo, que é para ele sinônimo de existente (...). É preciso, em verdade, chegar a ser o Individuo, e para isto convém trabalhar de modo que cada um seja ao mesmo tempo e pelo mesmo movimento por uma parte o único entre todos (extraordinário e excepcional), por outra parte todo mundo. Singular e universal: tal é o verdadeiro existente e tal é a dialética do Indivíduo na ambigüidade de seu duplo movimento*" (Jolivet, 1952:57).

Buber polemiza com a consideração kierkegaardiana. Para Buber, não é possível compreender o conceito de "indivíduo" em Kierkegaard, sem entender a sua própria solidão. O "indivíduo" é a singularidade concreta que se encontra a si mesma (Buber, 1982). Para o filósofo alemão, a relação com o mundo não pode ser secundária à unicidade, o contato com o outro é o definidor da singularidade. Como escreve: "...o conceito de pessoa está em aparência muito próximo do de indivíduo; creio ser conveniente distingui-los. Um indivíduo é, certamente, uma singularidade do ser humano, e ele pode se desenvolver desenvolvendo sua singularidade. (...)Entretanto, uma pessoa, é um indivíduo que vive realmente com o mundo. E com o mundo, não pretendo significar no mundo - senão em contato real, em reciprocidade real com o mundo, em todos os aspectos que ele pode sair de encontro com o homem. Não digo somente com o homem, visto que, algumas vezes, saímos ao encontro do mundo de diferentes maneiras. Mas seria a este que eu chamaria de pessoa, e se posso expressamente dizer sim ou não a certos fenômenos, sou contra os indivíduos e a favor das pessoas" (Buber, 1988:173-174).

No pensamento de Rogers, o conceito de "pessoa" representa uma evolução nas suas proposições, principalmente no tocante às suas *aplicações*. A partir do conceito de "pessoa", vai cambiando seu modelo psicoterápico para uma concepção mais abrangente. "Na década de setenta, a expressão centrada na pessoa impõe-se com relação a centrada no cliente. O termo é utilizado para refletir a atitude do terapeuta em relação à pessoa. O terapeuta não vê um paciente que está doente, nem um cliente que é um freguês, o terapeuta centra sua atenção, não na teoria, ou em si próprio mas no outro, na pessoa inteira" (Wood, 1983:47).

(Ver *Fases da Abordagem Centrada na Pessoa*; Ver *Homem, Noção de*).

(Ref.: Moreira, 1994)

PESSOA - CRITÉRIO

Uma "pessoa-critério" é aquela que representa um papel de relevância ou de muita importância na existência de um indivíduo (Rogers & Kinget, 1977). Dada esta importância, esta pessoa serve de "critério" externo de avaliação para o sujeito, de sua experiência e de seus valores. É uma "pessoa-significativa" (Rudio, 1987) ou, como denomina Pagès (1976), um "outro eu significativo".

Rogers levanta a questão das "pessoas-critério" trazendo à tona a importância que certas figuras (como os pais, p.ex.) têm no desenvolvimento do organismo. Estas figuras estão relacionadas à *avaliação condicional* (ou "consideração seletiva") que um sujeito tem de si próprio. Para Rudio, neste ponto reside a base do processo de "desajustamento": quando se substitui a avaliação que faz de si, de seus próprios critérios, deslocando-os para os valores atribuídos por outrem.

Uma "pessoa-critério" é também aquela pessoa escolhida para estabelecer o padrão de valores aceitos ou rejeitados na definição das próprias experiências. Esta poderá desconsidrar a capacidade de atualização e realização do indivíduo já que a "pessoa-critério" é diferente da que experiencia. A escolha da "pessoa-critério" vem de acordo com a necessidade de parâmetros externos ao desenvolvimento do próprio processo organísmico.

(Ver *Quadro de Referência Externo*)

(Ref.: Rogers, 1977; 1985a)

PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Produto da influência do *Existencialismo* e da *Fenomenologia* sobre a Psiquiatria e a Psicologia. Como uma idéia geral, a Psicologia Existencial (o mais correto seria sinalizarmos um "movimento existencial em psicoterapia, dado que a psicologia existencial em si, pode ser considerada como uma corrente específica deste movimento") pode ser inserida dentro do movimento global da *Psicologia Humanista*. Como corrente, refere-se aos modelos gerados na Europa, a partir da correlação entre as doutrinas existencialistas e a Psicanálise, sendo oposição a esta.

Segundo Reale & Antiseri (1990), a maior influência do existencialismo sobre a psicologia e a psiquiatria está na perspectiva de uma imagem de homem diferente da freudiana e da behaviorista. Para os existencialistas, o homem não pode ser definido em termos naturais, pois, se existe uma essência, ela é uma existência. A partir da concepção de homem enquanto um ser que se projeta "ser-ai", que dá significado ao mundo (Ver *Heidegger*), que se encontra sempre em situação, a psiquiatria e a psicologia existencialistas vão aplicá-la à análise da questão da psicopatologia: por detrás do doente, há o homem.

Segundo Binswanger (apud May, 1967:22): "A psicoterapia baseada na análise existencial estuda o histórico vital do paciente a quem trata..., mas não explica esse histórico nem suas idiossincrasias patológicas conforme os ensinamentos de nenhuma escola psicoterapêutica nem recorrendo a suas categorias preferidas. Em vez disso, trata de compreender esse currículum vitae como modificação da total estrutura da posição particular do paciente no mundo...".

Os principais expoentes do movimento existencial são:

1) Ludwig Binswanger (1881-1966), psiquiatra e psicoterapeuta suíço, foi amigo de Freud, e sofreu grande influência de Heidegger. Desenvolve a *Daseinanálise*, que abrange a *Análise Existencial* e uma *Fenomenologia Psiquiátrica*. Publica seu primeiro livro sobre a análise existencial em 1942 (*Grundformen und Erkenntnis Menschlichen Daseins*) onde aborda as neuroses como formas de ser-no-mundo. Após estudar Medicina em Lausanne, Heidelberg e Zurich, recebe o grau de médico em 1907, sob supervisão de Jung. Em

seguida torna-se psiquiatra interno em Zurich com Bleuler. É um dos expoentes da vertente psiquiátrica fenomenológica, juntamente com Karl Jaspers.

"A fenomenologia antropológica de Binswanger preocupa-se com o estudo do ser humano 'em sua totalidade normal e anormal enquanto ele experiencia a si mesmo em relação ao mundo'. Quanto à intervenção psicoterapêutica, Binswanger é consistente com sua visão tridimensional do ser-no-mundo. Assim, na Daseinanalyse: (1) a história do paciente não é um preenchimento de qualquer teoria a priori, mas a descrição de um modo de existir; (2) a intervenção terapêutica não é a aplicação de determinadas técnicas, mas uma trajetória comum entre dois seres humanos, que reconstroem juntos o processo de afastamento e volta a um mundo comum; (3) os sonhos não são tratados como uma manifestação simbólica do desejo, mas como uma expressão do ser-no-mundo; e (4) a prática terapêutica está aberta para recursos completamente vindos de diferentes orientações" (Gomes, 1986a:130).

2) Eugene Minkowski (1885-?), psiquiatra polonês, graduou-se pela Universidade de Munich. Durante a Primeira Guerra Mundial, trabalha no Hospital Burgholzli com Bleuler. Foi influenciado principalmente por Henri Bergson e Edmund Husserl.

3) Freiherr Viktor von Gebsattel (1883-1976), nascido em Munich, estudou Filosofia e História da Arte em Berlim, Paris e Munich, sendo seu Doutorado de Munich. Em 1920, recebe o grau de médico, tornando-se psiquiatra sob direção de Kraepelin. "Com base na sua visão cristiano-católica, discutiu o significado da análise existencial, a fenomenologia e o existencialismo para a psicoterapia e a antropologia" (Bonin, 1991).

4) Erwin Strauss (1891-1975) é natural de Frankfurt, tendo freqüentado a Escola Médica de Berlim e a Universidade de Munich onde conhece Kraepelin. Chega a tomar cursos com Bleuler e Jung. Faz uma crítica aos limites da ciência positivista dentro de uma ciência do homem (em especial a reflexologia). A partir de 1938, radica-se nos Estados Unidos.

5) Roland Kuhn (1912-?), nasceu em Biel, Suíça. Estuda em Biel, Berna e Paris se diplomando em 1937. Seu trabalho foi mais reconhecido a partir de suas discussões sobre o sentido fenomenológico do teste de Rorschach.

6) Medard Boss (1903-), psiquiatra suíço, é um dos fundadores da psiquiatria existencial baseada em princípios heideggerianos. Começou sua análise didática com Freud, continuando-a em Zurich, Londres e Berlim, e foi colaborador de Jung, embora tenha se afastado de ambos. Manteve intenso contato com Heidegger e, em 1972, funda o Instituto Analítico Existencial de Psicoterapia e Psicossomática em Zurich.

Como Binswanger, Boss era psicanalista mas havia rejeitado a sua teoria sobre a natureza humana. Ao voltar-se para Jung, acerca-se basicamente de sua proposta de relacionamento face a face na análise e de seu respeito pela dignidade humana. Boss desenvolveu grande amizade com Heidegger,

tendo sido influenciado sobremaneira por sua obra. Em relação a Binswanger, as idéias de Boss distinguem-se. Para o primeiro, o primordial era o ser e as suas relações com o mundo; já Boss preocupava-se com o ser e sua relação consigo próprio, sendo tarefa da psicoterapia encorajar o cliente a ouvir-se.

"Boss não reclama para si o desenvolvimento de uma nova terapia. Admite usar técnicas de Freud, mas numa concepção não naturalista e mecânica do homem. Sua principal preocupação é permitir a expressão do ser. A esta atitude, o autor chama de Daseinanalytik" (Gomes, 1986a:131).

7) Karl Jaspers (1883-1969), nascido na Alemanha, era psiquiatra e filósofo, tendo sugerido uma "psicologia das concepções do mundo". Sua maior contribuição foi de fundamentação filosófica à Psicopatologia, aplicando ainda à Psicologia a Filosofia da Existência. Dentre suas obras, destaca-se "Psicopatologia Geral" como uma formulação fenomenológica à psicopatologia.

8) Rollo May (1909-), psicanalista americano que segue uma linha existencialista influenciada por Kierkegaard, Sartre e Buber, e se opõe à psicologia empírica. É um dos expoentes da chamada "psicologia existencial", embora haja controvérsias quanto a esta categorização. "De acordo com Spiegelberg, May é um 'dos mais influentes americanos a falar sobre fenomenologia existencial'. May, inicialmente um adleriano cauteloso, conheceu o existencialismo através dos professores alemães Kurt Goldstein e, principalmente Paul Tillich. A fenomenologia aparece no trabalho de May com um complemento ao existencialismo. May sugere que o relacionamento entre psicoterapia e fenomenologia é indireto, que os psicoterapeutas ainda estão para descobrir como aplicar a fenomenologia para a psicoterapia, e que ainda não chegou o tempo de se formular uma psicoterapia fenomenológica. Para May, fenomenologia é uma disposição atitudinal para com o ser humano. Esta disposição se manifesta em psicoterapia na noção de 'encontro', que é, a qualidade do relacionamento entre o terapeuta e o cliente" (Gomes, 1986a).

O pensamento existencialista influencia ainda diversas outras personalidades da Psiquiatria e da Psicologia como: A. Storch, J. H. Van den Berg (autor de uma grande obra de Psicopatologia Fenomenológica, intitulada O Paciente Psiquiátrico) e F. J. Buylendijk. Além destes, o movimento existencial em psicologia influencia outros pensadores que desenvolvem novas modalidades psicoterápicas como o Psicodrama de Jacob L. Moreno. Além deste, merece destaque a obra de Viktor Emil Frankl (1905-), psiquiatra vienense, que é o fundador da "análise existencial" conhecida como Logoterapia (a terceira escola vienense de psicoterapia). Frankl foi prisioneiro dos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Lá, ele desenvolve um sistema psicológico baseado na questão do "sentido da vida", do propósito. Sua psicologia é extremamente filosófica, sendo especialmente influenciada pela Fenomenologia e pelo Existencialismo.

"A Fenomenologia dá para Frankl, através de Max Scheler, um aluno

de Husserl, o apoio para o afastamento das teorias de Freud e Adler. Com efeito, Frankl desenvolve uma abordagem preocupada com a exploração da experiência imediata, e baseada no valor atitudinal do desejo para a liberdade, do desejo para o encontro do sentido, e do desejo para viver" (Gomes, 1986a:131).

PSICOLOGIA HUMANISTA

Nome atribuído ao que alguns autores consideram como a "Terceira Força em Psicologia", em oposição à Psicanálise e ao Behaviorismo. Se a encararmos como um movimento histórico específico, refere-se à chamada "Psicologia Humanística" iniciada nos Estados Unidos por **Maslow** e **Rogers**. Se a encararmos como um movimento global, como uma idéia de revalorização do humano, podemos englobar ainda a chamada **Psicologia Existencial**.

"A designação da psicologia humanista não se refere, pois, a uma teoria específica, ou mesmo a uma escola, mas sim ao lugar comum onde se encontram (ainda que com pensamentos diferentes) todos aqueles psicólogos insatisfeitos com a visão de homem implícita nas psicologias oficiais disponíveis" (Amatuzzi, 1989:93).

A "terceira força" nasce em oposição à Psicanálise e ao Behaviorismo, aos que consideravam como abordagens reducionistas, que não davam conta da totalidade da existência humana. Como movimento, possui como precursores figuras como Alfred Adler, Erich Fromm, Karen Horney, Otto Rank e Carl Jung que, como dissidentes freudianos, desenvolveram idéias e conceitos mais compatíveis com uma perspectiva de totalidade do ser humano.

Uma análise histórica deste movimento, revela que uma de suas bases foi a publicação do livro *Toward a Psychology of Being*, de Abraham Maslow, em 1957, sendo considerada a obra que marca o nascimento da Psicologia Humanista. Outra data importante é o ano de 1959, quando Rollo May organiza um simpósio sobre Psicologia Existencial, e convida personalidades como Maslow, Rogers, Feifel e Allport. No ano seguinte é publicado *Existential Psychology*, a partir deste colóquio.

Duas outras obras são de extrema relevância para o movimento: Em 1961, Rogers publica *On Becoming a Person*, obra que o tornou mundialmente conhecido e considerada por muitos sua principal obra. Em 1971, é publicada *Existential Humanistic Psychology*, obra dedicada a Maslow por seu organizador, Thomas Greening, e que conta com colaboradores do quilate de Charlotte Buhler, James Bugental e outros.

O movimento ganha força nos Estados Unidos, tanto que em 1961 é criado o *Journal of Humanistic Psychology*. No ano seguinte, é fundada a *American Association of Humanistic Psychology*, que se torna divisão da *American Psychological Association*, em 1971.

Segundo aponta Justo (1987), seriam oito as características do movimento humanista em psicologia:

- 1) Ênfase na totalidade da consideração do ser humano;
- 2) Visão otimista e positiva do ser humano, em termos de potencialidade, numa visão prospectiva, baseado em conceitos tais como o de **tendência à auto-realização** e de **liberdade**;
- 3) Consideração da intencionalidade do homem, ou seja:
"A intencionalidade é sumamente importante por constituir a base sobre a qual o homem constrói sua identidade. O indivíduo procura, a um tempo, conservação e mudança. (...) A Psicologia Humanista reconhece que o homem procura repouso mas, habitualmente, deseja variedade e desequilíbrio. Portanto, as intenções do homem são múltiplas, complexas e, quiçá, paradoxais" (Justo, 1987:148).
- 4) Ênfase nos aspectos conscientes do ser humano;
- 5) Ênfase na subjetividade humana;
- 6) Orientação social do homem;
- 7) Ênfase nas características mais elevadas do homem, com interesse voltado a questões como criatividade, crescimento, afeto, autonomia, potencialidades etc.; e,
- 8) Apresentação de um conceito de **Self** ou a retomada deste como princípio unificador da personalidade humana, e um dos constructos mais fundamentais da Psicologia Humanista. Esta última característica perdeu, no decorrer do tempo, seu caráter de constructo.

A estas características, podemos ainda apontar os cinco postulados e orientações da Psicologia Humanista, segundo Bugental: "1º. O homem, como homem, é mais do que a soma das partes. 2º. O homem tem seu ser num contexto humano: sua natureza se expressa na relação com outros homens. 3º. O homem é consciente: seja qual for o grau de consciência, esta é parte essencial do ser humano. 4º. O homem tem a capacidade de escolha: quando consciente, o homem é consciente de ser mais que mero espectador, sente-se participante da experiência. 5º. O homem é intencional: busca, a um tempo, situação homeostática e desequilíbrio, variedade" (citado por Justo, 1987:155).

Shaffer (apud Gomes, 1986b) descreve a psicologia humanista como sendo: 1) Fenomenológica, cujo ponto de partida é a experiência consciente; 2) Enfática na totalidade e na integridade do homem; 3) Enfática na questão que o ser humano é autônomo e livre; 4) Anti-reducionista; e, 5) Existencial, acreditando que a natureza humana pode ser definida.

Podemos ainda apontar questões como liberdade, responsabilidade e interação como fundamentos e preocupações da Psicologia Humanista. A rigor, a Psicologia Humanista se fundamenta basicamente numa preocupação com o homem, no sentido de valorizar sua existência e buscar a sua essência naquilo que ele possui de mais íntimo e particular: sua experiência, sua vivência.

Este é o critério último para qualquer validação humana.
(Ver *Fenomenologia ; Existencialismo*)
(Frick, 1975; Freund, 1977; Corona, 1978; Frayze-Pereira, 1984;
Heidegger, 1985)

PSICOTERAPIA

Rogers desenvolve suas idéias em torno da *Abordagem Centrada na Pessoa* a partir de suas experiências clínicas, especialmente advindas de seus trabalhos com *Aconselhamento* e com Psicoterapia. Seu modelo é produto de sua insatisfação com as formas encontradas na época, o que o leva a um redimensionamento de papéis, tanto do terapeuta quanto do cliente na relação.

Pode-se considerar que sua proposta psicoterápica é revolucionária (Bozarth, 1989), visto que, parte da premissa que a pessoa do cliente é um "expert" de sua própria vida. A proposta de psicoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa, é compreendida como uma troca de experiências vivenciais entre terapeuta e cliente - atentando-se, contudo, para a evolução destas noções (Ver *Fases da Abordagem Centrada na Pessoa*). É característico deste modelo uma postura que se define como "...a dedicação do terapeuta em ir na direção do cliente, no ritmo do cliente, e com a maneira única do ser do cliente" (Bozarth, 1989:1).

A Psicoterapia é vista por Rogers como um processo, "uma coisa-em-si, uma experiência, um relacionamento, uma dinâmica" (Rogers, 1992: Prefácio). Para Gendlin (1987), o fundamental na psicoterapia deve ser a inclusão da "vivência" (do vivido do cliente e da interação).

O fundamento básico da psicoterapia, sob a ótica de Rogers, está no conceito de *desenvolvimento* e de *tendência atualizante*. Para Rogers, "a terapia, processo de mudança, apenas facilita um processo de mudança espontânea próprio do cliente. A psicoterapia consiste em liberar uma capacidade já existente no indivíduo, considerado competente em potencial, e não é a manipulação especializada de uma personalidade mais ou menos passiva" (Rogers, 1959:221).

Para Rogers (1967), existem alguns aspectos distintivos de seu modelo psicoterápico. Em primeiro lugar, a hipótese de que certas atitudes do terapeuta constituem a efetividade terapêutica; o conceito estabelecido que a função do terapeuta é estar presente e acessível ao seu cliente; o foco constante no mundo fenomenal do cliente; o desenvolvimento de uma teoria de que o processo terapêutico é marcado por uma mudança na maneira de o cliente experenciar sua realidade; a ênfase na mudança da *personalidade* em detrimento da estrutura; ênfase na necessidade de contínuas pesquisas para estabelecer verdades essenciais com relação à psicoterapia; a hipótese que os mesmos princípios de psicoterapia podem ser aplicados a todas as pessoas.

Para Pagès (1965:348), "a terapia consiste precisamente em tentar a restauração do processo de avaliação espontânea do indivíduo, valorizando o indivíduo incondicionalmente". Já para Wood (1986:43), "o processo psicoterapêutico, bem-sucedido consiste numa integração do(a) terapeuta e sua técnica, do(a) cliente e sua urgência para mudar, e a relação que eles(as) criam juntos (as)".

Rogers designa sua abordagem como "um jeito de ser", empenhado num processo de ajuda que se destina a trazer à tona a potencialidade inerente do outro. Neste sentido, "a proposta rogeriana é facilitar a pessoa a 'tornar-se pessoa'. Para ele a solução é a interioridade que permite a cada um assumir o que é em verdade e faculte, ao mesmo tempo, aceitar as outras como são. A noção de pessoa é a base da proposição rogeriana. O importante é a dinâmica vivencial que o indivíduo estabelece consigo e com o outro. O que predomina no ser humano é a subjetividade" (Wood, 1983).

(Ref.: Amatuzzi, 1989b; Leitão, 1986, 1990; Wood et Alli, 1994; Wood, 1987b; Rogers, 1946, 1956, 1957, 1958, 1983a, 1985a, 1986a)

PSICOTERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

Ver *Terapia Centrada no Cliente*.

PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA

Ver *Terapia Centrada no Cliente*.

PSICOTERAPIA EXPERIENCIAL

Modelo psicoterápico criado por Eugene Gendlin a partir de suas conceituações associadas às idéias de Rogers. Segundo Corsini (1984), a terapia experiencial é mais uma "meta-teoria" do que uma teoria de personalidade. Em termos gerais, o foco central da terapia experiencial é o próprio processo experiencial da pessoa.

"Nesta forma de praticar terapia, qualquer intervenção ou resposta do terapeuta é considerada em termos de seu imediato e concreto efeito de mudança na sensação corporal vivenciada do cliente. Se não há uma imediata mudança experienciada corporalmente pelo cliente como válida, a intervenção é percebida como falha em ter um efeito experiencial e, portanto, não considerada útil terapeuticamente" (Corsini, 1984, vol.1:464).

Gendlin desenvolve toda uma base filosófica que torna seu método sistemático a partir de sua publicação *Experiencing and the Creation of Meaning* (1962). Como fundamentação filosófica para sua terapia experiencial, Gendlin cita autores como Soeren Kierkegaard, Wilhelm Dilthey, Edmund Husserl, Martin Heidegger, Martin Buber, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty

e, como assinala Corsini (1984), sua meta-teoria se alicerça nestas filosofias. Gomes (1988b) identifica as raízes da terapia experiencial nos pensamentos de Rank, Whitaker, Binswanger, Ross, May e Frankl.

Para Gomes (1988b), a *psicoterapia experiencial* é uma "fusão criativa" das terapias Centrada no Cliente e Existencial, mas que vai além destes dois modelos. Seu modelo descreve a pessoa como organizada a partir de diversas manifestações como comportamento, relacionamento, cognição, consciência e inconsciente, experiência, sentimentos etc. Sua síntese deriva do fato que, do seu ponto de vista, as psicoterapias em geral, tendem a privilegiar algum desses elementos. Apesar de reconhecer todos estes elementos, a ênfase recai sobre o todo.

Para Gendlin, a preocupação é "entrar em contato com o cliente". "A ênfase nesta sensibilidade para o diálogo o aproxima da Teoria de Schutz sobre o relacionamento interpessoal ("we-relationship"), um tipo de relacionamento onde duas ou mais pessoas tentam participar da consciência uma da outra para que haja uma mutualidade de experiência" (Gomes, 1988b:44).

O centro do processo psicoterapêutico de Gendlin é a *focalização*, uma modalidade de intervenção direcionada para o relacionamento entre experiência e consciência.

Gendlin identifica quatro elementos na terapia experiencial: 1) O "sentir experiencial"; 2) o "diferenciar"; 3) o "ir adiante" e, 4) o "interagir". Os primeiros elementos são etapas de um movimento progressivo que ocorre quando o sujeito interage com o todo situacional. O último elemento é condição necessária para os demais (Gomes, 1988b). O "sentir experiencial" é descrito como o contato imediato com o todo da situação. É uma consciência "pré-reflexiva" que ocorre quando o indivíduo interage com o próprio corpo. No "diferenciar", dá-se a definição das informações que emergem do organismo. O "ir adiante" é um movimento derivado da "tensão dialética" e ocorre quando cada sentimento é nomeado. "Em suma, o processo experiencial implica na existência de um organismo (corpo) que transmite uma massa completa e indiferenciada de informação (sinestesia). Mediada por palavras (como na descrição fenomenológica), esta informação é diferenciada (como na redução fenomenológica). Em consequência, o organismo sente-se aliviado e entendido diante de uma nova significação (como na interpretação fenomenológica). O 'interagir' refere-se, evidentemente, à premissa básica de que o ser humano está situado numa transação permanente com seu meio ambiente" (Gendlin, 1988b:45).

(Ver *Experienciação e Focalização*)
(Ref.: Prouty, 1994)



QUADRO DE REFERÊNCIA EXTERNA

"Perceber a partir de um ponto de referência puramente subjetivo, sem se preocupar com o ponto de referência do objeto observado, isto é, sem adotar uma atitude empática, é perceber este objeto a partir de um ponto de referência externo (...) É a partir do ponto de referência externo que o homem aborda, geralmente, os 'objetos', já que esses objetos são incapazes de experimentar experiências (...) Com efeito, quando abordamos uma realidade animada (animal ou humana) de um ponto de vista de referência puramente externo, sem nos esforçarmos por compreendê-la interiormente por meio empático, nós a reduzimos ao estado do objeto" (Rogers & Kinget, 1977, I:179-180).

Significa se abster da relação (numa perspectiva buberiana) e objetivar a realidade. Ao mesmo tempo, quando se utiliza em demasia fatores de determinação externos em detrimento da própria capacidade de discernimento, diz-se que o indivíduo usa um quadro de referência externo.

(Ver *Pessoa-Critério*)

QUADRO DE REFERÊNCIA INTERNA

"Esta noção se refere ao conjunto das experiências - sensações, percepções, significações, lembranças - disponíveis à consciência do indivíduo, num dado momento. O ponto de referência interno representa o mundo subjetivo do indivíduo. Somente ele é capaz de conhecer plenamente este mundo. Ninguém mais é capaz de nele penetrar, exceto por meio de inferência empática - sem que, aliás, tal conhecimento jamais possa ser completo" (Rogers & Kinget, 1977, I:179).

(Ref.: Rudio, 1987)



RANK, Otto

Psicanalista vienense, Otto Rank (1884-1939), após sua graduação técnica, orientou-se para tornar-se um novelista e poeta. Contudo, ao tratar contato com os escritos de Freud, aos vinte anos, fica fascinado e elabora um ensaio sobre criatividade artística. Este ensaio agradou a Freud, que o convidou a entrar para seu círculo (Corsini, 1984). Após adentrar o círculo freudiano e desenvolver uma série de trabalhos, foi paulatinamente se afastando da Psicanálise clássica e acabou por criar um modelo próprio - a voluntoterapia (Rank, 1940).

Considerava a contradição como algo positivo, já que isto demonstrava o desejo de independência (Bonin, 1991). Além disso, considerava mais válido o "aqui-e-agora" do que o passado na situação analítica e, influenciado por Adler, releva o meio social como fator determinante na estruturação da personalidade. Sua teoria mais famosa é a do "trauma do nascimento". Nesta, considerava o nascimento como a experiência mais importante na vida de um homem, sendo fonte de todos seus temores posteriores e um determinante da vida mental. Outro elemento de importante inovação a partir do trabalho de Rank, foi o caráter dinâmico empreendido por ele à situação terapêutica.

Sua influência na teoria psicológica e na prática profissional pode ser percebida pelo nível de institucionalização de suas idéias, maior até do que referidos a outros psicanalistas como Adler. Como exemplo disto temos que, de 1965 a 1981 foi publicado o *Journal of the Otto Rank Association*.

"Carl Rogers, nos primeiros anos de seu trabalho terapêutico, foi influenciado por Rank e pela tradição de trabalho social que Rank ajudou a criar. Suas subsequentes inovações na teoria e na prática, especialmente sua confiança na terapia breve e sua orientação para o crescimento e a atualização do self, harmonizaram-se com o espírito dos escritos rankianos, e podem ser vistos como um criativo desenvolvimento do ponto de partida providos por Rank" (Corsini, 1984, III:205).

(Ver *Fundamentos Filosóficos*)

REFERÊNCIA EXTERNA, Ponto de

Ver *Quadro de Referência Externa*

REFERÊNCIA INTERNA, Ponto de

Ver *Quadro de Referência Interna*.

REFLEXO DE SENTIMENTOS

Este método de intervenção terapêutica também é chamado de "reversão figura-fundo" (numa acepção gestáltica). Consiste em trazer o que estava latente, trazendo uma sensação de "novo", permitindo ao cliente outra forma de percepção. É a apreensão do que está subjacente ao discurso explícito do sujeito. Trata-se de uma estratégia mais dinâmica do que a reiteração. Como assinala Rogers, a reiteração visa estabilizar e precisar a *figura*, enquanto o reflexo torna claro o *fundo*, favorece a evolução, a amplificação da *figura*.

"Esta variedade procura que o cliente tome consciência do sentimento ou intenção implícitos em sua comunicação; isto significa arrojar mais luz sobre o 'fundo' gestáltico do expressado para que o tema central, a 'figura', se realce e complete. Enquanto o reflexo simples estabiliza a 'figura', o reflexo do sentimento a amplia" (Lerner, 1974:79).

REITERAÇÃO

A Reiteração ou Reformulação-Reflexo consiste em resumir, parafrasear ou acentuar a comunicação manifesta ou implícita do cliente (Rogers & Kinget, 1977). Consiste em retomar as idéias apresentadas pelo cliente, reformulando-as de modo que este possa reconhecê-las (Muccielli, 1978).

Esta forma se dirige ao conteúdo manifesto da fala e deve ser breve, resumir a comunicação, relevar algum aspecto desta fala ou reproduzir as derradeiras palavras para facilitar a continuidade do discurso. *"O reflexo simples se emprega principalmente quando a atividade do cliente é descritiva, isto é, quando carece de substância emocional ou quando o sentimento está a tal ponto inerente ao conteúdo material que o terapeuta demonstre uma atitude investigadora, analítica, contrária às suas intenções, se procurasse deduzir dai alguma significação implícita"* (Rogers & Kinget, 1977, II:64).

RELAÇÃO DE AJUDA

Rogers entende por "relação de ajuda", *"uma relação na qual pelo menos uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida"* (Rogers, 1977:43). Este pensamento deriva de sua idéia de que a relação terapêutica se constitui numa modalidade de relação interpessoal, cujas leis seriam semelhantes, ou como assinala, *"em todos esses casos estamos perante relações de pessoa a pessoa"* (Rogers, 1977:44).

A expressão “relação de ajuda” está diretamente associada aos trabalhos iniciais de Rogers com o **aconselhamento**, cujos princípios expandem para a situação de **psicoterapia** e, posteriormente, para as demais **aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa**.

(Ref.: Bucher, 1989)

RELAÇÃO TERAPÉUTICA

Ver *Psicoterapia e Terapia Centrada no Cliente*.

REPRESENTAÇÃO CONSCIENTE

Ver *Simbolização Correta*.

RESPEITO

Uma das bases do pensamento rogeriano. Para Rogers, é fundamental que o outro seja respeitado na sua integridade, independente de qualquer “...mérito, dignidade ou competência particular que poderia ter adquirido no decorrer de sua existência, ou devido a qualquer qualidade particular (...) que poderia demonstrar no decorrer das entrevistas. O respeito do terapeuta é, pois, gratuito. O cliente nada tem que fazer para merecê-lo” (Rogers & Kinget, 1977, i:134).

Trata-se, antes de tudo, de uma consideração pelo outro. Esta consideração, este respeito, relaciona-se com uma percepção deste outro enquanto um organismo em movimento, em desenvolvimento. Com isto, o “respeito” torna-se uma das qualidades de qualquer relação.

Considerar o outro como um indivíduo em transformação serve para ampliar o espectro da relação. Rogers lança mão do conceito de “confirmação” de **Buber** para exemplificar isto: “*Confirmar significa (...) aceitar todas as potencialidades do outro (...) Eu posso reconhecer nele, conhecer nele a pessoa em que ele se tornaria por sua criação (...) Confirme-o em mim mesmo e nele em seguida, em relação a essas potencialidades (...) que agora se podem desenvolver e evoluir*” (Buber, apud Rogers, 1977:58). Além disso, o “respeito” de que fala Rogers, implica na percepção da alteridade, no fato que o outro é diferente de mim.

O “respeito” varia de acordo com as concepções que cada terapeuta possui sobre o fenômeno psicoterapêutico, de acordo com a estrutura da relação. Para Rogers, o fundamento do “respeito” está no fato de que o cliente é único, é um ser capaz de escolher.

“O que torna as capacidades do cliente (...) eminentemente dignas de respeito aos olhos do rogeriano, é que, na situação terapêutica, estas

capacidades deixam de ser abstrações, potencialidades, até mesmo frases. Pelo simples fato de que o cliente se encontra comprometido, deliberadamente, num processo de melhoramento e de saneamento do eu, ele se revela ativamente como um ser que escolhe verdadeiramente superar seu estado atual (...) Quem quer que tome consciência da operação efetiva, imediata, desta tendência à autonomia e a revalorização do eu do cliente, não poderia deixar de experimentar o tipo de respeito de que aqui se trata” (Rogers & Kinget, 1977, I:135-136).

(Ver *Psicoterapia*)

(Ref.: Leitão, 1990; Justo, 1987; Rudio, 1987; Puente, 1970)

RESPOSTA-REFLEXO

Refere-se à instrumentalização da atitude do facilitador (em qualquer das aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa). É uma das três formas de intervenção utilizadas na Abordagem. O reflexo de sentimentos consiste em demonstrar através de interlocuções por parte do facilitador, sentimentos e emoções que estão contidas no discurso do cliente, mas que ainda não estão acessíveis a este.

Lerner (1974) aponta que o modo de agir do terapeuta na Abordagem Centrada na Pessoa baseia-se numa **atitude**, em contraposição à utilização **técnica**. A base desta atitude é o conceito de **tendência atualizante**, assim sendo, o “reflexo de sentimentos” ou simplesmente a “resposta-reflexo” também se constitui neste fundamento.

Bergman (apud Rogers & Kinget, 1977) aponta para um estudo onde foram isoladas cinco categorias de respostas do terapeuta: 1. *Resposta avaliativa*, o que pode expressar desde uma interpretação, até um acordo/desacordo, passando pela sugestão ou informação; 2. *Resposta que tende a “estruturar” a relação*, que consiste numa explicação da situação terapêutica em questão; 3. *Resposta visando obter esclarecimentos*, o que indica uma não apreensão exata do que o cliente questiona; 4. *Resposta-reflexo do conteúdo*, com referência ao contexto e não à pergunta propriamente dita; 5. *Resposta-reflexo do objeto*, o que indica que o terapeuta comprehende a questão ou seu significado.

Rogers conclui que as respostas que “refletem” o pensamento do cliente favorecem a exploração interna e a tomada de consciência do cliente; enquanto que respostas avaliativas, que explicam ou interpretam os conteúdos do outro, tendem a provocar reações contrárias ao desenvolvimento da terapia.

A “resposta-reflexo” (também chamada de “reformulação”), parte da premissa que se deve permitir a expressão completa do cliente, facilitá-lo a comunicação. “Chama-se “reformulação” uma intervenção do entrevistador que consiste em tornar a dizer com outros termos e do modo mais conciso, ou

explícito o que o cliente acaba de expressar e isto de tal forma que obtenha a concordância do sujeito" (Mucchielli, 1978:58).

A base da reformulação está no reconhecimento dos significados do cliente e do conteúdo subjetivo deste. Esta atitude implica numa contínua "checagem" da comunicação como forma de nortear a compreensão e permitir a manutenção dos canais de comunicação abertos.

Rogers assinala que as categorias de resposta são: (1) *Reiteração* ou reflexo-simples; (2) *Reflexo de Sentimento* e, (3) *Elucidação*. Aponta ainda para o fato de que estas modalidades devem ser compreendidas num *continuum*, e em ordem crescente de elucidação ou esclarecimento.

Lerner (1974) aponta que o modo de agir do terapeuta na Abordagem Centrada na Pessoa baseia-se numa *atitude*, em contraposição à utilização *técnica*. A base desta atitude é o conceito de *tendência atualizante*, assim sendo, o "reflexo de sentimentos" ou simplesmente a "resposta-reflexo" também se constitui neste fundamento.

RIGIDEZ PERCEPTUAL

Derivado de uma falta de abertura à *experiência*, esta expressão corresponde ao termo em inglês *intensionality*. "O indivíduo que percebe de modo rígido, tende a representar para si sua experiência em termos absolutos e incondicionais, a generalizar indevidamente, a se deixar guiar - ou até se dominar - por opiniões, crenças e teorias; a confundir os fatos e os juízos de valor; a confiar em abstrações mais do que em enfrentar a realidade; em resumo, as reações deste indivíduo não estão 'firmadas no tempo e no espaço', elas não se enraizam na realidade concreta" (Rogers & Kinget, 1977, I:171).

(Ver *Percepção*)

(Ref.: Justo, 1987)

ROGERS, Carl Ransom

Sua importância e contribuição também podem ser medidas pelo seu engajamento. Carl Rogers se torna Vice-Presidente da *American Orthopsychiatric Association* para o biênio 1941/42 e, nos anos 1944/45, é eleito Presidente da *American Association of Applied Psychology*. Recebe, ainda, da *American Psychological Association* prêmio por "Distinguished Professional Contributions" à Psicologia (1972).

Em 1987, Rogers é indicado para o Prêmio Nobel da Paz.

(Ver Apêndice *Rogers: Vida e Obra*)

(Ref.: Leitão, 1986; Rogers & Rosenberg, 1977; Rogers, 1971, 1983a)

ROSENBERG, Rachel L.

Rachel Lea Rosenberg (1931-1987) nasceu na Bélgica, tendo se naturalizado brasileira. Cursou Psicologia na Universidade de São Paulo (USP), onde obteve seu título de Mestre em Psicologia Educacional com a dissertação "Aconselhamento Psicológico e Orientação do Superdotado", defendida em 1970. Doutora em Ciências pelo Instituto de Psicologia da USP, com a tese "Estudo da Percepção de Condições Psicoterápicas em Grupos de Aconselhamento Psicológico" (1973).

Foi professora do Instituto de Psicologia da USP, tendo trabalhado como assistente do Dr. Oswaldo de Barros *Santos*, no princípio do Serviço de Aconselhamento Psicológico da USP.

Conforme assinala Tassinari (1994), através de sua iniciativa, foi criado o Centro de Desenvolvimento da Pessoa na década de 70, no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. Este originou mais tarde o Grupo de Psicologia Humanística. Rachel Rosenberg foi uma das pioneiras da Abordagem Centrada na Pessoa, no Brasil, além de ter sido uma das pessoas mais atuantes em colaboração com Rogers.

Trabalhou em colaboração com Rogers, do livro *A Pessoa como Centro* (1977). Além deste, foi autora de *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*, publicado em 1987. Em 1985, compôs, ao lado de *Rogers*, Antonio Monteiro dos Santos, Maria *Bowen* e John *Wood*, a equipe de trabalho do encontro "Vivendo em Harmonia", realizado em Brasília.

Participou de diversas atividades nacionais e internacionais, chegando a ser membro-fundador do *Center for Studies of Human Relationships* (Austrália). Como especialista em Superdotados, Rachel Rosenberg ganhou notoriedade, principalmente após a publicação de seu livro *Psicologia do Superdotado* (1973). Teve uma escola para excepcionais batizada com seu nome, em Carapicuíba, São Paulo.

Profissional ativa e engajada, participou ainda de atividades junto à categoria, como membro do Conselho Fiscal do Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo (1972-1973), membro do Conselho Regional de Psicologia, além de representante brasileira da *Association for Humanistic Psychology*.

(Ver Apêndice *História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil*)



SANTOS, Oswaldo de B.

Oswaldo de Barros Santos é uma reconhecida personalidade cuja contribuição em relação à difusão das idéias de Rogers é significativa. Através de diversas obras, como *Aconselhamento Psicológico & Psicoterapia* (1982), e de uma série de artigos onde trata de questões ligadas à temática proposta por Rogers, o autor pode ser considerado um dos pioneiros da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil.

Um dos primeiros a trazer as idéias de Rogers para o Brasil, Santos foi durante anos o responsável pelo ensino das proposições rogerianas nos cursos de Psicologia existentes em São Paulo, por volta da década de 60 (Rosenberg, 1987). Além disso foi responsável pela implantação do serviço de Aconselhamento Psicológico na USP.

Conhecido basicamente por seus trabalhos no terreno do *Aconselhamento Psicológico*, Oswaldo de Barros Santos é professor aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) onde, durante anos, dirigiu o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) e a Divisão de Psicologia Aplicada do SENAI.

(Ver Apêndice *História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil*)
(Ref.: Santos, 1982)

SARTRE, Jean-Paul

Maior expoente do *existencialismo* francês, Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um dos principais filósofos do século, além de renomado romancista, dramaturgo e militante político. "Sartre é o intelectual total - figura mítica das letras francesas que, antes dele só Voltaire, Victor Hugo e Zola tinham encarnado com tal entusiasmo" (Delacampagne, 1997:196).

Nascido em Paris, estudou na *École Normale Supérieure*, onde foi contemporâneo de Paul Nizan, Raymond Aron, Jean Hyppolite, Maurice Merleau-Ponty e Georges Canguilhem. Após haver estudado a *fenomenologia* e os escritos de Heidegger, passa a lecionar em várias cidades. Foi militante da resistência francesa durante a Segunda Guerra, tendo sido aprisionado. No fim da guerra, em 1945, funda a revista *Les Temps Modernes*, dedicando-se a atividades literárias.

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

Sartre ficou fascinado pelas idéias de *Husserl*. Após assimilar o "projeto husseriano", tenta radicalizar já em seu primeiro trabalho filosófico, publicado em 1936 e tendo como tema "A Transcendência do Ego". "Longe de ser uma pura e simples retomada das idéias de Husserl, esse ensaio propõe uma análise crítica da noção de 'sujeito transcendental', desenvolvida poucos anos antes pelas Meditações Cartesianas. Expulsando o Ego do 'campo transcendental' para fazer dele um 'ser no mundo', no mesmo plano que o Ego do Outro, Sartre tenta fundar objetivamente a autonomia da consciência irrefletida, isto é, do 'psíquico', a fim de retirar a fenomenologia da armadilha do solipsismo - contra a qual, segundo ele, Husserl não teria sabido se precaver" (Delacampagne, 1997:198).

Seu pensamento segue uma linha de existencialismo ateu. Além de profundamente influenciado por *Husserl*, Sartre também é devedor intelectual de *Kierkegaard*, Hegel, bem como do racionalismo cartesiano e, mais tarde, recebe influência de Lukács e do marxismo.

Segundo Reimão (1990), os primeiros trabalhos de Sartre versam sobre "psicologia fenomenológica", como se observa em *l'Imagination* (1936), onde o autor rejeita as teorias clássicas de imagem que a consideravam como uma percepção sem objeto, para concebê-la como uma "forma organizada de consciência".

"A imaginação é o modo que a consciência tem de transcender o mundo em que se situa; por isso, em rigor, não há imaginação, mas uma consciência que visa o real; não há imagens, mas um mundo imaginário; a contemplação estética é, para Sartre, um momento privilegiado em que a liberdade se dá como negação do mundo existente; para Sartre, só em face do imaginário e à neantização do mundo que ele implica é que a contemplação tem sentido" (Reimão, 1990:930).

Sartre funda uma "doutrina da consciência" que se inicia com o caráter intencional da consciência - a consciência como "consciência posicional" -, mas "aquilo de que se tem consciência não está na consciência". A consciência é a possibilidade de se distanciar daquilo que é. Sartre estabelece uma distinção entre o "em-si" e o "para-si". O "em-si" é o que é, é o plenamente ser; enquanto o "para-si" é "neantização", é não-ser, surge da neantização do em-si, é nada.

"A consciência, para ser aquilo que é, tem necessariamente de ser outra coisa distinta dela; mas, não existe uma dualidade entre a consciência e o objeto, no sentido de que a consciência seja uma entidade que se dirige para outra entidade; pelo contrário, a consciência não é e só é algo, à medida em que se torna no objeto" (Reimão, 1990:931).

Tema central da filosofia sartreana, temos a questão da liberdade. Somos livres. Devemos fazer-nos livres. Para Sartre, não existe "natureza humana", visto que, somos aquilo que fazemos de nossa liberdade, ou seja,

não somos, nos tornamos. Nossa definição se faz no futuro. O ser humano é um projeto. "O homem faz-se mergulhado continuamente num projeto de ser para se encontrar para além do em-si, através de um compromisso perante si e perante os outros; faz-se o que projeta ser; entre os outros homens, num mundo onde não há lugar para Deus; só o homem existe" (Reimão, 1990:934).

O que o homem é repousa na sua colocação no mundo e no seu caráter de incompletude. Estas são asserções existencialistas que Sartre (1970) reforça, ao considerar o homem como um projeto vivido subjetivamente. O humanismo sartreano é calcado na questão da responsabilidade da escolha do homem, naquilo que ele faz de si quando se projeta no mundo. Neste projetar-se o homem instaura a intersubjetividade, visto a subjetividade não ser rigorosamente individual, pois: "No cogito nós não descobrimos só a nós, mas também aos outros. Pelo 'penso' contrariamente à filosofia de Descartes, contrariamente à filosofia de Kant, atingimo-nos a nós próprios, em face do outro, e o outro é tão certo para nós como nós mesmos" (Sartre, 1970:249).

(Ver *Fundamentos Filosóficos*)

(Ref.: Sartre, 1940, 1989; Giles, 1989; Perdigão, 1995)

SEGURANÇA

Uma das características fundamentais da *atmosfera terapêutica*. Dado que o "conflito psíquico" decorre da percepção de condições de *ameaça*, é importante que, na situação de terapia, se dê uma inversão destas condições.

Para tanto, o terapeuta promove uma atmosfera de acolhimento e segurança que faça com que o "cliente se sinta ao abrigo de qualquer dano à imagem que faz de si mesmo, e quando sua necessidade de revalorização pessoal obtém, de modo realista, a satisfação necessária ao bom funcionamento" (Rogers & Kinget, 1977, I:78).

Rogers diferencia "segurança externa" de "segurança interna". A primeira decorre do sigilo profissional, ou seja, deriva da proteção que o cliente obtém do profissionalismo do psicólogo, o que significa uma segurança de "ordem social". Já a segunda, é um estado propício à tranquilidade emocional e à reorganização atitudinal.

"Esta segurança não se reduz simplesmente a uma confiança no terapeuta. Ainda que esta segurança seja igualmente necessária, ela não basta para estabelecer o bem-estar interno de que aqui se trata (...) A segurança interna não suprime exatamente a angústia que o cliente sente ao confrontar-se. Ela é antes, a força necessária para afrontá-la.." (Rogers & Kinget, 1977, I:79).

(Ver *Atitude*)

(Ref.: Justo, 1987; Rogers, 1977)

SELF

O "self" pode ser definido como o "o indivíduo como objeto da própria contemplação ou ação" (Arnold, Eysenck & Meili, 1982, III:290). Em geral, é definido como o "si-mesmo", como o núcleo central da personalidade.

O "self" ("eu" ou "ego") pode ser definido como "...a configuração experiencial composta de percepções relativas ao eu, as relações do eu com o outro, com o meio e com a vida, em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções. Esta configuração se encontra num estado de fluxo contínuo, isto é, muda constantemente, ainda que seja sempre organizada e coerente" (Rogers & Kinget, 1977:165).

Rogers, ao elaborar sua teoria de desenvolvimento de *personalidade*, assinala que, uma parte da experiência individual se diferencia e é simbolizada numa *awareness* (consciência) de si e de seu funcionamento, chamada de *self-experience*. Esta se torna mais elaborada com a interação ambiental (particularmente o ambiente composto de significantes), num *conceito de self*, um objeto perceptual no seu campo experiencial (Holanda, 1993b).

"Seu 'conceito de eu' é formado de representações e de valores que têm uma dupla origem, a saber a origem orgânica pessoal e a origem social exterior. Isto supõe que o 'conceito de eu' se sinta 'ameaçado' pelas experiências que podem ser simbolizadas de uma maneira contrária às representações introduzidas na sua estrutura do exterior, e que foram aceitas como sendo-lhes próprias. Como reação, o 'conceito de eu', desencadeará um mecanismo de 'defesa', pelo qual ele se esforçará por 'désavouer' essas experiências ou por 'deformá-las' e aceitá-las desta maneira na sua estrutura" (Puente, 1970:124).

Já para Pagès, a concepção de "ego" em Rogers refere-se à: "...percepção que o indivíduo tem de si mesmo, resulta, em parte da diferenciação da experiência total, orgânica, do indivíduo, diferenciação que é ela mesma um aspecto do growth, assim, a experiência total tende a tornar-se mais discernível, a organizar-se em regiões, a ser acessível a uma simbolização consciente; a concepção do eu é um dos produtos desta diferenciação. Mas ele resulta, também, das interações com outrem (com outrem significativos) que dão um sentido particular à experiência de si" (Pagès, 1986:17).

Rogers (1992:563) coloca que "uma parte do campo da percepção total torna-se gradualmente diferenciada como self". E mais ainda complementa: "Como resultado da interação com o ambiente, e particularmente como resultado da interação avaliatória com os outros, é formada a estrutura do self - um padrão conceitual organizado, fluido e coerente de percepções de características e relações do 'eu' ou de 'mim', juntamente com valores ligados a esses conceitos" (Rogers, 1992:566).

Este conceito de "self" levanta a questão da necessidade de atenção

positiva de outrem. Também o próprio indivíduo se encontra em situação de dar esta atenção positiva ao outro. Na realidade, este é o início de uma relação *intersubjetiva*. Percebe-se que tanto se precisa de uma figura significativa de um outro, como se torna esta significativa figura para um outro.

A partir da emergência da *consciência do self*, surge a necessidade de consideração positiva (Ver **Consideração Positiva**), universal nos seres humanos. A satisfação desta é baseada necessariamente em inferências relativas ao campo experencial de outrem, sendo pois, ambígua. É ainda recíproca, havendo satisfação pessoal em "satisfazer" a necessidade do outro. Trata-se de uma necessidade universal, estando associada a uma larga série de experiências individuais.

É a estrutura do "self" que define a **percepção** de realidade do indivíduo, conforme assinala Rogers (1992:572): "À medida que ocorrem na vida do indivíduo, as experiências podem (a) ser simbolizadas, percebidas e organizadas em alguma relação com o self, (b) ser ignoradas porque não há relação percebida com a estrutura do self, ou (c) ter uma simbolização negada ou distorcida porque a experiência é incoerente com a estrutura do self".

Os comportamentos emitidos pelo indivíduo, em sua maioria, são os que apresentam coerência com seu conceito de "self", ou seja, o comportamento está, em geral, congruente com seu auto-conceito (o que implica em "ajustamento psicológico"). Assim sendo, "o desajustamento psicológico existe quando o organismo nega à consciência experiências sensoriais e viscerais significativas que, consequentemente, não são simbolizadas e organizadas na gestalt da estrutura do self. Quando esta situação ocorre, há uma tensão psicológica básica ou potencial" (Rogers, 1992:580).

O organismo, quando se sente ameaçado, tende a se defender. Com isto, experiências encaradas como ameaçadoras podem vir a ser simbolizadas inadequadamente ou simplesmente não serem simbolizadas. Já quando ocorre o contrário, se sob certas condições, o organismo não se sente ameaçado, mesmo experiências incongruentes com sua estrutura de "self" podem ser examinadas, e "a estrutura do self pode ser revista para assimilar e incluir tais experiências" (Rogers, 1992:587).

O desenvolvimento deste *eu* está diretamente ligado a certas condições de valor. Se a criança introjeta valorações condicionais de outrem, é muito provável que este indivíduo também se valorize condicionalmente. Todavia, de acordo com a tendência genérica em direção ao crescimento, este indivíduo experimenta um estado de incongruência entre a sua experiência consciente de si e sua experiência total orgâsmica, ou seja, há contradição entre seu *eu* e sua experiência.

verso O processo terapêutico surge então com o objetivo de desfazer estas discrepâncias de funcionamento, dissolvendo as condições de valor, e permitir a construção de um *eu* congruente com sua experiência, restaurando assim o processo orgâsmico unificado.

É importante assinalar que este conceito - muito importante para a estruturação de sua teoria de personalidade - não pode ser tomado como um constructo ou como uma entidade (isto deixa de ocorrer na terceira fase do pensamento de Rogers), mas tão-somente como uma modalidade organizativa. Atualmente, na literatura, não mais se observa a ênfase neste conceito, mas se releva a questão da dinâmica e do processo orgâsmico como um todo.

(Ver **Experiência e Percepção**)

SELF IDEAL

"Esta noção refere-se ao conjunto das características que o indivíduo desejaría poder reclamar como descriptivas de si mesmo" (Rogers & Kinget, 1977, I:165).

Self Ideal enfoca o somatório de características na qual o sujeito gostaria que fizesse parte de sua estrutura. No momento em que a pessoa passa a acreditar que estas características por ela desejadas são reais, o processo evolutivo natural torna-se prejudicado, pois está vivenciando a fantasia do desejo ao invés de sua realidade, que poderá distorcer a simbolização do **Self Real**. Esta situação poderá ocorrer num momento de comprometimento da capacidade perceptual de si. Porém a imagem do Self Ideal, num funcionamento adequado, auxilia o indivíduo a encontrar e vivenciar aspectos desejados, que proporcionarão a satisfação de suas necessidades orgâsmicas de crescimento e evolução.

(Ver **Personalidade**)

(Ref.: Rogers, 1959, 1992)

SELF REAL

É o conjunto de características (qualidades e defeitos) próprios do indivíduo. Rogers assinala que o caráter realista do self ocorre quando há correspondência entre os atributos que a pessoa acredita possuir e as características que, de fato, possui (Rogers & Kinget, 1977).

(Ver **Personalidade**)

(Ref.: Rogers, 1959, 1992)

SIMBOLIZAÇÃO CORRETA

"Os símbolos de que se compõe a consciência não correspondem necessariamente à 'experiência real' ou à 'realidade'. O psicótico, por exemplo, pode acreditar (se representar) que correntes elétricas lhe atravessam o corpo, quando, na realidade, isto não acontece (...) A noção de simbolização correta significa, pois, que as hipóteses implicitamente presentes na consciência serão

confirmadas se forem postas à prova" (Rogers & Kinget, 1977, I:163). Esta noção está diretamente relacionada com o conceito de **percepção**.

A "simbolização correta" ocorre quando a representação condiz com as experiências vividas, sem exclusão e sem deformação das mesmas.

SIMBOLIZAÇÃO DISTORCIDA

Ver *Deformação da Experiência*

SIMBOLIZAÇÃO REAL

Ver *Simbolização Correta*

SUBCEPÇÃO

A palavra "subcepção" advém do neologismo francês "subception" e significa uma percepção subliminar. *Esta noção, introduzida por McCleary e Lazarus, significa: discriminação (de excitantes) sem representação consciente. Baseando-se em seus trabalhos experimentais, estes autores afirmam que o indivíduo é capaz de efetuar discriminações em níveis neurológicos inferiores ao nível requerido pela representação consciente - mesmo quando é incapaz de efetuar uma discriminação visual consciente. Segundo estes autores, o "organismo" é, pois, capaz de distinguir um excitante e a significação pessoal que tem esse excitante para ele, sem utilizar os centros nervosos superiores que intervêm na tomada de consciência propriamente dita. É esta noção de 'subcepção' que, no contexto de nossas teorias explica a capacidade do indivíduo para distinguir o caráter ameaçador de uma experiência sem ter pleno conhecimento deste caráter ameaçador*" (Rogers & Kinget, 1977, I:164).

É a capacidade que o indivíduo tem de reconhecer, de um lado, experiências a ele ameaçadoras, de outro, de experiências positivas, sem clara consciência do perigo ou do caráter auto-realizador da vivência. É a capacidade de distinção do organismo de aspectos a ele nocivos ou "intuitivos", sem necessidade da conscientização nítida, utilizando aspectos primitivos de discriminação, ou seja, níveis neurológicos abaixo do patamar requerido para a representação consciente.

A noção de subcepção designa uma espécie de "sabedoria interna", intuitiva, que permite ao organismo uma captação da realidade a nível vivencial, pré-cognitivo (vivido), pré-conceitual. **Gendlin** critica esta noção no pensamento de Rogers, por considerar que esta pressupõe a existência de funções cognoscitivas prévias na consciência. "A subcepção suscita o problema do conhecimento inconsciente que antecede, duplica o consciente. Cognições altamente diferenciadas a nível inconsciente parecem selecionar o que depois

poderá perceber-se a nível consciente. Se isto é de fato assim, há uma duplicação da diferenciação e da percepção. Parece, como se, antes da percepção e da diferenciação (quer dizer, antes de conhecer), nossas próprias observações fossem censuradas e selecionadas por um homúnculo que, nos bastidores, também conhece, sendo o primeiro a fazê-lo e freqüentemente com maior refinamento intelectual que a pessoa consciente" (Gendlin, 1962:54).

(Ver *Percepção*)

(Ref.: Rogers, 1959; Rudio, 1987)



TÉCNICA

O conceito de "técnica" na cultura ocidental está ligado à noção de utilização, instrumentalização, encontrada principalmente numa formulação racionalista de pensamento. Podemos observar esta consideração técnica do pensamento ocidental, a partir do "deslumbramento" do homem em face, principalmente, da Revolução Industrial, a partir da invenção da máquina a vapor, que impulsionou o progresso industrial e social em direção à "eficácia e rentabilidade" (Marques, 1989).

Nesta consideração "técnica" do pensamento, o ato de pensar e repensar a realidade produz, para Heidegger (1957) um esquecimento ou um abandono do sentido do próprio ser pensante. Pode-se definir a "técnica" como: "...O esforço do homem que emprega as faculdades mentais para dominar e tornar utilizáveis a matéria e suas forças, ou seja, o que se encontra na natureza. Esse aproveitamento da matéria (...) não se restringe de forma alguma a garantir a existência na luta pela vida. Muito acertadamente, Ortega y Gasset definiu algures a técnica como o 'esforço por diminuir os esforços'" (Hiller, 1973:VII).

Conceptualmente, compreende-se a técnica num duplo sentido: subjetivamente, como habilidade ou perícia, voltado para a concepção da *téchne* grega, como "arte"; e objetivamente, como um conjunto instrumental, referente aos aparelhos e processos usados na ação humana (Holanda, 1993b). Rogers contrapõe a técnica à **atitude**, enfatizando esta última. A Abordagem Centrada na Pessoa fundamenta sua ação na atitude e não na técnica (Lerner, 1974).

Para Pagès, a questão da "técnica" no pensamento de Rogers está relacionada à noção de **não-diretividade**. "O que os rogerianos entendem por técnica é, aliás, diferente do que consideram os psicanalistas, por exemplo. Para os primeiros, trata-se das formas da interação entre a terapia e o cliente, consideradas em seus aspectos operativos, isto é, descritíveis em termos de ações precisas, ao passo que os segundos se interessam mais pelo conteúdo da intervenção do terapeuta, pelo seu lugar na arquitetura da personalidade do cliente e pelos seus efeitos sobre o aumento ou diminuição das resistências" (Pagès, 1976:64).

Investe-se cada vez mais em atitudes que estimulem a autenticidade e a individuação das vivências, já que cada indivíduo é único. Este aprimoramento

atitudinal proporcionará a viabilização da credibilidade e da aceitação incondicional, ou seja, é fundamental a atitude do facilitador para que ocorra o desenvolvimento da **tendência atualizante**.

Wood (1987) aponta para pesquisas que comprovaram o fato que psicoterapeutas sem treinamento (e, portanto, sem o conhecimento técnico) são tão eficientes quanto psicoterapeutas treinados. Isto reforça a idéia de que a **atitude** é primordial em relação à técnica.

(Ref.: Rogers, 1992; Rogers & Kinget, 1977)

(Ver *Abordagem Centrada na Pessoa*)

TENDÊNCIA ATUALIZANTE

O conceito de "tendência atualizante" é central na teoria da **Abordagem Centrada na Pessoa**. Corresponde à seguinte proposição: "Todo organismo é movido por uma tendência inerente a desenvolver todas as suas potencialidades e a desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento. Observemos que a tendência atualizante não visa somente (...) a manutenção das condições elementares de subsistência como as necessidades de ar, de alimentação etc. Ela preside, igualmente, atividades mais complexas e mais evoluídas tais como a diferenciação crescente dos órgãos e funções; a revalorização do ser por meio de aprendizagens de ordem intelectual, social, prática..." (Rogers & Kinget, 1977, I:159-160). Segundo Rogers, o conceito de "tendência atualizante" é mais amplo do que a noção de "necessidades vitais" propugnada por Maslow (Pagès, 1976).

A tendência atualizante delimita uma confiança no potencial criador humano, considerando que o homem é seu próprio arquiteto (Rogers & Rosenberg, 1977). Designa uma tendência direcional à realização das potencialidades construtivas do ser humano, o elemento motivador, a "tenacidade da vida" ou a "força vital" (Rogers, 1963).

Segundo Rogers, a tendência atualizante se manifesta através de comportamentos que visam manter e nutrir o organismo em direção ao seu crescimento e desenvolvimento: "Quer o estímulo venha de dentro ou de fora, quer o ambiente seja favorável ou desfavorável, os comportamentos de um organismo devem ser vistos como sendo na direção da manutenção, do enriquecimento e da reprodução própria. Esta é a natureza do processo que chamamos vida" (Rogers, 1963:3).

A noção de "tendência atualizante" encontra similaridades nos pensamentos de Harry Stack Sullivan, quando este coloca que "a direção básica do organismo é para a frente" ou em Karen Horney, quando esta afirma que "a força básica de uma pessoa é no sentido de crescer fisiológica e psicologicamente e de abandonar tudo que lhe impeça de atingir esse fim" (Simões, 1960: 66-67).

Para Rogers, a "tendência à realização" é básica para a motivação. "Quero o estímulo provenha de dentro ou de fora, quer o ambiente seja favorável ou desfavorável, os comportamentos de um organismo serão dirigidos no sentido dele manter-se, crescer ou reproduzir-se. Esta é a verdadeira natureza do processo ao qual chamamos vida" (Rogers, 1985a: 226-227).

Para sedimentar esta idéia, Rogers (1985a) cita diversos outros pensadores como Ludwig von Bertalanffy (teoria geral dos sistemas), Kurt Goldstein (teoria organísmica), Abraham Maslow, Lancelot Whyte (filosofia da ciência) e Angyal. Além destes, refere-se ainda aos experimentos do biólogo Albert Szent-Gyoergyi em relação à diferenciação dos órgãos e das funções, bem como os trabalhos de Hans Driesch com ouriços do mar (Rogers, 1983a).

(Ref.: Leitão, 1986, 1990; Rogers, 1986b; Von Bertalanffy et Alli, 1976; Loffredo, 1994)

(Ver *Tendência Formativa*)

TENDÊNCIA À ATUALIZAÇÃO DO SELF

Ver *Tendência Atualizante*.

TENDÊNCIA FORMATIVA

"Minha tese principal é a seguinte: parece existir no universo uma tendência formativa que pode ser observada em qualquer nível" (Rogers, 1983a:44). É o correspondente da **tendência atualizante** a nível geral, englobando todos os demais organismos, bem como o universo como um todo. Corresponde a uma tendência direcional universal, observada em fenômenos tais como relações de ecossistemas ou nos comportamentos atômicos.

Como fundamento à sua tese, Rogers cita uma série de estudos e teorias que corroboram com a sua. A destacar a noção de "entropia" proposta pelo prêmio Nobel russo Ilya Prigogine. Segundo o cientista, quanto mais complexa uma estrutura, mais ela gasta energia para manter a sua complexidade. Sua idéia é a de que o nascimento das moléculas e de sua complexidade ocorrem quando a energia é dissipada, assim a ordem e a complexidade emergem do caos. Disto emerge uma instabilidade que é facilmente identificável nas relações interpessoais de que fala Rogers. "Hoje os físicos têm focalizado principalmente a entropia, (...), assim, sabe-se muito sobre a tendência universal de todo sistema a se degenerar em direção a um estado cada vez mais desordenado, cada vez mais caótico (...), toda forma que vemos ou conhecemos surgiu de uma outra mais simples, menos complexa. Este fenômeno é no mínimo tão significativo quanto a entropia" (Rogers, 1983a:44-45). Prigogine assinala com isto a idéia de "irreversibilidade" que poderíamos

resumir como a seguir: uma estrutura não retoma seu estado anterior. Isto delimita um contínuo crescimento em direção à plena realização.

Prigogine, prêmio Nobel de Química de 1977, com seu trabalho sobre as "estruturas dissipativas" delimita a idéia de que a Ordem advém do Caos: "Prigogine observa que nosso universo, nascido de um caos inicial - uma explosão há quinze bilhões de anos - organizou-se em galáxias e planetas. A própria vida, nascida dos acasos da seleção natural, progride no sentido de uma sempre maior organização e complexidade. A economia funciona também sobre este modelo: da soma das atividades individuais desordenadas surgem a ordem social e o progresso econômico. O destino das nações é igualmente atingido por turbulências que, depois de gigantescas flutuações - movimentos de massa, conflitos - terminam numa nova ordem social que clama por mais recursos energéticos" (Sorman, 1989:46).

(Ref.: Rogers, 1959, 1963, 1986b, 1978; Advíncula, 1991b)

TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

Uma das aplicações mais difundidas da **Abordagem Centrada na Pessoa** (Wood, 1994). Rogers parte de sua experiência clínica para elaborar sua teoria, e uma de suas primeiras formulações (logo após o **aconselhamento não-diretivo**), foi a "terapia centrada no cliente" (Ver *Fases da Abordagem Centrada na Pessoa*).

Rogers define alguns elementos característicos da Terapia Centrada no Cliente. O primeiro deles seria a "previsibilidade" do processo. Essa cadeia de previsibilidade advém de sinais tais como o uso da linguagem (no caso do **aconselhamento**) ou através da simbologia do lúdico (como na *ludoterapia*), por exemplo.

As condições necessárias para que o processo da terapia centrada no cliente se desenvolva são: 1) O pressuposto que o cliente é basicamente responsável por si mesmo; 2) A crença numa tendência à maturação e ao desenvolvimento, além de acreditar que o íntimo do cliente é produtivo; 3) A criação de uma atmosfera caracterizada pelo calor e pela liberdade, onde o indivíduo se permita vivenciar qualquer atitude ou sentimento que lhe é próprio; 4) Que esta atmosfera estabeleça limites apenas para comportamentos, e não para atitudes; 5) Que o terapeuta faça uso do reflexo sensível e da clarificação das atitudes do cliente. Se estas condições forem estabelecidas, então o cliente expressará suas atitudes e reações mais plenamente, tornar-se-á consciente de suas atitudes, chegará a uma apreensão mais clara de suas motivações, escolherá mais livremente seus objetivos (Rogers, 1946).

O segundo elemento característico da terapia centrada no cliente é a descoberta da capacidade do cliente. "Basicamente, a razão para a previsibilidade do processo terapêutico está na descoberta - e uso esta palavra

intencionalmente - de que no interior do cliente residem forças construtivas cujo poder e uniformidade não têm sido reconhecidos inteiramente, como também têm sido bastante subestimados. É a nítida e disciplinada confiança do terapeuta nessas forças internas do cliente que parece explicar a ordenação do processo terapêutico, bem como sua consistência de um cliente para outro" (Rogers, 1946:417).

O terceiro aspecto é a questão do relacionamento entre o terapeuta e o cliente. Ao contrário das abordagens que centralizam sua eficácia na figura do terapeuta, na abordagem centrada no cliente, as habilidades terapêuticas se direcionam para criar um clima adequado para o cliente. "O terapeuta deve pôr de lado sua preocupação com diagnóstico e sua perspicácia em diagnosticar, deve descartar sua tendência a fazer avaliações profissionais, deve cessar seus esforços em formular prognósticos acurados, deve abandonar a sutil tentação de guiar o indivíduo, e deve se concentrar num único propósito: o de prover uma profunda compreensão e aceitação das atitudes conscientemente sustentadas no momento pelo cliente, enquanto explora passo a passo áreas perigosas que têm sido negadas à consciência" (Rogers, 1946:420). A atitude do terapeuta é fundamental no estabelecimento desta relação.

Rogers, a partir de sua experiência clínica, define algumas condições do processo terapêutico. Para que este ocorra, é necessário que: 1) Duas pessoas (no caso o terapeuta e o cliente) estejam em contato; 2) O cliente esteja experienciando um estado de **desacordo interno** ou de **angústia**; 3) O terapeuta, deve se encontrar num estado de **acordo interno**, ao menos, durante o tempo da entrevista; 4) O terapeuta deve experienciar uma apreciação positiva e incondicional pelo cliente; 5) O terapeuta deve experimentar uma **compreensão empática** a partir do referencial do cliente; 6) O cliente deve perceber as três condições anteriores.

A sua "teoria da terapia" pode ser resumida nos seguintes pontos: a) Condições do processo terapêutico (descritos acima); b) O processo da terapia; e c) Efeitos da Terapia.

O processo da terapia em si é descrito por Rogers (1959) em doze pontos, a partir da criação de uma atmosfera onde as condições citadas estejam presentes: 1) O cliente se sente mais aberto para expressar seus sentimentos; 2) Esses sentimentos estão cada vez mais de acordo com o "eu"; 3) O indivíduo apresenta maior capacidade de discriminação (dos objetos de seus sentimentos e de suas percepções). Resulta nisto, uma percepção menos rígida e mais global; 4) "Os sentimentos que exprime se relacionam, cada vez mais, com o estado de desacordo existente entre certos elementos de sua experiência e sua noção de eu" (Rogers, 1959:216); 5) O indivíduo torna-se consciente da ameaça deste estado de desacordo interno (tornada possível graças à **consideração positiva incondicional**); 6) O indivíduo chega a experienciar plenamente sentimentos até então negados ou deformados; 7) Dá-se uma

mudança na "imagem de eu", o que permite uma integração desses sentimentos negados e/ou deformados; 8) Concomitante à reorganização do "eu", dá-se o acordo entre esta estrutura e a experiência total; 9) O indivíduo vivencia cada vez mais a consideração positiva incondicional do terapeuta (sem sentir-se ameaçado); 10) Ao mesmo tempo, passa a experienciar esta consideração em relação a si próprio; 11) Dá-se conta, então, de que é seu próprio centro de avaliação; e; 12) Sua avaliação torna-se menos condicional e mais orgâsmica.

Para Rogers, a terapia é um processo, um *continuum*. Pode-se afirmar que sua teoria refere-se à "mudança de personalidade". "Com base no estudo de um grande número de entrevistas gravadas, desenvolvi uma nova perspectiva do processo de mudança em psicoterapia (...) Um cliente inicia a terapia em algum ponto de um continuum total do processo (...)" (Rogers & Wood, 1978:199).

Para Rogers (1956), a essência da psicoterapia é o que chama de "momentos de movimento". Momentos de profunda mudança que ocorrem em terapia dada as condições facilitadoras. Nos atuais modelos de compreensão da terapia centrada no cliente, encontramos um enfoque que privilegia o intersubjetivo, particularmente a partir das ampliações epistemológicas propostas por Moreira (1990), a partir da filosofia de *Merleau-Ponty*, a partir do pensamento de Martin *Buber* (além destes filósofos, diversos outros são base para o procedimento psicoterapêutico atual como, por exemplo, *Kierkegaard, Nietzsche* e a *Fenomenologia*).

(Ver *Fases do Processo Terapêutico*; Apêndice A *Evolução da Terapia Centrada no Cliente*)

(Ref.: Rogers, 1957, 1958, 1967, 1977, 1983a, 1986a, 1992; Raskin & Rogers, 1989; Puente, 1970; Pagès, 1976; Gondra, 1981; Bastos, 1985; Leitão, 1986, 1987; Cury, 1987; Justo, 1987; Advíncula, 1991b; Moreira, 1993)

TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA

Transferência e Contratransferência são conceitos oriundos da psicanálise, originalmente denotativos do processo de atualização de desejos inconscientes em determinados objetos, sendo representativos de "repetição de protótipos infantis", conforme Laplanche & Pontalis (1983).

Na realidade, esses conceitos dizem respeito a processos vivenciais que ocorrem em situações de psicoterapia, entre terapeuta e cliente. Neste caso, são situações vividas em todos os processos psicoterapêuticos, não sendo assim únicos da psicanálise.

Neste sentido, poderíamos definir, genericamente, "Transferência" como a atitude afetiva do cliente em direção ao terapeuta; e "Contratransferência" como a atitude emocional ou afetiva do terapeuta em direção à pessoa do cliente.

Na Abordagem Centrada na Pessoa, não se trabalha com este conceito a nível formal. Rogers, em sua obra, cita a questão em um capítulo de seu livro *Terapia Centrada no Cliente*, onde assinala sua discordância da conceituação freudiana. Todavia, como a Abordagem Centrada na Pessoa se refere a um processo de troca entre pessoas, envolvendo sentimentos de parte a parte, Rogers assinala para possibilidade destas trocas de afeto serem interpretadas como transferência ou contratransferência.

De seu ponto de vista, “*Atitudes de Transferência talvez sejam mais prováveis quando o cliente experimenta o material que traz à consciência como uma forte ameaça à organização do Self.*” (Rogers, 1992:251)



VERSÃO DE SENTIDO

Metodologia de investigação descrita por Amatuzzi (1991, 1993, 1995, 1996) a partir de um modelo de pesquisa fenomenológico. A *Versão de Sentido* é uma metodologia de descrição e análise de processos, utilizada basicamente (mas não exclusivamente) na análise do processo psicoterapêutico e consiste no “*relato breve e essencial da experiência imediata do terapeuta*” (Amatuzzi, 1995). Filosoficamente se enquadra numa perspectiva de aproximação fenomenológica da realidade, é uma “*radiografia fenomenológica de um encontro*” (Amatuzzi, 1996), e foi inspirada na *Abordagem Centrada na Pessoa*, embora não seja exclusiva desta. No contexto do pensamento de *Rogers*, encontra similaridades com os relatos dos clientes que ilustram processos terapêuticos, como encontrados em *Terapia Centrada no Cliente* (Rogers, 1992), possuindo precedência na utilização das gravações em vídeo de sessões terapêuticas por Rogers.

“*Entendemos por versão de sentido um relato livre, que não tem a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu, mas sim de ser uma reação viva a isso, escrito ou falado imediatamente após o ocorrido, e como uma palavra primeira. Consiste numa fala expressiva da experiência de seu autor, diante de um encontro recém-terminado*” (Amatuzzi, 1996:12).

A idéia da “versão de sentido” reside na pressuposição de que o único acesso ao vivido de um encontro se dá pelas versões deste mesmo vivido, a partir do sujeito que o vivencia. Trata-se de uma “presentificação” dos significados vivenciados.

Descritivamente, a “versão de sentido” é uma maneira de atualizar um sentido dentro de um contexto de interlocução - de intersubjetividade; é uma forma de resgatar a experiência do vivido a partir dos significados atribuídos pelo sujeito vivente. Ela é “*a fala, a mais autêntica possível, que toma como referência intencional um encontro vivido, pronunciada logo após sua ocorrência*” (Amatuzzi, 1996:19); é uma “fala autêntica” (dentro de um contexto dialógico).

Sob um aspecto iminentemente filosófico, esta metodologia - além da qualificação fenomenológica - encontra suporte nos pensamentos de Martin *Buber* e Maurice *Merleau-Ponty*, que trabalham com epistemologias e filosofias da expressão existencial através da linguagem. Do ponto de vista operacional, a versão de sentido procura resgatar a interlocução entre subjetividades, no intuito

de alcançar a essência do fenômeno vivido (muito próximo da filosofia dialógica de Buber).

VIDA PLENA

Rogers (1977) assinala que o conceito de "vida plena" ou de uma pessoa que funciona plenamente, refere-se à sua tentativa de esboçar um quadro quanto à hipótese de um tratamento terapêutico atingir seu grau máximo. Para tanto, parte de suas observações de processos terapêuticos os mais diversos.

"Vou procurar dar numa forma muito resumida uma descrição de como seria essa terapia se ela fosse, em todos os aspectos, a melhor possível, pois penso que o que aprendi sobre a plenitude da vida deriva de experiências terapêuticas que se revestiram de um profundo dinamismo. Se a terapia atingisse um nível ótimo, tanto intensiva quanto extensivamente, isso significaria que o terapeuta teria sido capaz de estabelecer com o cliente uma relação intensamente pessoal e subjetiva - não uma relação como a do cientista com o seu objeto de estudo, nem como a de um médico que procura diagnosticar e curar, mas como uma relação de pessoa a pessoa" (Rogers, 1977:164).

Para isto, é necessário que o terapeuta considere seu cliente de maneira incondicional, além de ser autêntico, ou seja, ser realmente uma pessoa diante da outra, que não se esconde por detrás de fachadas, e que o terapeuta experiente uma compreensão empática em direção ao cliente. Para o cliente, por seu turno, esta terapia implica numa auto-exploração e numa auto-aceitação cada vez maior. O conceito de "vida plena" representa um processo, não um estado fixo. *"É uma direção, não um destino. A direção representada pela 'vida plena' é aquela que é escolhida pelo organismo total, quando existe liberdade psicológica para se mover em qualquer direção"* (Rogers, 1977:166).

Representa, para o cliente, uma abertura crescente à experiência; uma aumento da vivência existencial, que implica em viver cada momento plenamente e como novidade; uma confiança crescente no seu próprio organismo. Como consequências, Rogers aponta para uma "nova perspectiva sobre a liberdade e o determinismo" e a emergência da criatividade.

(Ref.: Rogers, 1973; Justo, 1987)

VULNERABILIDADE

"Este termo designa o estado de desacordo que pode existir entre o eu e a experiência. Emprega-se quando se deseja ressaltar o perigo de desorganização psíquica a que este estado é suscetível de conduzir. Quando o indivíduo se encontra num estado de desacordo sem se dar conta disso, é potencialmente vulnerável à angústia, à ameaça, à desorganização" (Rogers & Kinget, 1977, I:169).

(Ver **Ameaça, Angústia**)



WOOD, John K.

John Keith Wood é, atualmente, a principal personalidade da Abordagem Centrada na Pessoa. Participou diretamente do próprio desenvolvimento da Abordagem, sendo um de seus mais importantes construtores. Nascido na Califórnia, tornou-se Bacharel em Ciências pela California State University, em 1967; e doutorou-se em Psicologia pela Union Graduate School, Antioch College, Ohio, em 1973.

Recebeu orientação de renomados psicólogos como Jack Gibb, Goodwin Watson e Carl Rogers. Profissionalmente, inicia como consultor do Departamento de Recursos Humanos do Estado da Califórnia. Foi ainda professor da Universidade Estadual de San Diego, Califórnia. Atuou como psicoterapeuta individual e de grupos no Centro de Aconselhamento da mesma instituição. Além disso, ministrou diversos cursos sobre relações humanas, sociologia e educação, bem como foi supervisor de pós-graduação em Psicologia.

A partir de 1970, integra a equipe de profissionais do *Center for Studies of the Person*, La Jolla, fundada em 1964 por Rogers e colaboradores, do qual foi Resident Fellow entre os anos de 1977 a 1981, e Diretor de 1981 a 1983. *"No Brasil, tem exercido uma influência marcante desde 1977, ocasião em que juntamente com Carl Rogers e alguns colegas de La Jolla facilitou workshops que se tornaram conhecidos nacionalmente e ajudaram a consolidar a imagem da Abordagem Centrada na Pessoa e seu desenvolvimento entre psicólogos, educadores e estudiosos de Ciências Humanas e Medicina. Sua carreira docente teve continuidade, tendo se vinculado, por cinco anos, ao Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, exercendo atividades de orientação de teses, docência e publicações de artigos e livros"* (Wood et Alli, 1994:182).

Extremamente atuante na Abordagem Centrada na Pessoa, John Wood participou de atividades clínicas e docentes no Centro de Psicologia da Pessoa (Rio de Janeiro) e na Unidade Terapêutica de Recife. Ao lado de Rachel Rosenberg, organizou, na Universidade de São Paulo (USP), um programa de estudos avançados sobre a Abordagem, entre os anos de 1984 e 1986, que reuniu profissionais de vários países latino-americanos.

"Amigo pessoal de Carl Rogers por quase vinte anos, Wood contribuiu

para o desenvolvimento e sistematização de suas idéias compartilhando os mesmos ideais, vivenciando fases de incertezas e angústias quanto aos rumos da Abordagem Centrada na Pessoa. Dentro desta perspectiva desenvolveu um pensamento independente a ponto de se constituir atualmente num crítico competente e equilibrado das iniciativas nesta área. Longe de ser um apologista da Abordagem Centrada na Pessoa, John tem lançado sua ironia inteligente contra os mistificadores e alertado quanto aos riscos de se tentar alçar a Abordagem Centrada na Pessoa ao papel de panacéia para todos os males" (Wood et alii, 1994:182-183).

Apesar de crítico, permanece fiel aos princípios básicos da Abordagem Centrada na Pessoa, considerando que esta ainda não foi compreendida nas suas possibilidades reais e lamenta que questões como busca de prestígio e poder tenham desvirtuado as idéias da Abordagem junto a alguns de seus praticantes.

Atualmente reside em Jaguariúna (São Paulo) e desenvolve atividades clínicas e de estudo sobre grandes grupos no Brasil e na Inglaterra. Obras Principais: "Therapeut und Klient: Grundlagen der Gesprächspsychotherapie" (1977); Co-autor com C. R. Rogers, Maureen M.O'Hara e Afonso H. L. Fonseca de "Em Busca de Vida: Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa" (1983); "Vestígios de Espanto" (1987); "Abordagem Centrada na Pessoa", com colaboradores (1994).

(Ver Apêndice História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil)

WORKSHOP

Nome genérico, sem tradução exata para o português, que está associado a todo tipo de atividades relativas a grupo (encontra alguma correspondência e é invariavelmente traduzida por "oficina"). É uma modalidade de grupo intensivo cujo objetivo está associado ao título do trabalho em questão (p.ex.: *Creativity workshop* ou "oficina de criatividade"). Na Abordagem Centrada na Pessoa, *Workshop* é sinônimo de **grupos de encontro**.

(Ver Apêndice Modelo de Trabalho com Grupos na Abordagem Centrada na Pessoa)

(Ref.: Rogers, 1980)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. (1992). *Diccionario de la Filosofia*, Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- ADVÍNCULA, I. (1991a). Martin Buber e a Plenitude da Relação Humana. Carl Rogers e a Plenitude da Relação Psicoterapêutica. Diferenças e Semelhanças, IV Encontro Nordestino da Abordagem Centrada na Pessoa, Fortaleza, manuscrito.
- ADVÍNCULA, I. (1991b). Tendência Atualizante e Vontade de Potência: Um Paralelo entre Rogers e Nietzsche, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 7(2):201-214.
- ADVÍNCULA, I.F. (1989). O Inconsciente na Abordagem Centrada na Pessoa, IV Forum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, Rio de Janeiro, manuscrito.
- AMATUZZI, M.M. (1989a). O Significado da Psicologia Humanista. Posicionamentos Filosóficos Implícitos, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 41(4):88-95.
- AMATUZZI, M.M. (1989b). *O Resgate da Fala Autêntica*, Campinas: Papirus.
- AMATUZZI, M.M. (1991). O Sentido-Que-Faz-Sentido: Uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 7(1):1-12.
- AMATUZZI, M.M. (1993). Etapas do Processo Terapêutico: Um estudo exploratório, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 9(1): 1-21.
- AMATUZZI, M.M. (1995). Descrevendo Processos Pessoais, *Estudos de Psicologia*, Campinas, 12(1):65-79.
- AMATUZZI, M.M. (1996). O Uso da Versão de Sentido na Formação e Pesquisa em Psicologia, *Coletâneas da ANPEPP*, 11-24.
- AMATUZZI, M.M; ECHEVERRIA, D.F.; BRISOLA, E.B.V. & GIOVELLI, L.N. (1996). *Psicologia na Comunidade. Uma experiência*, Campinas: Editora Alínea.
- ARNOLD, W.; EYSENCK, H.J. & MEILI, R. (1982). *Dicionário de Psicologia*, São Paulo: Loyola.
- AXLINE, V. (1984). *Ludoterapia*, Belo Horizonte: Interlivros.
- BARRETT-LENNARD, G.T. (1984). The Topography of Family Relationships: A Person-Centered Systems View, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- BASTOS, J.M. (1985). *Similaridades entre a Psicoterapia Centrada no Cliente e o Pensamento Existencial de Søren Kierkegaard*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/ISOP, Dissertação de Mestrado.
- BEAUCHESNE, H. (1989). *História da Psicopatologia*, São Paulo: Martins Fontes.
- BONIN, W.F. (1991). *Diccionario de los Grandes Psicólogos*, Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- BORIS, G.D.J.B. (1987). Uma Reflexão Acerca da Consistência Teórica das Psicoterapias Humanistas, *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 5(1):69-75.
- BORIS, G.D.J.B. (1994). Noções Básicas de Fenomenologia, *Insight-Psicoterapia*, Nov; p.19-25.
- BOWEN, M.C.V.B. (1987). Espiritualidade e Abordagem Centrada na Pessoa: Interconexão no Universo e na Psicoterapia, in Antonio Monteiro dos Santos, Maria C.V.B.Bowen & Carl R. Rogers, *Quando Fala o Coração: A Essência da Psicoterapia Centrada na Pessoa*, Porto Alegre: Artes Médicas.

- BOZARTH, J.D. (1984). Current Research on Client Centered Therapy in the United States: Conclusions and Discussions, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- BOZARTH, J.D. (1989). Person-Centeredness: A Paradigm from Client-Centered Therapy, IV Forum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, Rio de Janeiro, manuscrito.
- BRAATEN, L.L. (1984). Individualy Perceived Group Atmosphere and Goal Attainment in Humanistic-Existential Group Psychotherapy: A Methodological Pilot Study, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- BRÉHIER, E. (1962). *História de la Filosofia*, Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- BRINK, D.C. (1984). Humanistic Education: Cognitive/Experiential Learning in a Teacher Preparation Course, In Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- BRUN, J. (1988). *Os Pré-Socráticos*, Lisboa: Edições 70.
- BUBER, M. (1979). *Eu e Tu*, São Paulo: Editora Moraes.
- BUBER, M. (1982). *Do Diálogo e do Dialógico*, São Paulo: Perspectiva.
- BUBER, M. (1988). *The Knowledge of Man*, New Jersey: Humanities Press International, Inc.
- BUCHER, R.E. (1983). "Fenomenologia e Psicanálise", *Revista Brasiliense de Psiquiatria*, 3/1:33-43.
- BUCHER, R.E. (1989). *Psicoterapia pela Fala*, São Paulo: EPU.
- BUYS, R.C. (1987). *Supervisão de Psicoterapia na Abordagem Humanista Centrada na Pessoa*, São Paulo: Summus.
- CABALLO, V.E. (1996). *Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento*, São Paulo: Santos Livraria Editora.
- CABRAL, A. & NICK, E. (1989). *Dicionário Técnico de Psicologia*, São Paulo: Cultrix.
- CAMPBELL, R.J.(1986). *Dicionário de Psiquiatria*, São Paulo: Martins Fontes.
- CANTISTA, M.J. (1990). Merleau-Ponty, in Logos. Encyclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Lisboa: Verbo.
- CHICKADONZ, G.H.; LINDSTROM, C.J.; UTZ, S.W. & WHITMIRE, V.M. (1984). Creating a Person-Centered Environment for a New Graduate Nursing Program, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- CORDIOLI, A.V. (Org.)(1993). *Psicoterapias. Abordagens Atuais*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- CORONA, C. (1978). *Desarollo del Potencial Humano - Aportaciones de una Psicología Humanista*, México: Editorial Trilla.
- CORSINI, R.J. (1984). *Encyclopedia of Psychology*, New York: John Wiley & Sons.
- CUNHA, A.G. (1991). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CURY, V.E. (1987). *Psicoterapia Centrada na Pessoa: Evolução das Formulações sobre a Relação Terapeuta-Cliente*, São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado.

- DAVIDOFF, L. L. (1983). *Introdução à Psicologia*, São Paulo: McGraw-Hill do Brasil.
- DELACAMPAGNE, C. (1997). *História da Filosofia no Século XX*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DELEUZE, G. (1962). *Nietzsche et la Philosophie*, Paris: Puf.
- DIOGENES LAERTIOS (1988). *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- DORFMAN, E. (1992). *Ludoterapia*, In C. Rogers, *Terapia Centrada no Cliente*, São Paulo: Martins Fontes.
- DOXSEY, J.R. (1984). Some Dilemmas Facing the Person-Centered Approach in Transcultural Societies: A Sociological Perspective, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- DOXSEY, J.R. (1994). Poder, Autoridade e Conflito na Abordagem Centrada na Pessoa: Novos Horizontes ou mais Fantasias?, VII Encontro Latino-Americano da Abordagem Centrada na Pessoa, Maragogi, Alagoas, manuscrito.
- DURANT, W. (1988). *História da Civilização. Nossa Herança Clássica*, São Paulo: Editora Melhoramentos.
- DUTRA, E.M.S. (1996). O Trabalho Corporal como um Recurso Facilitador da Experiência, *Estudos de Psicologia*, Natal, 1(1):56-66.
- DUYCKAERTS, F. (1954). *La Notion de Normal en Psychologie Clinique*, Paris: Librairie Philosophique J.Vrin.
- ETCHEVERRY, A. (1975). *O Conflito Atual dos Humanismos*, Porto: Livraria Tavares Martins.
- EVANS, R.I. (1979). *Carl Rogers. O Homem e suas Idéias*, São Paulo: Martins Fontes.
- FADIMAN, J. & FRAGER, R. (1979). *Teorias da Personalidade*, São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil Ltda.
- FONSECA, A.H.L. (1988). *Grupo. Fugacidade, Ritmo e Forma*, São Paulo: Ágora.
- FONSECA, A.H.L. (1989). O Terapeuta e o Fundamento Fenomenológico, II Encontro Nacional de Gestalt-Terapia, Caxambu, manuscrito.
- FORGHIERI, Y.C. (1984) (Org.) *Fenomenologia e Psicologia*, São Paulo: Autores Associados
- FORGHIERI, Y.C. (1993). *Psicologia Fenomenológica. Fundamentos, método e pesquisas*, São Paulo: Pioneira.
- FOX, R.M. & TAUSCH, R. (1984). Person-Centered Qualities of Being in Partnership and Marriage: An Empirical Examination of Carl Rogers's Theory of Facilitative Interpersonal Relationships, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- FRAYZE-PEREIRA, J.A. (1984). Apontamentos para uma Crítica da Psicologia Humanista, *Psicologia*, 10(3):1-10.
- FREIRE, J.C. (1987). A Ética da Psicologia Centrada na Pessoa, *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 5(1): 77-91.
- FREIRE, J.C. (1988). Retrospectiva Crítica da Obra de Carl Rogers: Da "Terapia do Relacionamento" à Intuitividade dos "Momentos de Movimento", *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 6(1):53-79.

- FREIRE, J.C. (1989). *A Ética da Psicologia Centrada na Pessoa em Carl Rogers*, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Dissertação de Mestrado.
- FREITAS, M.C. (1990). Nietzsche, in Logos. Encyclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Lisboa: Verbo.
- FREUD, A. (1928). *Introduction to the Technic of Child Analysis*, New York: Nervous and Mental Disease Publishing, Co.
- FRIEDMAN, M. (1986). Martin Buber. *A Life of Dialogue*, Chicago: University of Chicago Press.
- GENDLIN, E.T. (1962). *Experiencing and the Creation of Meaning*, New York: The Mcmillan Co.
- GENDLIN, E.T. (1987). Comunicação Subverbal e Expressividade do Terapeuta: Tendências da terapia centralizada no cliente no caso de esquizofrênicos, in C.R.Rogers; B.Stevens; E.T.Gendlin; J.M.Shlien & W.Van Dusen, *De Pessoa para Pessoa*, São Paulo: Pioneira.
- GILES, T.R. (1979). *Critica Fenomenológica da Psicologia Experimental em M.Merleau-Ponty*, Petrópolis: Vozes.
- GILES, T.R. (1989). *História do Existencialismo e da Fenomenologia*, São Paulo; E.P.U.
- GIORGI, A. (1985). *Phenomenological and Psychological Research*, Pittsburgh: Duquesne University Press.
- GOMES, W.B. (1986a). Influências da Fenomenologia e da Semiótica na Psicoterapia, *Psico*, Porto Alegre, 12(1):127-144.
- GOMES, W.B. (1986b). Movimentos Humanistas: Psicologia Humanista e a Abordagem Centrada na Pessoa, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 1(1):42-54.
- GOMES, W.B. (1988a). A Experiência Retrospectiva de Estar em Psicoterapia, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 4(3).
- GOMES, W.B. (1988b). A Psicoterapia Experiencial de Eugene Gendlin e suas Relações com a Fenomenologia, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 3(1/2):38-48.
- GONDRA, J.M. (1981). *La Psicoterapia de Carl Rogers*, Bilbao: Desclée de Brouwer.
- GORRI, A.A. (1985). *Estudios sobre los Presocráticos*, Barcelona: Anthropos Editorial del Hombre.
- HAMELINE, D. & DARDELIN, M-J. (1977). *La Liberté d'Apprendre. Situation II. Rétrospective sur un enseignement non-directif*, Paris: Les Éditions Ouvrières.
- HART, J.T. & TOMLINSON, T.M. (1970) (Orgs.). *New Directions in Client-Centered Therapy*, Boston: Houghton Mifflin.
- HEIDEGGER, M. (1957). *Carta sobre o Humanismo*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- HEIDEGGER, M. (1988). *Ser e Tempo*, Petrópolis: Vozes.
- HILLER, E. (1973). *Humanismo e Técnica*, São Paulo: E.P.U.
- HOLANDA, A.F. (1992a). Presença de Heráclito em Psicoterapia, *Insight-Psicoterapia*, São Paulo, Ano II, (15):10-12.
- HOLANDA, A.F. (1992b). *L'Être Devant le Monde: La Pensée de Martin Buber et l'Approche Centrée sur la Personne*, V Forum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, Terschelling, Holanda, manuscrito.

- HOLANDA, A.F. (1993b). *Carl Rogers e Martin Buber. Abordagem Centrada na Pessoa e Filosofia Dialógica em Questão*, Universidade de Brasília, Dissertação de Mestrado.
- HOLANDA, A.F. (1995). Uma Introdução à Mística Judaica: O Hassidismo, *Revista Teologia e Cultura*, Brasília, Ano I, N^o.2, pp.149-161.
- HUIZINGA, J. (1984). Developments in Life and Work of Carl Ransom Rogers, In Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- HUSSERL, E. (1976). *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendentale*, Paris: Gallimard.
- HUSSERL, E. (1985). *Idées Directrices pour une Phénoménologie et une Philosophie Phénoménologie Pures*, Paris: Gallimard.
- HUSSERL, E. (1992). *Conferências de Paris*, Lisboa: Edições 70.
- JAPIASSU, H. & MARCONDES, D. (1990). *Dicionário Básico de Filosofia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- JASPERS, K. (1987). *Psicopatologia Geral*, São Paulo: Livraria Atheneu.
- JOLIVET, R. (1952). *El Existencialismo de Kierkegaard*, Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina S.A.
- JOLIVET, R. (1961). *As Doutrinas Existencialistas*, Porto: Livraria Tavares Martins.
- JUSTO, H. (1987). *Cresça e Faça Crescer. Lições de um dos maiores psicólogos: C.Rogers*, Canoas: Tipografia e Editora La Salle.
- JUSTO, H. (1988). Aprendizagem Centrada no Aluno, *Educação*, Porto Alegre, Ano XI, (15):71-85.
- KEEN, E. (1979). *Introdução à Psicologia Fenomenológica*, Rio de Janeiro: Interamericana.
- KIERKEGAARD, S. A. (1959). *Temor e Tremor*, Lisboa: Guimarães Editores.
- KIERKEGAARD, S.A. (1972). *O Conceito de Angústia*, Lisboa: Editorial Presença.
- KLEIN, M.H.; MATHIEU, P.L.; GENDLIN, E.T. & KIESLER, D.J. (1970). *The Experiencing Scale - A Research and Training Manual*, Vols.I e II, Madison: Wisconsin Psychiatric Institute.
- LALANDE, A. (1956). *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*, Paris: Presses Universitaires de France.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B.(1983). *Vocabulário de Psicanálise*, São Paulo: Martins Fontes.
- LEITÃO, V.M. (1984). *Limites da Abordagem Centrada na Pessoa*, Universidade Federal do Ceará, Dissertação de Mestrado.
- LEITÃO, V.M. (1986). Da Teoria Não-Diretiva à Abordagem Centrada na Pessoa: Breve Histórico, *Revista de Psicologia*, Fortaleza, 4(1):65-87.
- LEITÃO, V.M. (1987). O Enfoque Centrado na Pessoa no Tratamento de um Caso de Esquizofrenia, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 3(3):262-281.
- LEITÃO, V.M. (1990). Liberdade em Carl Rogers, *Educação em Debate*, Fortaleza, 19-20:89-98.
- LERNER, M. (1974). *Introducción a la Psicoterapia de Rogers*, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- LEVINAS, E. (1989). *Théorie de l'Intuition dans la Phénoménologie de Husserl*, Paris: Librairie Philosophique J.Vrin.
- LIGON, B. & SMITTEN, C. (1984). *Counseling for Death, Dying and Bereavement*: A

- Person Centered Course, In Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- LOFFREDO, A.M. (1994). *A Cara e o Rosto. Ensaio sobre Gestalt-Terapia*, São Paulo: Escuta.
- LÓPEZ, S.M. (1993). *Guía del Aprendizaje Participativo*, México: Trillas.
- MARQUES, J. S. (1989). Ethos e Ética em Heidegger, *Educação e Filosofia*, Überlândia, 4(7):59-66.
- MAUSS, M. (1974). *Sociologia e Antropologia*, Vol.I, São Paulo: EPU/EDUSP.
- MAY, R. (1967). "Orígenes y Significado del Movimiento Existencial en Psicología", in Rollo May, Ernest Angel & Henri F.Ellenberger (Eds), *Existencia*, Madrid: Editorial Gredos S.A.
- MAY, R. (Org.)(1988). *Psicología Existencial*, Rio de Janeiro: Globo.
- MAY, R. (1982). *A Arte do Aconselhamento Psicológico*, Petrópolis: Vozes.
- MERLEAU-PONTY, M. (1953). *Éloge de la Philosophie*, Paris: Gallimard.
- MERLEAU-PONTY, M. (1967). *Les Sciences de l'Homme et la Phénoménologie*, Paris: Centre de Documentation Universitaire.
- MERLEAU-PONTY, M. (1975). *A Estrutura do Comportamento*, Belo Horizonte: Interlivros.
- MERLEAU-PONTY, M. (1976). *Phénoménologie de la Perception*, Paris: Gallimard.
- MILHOLLAN, F. & FORISHA, B.E. (1978). *Skinner x Rogers: Maneiras Contrastantes de Encarar a Educação*, São Paulo: Summus.
- MORA, J.F. (1994). *Diccionario de Filosofia*, Barcelona: Editorial Ariel, S.A.
- MOREIRA, V. (1990). *Para Além da Pessoa: Uma Revisão Crítica da Psicoterapia de Carl Rogers*, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Tese de Doutorado.
- MOREIRA, V. (1993). Psicoterapia Centrada na Pessoa e Fenomenologia, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 9(1):157-172.
- MOREIRA, V. (1994). Fundamentos Filosóficos das Psicoterapias de Base Humanista, *Revista de Psicologia*, V.11 (1/2); V.12 (1/2):111-123.
- MOREIRA, V.; SABOIA, A. BECO, L & SOARES, S. (1994). Psicoterapia Fenomenológico-Existencial: Aspectos teóricos da prática clínica com foco nas competências, VII Encontro Latino-Americano da Abordagem Centrada na Pessoa, Maragogi, Alagoas, manuscrito.
- MORENO, S. (1984). Some Issues in the Person-Centered Approach in Education: A Latin American Perspective, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- MUCCHIELLI, R. (1978). *A Entrevista Não-Diretiva*, São Paulo: Martins Fontes.
- NOGARE, P. D. (1985). *Humanismos e Anti-Humanismos. Introdução à Antropologia Filosófica*, Petrópolis: Vozes.
- O'LEARY, E. (1993). Empathy in the Person Centred and Gestalt Approaches, *The British Gestalt Journal*, (2):111-114.
- PACHECO, M. (1990). Humanismo, in Logos. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa: Verbo.
- PAGÈS, M. (1965). L'Orientation Non-Directive et ses Applications en Psychologie Sociale, *Bulletin de Psychologie*, N° 246, Tome XIX, 6-7:345-350.
- PAGÈS, M. (1976). Orientação Não-Diretiva em Psicoterapia e em Psicologia Social,

- Rio de Janeiro: Forense-Universitária/ São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- PAGÈS, M. (1982). *A Vida Afetiva dos Grupos*, Petrópolis: Vozes.
- PENNA, A.G. (1985). Sobre os Fundamentos Teóricos e Conceptuais da Psicologia Existencial: Acerca das Contribuições de Kierkegaard, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 37 (2):8-15.
- PERDIGÃO, P. (1995). *Existência e Liberdade. Uma Introdução à Filosofia de Sartre*, Porto Alegre: LP&M.
- PERVIN, L.A. (1978). *Personalidade. Teoria, Avaliação e Pesquisa*, São Paulo: E.P.U.
- PIRES, C. (1990). Heidegger, in Logos. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa: Verbo.
- POEYDOMENGE, M-L (1984). *L'Education Selon Rogers. Les enjeux de la non-directivité*, Paris: Dunod.
- PROUTY, G. (1994). *Theoretical Evolutions in Person-Centred/Experiential Therapy. Applications to schizophrenic and retarded psychoses*, Westport: Praeger.
- PUENTE, M.de la (1970). *Carl Rogers: De la Psychothérapie à l'Enseignement*, Paris: Epi.
- PUENTE, M.de la (1979a). Experienciação (experiencing) na Terapia Centrada no Cliente: Método, Medição e Treinamento, *Anais do I Congresso Regional Latino-Americano de Psicologia*, Campinas: Instituto Brasileiro de Identificação.
- PUENTE, M.de la (1979b). O Constructo "Consciência" em Carl R.Rogers, *Reflexão*, Ano IV, 14:26-31.
- RANK, O. (1940). *A Personalidade e o Ideal*, Rio de Janeiro: Emiel Editora.
- RASKIN, N.J. & ROGERS, C.R. (1989). Person-Centred Therapy, in R.Corsini & D.Wedding, *Current Psychotherapies*, New York: Peacock.
- RASKIN, N.J. (1984). Client-Centred Group Psychotherapy, In Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- REALE, G. & ANTISERI, D. (1991). *História da Filosofia*, 3 Vols., São Paulo: Paulinas.
- REIMÃO, C. (1990). Sartre, in Logos. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Lisboa: Verbo
- REUCHLIN, M. (1979). *Introdução à Psicologia*, Rio de Janeiro: Zahar Eds.
- RIBEIRO, J.P. (1985). *Gestalt-Terapia. Refazendo um Caminho*, São Paulo: Summus.
- ROGERS, C.R. & KINGET, G.M. (1965). *Psychothérapie et Relations Humaines*, Louvain: Publications Universitaires de Louvain.
- ROGERS, C.R. & KINGET, G.M. (1977). *Psicoterapia e Relações Humanas*, Belo Horizonte: Interlivros.
- ROGERS, C.R. & WOOD, J.K. (1978). Teoria Centrada no Cliente: Carl R. Rogers, In Arthur Burton, *Teorias Operacionais da Personalidade*, Rio de Janeiro: Imago.
- ROGERS, C.R. (1945). The Nondirective Method as a Technique for Social Research, *The American Journal of Sociology*, Vol.L, N°4, 279-283.
- ROGERS, C.R. (1946). Significant Aspects of Client-Centred Therapy, *American Psychologist*, Vol.1(10):415-422 (Foi utilizada a tradução deste artigo publicada em Wood *et alii*, 1994).

- ROGERS, C.R. (1956). *The Essence of Psychotherapy: Moments of Movement*, I Encontro da American Academy of Psychotherapists, New York, 9pp (Foi utilizada ainda a tradução deste artigo publicada em A.M. dos Santos; C.R.Rogers & M.C.V.B.Bowen, 1987).
- ROGERS, C.R. (1957). The Necessary and Sufficient Conditions of Therapeutic Personality Change, *Journal of Consulting Psychology*, Vol.21(2):95-103 (Foi utilizada ainda a tradução deste artigo publicada em Wood et alii, 1994).
- ROGERS, C.R. (1958). A Process Conception of Psychotherapy, *American Psychologist*, Vol.13:142-149.
- ROGERS, C.R. (1959). A Theory of Therapy, Personality and Interpersonal Relationships as developed in the Client-Centered Framework, in S. Koch, *Psychology: A Study of a Science*, New York: McGraw-Hill.
- ROGERS, C.R. (1963). The Actualizing Tendency in Relation to Motives and to Consciousness, in M.R.Jones (Org.), *Nebraska Symposium of Motivation*, Lincoln: University of Nebraska Press.
- ROGERS, C.R. (1967). Client-Centered Psychotherapy, in A.M.Freedman & H.I.Kaplan (Eds), *Comprehensive Textbook of Psychiatry*, Baltimore: The Williams & Wilkins Company.
- ROGERS, C.R. (1971). *Autobiographie*, Paris: Epi Éditeurs.
- ROGERS, C.R. (1972). *Becoming Partners: Marriage and Its Alternatives*, New York: Delacorte.
- ROGERS, C.R. (1973). *Liberdade para Aprender*, Belo Horizonte: Interlivros.
- ROGERS, C.R. (1977). *Tornar-se Pessoa*, São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1961).
- ROGERS, C.R. (1978). The Formative Tendency, *Journal of Humanistic Psychology*, 18(1):23-26.
- ROGERS, C.R. (1980). *Grupos de Encontro*, São Paulo: Moraes Editores (Original publicado em 1970).
- ROGERS, C.R. (1983a). *Um Jeito de Ser*, São Paulo: E.P.U. (Original publicado em 1983).
- ROGERS, C.R. (1983b). *Um Novo Mundo - Uma Nova Pessoa*, Em Carl R.Rogers; John K.Wood; Maureen M.O'Hara & A.H.L.Fonseca, *Em Busca de Vida: Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa*, São Paulo: Summus.
- ROGERS, C.R. (1985a). *Sobre o Poder Pessoal*, São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1977).
- ROGERS, C.R. (1985b). *Liberdade de Aprender em Nossa Década*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- ROGERS, C.R. (1986a). *Psicoterapia e Consulta Psicológica*, São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1942).
- ROGERS, C.R. (1986b). Fundamentos del Enfoque Centrado en la Persona, *Revista de Psiquiatría y Psicología Humanista*, Barcelona, (17):8-19.
- ROGERS, C.R. (1987a). Abordagem Centrada no Cliente ou Abordagem Centrada na Pessoa, in Antonio M.dos Santos, Maria C.V.B.Bowen & Carl R.Rogers, *Quando Fala o Coração: A Essência da Psicoterapia Centrada na Pessoa*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- ROGERS, C.R. (1987b). Algumas Lições de um Estudo de Psicoterapia com

- Esquizofrênicos, in C.R.Rogers; B.Stevens; E.T.Gendlin; J.M.Shien & W.Van Dusen, *De Pessoa para Pessoa*, São Paulo: Pioneira.
- ROGERS, C.R. (1989). O Indivíduo e a Sociedade, in *Entrevistas do Le Monde, A Sociedade*, São Paulo: Editora Ática.
- ROGERS, C.R. (1992). *Terapia Centrada no Cliente*, São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1951).
- ROGERS, C.R.; GENDLIN, E.T.; KIESLER, D.J. & TRUAX, C.B. (1967). *The Therapeutic Relationship and Its Impact - A Study of Psychotherapy with Schizophrenics*, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.
- ROGERS, C.R.; STEVENS, B.; GENDLIN, E.T.; SHIEN, J.M. & VAN DUSEN, W. (1987). *De Pessoa para Pessoa. O problema de ser humano*, São Paulo: Pioneira.
- ROGERS, N. (1984). The Creative Connection: A Person-Centered Approach to Expressive Therapy, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- ROGERS, N. (1988). Expressive Therapy.Creativity as a path to peace, *New Realities*, Washington, Jan/Feb, 13-17.
- ROSENBERG, R.L. (Org.)(1987). *Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa*, São Paulo: E.P.U.
- RUDIO, F.V. (1987). *Orientação Não-Diretiva na Educação, no Aconselhamento e na Psicoterapia*, Petrópolis: Vozes.
- SAGLIO, E. (Ed.)(1919). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris: Librairie Hachette.
- SANTOS, A.M. (1985). *Momentos Mágicos - A Natureza do Processo Energético Humano*, Brasília: Gráfica do Senado Federal.
- SANTOS, A.M.; BOWEN, M.C.V.B. & ROGERS, C.R. (1987). *Quando Fala o Coração: A Essência da Psicoterapia Centrada na Pessoa*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- SANTOS, O.B. (1968). Teorias e Técnicas de Carl Rogers, *Revista Brasileira de Psicologia Normal e Patológica*, São Paulo, 3/4:170-185.
- SANTOS, O.B. (1982). *Aconselhamento Psicológico e Psicoterapia*, São Paulo: Pioneira.
- SARTRE, J-P. (1942). *L'Imaginaire*, Paris: Gallimard.
- SARTRE, J-P. (1970). *O Existencialismo é um Humanismo*, Lisboa: Editorial Presença.
- SARTRE, J-P. (1989). *A Imaginação*, Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil.
- SCHEEFFER, R. (1969). Considerações sobre a Teoria Não-Diretiva de Carl Rogers, *Revista Brasileira de Psicologia Aplicada*, Rio de Janeiro, 21(1):9-16.
- SCHEEFFER, R. (1989). *Aconselhamento Psicológico*, São Paulo: Atlas.
- SEGRERA, A.S. & ARAIZA, M. (1992). Propuestas para un Modelo Centrado en la Persona de Solucion de Conflictos Sociales, *V Forum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa*, Terschelling, Holanda, manuscrito.
- SEGRERA, A.S. (1989). La Elaboracion Teorica de las Actitudes Terapeuticas segun el Enfoque Centrado en la Persona, *IV Forum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa*, Rio de Janeiro.

- SHLIEN, J.H. (1987). O Estudo da Esquizofrenia pela Terapia Centralizada no Cliente: Primeira Aproximação, In C.R.Rogers; B.Stevens; E.T.Gendlin; J.M.Shlien & W.Van Dusen, *De Pessoa para Pessoa*, São Paulo: Pioneira.
- SIDEKUM, A. (1979). *A Intersubjetividade em Martin Buber*, Porto Alegre: EST/UCS.
- SILVA, H.P.G. (1994). Comunidades Alternativas: Visão Social da ACP?, *VII Encontro Latino-Americano da Abordagem Centrada na Pessoa*, Maragogi, Alagoas, manuscrito.
- SIMÕES, R.S. (1960). Teoria de Carl Rogers sobre a Personalidade e o Comportamento, *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 3:65-70.
- SOLOVINE, M. (1931). *Héraclite d'Éphèse: Doctrines Philosophiques*, Paris: Librairie Félix Alcan.
- SORMAN, G. (1994). *Os Verdadeiros Pensadores do Nossa Tempo*, Rio de Janeiro: Imago.
- SPEIERER, G.W. (1990). *Toward a Specific Concept of Client-Centered Therapy*, Leuven: University of Regensburg.
- TASSINARI, M.A. (1994). A História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil: Primeira Versão, *VII Encontro Latino-Americano da Abordagem Centrada na Pessoa*, Maragogi, Alagoas.
- TAUSCH, A.M. (1984). Improving the Psychological Well-Being of Cancer Patients by Person-Centered Encounter Groups, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- THORNE, B. & SMITH, K. (1984). Cross-Cultural Workshops for Young People, in Alberto S.Segrera (Ed.), *Proceedings of the First International Forum on the Person-Centered Approach*, México: Universidad Iberoamericana.
- VON BERTALANFFY, L. (1976). Teoria Geral dos Sistemas: Aplicação à Psicologia, in L.von Bertalanffy et alli, *Teoria dos Sistemas*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- WOLBERG, L.R. (1988). *The Technique of Psychotherapy*, New York: Grune & Stratton.
- WOOD et alli (1994). *Abordagem Centrada na Pessoa*, Vitória: Editora Fundação Cecílio Abel de Almeida/Universidade Federal do Espírito Santo.
- WOOD, J.K. (1983). Terapia de Grupo Centrada na Pessoa, in Carl R.Rogers; John K.Wood; Maureen M.O'Hara & Afonso H.L.Fonseca, *Em Busca de Vida: Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa*, São Paulo: Summus.
- WOOD, J.K. (1985). Efeito de Grupo, *Estudos de Psicologia*, Campinas, 2(2/3):5-19.
- WOOD, J.K. (1986). Efeito da Pessoa, *Estudos de Psicologia*, Campinas, 3(1/2):43-59.
- WOOD, J.K. (1987a). Dimensões dos Grandes Grupos, *Estudos de Psicologia*, 4(1):134-142.
- WOOD, J.K. (1987b). Outros Aspectos Criativos em Psicoterapia, *Estudos de Psicologia*, Campinas, 4(2):55-68.

Apêndices

A EVOLUÇÃO DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

CARMEM L. B. T. BARRETO

Psicóloga, Psicoterapeuta e Facilitadora de Grupos; Especialista em Psicologia Clínica; Professora Assistente do Depto. de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap); Coordenadora e Professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Abordagem Fenomenológico-Existencial da Unicap.

A EVOLUÇÃO DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

Carmem L. B. T. Barreto

A partir do momento em que foi efetivado o convite para apresentar uma colaboração teórica explicitando as fases de evolução da Terapia Centrada no Cliente, decidimos percorrer o mesmo caminho que utilizamos em sala de aula, no curso de pós-graduação. Escolhemos uma seqüência que tem por objetivo, inicialmente apresentar uma contextualização histórico-cultural do surgimento da Terapia Centrada ao Cliente, seguida de uma explicação do sistema teórico-científico que caracterizou o surgimento desta teoria.

Posteriormente, apresentamos de modo sistemático, os princípios teóricos enunciados por Rogers, tendo como referência as fases de desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa, propostas por Hart (1970), Wood (1983), Cury (1987) e Gondra (1975).

Em seguida, indicamos as aplicações dos princípios teóricos da Terapia Centrada no Cliente a outras áreas de atuação, passando posteriormente a apontar alguns indicadores significativos para a reformulação de alguns destes princípios, propostos pelo próprio Rogers.

Reconhecemos que esta é uma tarefa arrojada, mas resolvemos aceitar este desafio, sem deixar de reconhecer nossas limitações. Porém, o desejo de contribuir para uma compreensão globalizante da Terapia Centrada no Cliente, nos mobilizou a levar adiante esta tarefa, respeitando o caráter de transitoriedade que seu criador sempre tentou imprimir a esta teorização.

Ressaltamos que o objetivo deste trabalho é dar uma visão introdutória ao processo de evolução da Teoria da Terapia Centrada no Cliente, já que reconhecemos que cada item aqui enfocado, apresenta possibilidades de um maior aprofundamento. Pretendemos viabilizar uma visão geral, que facilite e oriente um aprofundamento teórico, e que ao mesmo tempo seja instigadora de questionamentos e inquietações que gerem investigações, e/ou até produções teóricas ou de pesquisa, visando apresentar contribuições para o futuro da teoria da Terapia Centrada no Cliente e da Abordagem Centrada na Pessoa.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

A Abordagem Centrada na Pessoa é a denominação mais ampla de uma perspectiva de homem e das relações humanas, é uma atitude, é uma maneira de abordar os problemas humanos, desenvolvida por Carl Rogers e que teve suas sementes germinais no início da década de quarenta.

A Terapia Centrada no Cliente, que deu origem à Abordagem Centrada

Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa

na Pessoa, é uma proposta desenvolvida por Rogers, tendo como meta a relação psicoterapêutica a nível individual.

Para que possamos compreender melhor a evolução teórica da Terapia Centrada no Cliente, e consequentemente acompanhar o desenvolvimento do pensamento rogeriano, necessitamos contextualizar histórica e culturalmente o surgimento e a evolução dos alicerces da A.C.P.

Na década de quarenta, configurava-se nos Estados Unidos, a Psicologia Humanista inicialmente proposta por Abraham Maslow, e que congregava profissionais e abordagens diversas, não se identificando com o pensamento de um determinado autor ou escola. Caracterizava-se de acordo com Boainaim como "um movimento congregador de diversas tendências, unidas pela oposição ao behaviorismo e a psicanálise, assim como pela convergência em torno de algumas propostas comuns" (1994:14).

Ainda de acordo com Boainaim, a Psicologia Humanista apresenta temáticas específicas como:

- a ênfase na saúde, no bem-estar e no potencial humano de crescimento e autodeterminação, afastando-se de enfoque clínico que privilegia o estudo das psicopatologias.
- privilegia as capacidades e potencialidades, características exclusivas da espécie humana, tendo como objeto de estudo a volta ao humano.
- a intolerância frente a todas as manifestações de tendências deterministas.
- a ênfase no relacionamento humano como forma de crescimento.

Dentro desta perspectiva humanista, podemos apontar as teorias Neo-Psicanalíticas, principalmente as teorias de Adler, Rank, Jung, Reich, bem como as contribuições de Horney, Sullivan, Erikson e Fromm. Não esquecendo outros expoentes deste movimento, tais como Goldstein, Angel e Lewin, como também a contribuição de Moreno e de Fritz Perls com a Gestalt-Terapia.

Nos Estados Unidos, fortificava-se na década de cinqüenta, a influência européia da Fenomenologia e do Existencialismo, principalmente através das obras de Boss, Binswanger e de Rollo May. A busca de uma fundamentação teórico-filosófica para as psicoterapias humanistas, tem encontrado seu caminho não só no existencialismo (Kierkegaard, Nietzsche, Merleau-Ponty) e na fenomenologia (Husserl) como também na filosofia dialógica de Martin Buber.

Foi por volta das décadas de cinqüenta e sessenta que a abordagem fenomenológico-existencial foi aplicada aos problemas psicológicos, e que se passa a usar o termo "fenomenologia psicológica", para referir-se à fenomenologia como método aplicado aos processos de natureza psicológica, configurando um procedimento para explorar a consciência.

De acordo com Cury (1987), os dados fenomenais são descritos e aceitos da forma como são experenciados, sem quaisquer interpretações ou pressuposições. As tendências teóricas e os acontecimentos passados devem ser mantidos "entre parênteses" para permitir uma visão pura do dado fenomenal.

Foi dentro deste contexto, que Rogers foi construindo sua proposta teórica, sofrendo simultaneamente a influência deste movimento humanista com características fenomenológicas e existenciais, como também a influência do pensamento positivista e pragmático da realidade acadêmica americana, preservando a preocupação com a ciência e a comprovação científica, da proposta psicoterapêutica que apresentava.

Com referência à influência do viés positivista e pragmático da cultura americana, Rogers em 1961, refere no livro "Tornar-se Pessoa", o seu conflito entre a inspiração filosófico-existencial advinda da prática clínica e a influência do modelo científico, proveniente de sua formação acadêmico-científica.

Durante o processo de construção de sua teoria, Rogers depara-se com esta dicotomia, ficando evidente numa análise do seu pensamento, que apesar de sua intuição fundamental sobre psicoterapia, não consegue se distanciar totalmente da sua formação positivista. Esta perspectiva contribui para a construção de uma teoria experimental, que tem como ponto de partida a pesquisa científica. Neste enfoque, Rogers tentava comprovar cientificamente, a partir do modelo tradicional de ciência da época, que apresentava um paradigma empírico-analítico, os dados advindos da sua experiência como psicoterapeuta.

O SISTEMA TEÓRICO-CIENTÍFICO DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

A partir de um determinado momento da sua prática clínica, Rogers reconhece "... a necessidade de levar a cabo uma formulação mais ajustada e atualizada das teorias vinculadas a Terapia Centrada no Cliente" (Rogers, 1978:7).

Reconhece a importância de ter cedido à pressão tanto da *American Psychological Association*, como de colegas, para a formulação das bases teóricas que fundamentavam a proposta terapêutica que apresentava, e ao levar adiante esta tarefa, identifica a influência que recebeu, tanto do ambiente familiar como do cultural, na escolha do método científico que utilizou para a sistematização de suas teorias.

Com relação à influência familiar, indica o fato de ter morado no campo, e de ter se interessado pela agricultura científica, como os dados que contribuíram para "...inspirar-me a desenvolver um profundo e perdurable respeito pelo método científico como o meio mais adequado para resolver os problemas e adquirir novos conhecimentos" (Rogers, 1978:8).

Quanto ao ambiente cultural e científico indica que "com o estudo das ciências físicas e biológicas houve um aumento pela inclinação pelo método experimental, e que os estudos de história contribuíram para desenvolver a propensão pelas áreas de investigação" (Rogers, 1978:9).

Fica portanto evidente, que o método que utilizou para sistematizar a teoria subjacente a Terapia Centrada no Cliente, foi o método científico orientado pelo paradigma empírico-analítico, que era utilizado pelas ciências naturais, principalmente pela física, e que na época era aplicado ao estudo do homem.

Neste momento de sua produção, reconhece que a psicologia deveria utilizar o método científico para que pudesse ser reconhecida como ciência. Esta orientação de Rogers fica evidente nas seguintes afirmações:

"A psicologia, preocupada de início com observar e medir, evoluiu pouco a pouco até ser tornar uma ciência das condições e efeitos. Quer dizer com isso que ela se dedicou cada vez mais a discernir e a descobrir as relações regidas por leis tais que, cumpridas determinadas condições se podem prever certos comportamentos derivados" (Rogers, 1970:323).

"As ciências do comportamento caminham a passos largos no caminho da compreensão, da previsão e do controle do comportamento" (Rogers, 1970:327).

Nestas afirmações, Rogers indica algumas características básicas do paradigma das ciências naturais tais como: o conhecimento produzido é o do pesquisador, enfatiza a busca de uma objetividade empírica e propõe relações causais.

É dentro desta metodologia que Rogers constrói a teoria da Terapia Centrada no Cliente. Progressivamente começa a inquietar-se, pois percebe que PESSOA PLENA, que entra em contato via relação terapêutica "não cabe" nesta perspectiva, sua subjetividade fica fora, e então instala-se o dilema que o acompanha por muitos anos: Como conciliar a necessidade de objetividade empírica, advinda do método científico, que considera o método por excelência para fundamentar a ciência, com a PESSOA PLENA que emerge da relação terapêutica, com questões subjetivas que não são alcançadas pelo método científico.

Introduz então a questão da subjetividade, como a escolha subjetiva de um fim ou valor, questão esta que será usada na interpretação dos resultados científicos, mas adverte: *"Essa escolha subjetiva do valor que está na origem da investigação científica deve permanecer sempre fora dela e nunca poderá fazer da ciência em questão"* (Rogers, 1970:332). Tenta resolver o impasse, propondo uma mudança de objetivos, reconhecendo que o valor científico é incontestável, mas admite que o que pode ser contestável é a escolha prévia, que implica em subjetividade, e que dá sentido à prática científica.

Fica cada vez mais evidente o paradoxo vivido por Rogers, principalmente quando afirma que "... não se lucra nada em negar o determinismo que é evidente na descrição objetiva desta vida. Importa portanto que vivamos este paradoxo" (Rogers, 1970:340-341).

É fácil perceber que ele não podia deixar de reconhecer a subjetividade

do ser humano, mas não conseguia encontrar, para ela, um espaço definido e explícito no modelo científico que praticava. Exercia o método científico das ciências naturais, não chegando a praticar de forma consciente o método das ciências humanas, nem mesmo no seu viés fenomenológico, apesar de que, na fase experencial de sua teoria, ao descrever as fases do processo terapêutico, de certa forma ensaiava o método fenomenológico, sem no entanto explicitar o seu uso, nem o seu reconhecimento enquanto método científico.

Quase vinte anos depois, ao entrar em contato com novas teorias científicas advindas da física, que passam a apresentar e a explicitar aspectos do nosso mundo que ficaram inexplicáveis nos modelos anteriores de ciência, Rogers consegue acolher com simpatia estas novas propostas, já que neste modo não estaria deixando de fazer ciência, mas estaria aceitando um novo paradigma de ciência, que em parte vai resolver o seu dilema entre subjetividade e objetividade.

Ao entrar em contato com as perspectivas científicas apresentadas por Fritjof Capra, David Bohm, Karl Pribham, amplia a sua concepção de ciência e de acordo com Barreto (1992:4): *"A perspectiva rogeriana passa a apresentar possibilidades de sistemas abertos, onde se torna necessário assumir nova orientação paradigmática, que derruba o conceito de ciência linear, e privilegia um contexto em que causa e efeito são reciprocamente interatuantes"*.

Tendo como pano de fundo esta breve retrospectiva da maneira como Rogers construiu cientificamente a teoria da Terapia Centrada no Cliente, pode-se entender melhor que, pelo fato de não ter conseguido superar totalmente a linguagem científica tradicional, respaldada pelo enfoque empírico-analítico, sua proposta teórica apresenta características consonantes com o viés pragmático e positivista. Dentro destas condições, conseguiu conciliar, em parte, sua intuição básica do processo de mudança de valores norteadores da ciência, mas não conseguiu superar o modelo empírico-analítico enquanto construía sua teoria em 1959.

Portanto, é necessário reler Rogers, tendo como referência o contexto familiar-cultural-científico em que viveu, para que, deste modo se possa perceber a riqueza e a criatividade de sua proposta, superando possíveis amarras teóricas que dificultaram a explicitação e a sistematização de suas observações clínicas.

Esta perspectiva crítica permite superar possíveis mal-entendidos e até distorções que são apresentadas como limitações para a teoria que apresentou, já que segundo o próprio Rogers: *"Não se pode compreender cabalmente nenhuma teoria sem possuir algum conhecimento do terreno cultural e pessoal na qual surge"* (Rogers, 1978:7).

FASES DE DESENVOLVIMENTO DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE

Antes de apresentar explicitamente uma teoria da terapia, Rogers, no período entre 1935 e 1940, desempenhou no *Institute for Child Guidance* em Rochester, funções relativas ao psicodiagnóstico, encaminhamento de crianças e orientações de pais a partir do modelo "psicanalítico tradicional".

Foi a partir desta sua experiência que em 1939, publicou o seu primeiro livro "O Tratamento Clínico da Criança Problema", onde indica as influências recebidas por profissionais de outras áreas, principalmente de assistentes sociais, filiados às formulações de Otto Rank, essencialmente no que se refere aos seguintes pontos:

- a ênfase na vontade positiva do paciente como fonte de crescimento pessoal.
- o foco de atendimento voltado para a relação interpessoal estabelecida pelo profissional com o paciente, e não para a orientação do *insight* sobre os conteúdos passados.

Em 1940, já como docente da Universidade de Ohio, a partir das aulas ministradas, nasce seu segundo livro "Aconselhamento Psicológico e Psicoterapia", publicado em 1942. Neste momento, identifica-se o início da Terapia Centrada no Cliente, que nesta fase assume características eminentemente NÃO-DIRETIVAS.

"A consulta psicológica eficaz consiste numa relação permissiva, estruturada de forma definida, que permite ao cliente alcançar uma compreensão de si mesmo num grau que o capacita para progredir à luz de sua nova orientação" (Rogers, 1974:29).

Este período enfatiza uma relação terapêutica estruturada verbalmente, fundamentada pela aplicação de técnicas concretas, susceptíveis de serem usadas por qualquer terapeuta, e passíveis de controle empírico. Tem como objetivo, desenvolver uma relação "permissiva e livre", possibilitando a compreensão de si e a atualização da tendência para uma ação positiva e de livre iniciativa. Caracteriza-se pelo fato de confiar mais aprofundamento no indivíduo, retirando o poder da mão do terapeuta, reforçando o conceito de que o próprio contato terapêutico é uma experiência de desenvolvimento.

A ação do terapeuta deveria ser não intervintiva, de aceitação, e usar respostas do tipo de clarificação. Clarificação consiste em "... aclarar, esclarecer e elucidar o sentido das expressões do cliente..." (Gondra, 1975:58).

O processo, nesta fase, era percebido como a aquisição pelo cliente de "Insight" sobre si mesmo e sobre suas relações, formando desta maneira uma seqüência ou série de eventos ao longo do tempo. Não era percebido como movimento, mas como uma série de eventos que ocorrem em bloco.

Com a publicação em 1951 do livro "Psicoterapia Centrada no Cliente", identifica-se uma nova fase na teoria rogeriana, que passa a ser denominada FASE REFLEXIVA, e que contemplaria o período de maior produção científica de Rogers, compreendido entre 1950 e 1957.

Neste período, Rogers elaborou sua teoria da terapia tendo como referências suas próprias experiências subjetivas na interação com o cliente, alguns enunciados de hipóteses provisórias baseadas nesta prática, pesquisas e outras atividades inerentes à investigação, e à explicação sistemática do fenômeno terapêutico. Na sistematização de sua teoria Rogers considerava que, para uma teoria da personalidade ser considerada acabada e completa, deveria contemplar uma determinação precisa e matemática das relações funcionais existentes entre as diversas variáveis enunciadas, o que deu origem a uma teoria do tipo "se-então". Isto vem indicar a sua posição positivista em relação a construção científica, gerando como consequência um sistema teórico, que revela a ambigüidade vivida por Rogers, quanto a se manter fiel à objetividade empírico-analítica ou a aceitar outros métodos para descrever sua experiência como psicoterapeuta.

Apesar desta limitação metodológica, é válido confirmar a riqueza de sua produção e a grande contribuição que apresentou, principalmente no que concerne à relação terapêutica como facilitadora de crescimento.

Nesta fase apresentava o processo terapêutico composto de relações causais entre os eventos, isto é, relações tipo causa e efeito. O processo não era considerado como totalidade, como movimento, mas era definido a partir dos efeitos de determinadas atitudes do terapeuta, sobre o discurso do cliente.

Como consequência destas constatações, apresentou a formulação teórica das "atitudes facilitadoras", que aqui serão apresentadas a partir da maneira como as conceituou na época:

AUTENTICIDADE OU CONGRUÊNCIA - o terapeuta é capaz de simbolizar adequadamente suas experiências ao estar em contato com o cliente.

ACEITAÇÃO POSITIVA INCONDICIONAL - o terapeuta é capaz de desenvolver uma consideração genuína pela pessoa do cliente, pela sua capacidade de atualização, não contribuindo julgamentos morais com relação aos conteúdos e objetivos expressos por ele.

EMPATIA - o terapeuta é capaz de captar com precisão os sentimentos e os significados pessoais vivenciados pelo cliente, como também deve ser capaz de comunicar isto a ele.

Neste momento, sistematizou o princípio norteador da sua teoria, a **TENDÊNCIA À ATUALIZAÇÃO**, que já estava presente desde o início de sua construção teórica, apesar de se apresentar de modo pouco explícito, e que permaneceu imutável durante todo o seu processo de estruturação, sendo posteriormente apresentada como parte de uma **TENDÊNCIA FORMATIVA** mais ampla.

Considerou, também, os efeitos da terapia sobre a personalidade e o comportamento do cliente, indicando que uma terapia é considerada bem sucedida, quando o cliente evolui para um estado de acordo interno (congruência) onde apresenta uma maior abertura à experiência e uma diminuição no uso das defesas, e onde suas percepções tornam-se mais realistas, diferenciadas e objetivas.

Posteriormente (em 1959), elaborou uma "Teoria da Personalidade" a partir das formulações sobre a psicoterapia. Nesta teorização, apresentou os seguintes aspectos específicos: O indivíduo reage a seu campo perceptivo de maneira como o experiência e simboliza, entendendo por campo fenomenal tudo o que é experienciado pelo indivíduo, independente do nível de conscientização que apresente e que por sua vez é diretamente influenciado pelas características do *self*. Nesta sua teorização, Rogers lança mão de duas linhas teóricas: a fenomenologia e as teorias organísmicas da personalidade.

"Esta teoria é de caráter basicamente fenomenológico, e se baseia amplamente no conceito de si mesmo como constructo explicativo. Descreve o ponto final do desenvolvimento da personalidade, como uma congruência básica entre o campo fenomenal da experiência e a estrutura conceptual de si mesmo, situação que se é atingida, significa libertar-se de tensão e ansiedade interna, representa o grau máximo de uma adaptação orientada realisticamente, o estabelecimento de um sistema de valores individualizado, parecido em grau considerável ao sistema de valores de qualquer outro membro da raça humana" (Rogers, 1974:450).

Em 1957, configura-se a terceira fase da teoria rogeriana da terapia, que tem como marco a conferência que Rogers realizou neste mesmo ano, na Convenção Americana de Psicologia em Nova York, e que foi incluída no livro "Tornar-se Pessoa" publicado em 1961, que é considerado o livro referência desta fase.

Neste período, a sistematização do processo terapêutico, das suas condições e dos seus resultados, vai sofrer uma nova reformulação. O processo passou a ser considerado como movimento ou fluxo experencial, onde o cliente vai podendo entrar em contato com o fluxo experencial, que se desenrola dentro dele, que embora possa ser designado por simbolizações, não se identifica com elas nem com o seu significado conceitual.

A partir deste momento, Rogers formulou o processo terapêutico mediante o conceito de CONTINUUM, distinguindo sete fases vivenciadas pelo cliente em terapia, que vão desde uma completa rigidez até uma completa fluidez, passando de uma teoria estática para uma teoria dinâmica, que apresenta em conceitos, o próprio movimento de mudança na personalidade.

É necessário ressaltar que, na estruturação desta fase, recebeu influência e ajuda de vários colaboradores, em particular de Eugene Gendlin, a

quem passa a citar em grande parte de seus artigos, a partir de 1958.

Quanto ao aspecto concernente à Teoria da Personalidade, passou a dar mais ênfase à Teoria da Mudança na Personalidade, passando a utilizar o conceito gendliniano de EXPERIENCING. Com este novo constructo teórico, vai enfatizar mais a maneira como fluem os fenômenos internos que compõem a experiência.

Baseado nos textos de Gendlin, Puente (1978:73) elaborou uma definição descritiva do termo experiência como sendo: "Um dado experencial em processo, concreto e imediatamente presente; incompleto e pré-conceitual, mas consciente e implicitamente significativo ou capaz de diferentes conceitualizações; que tem lugar no campo fenomenal do indivíduo ou, indiretamente, através dos outros, não em si mesmo, mas em interação com qualquer tipo de simbolização; e a qual o indivíduo pode referir-se diretamente (um tipo de simbolização); mediante um processo de focalização, autopropulsor de mudanças; quase sempre ocorrendo numa interação humana".

A teoria derivada deste novo conceito, retrata uma maneira diferente de usar os conceitos, que passam a ser considerados, como sinalizadores da experiência sentida. Nesta dimensão, o cliente, move-se de um detalhe experencial para outro, permitindo deste modo que o processo siga adiante. Esquematicamente, trata-se de uma cadeia funcional, que se apresenta da seguinte forma: passo experencial-conceito-passo experencial-conceito indefinitivamente.

Fica claro que, subjacente a este esquema há uma reinterpretação do termo "experiência" que passa a significar aquilo que é diretamente sentido, e não mais o entrar em contato com os conteúdos de uma determinada experiência. Esta nova visão, traz como consequência uma modificação no conceito de congruência, que não é mais compreendida, como o grau de consciência direta das experiências tomadas isoladamente, mas sim a conscientização de sua experiência, a ausência de barreiras entre a experimentação e a capacidade de simbolização.

A fase experencial indica o fim de ciclo evolutivo que contou com a participação de Rogers, onde os pressupostos teóricos da Terapia Centrada na Pessoa estavam estabelecidos de forma objetiva e obedecia aos padrões científicos da época. As formulações de Rogers sobre a Terapia Centrada no Cliente, estavam voltadas para o desenvolvimento de um sistema de mudança na personalidade, e se concentravam no mundo subjetivo do indivíduo.

APLICAÇÕES DOS PRINCÍPIOS DA TEORIA DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE A OUTRAS ÁREAS DE ATUAÇÃO

Ao período da elaboração da teoria centrada no cliente sucedeu uma nova etapa denominada de Abordagem Centrada na Pessoa, que caracteriza a

aplicação dos princípios teóricos da terapia centrada no cliente às áreas da educação, dos pequenos grupos de encontro ou de psicoterapia de pequenos grupos e dos grandes grupos, para facilitar a compreensão dos processos sociais, formação e transformação da cultura.

Rogers (1987) ao se questionar sobre o que deseja dizer com Abordagem Centrada no Cliente ou Abordagem Centrada na Pessoa, considerou que a última denominação era mais abrangente e mais descriptiva de todo o processo, que sempre foi o tema principal de sua vida profissional, e indicou que "a hipótese central dessa abordagem pode ser brevemente especificada. Quer dizer que o indivíduo tem, dentro de si mesmo, vastos recursos para a autocompreensão, para alterar seus conceitos sobre si mesmo, suas atitudes e seus comportamentos autodirigidos e que esses recursos podem ser liberados somente se um clima definido de atitudes psicológicas facilitativas puder ser provido". (Rogers in Santos & Bowen, 1987:67).

Partindo de que a Abordagem Centrada na Pessoa é construída tendo como alicerce uma confiança básica na tendência para a atualização, que está presente em todo organismo vivo, Rogers vai desenvolver trabalhos tanto na área de facilitação da aprendizagem, como na área de relacionamentos interpessoais e dos processos sociais.

Com o intuito de situar estes trabalhos, segue-se uma breve apresentação de cada área, com a indicação da publicação que consolidou cada uma destas aplicações.

Em 1969, com o livro "Liberdade para Aprender", Rogers sistematizou seu posicionamento sobre a eficácia da aplicação da visão humanista à educação. Nestas reflexões, enfocou a questão da política do PODER nos modelos de educação, indicando alguns fundamentos para uma aprendizagem centrada na pessoa, onde reconheceu a ameaça que a educação inovadora poderia trazer ao poder estabelecido.

No momento dos seus questionamentos voltados para a área de educação, não se distanciou da necessidade de confirmação científica das hipóteses propostas, indicando a necessidade de pesquisas desde que "partindo de uma teoria bem desenvolvida do tipo se-então". (Rogers, 1983:104). Neste mesmo artigo, expressou uma segunda esperança, que reconheceu não estar ainda bem formulada: "É a área de intuitivo, do psíquico, do vasto espaço interior, que se delineia à nossa frente... Dispomos de evidências cada vez maiores que não podemos ignorar, da existência de capacidades e potenciais de psique quase ilimitadas, e que estão praticamente fora do campo da ciência, pelo menos como a temos concebido" (Rogers, 1983:105).

Neste momento, fica evidente que o pensamento rogeriano apresentava indícios para uma passagem de perspectiva, apontando para uma superação dos valores da cultura ocidental sobre a aprendizagem.

O marco referencial dos trabalhos de Rogers com grupos, está indicado no seu livro "Grupos de Encontro", publicado em 1970, apesar de seu interesse por esta área, existir desde a década de sessenta.

Para Wood (1990), o interesse de Rogers estava concentrado nos grupos de encontro intensivos, onde analisava o grupo a partir dos métodos de descrição do processo, utilizado na Terapia Centrada no Cliente.

Rogers (1970), definiu os grupos de encontro, indicou e descreveu os quinze passos do processo grupal, considerou que o papel do líder do grupo deveria ser o de um "Facilitador", salientou a necessidade de um clima facilitador, e reconheceu que a meta do trabalho com grupos estava voltada para a possibilidade do grupo desenvolver suas próprias direções de forma construtiva.

No início da década de sessenta, Rogers transferiu-se para Califórnia, indo exercer suas atividades profissionais no *Eastern Behavioral Sciences Institute*, e posteriormente fundou um grupo de colaboradores, o *Center for Studies of the Person*, em La Jolla, que se apresentou entre as décadas de sessenta e setenta, como um importante centro de formação e estudos de ACP.

No último livro publicado antes de seu falecimento em 1983, "Um Jeito de Ser", Rogers descreveu o impacto que sofreu a partir dos trabalhos com grandes grupos. Nos grandes Workshops Centrados na Pessoa, evidenciou a oportunidade de vivenciar a formação de comunidades, nas quais percebeu a dinâmica dos processos sociais, como também questões voltadas para a área de formação e transformação da cultura.

Neste momento, começou a indicar uma característica, que observou no processo na formação de comunidade, que é o contato com a transcendência ou espiritualidade, indicando que "há alguns anos, eu jamais empregaria essas palavras. Mas a extrema sabedoria do grupo, a presença de uma comunicação como se telepática, a sensação de que existe "algo maior", parece exigir tais termos" (Rogers, 1983:62).

A partir dos Workshops, começou a indicar, de modo ainda tímido, a evidência de um novo nível de consciência, que se revelaria através de um sentimento de unidade, que vai tornar-se mais clara com sua formulação de Tendência Formativa.

DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE À ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A aplicação dos princípios orientadores da Terapia Centrada no Cliente, às áreas da educação e dos grupos, levou a indicações significativas para a reformulação dos seus constructos teóricos. Rogers apontou estes indicadores,

mas não chegou a sistematizá-los numa nova teorização para a Terapia Centrada no Cliente.

Um aspecto importante, para esta reformulação teórica, é a ampliação do conceito de TENDÊNCIA ATUALIZANTE, como parte de uma Tendência Formativa, que estaria presente em todo o universo. "Existe uma tendência sempre atuante em direção a uma ordem crescente, a uma complexidade inter-relacionada, visível tanto no nível inorgânico como no orgânico. O universo está em constante construção e criação, assim como em deterioração. Este processo também é evidente no ser humano" (Rogers, 1983:45).

Esta função formativa delineia um novo nível de consciência humana, que aponta para o desenvolvimento mais pleno, com possibilidades de novas direções para o homem.

Rogers, em 1959, na fase reflexiva, apresentou a consciência como a representação ou simbolização de um aspecto da experiência vivida, posteriormente na fase experiencial, redefiniu o conceito a partir do termo experiência, e a partir das experiências com grupos, indicou para a possibilidade das pessoas ultrapassarem o nível comum de consciência, atingindo, o que passou a chamar de "estado alterados de consciência", onde poderiam entrar em sintonia com o fluxo de evolução mais real e apreender seu significado.

Com relação a este aspecto, reconheceu uma nova área, que, segundo ele, ainda não tinha sido estudada empiricamente e que apresentou da seguinte forma: "Quando estou em minha melhor forma, como facilitador ou como terapeuta, descubro uma nova característica. Percebo que quando estou o mais próximo possível de meu eu interior, intuitivo, quando estou de algum modo em contato com o que há de desconhecido em mim, quando estou, talvez, num estado de consciência ligeiramente alterado, então tudo o que faço, parece ter propriedades acurativas... Nova relação transcende a si mesma e se torna algo maior. Então, ocorrem uma capacidade de cura, uma energia e um crescimento profundos." (Rogers 1983:47)

Rogers (1983), reconheceu que a ACP. foi o tema principal de toda a sua vida profissional e indicou os diversos rótulos que deu a este tema no decorrer de sua carreira: aconselhamento psicológico, terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno, liderança centrada no grupo. Como os campos de aplicação cresceram em número e variedade, o rótulo "abordagem centrada na pessoa" parece ser o mais adequado".

Fica evidente, que apesar de ter delineado indicadores que apontavam para uma necessidade de reformulações na teoria de Terapia Centrada no Cliente, não os sistematizou de forma consistente, nem estabeleceu nítida diferença entre a Terapia Centrada no Cliente e a Abordagem Centrada na Pessoa, considerando está última denominação, a maneira mais adequada para representar sua hipótese com uma relação a uma teoria da psicologia humanística.

Dentro desta perspectiva, vai apresentar como fundamento da Abordagem Centrada na Pessoa a seguinte afirmação: "Defendo a hipótese de que existe uma tendência direcional formativa no universo, que pode ser rastreada e observada no espaço estelar, nos cristais, nos microorganismos, na vida orgânica mais complexa e nos seres humanos. Trata-se de uma tendência evolutiva para uma maior ordem, uma maior complexidade, uma maior inter-relação. Na espécie humana, essa tendência se expressa quando o indivíduo progride de seu início unicelular para um funcionamento orgânico complexo, para um modo de conhecer e de sentir abaixo do nível de consciência, para um conhecimento consciente do organismo e no mundo externo, transcendente da harmonia e da unidade do sistema cósmico, no qual se inclui a espécie humana" (Rogers, 1983:50).

Referências Bibliográficas

- BARRETO, C.T. (1992). A Abordagem Centrada na Pessoa: Pontos de Abertura para uma visão Holística da Realidade, *Symposium*, Vol.54, Recife: Unicap.
- BOAINAIN, E. (1994). O Estudo do Potencial Humano na Psicologia Contemporânea: A Corrente Humanista e a Corrente Transpessoal, *VII Encontro Latino-Americanano da Abordagem Centrada na Pessoa*, Maragogi, Alagoas.
- CURY, V.E. (1987). *Psicologia Centrada na Pessoa: Evolução das Formulações sobre a Relação Terapeuta-Cliente*, Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado.
- GONDRA, J.R. (1975). *Da Psicoterapia de Carl R. Rogers*, Madrid: Editorial Espanola Desclée de Brouwer.
- PUENTE, M.de la (1973). *Carl R. Rogers: De La Scicoterapia a La Enseñanza*, Madrid: Editorial Razon y Fe. S.A.
- ROGERS, C. R. (1974). *Terapia Centrada no Cliente*, São Paulo: Martins Fontes.
- ROGERS, C. R. (1978). *Terapia, Personalidad y Relaciones Interpersonales*, Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision.
- ROGERS, C.R. (1970). *Tornar-se Pessoa*, Lisboa: Moraes Editores.
- ROGERS C.R. (1983). *Um Jeito de Ser*, São Paulo: EPU.
- ROGERS C.R.; SANTOS A.M. & BOWEN, M.C.V.B. (1987). *Quando Fala o Coração*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SPIEGELBERG, H. (1972). *Phenomenology in Psychology and Psychiatry*, Evanston: Northwestern University Press.

DIRETRIZES DA LUDOTERAPIA NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

SCHIRLEY DOS SANTOS GARCIA

Psicóloga, Psicoterapeuta Infantil e de Família; Pós-graduada em Saúde da Família; professora da UNIDAVI e UNESC em Santa Catarina, Aluna do mestrado em Sociologia Política na UFSC-Florianópolis/SC, onde enfoca a formação da identidade dos Grupos e Movimentos Sociais.

DIRETRIZES DA LUDOTERAPIA NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Schirley dos Santos Garcia

A Ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa surgiu com Virginia Mae Axline, aluna e colaboradora de Rogers, que dedicou uma parte de sua vida ao atendimento com crianças problemas e desenvolveu trabalhos tanto a nível teórico, quanto prático. Quando nos deparamos com seus escritos, percebemos, o carinho, o amor, o respeito e a dedicação que Axline deposita no atendimento com as crianças, em cada teoria, em cada relato de caso está impresso a vivacidade, a devoção e o amor incondicional vivenciado por ela em relação a estas crianças. A contribuição de Axline dentro da Ludoterapia, até onde tenho conhecimento foi considerado um marco teórico na Abordagem Centrada na Pessoa e como pioneira da Ludoterapia escreveu dois Livros na área infantil (ambos traduzidos na Língua Portuguesa): Ludoterapia e Dibs em Busca de si mesmo. Escreveu também vários artigos que foram poucos divulgados no Brasil.

Neste artigo procuro também explanar a presença do escritor e psicoterapeuta infantil, Hain Ginott, considerado, algumas vezes e outras não, como sendo humanista, dedicou-se para psicoterapia de grupo infantil e fez um detalhado trabalho nesta área, e através dos seus atendimentos escreveu o livro psicoterapia de grupo com crianças.

Atualmente o material de ludoterapia na ACP (Abordagem Centrada na Pessoa) em nosso país está bastante debilitado, pois pouquíssimas pessoas até onde se tem conhecimento desenvolveram escritos sob a prática da ludoterapia, pois a maioria dos escritos, hoje, dentro da Abordagem Centrada na Pessoa está voltado mais para a teoria e prática com adultos do que com crianças.

A construção deste artigo surgiu da necessidade em se fazer um pequeno histórico e apanhado do que vem a ser a prática psicoterápica com crianças a partir da Ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa.

Inicialmente o artigo traz um pequeno histórico dos colaboradores da Ludoterapia e no seu decorrer procuro desenvolver escritos que expliquem a teoria e a prática do processo de atendimento com crianças, numa visão da Abordagem Centrada na Pessoa.

A Ludoterapia conforme Goffman (1992), teve seu início na psicanálise com Ana Freud, que utilizou o brincar para conquistar à confiança de seu cliente. Nesta mesma época surge Melaine Klein com a Ludoanálise que utiliza a atividade lúdica junto com o conteúdo verbal para compreender e interpretar o comportamento infantil.

A aplicação das teorias de Otto Rank (1945), realizadas por Taft(1933), levaram a certas modificações nos trabalhos psicoterápicos com a criança,

pois com a terapia do relacionamento descobrem que a relação terapêutica pode ser curativa, através do atendimento. A terapia do relacionamento preocupa-se com problemas emocionais que se apresentam no presente, o importante para ele era o momento em que a criança estava vivendo suas relações, seus vínculos, enfim o aqui e o agora. Na visão de Rank tentar recuperar o passado não era considerado algo útil, pois vivências do passado não tinham um mínimo de importância, pois já fazia parte de algo velho, portanto era o passado. Esta caminhada aproximou-se um pouco da proposta de Rogers em relação a Ludoterapia, abandonando então as interpretações, trabalhando o aqui-e-agora.

Taft (1933) e Allen (1942), em seus atendimentos psicoterápicos, sentiram a necessidade de ajudar a criança e definir sua relação com o terapeuta. Para eles a hora terapêutica era concebida como uma experiência concentrada de crescimento, a criança nesta época passa a ser percebida como uma pessoa separada de si mesma, em relação aos seus impulsos, e que mesmo assim poderia existir uma relação em que a outra pessoa fosse admitida com suas características próprias, assim aproximando-se cada vez mais da Abordagem Centrada no Cliente.

Logo após a contribuição de vários autores, surge Axline (1984), aluna e colaboradora de Rogers, que através de seu trabalho clínico e experimental foi a principal terapeuta a aplicar a teoria da Abordagem Centrada na Pessoa no tratamento com crianças. A Ludoterapia para Axline (1994) surgiu como uma abordagem psicoterapêutica utilizada com crianças de três anos até 12 anos aproximadamente, onde o jogo passa a ser seu meio natural de auto-expressão, passa a ser uma oportunidade dada a criança para libertar seus sentimentos e problemas através do brinquedo.

"O jogo é o grande meio de desenvolvimento das crianças, através dele a criança interage com o meio, desenvolvendo capacidades que conduzem a sua integração, desenvolvendo o espírito de iniciativa, autonomia, poder de decisão, comunicação e relação com seu mundo interior e exterior" (Angélico, 2002: 01).

O brinquedo neste ínterim torna-se uma forma de comunicação para a criança, pois, através do brincar ela expressa seus sentimentos e pensamentos. Enquanto o adulto expressa verbalmente suas dificuldades, a criança brinca, e neste palco lúdico ela se liberta de sentimentos e problemas muitas vezes desconhecida para ela através do ato de brincar.

A Ludoterapia dentro da Abordagem Centrada na Pessoa é não-diretiva, a responsabilidade e a direção são deixadas às crianças, elas é quem mostram o caminho. Esta prática acredita no potencial da criança, e tem como meta, a confiabilidade na resolução de suas dificuldades e sua auto-ajuda. O foco da terapia é a saúde desta criança, pois ela é visualizada como um organismo dotado de condições para se auto-reformular e se transformar. A

Ludoterapia passa a ser considerada como uma prática que oferece à criança a oportunidade de libertar suas dificuldades no contato com o brinquedo.

A terapia tem como base o respeito e a aceitação incondicional pelas crianças e por seus sentimentos. Aceitar incondicionalmente significa aceitá-la exatamente como ela se apresenta, independente de raça, etnias, forma de se comportar, ou brincar. A criança quando se sente aceita passa a mostrar seu interior e em vez de tentar fugir de suas dificuldades, junto com o terapeuta, na brincadeira, passa a solucionar suas fragilidades. Pois o objetivo da terapia não é trabalhar com interpretações de sentimentos ou nem mesmo julgamentos de atitudes, mas sim viver o mundo da criança sem preconceitos compreendendo cada forma de agir e seu significado.

A Ludoterapia na ACP é um processo que se dá através da relação humana que se desenvolve entre o terapeuta e a criança e da intersubjetividade que se faz presente. Nesta relação, a criança sente-se valorizada pelo que ela está sendo neste momento de crescimento.

Crescimento é um processo de mudança em espiral relativo e dinâmico. Experiências mudam a perspectiva e o foco do indivíduo. Tudo está constantemente mudando, desenvolvendo-se, intercambiando-se e assumindo vários graus de importância para o indivíduo à luz da reorganização e integração de suas atitudes, pensamentos e sentimentos (Axline, 1984:23).

A Ludoterapia assim torna-se uma construção a nível emocional da criança que possibilita uma atuação mais adequada para ela no meio em que vive, pois a criança passa por um processo de construção de sua personalidade, e a forma na qual se organiza precisa ser reformulada para que ela tenha uma estrutura de personalidade mais saudável, pois está em processo de desenvolvimento nas diversas áreas (emocional, social, física e intelectual). A existência de algum bloqueio em uma destas áreas precisa ser reformulada ou retirada para que ela continue crescendo em todos os seus aspectos.

O Brincar

O ato de brincar, conforme Axline (1984), o jogo, ou "faz de conta", ajuda a criança a compreender o mundo e a si mesma. Através dele a criança ensaiá compreensões, pondo em prática o que se passa internamente com ela, o que percebe, o que sente, o que pensa; é uma via de elaborações. O jogo é o grande meio de desenvolvimento das crianças, através dele ela interage com seu meio, desenvolvendo assim suas capacidades que conduzem a sua integração e desenvolvem o espírito de iniciativa, autonomia, poder de decisão, comunicação e relação com o mundo na qual está inserida.

O ato de brincar é a linguagem típica da criança, é a sua fala. O brincar implica em movimento constante onde o presente e o futuro estão sempre interligados no jeito de ser de cada criança.

Pode-se conceber o brincar como tendo a função de símbolo, cuja interação com o que concretamente se passa com a criança, propicia a formação de novos significados e novas conceitualizações a respeito de si mesma; e, assim, a oportunidade de ir adiante em sua experiência colocando em um movimento interior.

O brincar, para Axline (1984), é uma manifestação da forma predominantemente concreta, do pensar da criança que ainda não é simbólico, em nível de abstrações. É assim que ela pensa, avança na consciência de si, e isto faz do trabalho Psicoterápico um espaço fecundo de integração, onde o corpo e a sua própria imagem, que se fazem presentes, estão constituídos em uma rica fonte de significados .

A criança quando brinca, seja com um boneco, com um carrinho, ou com um qualquer outro objeto, ela está exteriorizando o seu mundo interior, os objetos naquele momento fazem parte de um cenário vivo de sentimento e relação que ela tem com o mundo e com as pessoas que em geral lhe estão próximas, podemos dizer que neste momento tão mágico ela passa a ser o autor ou autora de sua vida, ela não é mais coadjuvante. Esta manifestação de forma concreta, como Axline relata, é uma forma que a criança utiliza para alterar sua consciência, pois ela está constituída de diversos significados, que, aos poucos, vai desabrochando nessa dinâmica de relacionamentos e interações.

Sala de Ludo

Para Axline (1984), a sala de Ludoterapia é um bom lugar de crescimento, onde a criança torna-se a pessoa mais importante que existe no mundo, neste momento ela é quem está no comando da situação e de si mesma, onde ninguém diz o que ela deve ou não fazer, ela é livre e assim mostra qual é a direção.

"Ninguém a importuna, faz sugestões, a estimula ou intronete-se em seu mundo particular, subitamente, ela sente que pode abrir suas asas, pode olhar diretamente para dentro de si mesma, pois é aceita completamente" (Axline, 1984:28).

A criança dentro da sala pode olhar para dentro de si mesma, pois ali ela é aceita completamente, pois ali é seu mundo. Nos primeiros encontros com a sala a criança demonstra espanto e curiosidade tanto pela quantidade de brinquedos como pela liberdade em poder brincar com qualquer brinquedo. Pode pôr à prova suas idéias, pode expressar-se completamente, pois a sala passa a ser seu mundo e não tem que competir mais com outras forças, tais como a autoridade adulta, rival ou situações onde ela passa a ser o alvo das frustrações e agressões de outras pessoas. Ela é um indivíduo dentro de seu próprio direito. É tratada com dignidade e respeito. Pode dizer qualquer coisa da maneira que quiser e será aceita completamente. Pode brincar com os brinquedos do modo que quiser e gostar, e será aceita completamente. Pode amar e odiar e ser tão

diferente quanto uma estátua e ainda será aceita.

"É uma experiência única para a criança descobrir que, de repente, as sugestões, ordens, recriminações, restrições, críticas, desaprovações, ajudas e intrusões dos adultos desapareceram. Tudo é substituído pela aceitação completa e pela situação permissiva que possibilita ser ela mesma" (Axlne, 1984: 29).

Durante toda sua vida sempre tiveram pessoas determinando o que ela devia ou não fazer e de repente ela se depara com uma quantidade de brinquedos que, até então, muitas vezes, não havia visto.

Para a criança, como salienta Axlne (1984), é realmente um desafio, pois neste momento ela poderá expressar atitudes e vontades até então não vivenciada por ela. Cada experiência vivida na sala de ludoterapia é considerada única, este é o seu momento de expressão e exploração de todos os seus sentimentos.

Quanto mais confiança, liberdade e segurança a criança sentir no processo terapêutico, mas ela explorará suas possibilidades de crescimento contra forças exteriores, pois não sentir-se-a mais bloqueada em suas experiências. Estes desbloqueios desaparecem, e então floresce um impulso dentro de si que caminha para a auto-realização de seus desejos, vontades e realidades.

"Sugere -se que a sala de ludoterapia seja um local agradável, ventilado e arejado e, de preferência, a sala deva ser à prova de som. Possua pia, com água corrente, quente e fria, as janelas sejam protegidas por grade ou tela, tenha banheiro, espelho, armários na altura da criança, o chão e o teto devem ser protegidos por materiais facilmente laváveis que resistam a água, argila, tintas e pancadas fortes. Se a sala puder ser provida de aparelhagem ótica que permita serem feitas observações, sem que as crianças notem que estão sendo observadas, torna-se ótimo, mas este equipamento somente poderá ser usado para treinamento de novos terapeutas."

Os brinquedos utilizados com graus variáveis de sucesso são: madeira, família de bonecos, casinha de boneca mobiliada, soldadinhos, equipamento militar, animais de brinquedo, material para uma pequena casa, incluindo mesa com cadeiras onde a criança possa sentar, fogão, geladeira, berço, latas, buchas, panelas, cozinha completa com, copos, talheres, balcão de cozinha, entre outros. Também, roupas de boneca, carrinhos, jogos, bola de futebol, revólver, caixa de areia, fantoches, lápis de cor, papel, cartolina, lápis, argila, pintura de dedo, água, pregos, maleta de carpinteiro, uma mesa e um cavalete de pintura, uma mesa esmaltada para brincar com argila e pintura de dedo, bacia, vassoura, papel de desenho, papel de pintura, jornais e revistas velhas, borracha, livros para leitura, aviões, animais de plásticos, jogos de dama, avental para proteger suas roupas, jogo de xadrez e outros objetos, que não sejam brinquedos mecânicos, pois assim não permitiria trabalhar a criatividade lúdica". (Axlne, 1984:69).

Todos esses brinquedos são de construções simples e fáceis de ma-

nejar, de maneira que a criança não tenha dificuldade de brincar e nem mesmo faça associações com desenhos animados ou com brinquedos comercialmente vendidos, assim o terapeuta incorpora uma postura também não diretiva. Os materiais devem ser guardados em prateleiras facilmente acessíveis às crianças. É de responsabilidade do terapeuta manter os brinquedos constantemente inspecionados, retirar trabalhos realizados nas sessões anteriores, remover os objetos quebrados, e proporcionar para a criança sempre um ambiente limpo, arejado e sem sugestões no uso de materiais para determinadas brincadeiras. Se a sala for usada por outros terapeutas, cada um deles tem a obrigação de deixar a sala em ordem e manter organizada, de forma que vestígios das brincadeiras de uma criança não sirva para influenciar a brincadeira da outra.

Alguns terapeutas como Ginott (1979), visualizam a terapia infantil como uma realização de mudanças básicas da personalidade, e que através do relacionamento de catarse, do "insight", da prova da realidade, e da sublimação, a terapia traz um novo equilíbrio intrapsíquico, com o fortalecimento do ego e de toda sua estrutura, tendo assim uma auto-imagem melhorada. Para ele o valor de qualquer brinquedo, objeto, ou atividade na terapia, depende de sua concepção desses objetos. O brinquedo é visualizado como uma linguagem de auto-expressão simbólica da criança, e através da manipulação dos brinquedos a criança pode mostrar melhor do que por meio de palavras como se sente a seu próprio respeito e a respeito das pessoas e acontecimentos significativos em sua vida. O modo de brincar torna-se a sua fala e os brinquedos passam a ser suas palavras.

Para Ginott (1979), os materiais encontrados na sala de ludoterapia são considerados uma variável terapêutica importante, mas existe muito pouca orientação quanto ao equipamento adequado para o uso em ambientes terapêuticos. Em muitos ambientes, afirma o autor, as salas de brinquedos parecem um campo de sucata. Existem terapeutas que utilizam objetos atraentes e provocativos, acreditando que só assim a terapia avançará com sucesso; outros acreditam que uma pequena quantidade de brinquedo deixará a criança mais concentrada do que brinquedos extravagantes e atividades fascinantes, e que uma sala pode ser montada com uma quantidade mínima de dinheiro e uma sala, com muitos brinquedos, é uma indulgência por parte do terapeuta. Outros autores declaram que uma única caixa de modelagem pode ser tão eficaz quanto uma variedade de equipamentos caros. Não existe um consenso de literatura, salienta Ginott (1979), sobre a necessidade de se ter uma sala especial separada e mobiliada para a terapia infantil. Axlne acha que embora tal sala seja desejável, ela não é absolutamente indispensável, de acordo com ela a ludoterapia pode ser realizada num canto de um berçário ou de uma sala de aula.

"No avaliar atividades e matérias, deve-se considerar seus efeitos nos

processos internos da terapia. Existem cinco critérios principais para escolher e rejeitar materiais para a terapia infantil. Um brinquedo para tratamento deve: facilitar o estabelecimento de contato com a criança, provocar e encorajar a catarse, auxiliar no desenvolvimento do insight, propiciar oportunidades para a prova da realidade e propiciar meios para a sublimação” (Ginott, 1979:60).

A comunicação estabelecida pela criança, tanto através do que é dito ou feito na sala de brinquedos, tem um significado e importância dentro do seu quadro de referência. Perguntar à criança o significado do seu brinquedo é um tanto inútil, e resulta em resistência e silêncio, por isso certos brinquedos tornam mais fácil compreender o significado do brincar da criança. Assim, por exemplo, crianças que usualmente representam temas familiares utilizando bonecos, como figura de pai, mãe e irmãos, podem também representá-los simbolicamente utilizando blocos de madeira, sejam eles grandes ou pequenos. A presença de uma família de bonecos permite à criança auxiliar o terapeuta a compreendê-la, mas não necessariamente é fundamental. Alguns materiais são melhores para serem utilizados na ludoterapia, mas muitos terapeutas acham mais fácil estruturar a terapia estabelecendo o contato com a criança quando a sala de brinquedos contém materiais que por si só indicam permissividade. Alguns brinquedos e ferramentas passam a ser associados na experiência das crianças com restrições e punições de pais e irmãos. Enquanto alguns brinquedos favorecem a expressão das necessidades e problemas das crianças, outros limitam esta expressão. Para Ginott, a escolha sábia dos brinquedos, aumenta o poder de catalisar e monitorar as sessões de ludoterapia. Os materiais determinam diretamente a escolha de uma atividade e indiretamente uma cadeia interligada de eventos possíveis. Uma atividade uma vez iniciada conduz a uma série de comportamentos mais ou menos previsíveis. Assim por trás da pintura de dedo espreitam acontecimentos que podem ocorrer devendo à natureza do material e atividade. Alguns brinquedos são fundamentais na sala de ludo, pois quando usados facilitam ao terapeuta a compreensão da criança, sem diminuir o fluxo de seu brinquedo ou a conversação e a comunicação terapêutica torna-se mais viável do que uma sala atulhada de bugigangas.

O Papel do Terapeuta

O terapeuta, como argumenta Axline (1984), desenvolve um papel de alerta e de constante apreciação daquilo que a criança está dizendo ou fazendo. É necessário expressar compreensão e interesse pela criança, o terapeuta deve ser permissivo e aceitador e tratá-la com autenticidade e sinceridade. Não deve demonstrar irritação nem excesso de docura em suas atitudes em lidar com ela, deve mostrar maturidade na relação.

Estas noções se referem ao estado de acordo que existe entre a experiência e sua representação na consciência do indivíduo “normal, isto é que

funciona adequadamente. À primeira vista, esta noção parece sinônimo de sinceridade. Originalmente, Rogers servia-se de um termo que se aproximava muito da noção da sinceridade (genuine). Contudo traduzindo sua experiência em conceitos teóricos, tomou consciência de que o termo não convinha às necessidades, mais rigorosas, da teoria. Com efeito, a sinceridade consiste em falar ou em agir de acordo com a representação consciente, isto é, com a experiência tal como ela aparece na consciência, não necessariamente tal como ela é experimentada”.(Rogers&Kinget, 1977:106).

O Terapeuta deve ser pessoa íntegra, verdadeira, e saber vivenciar com a criança o que há de mais profundo nela, ambos devem estar interligados, pois, a criança com toda sua sensibilidade percebe se o adulto está sendo ou não sincero com ela. Para a criança palavras, muitas vezes, não significam quase nada, o que se torna importante para a criança é o seu sentir, pois as crianças em sua espontaneidade não estão contaminadas com a malícia, falsidade, corrupção e correria dos adultos. Elas são como a natureza, sempre prontas para ser acariciadas e amadas, e tudo que almejam é atenção e aceitação por serem o que realmente são em essência.

O terapeuta não deve direcionar as brincadeiras, não apressa e nem, por impaciência, toma atitudes precipitadas que façam a criança perceber qualquer falta de confiança em sua capacidade de ser responsável por si mesma. Nunca ri dela, ri com ela, às vezes, mas dela nunca.

Tem uma paciência especial e um estado de espírito que deixa a criança livre para poder se expressar, coloca-a à vontade e a encoraja a comparilhar com ele em seu interior. O terapeuta mantém uma atitude profissional em seu trabalho e não revela as confidências da criança para ninguém. Ele deve colocar-se no lugar do outro em sua essência, em seu mundo, ir além do discurso verbal e compreender o significado pessoal do outro.

“A empatia ou a compreensão empática consiste na percepção correta do ponto de referência de outra pessoa com as nuances subjetivas e os valores pessoais que lhe são inerentes. Perceber de maneira empática é perceber o mundo subjetivo do outro ‘como se’. A capacidade empática implica em sentir a dor ou prazer do outro como ele se sente, em que se perceba sua causa como ela a percebe (isto é, em se explicar os sentimentos ou as percepções do outro como ele os explica a si mesmo), sem jamais se esquecer de que estão relacionados às experiências e percepções de outra pessoa. Se esta última condição estiver ausente, ou deixa de atuar, não se tratará mais de empatia, mais de identificação (Rogers & Kinget, 1977:179).

As crianças são extremamente sensíveis à sinceridade dos adultos, apreendem rapidamente as inconsistências nas atitudes do comportamento adulto. Portanto, é aconselhável o terapeuta observar seu procedimento como terapeuta e prosseguir com honestidade e sinceridade. Deve ter confiança em suas convicções e iniciar cada novo contato com confiança e calma, um

terapeuta tenso e inseguro cria um relacionamento tenso e inseguro entre ele e a criança.

O terapeuta não está pronto para levar a criança à sala de terapia enquanto não tiver desenvolvido sua autodisciplina, autocontenção e um profundo respeito pela personalidade da criança. Ele não deve se envolver emocionalmente com a criança, pois quando isso acontece, a terapia desvirtua-se, e a criança não se beneficia.

"O envolvimento emocional normalmente é eliminado, se o terapeuta assimilou os princípios e atitudes básicas, que já tem a visão dos limites que existem, e se já sabe o que fará se a criança adotar algum comportamento imprevisível". (Axline, 1984: 79).

O Terapeuta deve ter autoconfiança, e não deve se deixar levar por artimanhas que a criança possa a vir envolvê-lo. É necessário que haja serenidade e sensibilidade por parte do terapeuta no atendimento com crianças.

Enfim o terapeuta, conforme Axline (1984), deve ser uma pessoa capaz de aceitar de corpo e alma os **oito princípios básicos** que orientam seus contatos com a criança. Que são eles:

1 - O terapeuta deve desenvolver um amistoso e cálido relacionamento com a criança, de forma que se estabeleça o "rapport". Esse momento é conhecido como contato inicial, o terapeuta encontra a criança pela primeira vez, e um sorriso é usualmente uma indicação de calor e amizade, o terapeuta deverá se apresentar para a criança, e logo mostrar a sala e desenvolver um amistoso e cálido relacionamento, de forma que o jogo se estabeleça. A construção do *rapport* no atendimento torna-se crucial, pois é neste momento que a criança fará tentativas de construir um vínculo de confiança com o terapeuta. Este momento está relacionado com a primeira imagem que a criança ficará do terapeuta, e conforme este contato a terapia poderá ter um resultado positivo ou não, a criança poderá gostar e iniciar um novo relacionamento ou poderá negar a existência deste e não aceitar tal vínculo.

2 - Aceitando a criança completamente. Significa deixá-la livre para expor seus sentimentos, pensamentos e atitudes, o terapeuta deve manter um relacionamento calmo, firme e amigável com a criança, mantendo sempre uma atitude de aceitação em relação às coisas que a criança fala ou faz. Quando a criança expressa sentimentos violentos e agressivos, o terapeuta deve manter uma postura de alerta para também aceitar esses sentimentos. O terapeuta deve estar livre de preconceitos ou sentimentos que venham a dificultar a terapia, ele deve estar aberto para receber a criança e compreendê-la, através da fala, do lúdico e do significado de sua vida que irá expressar no decorrer das sessões. Pois a criança precisa ser aceita e tudo que ela deseja é ser amada e compreendida.

3 - Estabelecendo um sentimento de permissividade. O terapeuta estabelece através de sua atitude um momento de permissividade para a criança. A profundidade de sentimento demonstrada pelo terapeuta, durante o processo de ludoterapia, irá proporcionar à criança momentos mágicos, onde ela se sentirá livre para expressar e exprimir seus sentimentos. Esta experiência faz com que a criança passe a ter confiança em si para resolver seus problemas. A criança deve sentir-se plenamente aceita para poder expressar sentimentos e pensamentos até então não resolvidos. O terapeuta deve respeitar a criança em sua plenitude, em seu âmago mais profundo e confiar na sua capacidade de decisões.

4 - Reconhecimento e reflexão dos sentimentos. O Terapeuta deve estar em alerta para poder compreender o comportamento da criança e fazer com que ela perceba e reflita sobre seu comportamento, não deve ser confundido com a interpretação. Pois o jogo simboliza os sentimentos da criança, e cada vez que o terapeuta tentar traduzir o comportamento simbólico em palavras ele estará interpretando. O terapeuta deve viver a cada momento com a criança percebendo sempre qual o sentimento depositado e o que quer dizer com cada atitude que ela está expressando nas brincadeiras, o reconhecimento deste sentimento é fundamental para que a criança tenha *insight*. Ele deve estar atento para o significado de seu sentimento, pois além do discurso verbal e do lúdico, existe toda uma expressão corporal, física e de comportamentos. Atos, vontades e realidades não faladas, mas que almejam em ser compreendidas.

5 - Mantendo o respeito pela criança. Esse é o momento onde o terapeuta mantém um profundo respeito pela capacidade da criança em solucionar suas dificuldades, a escolha pelas mudanças depende somente da criança, ela sente-se livre para poder decidir o que vai ser feito de sua vida, a terapia está sendo centralizada nela, ela é a única responsável por seus atos e caminhos escolhidos. Essa é uma parte da estrutura terapêutica, onde proporciona a criança uma conquista pelo seu equilíbrio, ela adquire autoconfiança e auto-respeito, e logo constrói sua auto-estima. A criança mostra a direção, mas ela deve sentir-se segura e respeitada em suas brincadeiras para poder triunfar nos seus aspectos mais profundos. O respeito é a base para um crescimento psicológico, pois através dele a autonomia a confiança em si mesma aumenta, facilitando sua comunicação e relação com pessoas que estão ao seu redor.

6 - A criança indica o caminho. As sessões de terapia são guiadas pela criança, ela é que mostra o caminho, ela é quem direciona os atos e as conversas, o terapeuta simplesmente acompanha, e assim adere à orientação não diretiva. O terapeuta não oferece sugestões, a sala e os objetos estão à disposição, esperando pela criança, o poder de decisão e a escolha pelos brin-

quedos são sempre seus, ela é o comandante do processo psicoterápico. O período da terapia é seu campo de prova, ela é quem toma as devidas medidas. A criança na sala de ludo brinca, brinca e brinca e com o passar das sessões, fica explícito suas dificuldades, medos, frustrações, alegrias e tristezas. Ela mesma mostra o trajeto de sua caminhada e suas variadas estradas, ora com flores, ora com pedras, ora com sol, ora com chuva, com facilidades ou dificuldades ela vai descobrindo o que faz sentir-se melhor, e assim gradativamente vai crescendo e amadurecendo.

7 - A terapia não pode ser apressada. O terapeuta tem de ter paciência e ficar atento às brincadeiras e atitudes da criança, pois cada uma tem seu momento. A terapia de forma alguma deve ser apressada, o processo da terapia é gradativo e aos poucos deve ser reconhecido pela criança, pois cada uma tem seu tempo e espaço. Tentar forçá-la a brincar às pressas, de uma forma ou de outra, significa obrigar a retroceder. O terapeuta deve manter o respeito pela velocidade de cada criança, cada uma com seu movimento, seja lento ou rápido, de uma forma ou de outra fará progresso na terapia. Neste momento o terapeuta deve estar preocupado em desenvolver empatia pela criança, e saber que toda mudança de comportamento e atitude está vinculada a aceitação incondicional do terapeuta pela criança. Como diz o antigo ditado: "a pressa é inimiga da perfeição", e o mesmo acontece nos atendimentos com a ludoterapia, a criança na sala de brinquedos precisa de liberdade para adquirir autonomia e segurança na resolução de seus significados de vida. Quanto mais liberdade sente, mais fortalecida fica para se relacionar com outras crianças e adultos, ela precisa se sentir tranquila, para poder se autodescobrir e saber quem ela realmente é nessa história, de vida, de mundo, de relações, com pais, irmãos, amigos, e pessoas estranhas.

8 - O valor dos limites. O terapeuta estabelece alguns limites necessários para que a criança possa ter consciência de sua responsabilidade tanto com a sala, como com o terapeuta e como com as pessoas que vivem. Tudo na vida precisa de disciplina, e os limites são de uma forma mais explícita a expressão desta fala. Um dos limites utilizados na ludoterapia é a proibição da destruição de objetos na sala e destruição da própria sala. Pois deve ficar claro para as crianças que existem outras crianças que também gostam de brincar com os brinquedos, e se cada criança resolver destruir algum objeto da sala, chegará um dia que não existirá mais brinquedo para brincar. A criança em hipótese alguma poderá agredir o terapeuta, deverá ficar bem claro para a criança que o profissional deverá ser tratado com respeito e disciplina. A criança deve sair da sala com a sensação de respeito e segurança no terapeuta. Um outro limite utilizado é o elemento tempo: no contato inicial com a criança o terapeuta deve já deixar estabelecido o limite de tempo da terapia, a criança

deve ter consciência da duração da terapia, e se caso atrasar para chegar a consulta, o tempo estabelecido continuará o mesmo. Os limites são fundamentais para mostrar a criança que na vida nem sempre os fatos e relações acontecem como os adultos desejam. Tudo na vida existe um limite, um fim e um começo, regras que muitas vezes são chatas de serem cumpridas mas são necessárias. Os limites também são uma forma de trabalhar a disciplina, a organização e o respeito pelas pessoas e pelas regras do mundo.

A teoria e prática da Abordagem Centrada na Pessoa trabalham com a não direitividade, com o não determinismo. Rogers, Axline e os que seguiram nesta Abordagem, acreditam na capacidade da pessoa em resolver suas dificuldades, por isso trabalhar a questão dos limites na Abordagem Centrada na Pessoa, e principalmente na Ludoterapia, torna-se uma tarefa árdua. Para muitos trabalhar esta questão significa trabalhar com algo já preestabelecido, mas não devemos confundir liberdade, empatia, aceitação incondicional, com a questão dos limites. Pois trabalhar limites, não significa limitar a criança em sua expressão, nem mesmo deixar de aceitá-la, nem tão pouco aprisioná-la, mais de uma forma sutil mostrar à criança que ela poderá utilizar seu tempo tão nobre fazendo outra coisas, do que destruir, agredir ou atrasar a terapia. Até porque o processo de Ludoterapia está muito vinculado com o processo educativo da criança, onde aspectos como: hierarquia, disciplina, educação, também são ensinadas às crianças através do seu brincar e contato com o terapeuta.

Como ocorre o encaminhamento

Conforme Axline (1984), a prática da Ludoterapia ocorre através de dois processos: A Avaliação Psicológica e o Processo Psicoterápico. Na avaliação psicológica é realizado uma entrevista com os pais, que também pode ser chamada de triagem ou anamnese, em que se procura obter um panorama que seja o mais completo possível, que inclua a natureza dos vínculos que ligam o paciente como um todo com o casal parental e com o próprio psicólogo.

A Abordagem Centrada na Pessoa acredita na avaliação psicológica infantil como um todo processo avaliativo da situação emocional da criança, com o objetivo de verificar e investigar se existe alguma questão emocional a ser trabalhada. O importante aqui não é ficar preso ao histórico da criança, mais sim perceber, através das atitudes e fala dos responsáveis pela criança, o sentimento que é expresso ao relatar os fatos ocorridos na vida da família, e se existe coerência na fala e no comportamento do que está sendo dito.

Nesta entrevista, inicialmente, faz-se importante a presença dos pais ou responsáveis, mas se caso um deles não puder participar, pode ser feito a entrevista com apenas um dos responsáveis. A presença dos responsáveis é importante para a entrevista, pois a participação deles é fundamental para um

melhor e mais eficiente crescimento para criança em todos seus níveis. O atendimento da criança dentro da ludoterapia conta com a participação ativa dos pais ou responsáveis, pois eles devem ter consciência que o terapeuta precisará da ajuda deles.

O tempo de duração da entrevista deve ser de uma hora, mas se caso não for suficiente pode-se marcar uma outra sessão para terminar a entrevista. Ao entrevistar os pais, o terapeuta tentará levantar um histórico da vida da criança, desde o nascimento até os dias atuais, mas sempre focando a relação e o sentimento dos pais com as atitudes da criança em seu presente. Não existe uma lista de perguntas a serem elaboradas, cada terapeuta, conforme sua experiência, irá planejar mentalmente algumas questões que considera relevante na entrevista inicial. A criança não deve participar das entrevistas, pois, este momento não é ainda o momento dela, mas sim dos responsáveis. Existem outras práticas clínicas na área infantil que trabalham desde o primeiro momento com a criança, mas a ludoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa acredita que a criança, apesar de seus vínculos, deve ser visualizada como única em seu mundo. O passado não possui importância, o essencial é sua vivência do presente. A criança deve ser vista como uma pessoa que possui suas vontades, desejos, anseios, medos, verdades e lógicas, e não que alguém que seja rotulada por um adulto na sua forma de ser ou agir.

Na avaliação psicológica se faz, inicialmente, duas entrevistas com os pais, que seria a anamnese ou entrevista inicial, comentada no texto acima, e três entrevistas lúdicas com a criança em forma de observação avaliativa. E mais uma devolução para a criança e para os pais, somando então em sete sessões, ou mais se necessários. O número de sessões não é determinado, o que existe é um ideal de encontros.

Nestas três sessões com a criança, o terapeuta ficará atento a todos os movimentos da criança sempre que necessário, interagindo e observando suas atitudes. A avaliação psicológica tem como meta delinear a necessidade do processo psicoterápico ou não. Pois, inicialmente, os pais chegam com uma queixa e o terapeuta, através das sessões, terá de observar se existe consistência ou não na queixa, ou se existe um outro aspecto que não foi revelado pelos pais, mas foi observado pelo terapeuta nas sessões.

Terminadas tais sessões o terapeuta terá um encontro com a criança no consultório e irá relatar o resultado das sessões e comunicará aos responsáveis a necessidade da criança continuar com as sessões ou não, expressando assim o motivo da ocorrência o não do processo psicoterápico. O mesmo comportamento deverá ter o terapeuta com os pais e explicar para eles o que vem a ser o processo psicoterápico, a duração e seu propósito.

O processo psicoterápico se diferencia do processo avaliativo, porque nele inclui intervenções do psicoterapeuta, investigação da estrutura emocional e atitudes facilitadoras para compreender os sentimentos e significados

apresentados pela criança expressado na sala de ludoterapia. As sessões de Ludoterapia no processo psicoterápico podem variar de dez sessões ou mais, não existe um numero exato e determinado de sessões, pois o terapeuta não trabalha com quantidade, mas sim qualidade de atendimento. O término do processo dependerá da maturidade do terapeuta e da maturidade da criança em conseguir trabalhar suas dificuldades.

O terapeuta deve estar interagindo com a criança, e perceber quando deve ou não participar de sua experiência, e comunicar sua observação para a criança.

Dentro do processo psicoterápico o terapeuta incorpora três atitudes básicas que são: Reiteração, Reflexo e sentimento e Elucidação.

Na reiteração, conforme Rogers e Kinget (1977), o terapeuta deve proporcionar momentos de comunicação junto à criança de modo que consiga reproduzir a fala da criança a fim de retomar aspectos de sua consciência.

"Elá prepara, no entanto, o terreno para uma tomada de consciência cada vez maior, já que tende estabelecer um clima de segurança favorável à diminuição das barreiras defensivas do "eu" e, por conseguinte, de ampliação do campo da percepção. Serve, pois, essencialmente para criar uma atmosfera de acolhida e de tranqüilidade. Eis porque esta resposta é formulada, freqüentemente, nos termos do cliente, por mais humildes que estes pareçam ser" (Rogers&Kinget, 1977:64).

O terapeuta deve pontuar determinados comportamentos para a criança, seja ele falado ou manifestado através de qualquer objeto, ele deve estar perceptivo à ordem emocional expressada pela criança, e sempre atento ao movimento desta criança em relação a esta comunicação. O terapeuta deve saber exatamente qual o momento de reiterar com esta criança, sempre com o objetivo de proporcionar a ela autonomia, relaxamento e não medo e instabilidade, pois tudo que a criança necessita é ser compreendida e respeitada em sua vida para conseguir solucionar suas fraquezas.

No reflexo e sentimento o terapeuta deve explicitar à criança o sentimento que está sendo expresso por ela, sentimento este que não é, muitas vezes, perceptível a criança. O psicoterapeuta deve estimular sua segurança e tranqüilidade ao descrever seu comportamento emocional. A atitude da criança em relação aos brinquedos e discurso verbal é genuína e verdadeira, portanto o terapeuta ao pronunciar sua atitude observada nas brincadeiras da criança deve estar atento e ter muito cuidado. Pois em vez de facilitar a ajuda terapêutica pode dificultar ou até mesmo destruir um trabalho que foi construído ao longo de várias sessões.

Enquanto que a reiteração facilita o processo ao dar ao indivíduo a sensação de se sentir perfeitamente compreendido e respeitado, o reflexo propriamente dito tem por objetivo descobrir a intenção, a atitude ou sentimento inerente às suas palavras, propondo-os ao cliente, sem os impor. Em ter-

mos gestaltistas, consiste em tornar claro o "fundo" da comunicação de modo a permitir que o indivíduo perceba se ele encontra nela elementos suscetíveis de se integrar à "figura", de modificá-la ou de revalorizá-la (Rogers & Kinget, 1977:67).

O reflexo de sentimento é considerado mais dinâmico, pois o terapeuta está percebendo as atitudes e sentimentos da criança, e quando necessário está formulando uma devolução a fim de proporcionar sempre crescimento para esta criança. Podemos dizer assim que o terapeuta desempenha um papel parecido como a de um espelho para esta criança, na qual esta refletindo sentimentos, pensamentos e atitudes da criança proporcionando assim sua auto-observação em relação a si mesma.

Na elucidação o Terapeuta desempenha uma atitude, que por de trás de toda uma linguagem seja ela verbal ou gestual, trabalha com a observação e divulgação da relação que a criança desenvolve com seu mundo interior e exterior. O terapeuta em hipótese alguma trabalha com a interpretação, mas com as atitudes emocionais reveladas pela criança, aceitando e reconhecendo o conteúdo desta experiência para a criança.

"Neste caso, o uso destas expressões presta-se menos aos fins de verificação do conteúdo da resposta (isto é, se o cliente reconhece este conteúdo como fazendo parte de sua experiência) do que para indicar ou consolidar a estrutura centrada no cliente da interação para compreender que a conversa relaciona-se com os pontos de vista do cliente e unicamente com eles, não com o significado que estes pontos de vista poderiam ter para o terapeuta. Enfim, o uso destas expressões poderia ser destinado de qualquer fim particular e repre-o caso de Rogers" (Rogers & Kinget, 1977: 85).

Família

Na Abordagem Centrada na Pessoa, tanto no processo avaliativo como no processo psicoterápico, a participação dos pais é fundamental, a criança não deve ser visualizada como única no mundo, mas sim como um ser de relações. A função do terapeuta, juntamente com os pais ou responsável, está fundamentalmente vinculada com a comunicação.

"Quando no interior de uma família os indivíduos têm necessidade de relacionar-se recorrem à comunicação. Por comunicação entendemos o ato de pôr algo em comum entre pelo menos duas pessoas, assentando este numa codificação que ambos conhecem, de forma a gerar um campo de entendimento comum aos elementos envolvidos no processo de comunicação. Comunicação é então o processo pelo qual marido e mulher, pais e filhos constituem relação uns com os outros. É a forma que permite aos elementos do processo de comunicação exteriorizar e comungar a sua subjetividade" (Dias, 1998:54).

A comunicação mantida pelos pais com a criança e com o terapeuta torna-se primordial para o crescimento e desenvolvimento da criança, pois existem alguns aspectos trabalhados na terapia que necessitam da ajuda dos pais, seja através da compreensão empática ou até mesmo através de um bom diálogo. Podemos dizer que um bom resultado terapêutico (na visão dos pais ou de cada terapeuta), acontece com a participação de todos: pais, filho e terapeuta. A criança em processo de terapia se encontra muito sensível, pois os fatos acontecidos dentro da sala de ludoterapia ocorrem de uma forma dialeticamente rápida, pois são muitas as vivências, e a criança na maioria das vezes não está acostumada com tais mudanças, por isso a importância da participação dos pais ou responsáveis torna-se fundamental.

Na sala de ludoterapia a criança se sente amada, respeitada, livre e compreendida, e na relação com a família muitas vezes ela não se sente assim. Então o terapeuta também terá de trabalhar com esta família a fim de esclarecer a importância desta relação dos pais com a criança, para sua construção.

Em geral vivemos num mundo tão conturbado, com tantas dificuldades, com tantas preocupações, que esquecemos que já fomos criança, e que todos estes aspectos citados acima, como liberdade e compreensão empática são fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da personalidade da criança e de qualquer ser humano. Na verdade os pais sabem disso, mas esquecem o quanto é importante esta comunicação e as crianças, muitas vezes, passam despercebidas pelos pais. É verdade que são muitas as perguntas e questões que as crianças fazem no dia-a-dia, mas se cada família reservasse uma hora do seu dia para oferecer atenção a essa criança, com certeza a ansiedade destas crianças diminuiriam e elas se tornariam bem mais satisfeitas. As crianças, em geral, almejam mais atenção, mas muitas passam despercebidas em seu mundo, e outras, que de variadas formas exigem atenção, procuram, na realidade, ser amadas e compreendidas em sua linguagem, seja ela verbal ou não. A função do terapeuta neste momento é poder mostrar aos pais o quanto suas atitudes são fundamentais neste processo.

A criança no processo de terapia deve ser visualizada pelos pais como uma pessoa que está em descobrimento de si e auto-reformulação de sentimentos, pensamentos, atitudes. Estas, que até um tempo atrás faziam parte apenas de seu mundo, e hoje são compartilhadas com outras pessoas.

O terapeuta jamais repassará para os pais os fatos ocorridos dentro da sala de ludoterapia, brincadeiras, palavras, ou gestos, porque estes momentos pertencem somente aos dois: criança e terapeuta. Caso contrário, dificultaria a sua relação terapêutica, em vez de facilitar, pois poderia romper a confiabilidade da criança para o terapeuta. O que o terapeuta deverá fazer é ficar atento aos movimentos desta criança, para poder identificar o que deve

Atitudes de
aprendizagem

ser ou não trabalhado com os pais em relação a alguma atitude da mesma. O terapeuta deve saber exatamente a hora de escutar e a hora de expor suas colocações para a família ou até mesmo para a criança, pois ele deve sempre suavizar as situações e não polemizar, pois a família quando encaminha a criança para a terapia, na maioria das vezes, sente-se ansiosa para saber o resultado. E este resultado também dependerá de suas ações e interações com a criança, portanto de uma forma ou de outra a família também está inserida neste processo, ora lento, ora rápido. Mais mágico na sua essência que com o contato com as partes que se torna pleno.

"Foi ouvindo pessoas que aprendi tudo o que sei sobre as pessoas, sobre a personalidade, sobre as relações interpessoais. Ouvir verdadeiramente alguém resulta numa satisfação especial. É como ouvir a música das estrelas, pois por trás da mensagem imediata de uma pessoa, qualquer que seja essa mensagem, há o universal. Escondidas sob as comunicações pessoais que eu realmente ouço, parecem haver leis psicológicas ordenadas, aspectos da mesma ordem que encontramos no universo como um todo. Assim, existe ao mesmo tempo a satisfação de ouvir esta pessoa e a satisfação de sentir o próprio eu em contato com uma verdade universal" (Rogers, 1983:05).

Acredito que esta citação de Rogers possa ser vinculada a relação da família com a criança, pois ouvir verdadeiramente a criança, significa apreender a conhecer sua personalidade, e compreender a tonalidade dos sentimentos e seu significado pessoal, pois por trás de uma mensagem que até então pode parecer superficialmente sem importância, pode ser tão profunda e essencial em todos seus significados. A família deve ter essa consciência, e saber escutar a criança além do que está sendo dito, para poder ajudá-la a resolver todas as suas dificuldades perante o mundo e se comunicar em nível de sentimento, pois só assim a criança se sentirá realmente aceita em sua plenitude.

Referências Bibliográficas

- AXLINE, Virgínia M.(1990) *Dibs: em busca de si mesmo*. 16 ed. Rio de Janeiro: Agir.
_____. (1980) *Ludoterapia: a dinâmica do interior da criança*. 2 ed. Belo Horizonte: Interlivros.
_____. (1997) *Terapia Del Juego*. Ed.Diana: Buenos Aires
- DIAS, Fernando Nogueira(1998). *Relação Familiar e Comunicação Autêntica*. 1 n. Associação Portuguesa de Psicoterapia Centrada na Pessoa e Counselling: Primavera, 55p.
- GINOTT, Haim G.(1979) *Psicoterapia de Grupo com Crianças*. 2 ed. Belo Horizonte Interlivros.
- GOBBI, Sergio L.& Missel, Sinara .(1998) *Vocabulário e Noções Básicas da Abordagem Centrada na Pessoa*. 1 ed. Tubarão: Universitária.
- JUSTO, Henrique.(1987) *Cresça e faça crescer*. 5 ed. Canoas: La Salle.
- LEBOVICI, S, DIATKINE, R.(1988) *Significado e Função do Brinquedo na Criança*. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- OAKLANDER, Violet.(1980) *Descobrindo Crianças*. 12 ed. São Paulo: Summus.
- ROGERS, Carl R., KINGET,G. Marian.(1977) *Psicoterapia e relações humanas*. 2 ed. Belo Horizonte: Interlivros.
- ROGERS, Carl.(1987) *Quando Fala o Coração*.1 ed. Porto Alegre:Artes Médicas.
_____. (1973) *Psicoterapia e consulta psicológica*. Santos: Martins Fontes.
_____. (1991) *Tornar-se Pessoa*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.
_____. (1992) *Terapia Centrada na Cliente*. 1ed. São Paulo: Martins Fontes.
_____. (1986) *Liberdade de Aprender em nossa Década*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SANTOS, Santa Marli.(2001) *Brinquedoteca: A criança, o adulto e o lúdico*. 2 Ed. Petrópolis: Vozes.
- VIANNA, Blandina (1996). *As Fases do Processo Psicoterápico, segundo Rogers, em um relato de Psicoterapia Infantil*. Monografia de Final de Curso. UNISUL: Tubarão (SC), 153 p.

ENCAMINHANDO A “APRENDIZAGEM CENTRADA NO ALUNO”

DR. HENRIQUE JUSTO

Psicólogo com Especialização na Abordagem Centrada na Pessoa (EUA) e
Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul (PUC/RS); Professor na Universidade La Salle; Autor do Livro “Cresça e
Faça Crescer. Carl Rogers” (La Salle).

ENCAMINHANDO “APRENDIZAGEM CENTRADA NO ALUNO”

Irmão Henrique Justo, FSC

Esta modalidade de ensino-aprendizagem é fascinante para um bom número de leitores da proposta de Carl Rogers. Muitos, porém, quiçá a maioria, tropeçam na forma de iniciar esta modalidade não-tradicional de “dar aula”. Pessoalmente, confesso, não me foi nada fácil dar o passo. Entretanto, é importantíssimo dar adequadamente a partida... quase como uma Fórmula Um.

Com o objetivo de facilitar, possivelmente, o início, vai aqui o modo como eu costumo encaminhar o novo processo de relação professor-aluno, pois, no fundo, é essa a grande novidade e... o grande desafio.

Para umas turmas com noções suficientes da teoria da personalidade segundo Rogers, pode iniciar-se com o item II: “Aprendizagem Centrada no Aluno”

I - VISÃO SUMÁRIA DA TEORIA DA PERSONALIDADE

1. Visão geral da personalidade

Há três modelos fundamentais de visão de personalidade, como aparece no quadro abaixo. Os qualificados “mau”, “bom”, “racional” etc.. não devem ser tomados no sentido absoluto, mas como “predominância” deste ou daquele aspecto: mais irracional que racional, por ex:

A pessoa é para a Visão

Atitude

Psicanálise antagônica	má pessimista	irracional	determinada
Behaviorismo determinada	neutra	depende do ambiente manipulativa	
Humanismo realização	boa otimista	racional	livre

Além desta visão ampla cada filósofo ou educador, consciente ou inconscientemente, orienta-se por uma concepção específica da pessoa. O método, ensino-aprendizagem é decorrência dessa visão, isto é:

- quanto aos elementos que a compõem,
- o funcionamento normal e patológico,
- seu desenvolvimento.

Podemos distinguir na pessoa **estrutura, dinâmica e desenvolvimento**.

- **Estrutura:** elementos que formam o todo da personalidade
- **Dinamismo:** fonte de energia possibilitando agir e reagir
- **Desenvolvimento:** fases sucessivas de crescimento através das idades.

2. Teoria da personalidade de Carl Rogers (1902-1987)

Carl Rogers estudou Agricultura, História, Teologia (dois anos), formando-se em Psicologia, à qual dedicou a vida. Entre seus livros, destacamos: Tornar-se Pessoa, Sobre o Poder Pessoal, Liberdade de Aprender em nossa Década, Grupos de Encontro, Terapia Centrada no Cliente, Psicoterapia e Relações Humanas.

Os aspectos fundamentais da personalidade, segundo ele são os seguintes:

- a) **Confiança na pessoa** (visão otimista). O indivíduo possui (afora os casos de distúrbios estruturais profundos) capacidade suficiente para enfrentar, de forma construtiva, a existência. Para que tal ocorra, supõe-se ambiente favorável, propício, mormente que ele se sinta aceito e valorizado. (Todo ser vivo requer condições mínimas para se manter e desenvolver).
- b) **Tendência à auto-realização.** A tendência fundamental da pessoa, segundo Rogers, é a de atualizar-se, isto é, realizar o que possui em potência, desenvolver-se, crescer. É o elemento dinâmico da personalidade. “Reafirmo, até com mais ênfase do que quando propus a idéia pela primeira vez, minha crença na existência de uma fonte central de energia no organismo humano (...); uma tendência à consecução, à realização, e não apenas manutenção” (Rogers, 1986:230).
- c) **Auto imagem (self).** Abrange tudo o que a pessoa acha de si: como se percebe, incluindo como pensa ser vista pelos outros.
- d) **O comportamento** explica-se em função de auto-imagem e da tendência à realização:
 - auto-imagem, o **self** indica o rumo, seleciona os objetos (interesses valores)...
 - e a tendência à auto-realização é o fator dinâmico, impulsor.
- e) **Abertura à experiência.** Para desenvolver-se adequadamente, deve a pessoa estar aberta à experiência interna e externa, assim como o motorista tem de estar atento às próprias reações, ao carro e a estrada a fim de

realizar viagem feliz. - O ideal seria que os estímulos tivessem livre trânsito no campo psicológico, para serem examinados sem rejeição nem distorções.

Se isso ocorrer, o indivíduo é congruente (isto é, profundamente autêntico): existe harmonia entre o que sente (irritação satisfação, por ex.), o que percebe etc., e a consciência desse sentimento.

f) **Ameaças** provocam **defesas**, estreitando a abertura à experiência, podendo gerar **incongruências** (desacordo e conflito interior).

g) O objetivo da terapia, da educação é o **funcionamento ótimo da personalidade**. Consiste, fundamentalmente, em distanciar-se da rigidez, das máscaras, do "você deve agradar aos outros", do "você deve aprender", do fechamento ... rumo a autodireção, a maior abertura à experiência, a maior congruência.

O estudante deseja levantar vôo em busca do saber, do crescimento pessoal. Pista adequada e segura para a decolagem oferece o professor:

- capaz de acolhida calorosa,
- de consideração positiva incondicional dos alunos,
- e empatia (compreensão do outro do ponto de vista dele).

Essas atitudes do mestre têm um tríplice apelo ao estudante:

- desejo de autonomia,
- vontade de participação,
- e preocupação de autenticidade. (Hameline, 1967)

II. APRENDIZAGEM CENTRADA NO ALUNO

1. Você, como aluno, não foi, não é marionete?

"As escolas aparecem às chamadas instituições totais, como penitenciárias e manicômios, onde a clientela está confirmada involuntariamente na instituição. Ser aluno:

- é ser obrigatoriamente membro de uma instituição
- ter uma série de normas, tarefas e objetivos impostos,
- autoridade igualmente imposta.

O papel do aluno consiste em atacar as normas organizacionais da escola e cumprir os objetivos que esta define para ele" (Johnson, 1972: 83).

Aplicam-se estas afirmações ao seu curso?

Para Ivam Illich (1973), as instituições situam-se num contínuo, ocupando um dos extremos as instituições convivais e o outro as manipulativas.

Instituições convivais: agir, ser

Instituições manipulativas: fazer, produzir

Clubes

Polícia

Telefone

Exército

Correio

Presídios

Salões de beleza

Manicômios

Lojas, mercado

Escolas

As instituições existem para serem usadas; as manipulativas visam produção, controle, repressão. "No lado direito, o serviço é manipulado, imposto, e o cliente é a vítima de propaganda, agressão, doutrinação...À esquerda, o serviço é uma oportunidade ampliada dentro de limites definidos, enquanto o cliente permanece um agente livre" (Illich, 1973:100).

"A mais direitista das instituições é a escola" (Illich, 1973:102).

A disciplina de psicologia oferece oportunidade de experiência de um "ambiente convival" na sala de aula:

- pessoas livres;
- estudantes num clima de liberdade-responsabilidade
- de acordo com o ritmo de aprendizagem de cada um,
- conforme o grau de motivação, dando ênfase maior ou menor aos diferentes pontos do programa.
- registrando o resultado de aprendizagem e das reflexões pessoais segundo a modalidade que achar melhor.

Não serei, portanto, professor tradicional

- que "manipula" os alunos,
- que exige de todos o mesmo ritmo de trabalho,
- que impõe seu ponto de vista.
- que pede a devolução do que assinou; mas professor que espera poder oferecer condições para estudo sério e criativo, com características inconfundivelmente individuais.

Não é o volume de verdades transitórias lidas e sabidas que é o

importante (no jardim das ciências, muitas flores têm vida efêmera): o importante é a formação de espírito sólido e aberto, graças às leituras refletidas, confrontando-as ativa e inteligentemente com a nossa realidade e a experiência pessoal.

2. Qual é o meu Objetivo? Que vocês possam realizar os objetivos de vocês. Ou, como já disse o grande Comênio no século XVI:

A didática estuda "a maneira pela qual:

- os que ensinam tenham menos de ensinar;
- e os que aprendem tenham mais para aprender;
- pela qual as escolas tenham:
 - . menos ruído;
 - . menos preocupação;
 - . menos trabalho inútil;
 - . e mais sossego;
 - . mais atrativo;
 - . maior aproveitamento".

A utopia que o pedagogo morávio aconselha a advogada oferecia mais vantagens:

"E ensinar rapidamente:

- sem cansaço ou tédio;
 - . para quem ensine;
 - . e para quem aprende;
- muito ao contrário: de forma atraente e agradável para ambos (1978., p. 25)

3. Qual o melhor método para alcançar esses objetivos?

Ampla safra de estudos verificou não haver diferenças significativas quanto aos resultados entre cursos ministrados a grande ou reduzido número de alunos, e entre estes cursos e estudos individuais, com ou sem supervisão. (Hilgard, apud "La Educacion en la Era Tecnológica", 1974:20).

"Devemos chegar à conclusão de que os métodos mais econômicos para ensinar são ou a aula expositiva e elevado número de alunos ou o método individual sem professor, já que ambos levam resultados satisfatórios como qualquer outro dos métodos típicos que aplicamos" (Id. p. 21). Observação acauteladora: "Nunca se produziu mudança espetacular atribuível a uma nova tecnologia" (Id., p. 22).

As esperanças colocadas nos recursos audiovisuais, slides, fitas gravadas... já se desvaneceram. Acontecerá o mesmo com vídeos e

computadores? "Inumeráveis estudos realizados chegaram à mesma velha conclusão: um método é tão bom quanto o outro".

Existem, contudo, manipulativos ou mais ou mesmo ditatoriais e métodos conviviais ou democráticos. A opção por uns ou outros manifesta diferenças profundas na concepção que o educador possui do aluno e a idéia do próprio papel, assim como do papel de educando. O professor fará da aula:

- uma espécie de prisão,
- ou desenvolverá um ambiente de liberdade (com evidentes limitações exigidas pelo convívio).

Terá preferência

- pelo bitolamento dos alunos (métodos procastianos)
- ou, ao contrário, estimulará a realização das peculiaridades individuais num estilo pessoal.

Cerçará as iniciativas e a expressão das opiniões pessoais dos alunos, ou alimentar-lhes-á a liberdade responsável e a criatividade.

Os resultados de ambos os métodos podem ser os mesmos do ponto de vista do saber acadêmico, mas serão extremamente diferentes na perspectiva de formação da personalidade, da comunicação, do relacionamento humano, da capacidade criativa... A opção por um dos métodos envolve escolha de certo grupo de valores, ou valores preferenciais ocasionam predileção de certos métodos de ensino-aprendizagem.

4. Como poderá realizar a aprendizagem?

O método preconizado baseia-se

- no respeito profundo à personalidade de cada estudante
- e na confiança de que, em clima de liberdade, desenvolverá melhor suas possibilidades individuais.

Fundamenta-se, igualmente, nos resultados de pesquisas psicológicas, como a seguinte (a outras já aludi acima):

- aprendemos 1% pelo paladar
 - 1,5% pelo tato,
 - 3,5% pelo olfato,
 - 11,0% pela audição,
 - 83,0% pela vista,
 - remetemos 10% do que lemos,
 - 20% do que ouvimos,
 - 30% do que vemos,
 - 50% do que ouvimos e vemos,
 - 70% do que dizemos,
 - 90% do que dizemos enquanto fazemos algo,
- Provérbio oriental diz: "Escuto e esqueço; vejo e lembro; faço e entendo"
- (Raudsepp, 1973:63.).

Que método utilizará? É de ser livre escolha (e... responsabilidade).

Lançará mão dos melhores recursos para aprender (e favorecer a aprendizagem dos colegas) e de forma adequada para mostrar o proveito haurido do estudo. Simples transcrição de textos, evidentemente, não tem valor. Cumpre-lhe:

- manifestar, através de comentários, haver compreendido as idéias lidas;
- eventualmente, confrontá-la-á com as de outros autores;
- verificará, talvez, o grau de aceitação de alguma idéia em nosso meio através de questionários e/ou entrevistas;
- citará experiências suas ou de outras pessoas;
- indicará as possibilidades de aplicação de idéias na vida pessoal ou profissional...

Em resumo: que, através de suas anotações, se possa verificar a aprendizagem realizada, quer dizer, a mudança operada pelo estudo em seus esquemas mentais e/ou comportamentais, atitudinais.

No fim do trabalho, você o avaliará, atribuindo-se uma nota de 0-10 (zero a dez), expondo os critérios utilizados para isso. Se minha avaliação, por acaso, não coincidir aproximadamente com a sua, então conversaremos sobre o assunto. Esta ocorrência costuma ser rara: de acordo com minha experiência, o estudante que desfruta de suficiente liberdade é muito responsável e criativo. (Não haverá "sabatina" ou provinhas, a não ser a pedido da turma).

Espero que, após naturais vacilações iniciais, você consiga a satisfação de ser você mesmo(a) no estudo, livre de cordéis que, geralmente, manipulam os alunos quais marionetes.

Alguns depoimentos de colegas seus sobre este método de estudo (PUC-RS 1974):

- a) "Acho que venci o medo de estudar sozinha. No princípio, achei que não iria aprender nada. Mas, agora, que acabei o trabalho, vejo que valeu a pena... Talvez se a matéria simplesmente tivesse sido exposta pelo professor, eu não teria a mesma visão do conteúdo."
- b) Um grupo: "Gostamos e nos entusiasmamos ao ver que pelo menos um professor não parou no tempo... Necessitamos dessa abertura para fazer o nosso estudo algo diferente. No início, foi meio difícil de ser aceito por se tratar de uma novidade, e nos apavoramos um pouco: exigia muita iniciativa e determinação, coisa que nos tinha sido muito pouco oferecida até hoje".
- c) Outro grupinho: "Aprendemos não só conteúdos novos, mas também que somos capazes de iniciar e desenvolver e chegar ao fim de um estudo, sem que tenhamos alguém constantemente ao nosso lado, dizendo-nos como fazer".
- d) "Gostaria de dizer que o método adotado foi excelente, porque proporcionou ao aluno liberdade, responsabilidade, criatividade e, sobretudo, o que considero mais importante, a oportunidade de aprender sozinho com seus próprios esforços, e a gente aprende a ser independente, a pesquisar, a pensar, a tirar conclusões".
- e) "Foi grande a minha alegria em poder comprovar, na minha experiência pessoal, os efeitos desse método (rogeriano), graças à maravilhosa iniciativa de nosso professor, que valoriza a liberdade, não nos deixando desamparados quando necessitamos de orientação. Gosto do meu trabalho porque o amei, porque me dediquei a ele com toda a minha vontade: poderia torná-lo medíocre ou valioso. Além disso, adoro a pesquisa e o aprofundamento."
- f) Depoimento de estudantes do Curso de Pós-Graduação em Educação (Mestrado), todos professores:
 - "Pela primeira vez senti vontade de escrever sobre meus receios, expor minhas opiniões, comentar o que realmente penso, sinto e desejava dizer. A experiência foi tão valiosa que pretendo dar oportunidade aos meus alunos de também sentirem esta liberdade, pois só assim se consegue realmente aprender: sem ameaças externas de notas, exames, professor, decorar, estudar para realizar provas."
 - Escreve um mestrandinho, já professor universitário: "Nunca trabalhei tão conscientemente e livre de preocupações burocráticas como nesta disciplina. Aqui não vai nenhuma badulaçāo ao professor, mas sim, o tributo de reconhecimento dessa verdade. Tive oportunidade de ler e estudar maduramente ao longo deste semestre".
 - Professora universitária: "Em nenhum curso refleti tanto como neste. Parece-me que alguma coisa está mudando dentro de mim, e não apenas fora, na minha inteligência. A partir desta mudança em mim mesma, parece que meus alunos também mudaram: o clima se tornou mais favorável para ambos".
 - Professor de Faculdade: "Para mim, estes encontros vieram atender aquilo que sempre desejava: um dia não mais "receber aulas", mas poder estudar segundo o meu modo de ser o e meu modo próprio de estudar. O importante é que o professor "deixe" o aluno estudar".

Observação: Cito depoimentos de mais de vinte anos atrás para mostrar que a aceitação da aprendizagem centrada no aluno tem seus méritos reconhecidos faz um quarto de século. Em extenso artigo à revista "Educação" da PUCRS

(nº 15, 1988, pp. 71-85), categorizei centenas de opiniões de estudantes universitários, anteriores e posteriores as acima citada.

III. CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM CENTRADA NO ALUNO

O educador usa de certo grau de autoridade e concede aos alunos certo grau de liberdade. Quanto maior a desconfiança e/ou a própria insegurança, tanto maior a autoridade. A liberdade será concedida na medida da confiança. Diz Rogers que o professor concede aos discípulos o grau de liberdade que ele, mestre, é capaz de suportar. Não se refere o autor de "Tornar-se Pessoa", ao comportamento mais ou menos permissivo, mas à liberdade com referência à modalidade e ritmo de auto-instruir-se o aluno.

As áreas de "uso da autoridade" ou de "liberdade concedida" variam. Raramente apresentam o equilíbrio da ilustração.

Dois modelos de educação e ensino:

**Os alunos são "satélites" do professor
O professor é "satélite" dos alunos**

"O objetivo de educação verdadeiramente democrática consiste em propiciar aos alunos as condições para se tornarem indivíduos:

- capazes de decisões pessoais, e sentir-se por elas responsáveis;
- capazes de espírito crítico, isto é, em condições de avaliar as contribuições feitas pelos outros;
- com conhecimento aplicáveis à solução dos problemas;
- capazes de cooperar efetivamente com outros nas mesmas tarefas;
- capazes de trabalhar não para obter a aprovação dos outros, mas em termos de seus próprios objetivos socializados" (Rogers, 1951:387).

Em outra obra, explicita a idéia sobre o resultado, o "produto: de boa educação":

"Educada é tão-somente a pessoa
- que aprendeu como aprender,
- que aprendeu como se adaptar e mudar,
- que se deu conta de que nenhuma forma de conhecimento é seguro, que somente o processo de procurar o saber fornece embasamento sólido". (Rogers, 1969:104)

O papel do professor consiste em facilitar a aprendizagem

A função do mestre é fundamental, é condição, *sine qua non*, isto é, sem ela não se efetuará a sonhada utopia da revolução copernicana na escola. O professor deixa de ser "ensinador" para tornar-se "facilitador" da aprendizagem mas papel tão importante como o cuidado do jardineiro em propiciar condições de crescimento às mudinhas plantadas ou à semente que lançou em terra.

Escreve Rogers (1986:78-79): Eis aqui as condições fundamentais que podem ser observadas quando a aprendizagem centrada na pessoa se desenvolve na escola, na família ou em nível de pós-graduação:

1 - Pré-condição: Requer-se líder ou pessoa considerada figura da autoridade em dada situação, tão segura de si e de seu relacionamento com os outros, que experiencia confiança total na capacidade de os outros pensarem por si. "Se esta pré-condição existe, então os aspectos seguintes tornar-se-ão possíveis.

2 - A pessoa facilitadora compartilha com os alunos, e possivelmente, também com os pais ou membros da comunidade, a responsabilidade pelo processo de aprendizagem.

Opinião de estudante de Psicologia da PUC-RS, após haver vivenciado este método: "É um método que se baseia na liberdade do aluno. O método tem confiança na capacidade dele e ele se sente responsável pelo estudo. Descrevi o método dessa maneira porque foi assim que o senti ao fazer o trabalho".

3 - O facilitador proporciona os recursos de aprendizagem: ele mesmo, sua própria experiência, livros, materiais ou experiências da comunidade. O professor estimula os alunos a usarem, tanto os recursos de que têm conhecimento, como a experiência pessoal.

Depoimento de outra estudante de Psicologia: "Considero de extrema importância a utilização deste método, pois cheguei à conclusão que esta nova experiência veio me proporcionar um crescimento e enriquecimento muito maior de meus conhecimentos, atendendo ao meu ritmo de trabalho, dando-me uma nova visão do professor: **facilitador e orientador da aprendizagem**".

4 - O aluno desenvolve seu próprio programa de aprendizagem, sozinho ou em cooperação com outros colegas. Explorando seus próprios interesses, enfrentando a riqueza de recursos, toma decisões quanto à direção de sua própria aprendizagem e assume a responsabilidade pelas consequências destas escolhas. (Rogers alerta existirem limitações acadêmicas referentes ao conteúdo programático, à disciplina...)

Estudante de Psicologia: "Neste semestre, pela primeira vez, tive vontade de fazer algo meu. Por isso, não me limitei ao que estava sendo estudado em aula: procurei ler muito a respeito, visando meu próprio engrandecimento." ("... o que estava sendo estudado em aula" alude à bibliografia indicada pelo professor, como ponto de partida).

Estudante de Química do 2º Grau, com professor com mestrado em Educação, em que fora introduzido por um docente ao método rogeriano de ensino-aprendizagem: "Este método utilizado pelo professor faz com que se desenvolva em nós a criatividade, o senso de responsabilidades e a livre escolha de como estudar a matéria. Durante o mês, podíamos ir à biblioteca, consultar outros livros, fazer comparações e esclarecer dúvidas. Também fazíamos experiências no laboratório referente aos assuntos estudados durante as aulas. De modo geral isso desperta mais o nosso interesse, e eu consegui aprender muito bem todos os assuntos abordados no livro. Quando surgiam dúvidas (...), perguntava ao professor."

Observação: A título experimental, o professor de Química utilizou o método rogeriano com uma unidade de sua disciplina, fazendo pormenorizado relatório por ele chamado "Projeto Glória".

5 - Proporcionar clima facilitador de aprendizagem. Atmosfera de realidade, de solicitude e de atenção compreensiva. Este clima pode provir, inicialmente, da pessoa percebida como coordenadora. Como avançar no processo, esse clima será cada vez mais fruto dos participantes. Aprender através dos outros torna-se tão importante quanto através de livros, filmes, experiências comunitárias ou do facilitador.

Testemunho de estudante: "Foi, realmente, uma experiência que permitiu partir para um estudo de forma totalmente diferente, e que nos proporcionou um convívio agradável com os colegas que fazem parte do grupo e com o professor, que sempre nos assessorou e apoiou".

6 - Pode-se perceber que o enfoque reside, principalmente, em desenvolver processo contínuo de aprendizagem. O conteúdo do aprender, embora significativo, fica em segundo plano. Deste modo, um curso é considerado bem sucedido não quando o aluno, "aprende tudo o que precisa aprender", mas ao realizar progresso significativo no aprender como aprender o que deseja saber.

Estudante de Psicologia: "Nunca um trabalho e uma metodologia teve tanta ressonância em meu modo de ser quanto este, pois acredito que esta forma de estudo não finda ao terminar o horário de aula: a gente vai para casa, no ônibus, esperando atendimento num consultório, etc., estudando sempre, continuando a fazer observações e reflexões. Não é uma aula propriamente dita: é muito mais que isso - é uma bússola de como encontrar respostas, caminhos".

Estudante do curso de pós-graduação em Pedagogia: "Penso que consegui uma grande vitória pessoal. Justifico esta minha posição: eu jamais fui capaz de realizar um trabalho sem estar continuamente pedindo opinião de colegas e, principalmente, sem estar a toda hora perguntando ao professor. "É isto que o senhor quer" "Será que vou indo bem?" "É assim mesmo que se faz?" - Realizei um trabalho pessoal. Não vou dizer que seja um bom trabalho, mas posso dizer que é um trabalho meu, e isto para mim é relevante".

7 - A disciplina necessária para alcançar os objetivos dos alunos é a auto-disciplina, que será reconhecida e aceita pelo estudante como sendo de sua própria responsabilidade.

Um grupo de estudantes de Pedagogia: "Demo-nos muito bem com o método de aprendizagem centrada no aluno, pois nos abriu perspectivas novas que acabaram com as atitudes negativistas, com as críticas que não constroem, com a repressão e hostilidade por parte de professores e alunos. Este método nos permitiu uma transição de um conhecimento que sempre foi bitolado, para um conhecimento libertador e criativo. O importante deste método foi a liberdade produtiva que proporcionou a todos nós".

8 - A avaliação da extensão e significado da aprendizagem de cada aluno é feita, primeiramente, pelo próprio estudante, embora sua auto-avaliação possa ser influenciada por meio do "feed-back" cuidadoso de outros membros do grupo e do facilitador.

Estudante de Psicologia: "Quanto a minha auto-avaliação do primeiro trabalho: foi uma experiência nova, pois foi a primeira vez que me atribui um conceito, e acho que isso foi ótimo, pois nos deu margem para sermos sinceros conosco e responsáveis.

Estudante de Psicologia: "Inicialmente, gostaria de expressar minha satisfação em poder avaliar-me neste curso. Considero em possibilidade manifestação de produtos, respeito pelo aluno, a cada pessoa mais indicada para avaliar seu rendimento e sua produtividade".

Neste clima de promoção do crescimento, a aprendizagem:
 - é mais profunda
 - e se desenvolve em ritmo mais rápido
 - sendo mais útil para a vida e o comportamento dos alunos que a aprendizagem adquirida na sala de aula tradicional.

Isto acontece porque a direção é auto-escolhida, a aprendizagem é auto-didática. A pessoa como um todo é envolvida no processo.

Estudante do curso de Pedagogia: "A meu ver é um método muito bom; deveria ser seguido por outros professores, pois leva o aluno a uma auto-aprendizagem, as características, possibilidades e ritmo de trabalho de cada um".

Para finalizar, mais um pensamento do grande mestre de La Jolla, Carl Rogers:

*"Espero que, ao levantar estas questões, tenha mostrado claramente, que o duplo problema:
- aprendizagem significativa,
- e a forma como realizá-la,
nos coloca a todos nós perante problemas profundos e graves.
Não estamos num tempo que bastem as respostas tímidas (...).
Talvez possamos utilizar aquilo que expus, como ponto de partida individual para uma resposta nova." (1970-, p. 267).*

Observação: Diversas ilustrações esquemáticas ilustram os originais desta modalidade de encaminhamento da aprendizagem centrada no aluno. Legendas de ilustrações: "Em vez de cortar as asas da liberdade aos alunos, oportunizar-lhes vôos de exploração da realidade cultural e da própria personalidade". "Em vez de obrigar o aluno a contínua e desgastante corrida contra o relógio, estabelecer, na sala de aula, clima de trabalho em profundidade." - "Em lugar de aprendizagem escravizadora, estudo sereno para enriquecer a mente e formar a personalidade".

Pensamento de J. Krishnamurti: "Desde pequenos, nunca nos ensinou a pensar,
mas só 'que pensar'.

Referências Bibliográficas

- COMÊNIO, J. A. (1978). *Didática Magna*, Rio de Janeiro: Editora Rio.
- HAMELINE, D. & Dardelin, M.J. (1967). *Liberté d'Apprendre*. Paris: Éditions Ouvivrières.
- JOHNSON, D. W. (1972). *Psicología Social de la Educación*. Buenos Aires: Kapelusz.
- JUSTO, H. (1987). *Cresça e Faça Crescer*. Canoas, RS: Editora La Salle.
- RAUDSEPP, E. (1973). *Arte de Apresentar Idéias Novas*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- ROGERS, C.R. (1951). *Client-Centered Therapy*. Boston: Mifflin.
- ROGERS, C.R. (1970). *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Moraes.
- ROGERS, C.R. (1985). *Liberdade de Aprender em nossa Década*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ROGERS, C.R. (1986). *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo: Martins Fontes.

**O MODELO DE TRABALHO COM GRUPOS NA ABORDAGEM
CENTRADA NA PESSOA**

AFONSO H. L. DA FONSECA

Psicólogo, Psicoterapeuta e Facilitador de Grupos na Abordagem Centrada na Pessoa e Gestalt-Terapia; Autor do livro "Grupo: Fugacidade, Ritmo e Forma" (Summus) e Co-Autor do livro "Em Busca de Vida" (Summus).

O MODELO DE TRABALHO COM GRUPOS NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Afonso H. Lisboa da Fonseca

A Abordagem Centrada na Pessoa desenvolve-se, em grande parte, sob os influxos da Psicologia Organísmica desenvolvida por Kurt Goldstein. Além de inspirar-se no *Holismo* original de Smuts, Goldstein desenvolveu suas concepções *organísticas* a partir das teorias dos psicólogos da Escola da Gestalt, que, por seu turno, buscavam, com suas teorias, a constituição de uma psicologia a partir das perspectivas da fenomenologia.

Goldstein tentava superar as fragmentações, na concepção do ser humano, da Psicologia e Filosofia de raiz cartesianiana - em particular a clássica dicotomia corpo-mente, e a divisão do funcionamento psíquico em funções mentais individualizadas. Buscava superar igualmente a perspectiva de psicologias que assumiam o ponto de vista de modelos negativistas de concepção da natureza humana. Tentava, desta forma, o desenvolvimento de uma psicologia que pudesse integrar as implicações do conhecimento oriundo de seus próprios achados em pesquisa neurológica, na qual era renomado pesquisador.

Goldstein valorizava fundamentalmente a importância do funcionamento da *totalidade* do organismo, como articulação integrada e dinâmica de suas várias dimensões. Vinculava-se, desta forma, aos princípios da teoria da *Psicologia da Gestalt*, que tinham como uma de suas perspectivas fundamentais as idéias de valorização da constituição e organização integrada das totalidades significativas, como algo distinto da simples soma de suas partes, como perspectiva fundamental de compreensão dos fenômenos e do funcionamento do psiquismo e do organismo humano.

Como fenomenólogo, interessava a Goldstein o estudo da consciência, dos processos de sua constituição e organização. Passou a valorizar em suas concepções, a partir de suas pesquisas, uma concepção do ser humano como *um conjunto de potencialidades*, e a capacidade de *autoregulação orgânicas* desta totalidade integrada e dinâmica do organismo, da mesma forma que a sua capacidade de *auto-atualização* de suas potencialidades. Capacidades que ele observara exaustivamente em seus estudos de pacientes com lesões neurológicas.

O ser humano passou a ser compreendido por ele não a partir de uma perspectiva patológica, mas a partir da perspectiva de suas potencialidades, que incluía as potencialidades de sua saúde, esta sua capacidade de auto-regulação e auto-atualização.

É esta perspectiva fenomenológica e *sistêmica*, de auto-regulação e auto-atualização *organísticas* que vai dar forma a sua concepção de

organismo, como totalidade bio-psíquica integrada, que só pode ser vivida, compreendida e concebida como tal, sendo conceitualmente aniquilada quando analisada de um modo fragmentário.

A *Psicologia Organísmica de Kurt Goldstein* vai se fundamentar, portanto, nesta concepção de *organismo*, no que lhe ensinavam a psicologia fenomenológica da Teoria da Gestalt e as suas pesquisas neurológicas sobre este organismo: a força de suas potencialidades, e a sua incrível capacidade de *autoregulação* e de *auto-atualização* de suas potencialidades.

É a Psicologia Organísmica de Kurt Goldstein e as suas concepções que vão exercer uma poderosa influência na constituição da Psicologia Humanista norte-americana. Em particular sobre os trabalhos de profissionais como Abraham Maslow, Andreas Angyal, Rollo May, Fritz Perls... e Carl Rogers, juntamente com a influência de *psicoterapeutas existencialistas europeus*, como Binswanger, e juntamente com a forte influência do pragmatismo norte-americano.

A Abordagem Centrada na Pessoa surge, assim - como psicoterapia centrada no cliente -, sob a poderosa influência produtiva desta Psicologia Fenomenológica Organísmica e de seus conceitos, da qual vai adotar concepções como as de experiência organística, auto-regulação, auto-atualização, a ênfase fenomenológica na consciência, etc.

A Abordagem Centrada na Pessoa desenvolve-se e constitui-se progressivamente, a partir da psicoterapia, como uma abordagem de *trabalho com grupos*, como uma abordagem da pedagogia, da psicologia organizacional, da exploração e resolução de conflitos, e de aplicação em várias áreas das relações humanas. Guarda sempre, apesar de outros desenvolvimentos teóricos, o núcleo de concepções e perspectivas *organísticas*. Desenvolve, a partir destas, várias de suas mais importantes formulações teóricas, como a de *tendência atualizante* ou de *condições terapêuticas* ou de *facilitação*.

O desenvolvimento de vários modelos de trabalho com grupos nos EUA do pós-guerra, tanto dentro da psicoterapia como fora de seu âmbito, levou a terapia/abordagem centrada a desenvolver também o seu *modelo de trabalho com grupos*.

Inicialmente, este modelo visava, a aplicação em uma situação grupal das mesmas condições terapêuticas/de facilitação formuladas para a relação diária. Cedo esta formulação da proposta revela os seus limites, diante da constatação prática do fato de que a *situação grupal* constitui-se como uma situação inteiramente diferente da situação da relação diária, e que, aí, ainda que importantes, as condições terapêuticas/de facilitação, formuladas para a situação diária, não teriam a mesma importância e função. Era necessário considerar o novo contexto, grupal, e a formulação de novas perspectivas e concepções a ele relativas na formulação da proposta.

Neste processo, a Terapia Centrada no Cliente/Abordagem Centrada

na Pessoa sofre a influência de, e por sua vez influencia, várias outras correntes de trabalho com grupos, como a Dinâmica de Grupo e a Gestalterapia, e tem uma intensa e produtiva participação na explosão de trabalhos com grupos que se desenvolve nos EUA e pelo mundo afora, nos anos 60.

Os *Grupos de Encontro* da ACP são uma destacada modalidade de grupo no desenvolvimento deste processo, que marca uma revolução no âmbito do trato das relações humanas nos EUA. O grupo de encontro, não obstante, estava ainda muito voltado para a perspectiva de um esforço de explicitação das condições terapêuticas, desenvolvidas para a terapia dita individual, no contexto grupal. De um esforço de criação de condições e de estímulo à expressividade de sentimentos dos participantes. Os participantes eram concebidos de uma forma um tanto individualizada e fragmentária, sem uma consideração mais profunda por sua articulação coletiva e pelo grupo como totalidade processual. O facilitador via-se muito, ainda, como um programador de atividades que estimulasse a expressividade dos participantes.

O decurso dos anos sessenta, com sua aguda ênfase existencialista e fenomenológica no âmbito das relações sociais, os próprios desdobramentos da Abordagem Centrada na Pessoa e dos Grupos de Encontro, suas relações com outras abordagens fenomenológico-existenciais, no palpitante âmbito da Psicologia e Psicoterapia norte-americana daquele momento, levam o modelo de trabalho com grupos a certos desenvolvimentos.

De um modo geral, estes desenvolvimentos disseram respeito a um aprofundamento e a uma radicalização dos fundamentos *fenomenológico-existenciais organísmicos* na concepção do grupo, de seus processos e de seus efeitos; na concepção da participação e do participante, na auto-concepção do facilitador e da facilitação.

A partir de 1974, estes desenvolvimentos vão configurar-se na constituição de um modelo de trabalho com grupos que vai além das formulações originais dos grupos de encontro. Modelo que mergulha profundamente, como dissemos, nos fundamentos *fenomenológico-existenciais organísmicos* da Psicologia Humanista e da Abordagem Centrada na Pessoa, ampliando suas perspectivas.

Este modelo constitui-se naturalmente como desdobramento da proposta e da prática intensiva dos Grupos de Encontro, como um desdobramento do produtivo e agitado meio da Psicologia Humanista nos anos cinquenta e sessenta, e como uma solicitação daquele intenso e turbilhonante momento daqueles anos da cultura da Humanidade.

Há uma progressiva acentuação - conceitualmente fundamentada na concepção da *Tendência Atualizante* - de uma confiança nos potenciais de auto-regulação e auto-atualização, não só das *pessoas* no grupo, como *do próprio grupo*, como totalidades organísmicas integradas e dinâmicas, auto-reguláveis organismicamente, e auto-atualizantes. Uma valorização, assim, da

afirmação da espontaneidade do devir da experiência dos participantes, e do coletivo grupal, a partir de suas atualidades existenciais, motivações e interesses, no contexto imediato da vivência do encontro grupal.²⁶

Há uma valorização da afirmação da espontaneidade dos processos grupais, subgrupais, interpessoais, pessoais; intrapsíquicos e relacionais; que desencadeiam-se, espontaneamente, a partir do encontro dos participantes no contexto da realidade grupal. Há uma valorização do funcionamento organísmico, auto-regulável e auto-atualizante, da totalidade do processo grupal.

O facilitador, agora, interessa-se pela relação e comunicação, considerativa e compreensiva, com o participante individual no contexto grupal, mas interessa-se, também, pelo funcionamento do coletivo grupal, e pela participação dele próprio neste funcionamento.

Tem consciência de que a relação do participante individual com outros membros do grupo, com sub-sistemas do grupo ou com o coletivo grupal, de um modo imediato, possui uma inestimável riqueza natural, e um fantástico potencial natural de criação e de estímulo a seu devir existencial e processos de transformação.

Mais do que uma interação inter-individual obrigatória e necessária com cada participante individual (interessante, eventualmente), mais do que a participação do participante individual em atividades ou segundo modelos por ele pré-concebidos, interessa ao facilitador a vivência participativa e fenômeno existencial do participante na constituição e desdobramentos da realidade do(s) processo(s) grupal(is).

Ao facilitador não interessa *programar* ou *lidar* o grupo, mas privilegiar a espontaneidade dialógica do encontro espontâneo dos participantes, no processo de constituição e desdobramento espontâneos do próprio grupo.

Isto não significa uma atitude de *laissez-faire*: há um agudo sentido de respeito aos limites naturais do(s) outro(s) e do coletivo grupal. Igualmente não significa que o facilitador assuma ou preconize uma atitude espontaneista. O facilitador assume e respeita na alteridade dos participantes o vigor de uma atitude ativa. Mas uma atitude ativa fundamentada não em esquemas teóricos, conceituais ou reflexivos abstratos, mas na pontualidade fenomenal de sua própria vivência no processo de constituição e desdobramento da realidade grupal.

Os praticantes da Abordagem Centrada na Pessoa aprenderam imensamente com a prática deste modelo de trabalho com grupos. Logo, as modalidades de grupos ultrapassaram as definições e limites dos Grupos de

26 - O'HARA, Maureen M. Reflexão acerca de um workshop centrado na pessoa in EM BUSCA DE VIDA. Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa, São Paulo, Summus Editorial, 1983

Encontro. De pequenos grupos, com algumas horas de duração, os grupos foram sendo experimentados em tamanhos cada vez maiores no número de participantes. O tempo de duração intensiva do grupo também foi aumentando, de modo que o grupo poderia durar um dia inteiro, um final de semana inteiro, cinco dias, dez, quinze dias de vivência de grupo residencial.

No Brasil, realizaram-se grupos experimentais com cem, duzentos, quatrocentos, quinhentos participantes. Nos EUA, um grupo experimental de final de semana na Universidade de Princeton, contou com a participação de duas mil pessoas.

O resultado foi uma profunda revolução na Abordagem Centrada na Pessoa (que passou então a receber esta designação). Todas as suas áreas de aplicação foram conceitual e praticamente beneficiadas. E, a partir de um certo momento, o próprio desenvolvimento institucional da abordagem passou a ser influenciado por este modelo de trabalho com grupos, uma vez que importantes encontros da abordagem passaram a ser por ele geridos.*

No modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa, o grupo é entendido como dotado de um potencial holístico, orgânico que envolve as capacidades, necessidades e sentidos de cada um e do conjunto de seus participantes, a partir das motivações, interesses e excitações de suas atualidades existenciais. Como sistema psico-sócio-cultural humano, o grupo é dotado não só destas potencialidades, como também de uma capacidade de auto-regulação e auto-atualização destas potencialidades, da mesma forma que as pessoas possuem seus mecanismos de auto-regulação e auto-atualização orgânicas.

De modo que interessa ao modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa a criação de condições para uma valorização da afirmação e da expressividade da experiência de cada pessoa, no contexto da realidade grupal. A partir das motivações, necessidades, capacidades e sentidos de sua própria atualidade existencial.

Interessa criar condições para o cultivo e desenvolvimento do processo grupal que se desenvolve a partir do encontro imediato das pessoas, e de seus sub-sistemas, e a partir da afirmação e expressividade, automotivadas, de sua atualidade existencial, no contexto da realidade grupal. É a interação natural, a partir da afirmação e expressividade da atualidade existencial dos participantes, de seus sub-sistemas, e do próprio grupo como sistema global, a partir de seus próprios interesses e motivações, que constitui a "matéria prima" do processo grupal, e que interessa cultivar e desenvolver.

* O Forum Internacional da ACP, o Encontro Latino da ACP e certamente o Forum Brasileiro da ACP e certamente o Forum Brasileiro da ACP, são geridos segundo princípios do modelo de trabalho com grupos da ACP, guardadas as suas particularidades.

O facilitador deixa de conceber-se a si próprio como terapeuta, professor, etc., como um tipo de administrador do grupo, e passa a valorizar uma disponibilização de si próprio para a vivência participativa no processo de emergência e configuração da realidade grupal particular que se desenvolve a partir do encontro entre pessoas particulares, em momentos particulares de suas vidas, num tempo e local particulares: os do acontecimento do processo grupal em seu devir próprio e particular²⁷.

O facilitador sabe e assume que tem uma função e poder institucionais diferenciados no contexto particular da realidade grupal. O que caracteriza a sua proposta, não é que ele não disponha deste poder e condição particulares no contexto da realidade grupal, ou que ele divida ou compartilhe este poder e condição. É, antes, o fato de que ele tem uma proposta diferenciada de exercício deste poder e condição institucionais.

A ele interessa investir este poder e condição institucionais na proposta de um processo de grupo que se constitua *descentralizadamente*, a partir da participação espontânea da(s) perspectiva(s) de cada um dos membros do grupo, dos subgrupos, e a partir da constituição espontânea do processo grupal.

O processo que decorre da operacionalização desta proposta de funcionamento grupal é frequentemente desconcertante, caótico, em particular nos seus primórdios. Mas é um processo sempre rico, intenso e estimulante. Um processo capaz de potencializar intensamente a criatividade do coletivo grupal e do participante individual, no enfrentamento, afrontamento e transformação de suas questões e condições existenciais.

Caótico e desconcertante, em seus primórdios, o processo grupal tende a desenvolver incríveis formas de *ordem orgânica e dinâmica*. Wood²⁸ frequentemente compara-o ao desenvolvimento da performance de uma orquestra, inicialmente caótico, desencontrado, desafinado, mas sempre entusiasmado e excitado, ganhando uma ordem orgânica artística, à medida em que é vivenciado em suas intensidades próprias.

Uma situação grupal que se permite fundamentar-se nos potenciais de auto-regulação dos participantes individuais, e do coletivo grupal, permite aos seus participantes uma progressiva, e progressivamente mais ampla, aproximação - e regulação a partir - dos potenciais de auto-regulação e auto-atualização de sua experiência orgânica, individual e coletiva. Assim como uma concentração e acentuação da vivência de suas questões existenciais significativas, que emergem no fluxo de sua vivência grupal. As tensões a elas relativas podem então ser vivenciadas em suas intensidades próprias, em um

27 - WOOD, John Terapia de Grupo Centrada na Pessoa in ROGERS, C e Outros EM BUSCA DE VIDA, São Paulo, Summus, 1983.

28 - Op. Cit.

contexto experimental e absolutamente real, que lhe permite, tanto a nível interacional como subjetivo, pessoal e coletivo, a experiência/experimentação, a afirmação, dos processos de seus devires.

Na verdade, como observa O'Hara²⁹, este modelo de trabalho com grupos utiliza-se apenas de uma antiquíssima forma de reunir-se dos grupos humanos. Uma forma em que se permite uma entrega das pessoas e do seu coletivo à *socialidade de base*, ao *coletivo dionísico*, que subjaz ao funcionamento explícito de toda a sociedade humana, que confere-lhe vitalidade e poder de regeneração individual e coletivo³⁰.

O modelo de trabalho com grupos da ACP tem sido amplamente adaptado e utilizado, desde os seus primórdios, dentro do contexto da terapia, e nos mais diversos contextos, tais como o da educação, do trabalho comunitário, organizações, grupos interculturais, exploração e resolução de conflitos e outros. Sabe-se que desde os encontros iniciais do processo de paz no Oriente Médio, os negociadores utilizam sessões de negociação que em muito lembram os grupos vivenciais. E, como observamos, os próprios encontros de profissionais que adotam a ACP são frequentemente geridos segundo este modelo. De modo que, mesmo tendo percorrido já um longo caminho em suas aplicações, o modelo de trabalho com grupos da Abordagem Centrada na Pessoa está longe de esgotar as suas possibilidades, demandando uma compreensão de seus fundamentos fenomenológico-existenciais-organísmicos, e a ousadia pragmática da experimentação e do intercâmbio de nossa aprendizagem, para que possa ser utilizados em suas potencialidades próprias, e desenvolvido em sua proposta e aplicações.

Referências Bibliográficas

- FONSECA, A.H.L (1988). *Grupo. Fugacidade, Ritmo e Forma. Processo de grupo e facilitação na psicologia humanista*, São Paulo: Summus.
- MAFFESOLI, M. (1984). *A Conquista do Presente*, Rio de Janeiro: Rocco.
- MAFFESOLI, M. (1985). *A Sombra de Dionísio*, Rio de Janeiro: Graal.
- ROGERS, C.R. (1970). *Grupos de Encontro*, São Paulo: Martins Fontes.
- ROGERS, C.R. (1983). *Um Jeito de Ser*, São Paulo: E.P.U.
- ROGERS, C.R. et Alli (1983). *Em Busca de Vida. Da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*, São Paulo: Summus.

29 - O'HARA, Maurren M. OP. Cit.

30 - MAFFESOLI, Michel A SOMBRA DE DIONÍSIO, Graal, Rio de Janeiro, 1985.

HISTÓRIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA NO BRASIL

MÁRCIA ALVES TASSINARI

Psicóloga, Psicoterapeuta e Facilitadora de Grupos; Membro-Fundadora do Centro de Psicologia da Pessoa (RJ); Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Santa Úrsula (RJ) e Professora Titular do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR/RJ).

YEDA RUSSO PORTELA

Psicóloga, Sócia-Fundadora do IDEHUM (Instituto de Desenvolvimento Humano); Professorado Curso de Formação do CPHN (Centro de Psicologia Humanista de Niterói).

A HISTÓRIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Márcia Alves Tassinari

O projeto de organizar o *Acervo Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP)* surgiu da escassa documentação sobre atividades, agrupamentos e instituições que praticam, divulgam e se utilizam das aplicações da Abordagem Centrada na Pessoa. Vale a pena ressaltar que outros projetos semelhantes foram iniciados, mas não concluídos.

Espera-se que o material aqui apresentado possa servir como fonte de consulta, dentro e fora da Abordagem Centrada na Pessoa, realimentando outras iniciativas, chegando talvez a avançar a compreensão de seu pensamento e práticas no contexto sócio-político-cultural brasileiro. Se nos apropriarmos de nossas raízes, poderemos adubar melhor as sementes espalhadas, transplantar algumas que deram frutos, aprender com as que estão frutificando e com as que se misturaram a outras sementes.

Esse trabalho, é uma terceira versão, tipo "dossier", do que conseguimos captar até o momento. Acreditamos que nossa "amostra" é significativa, pois representa o "universo" dos trabalhos dos profissionais brasileiros, ainda que seja necessário muitas revisões, não só para incluir informações, como também repensar as reflexões e conclusões aqui sugeridas de forma "tateante". É com esse espírito que esperamos sermos lidos e questionados.

As lembranças do *III Encontro Latino Americano* em Sapucaí-Mirim, em 1986, ainda continuam vivas: Luiz Alfredo M. Monteiro (RJ) iniciou o acervo, onde exibiu fotos, poemas, pensamentos que vinha colecionando e que representavam momentos importantes vividos pelos grupos da Abordagem. Parecia que ainda era prematuro agrupar nossas realizações e idéias para delinearmos a identidade. Recentemente, no Fórum Brasileiro, um espaço específico foi utilizado para exposição do acervo, retomando assim a idéia inicial. A *Associação Rogeriana de Psicologia/RJ* se ofereceu para dar continuidade ao acervo, reunindo fotos, slides, cartazes, vídeos, objetos que se tornaram símbolos de eventos e momentos desta história e continua recebendo material de todo país.

Nesse mesmo Encontro, Doxsey (1986) apresentou uma reflexão dos Encontros Latinos (I e II), a partir da análise dos trabalhos apresentados e esboçou a história da Abordagem. Posteriormente, Tassinari & Doxsey (1987 e 1992) prosseguiram na análise dos trabalhos dos Encontros Latinos, ressaltando as tendências recentes, através do material escrito. Aqui evidencia-se a evolução da comunidade brasileira, suas preocupações e interesses, as influências mútuas com outros colegas da América do Sul, fornecendo assim o percurso mais atual da Abordagem no Brasil.

Durante a elaboração da Primeira Versão (1994), recebemos uma carta de Dinah Meirelles (MG), informando que havia iniciado um projeto semelhante para apresentar no VII Encontro Latino, entretanto devido a escassez de feedback, havia desistido. Dinah nos cedeu gentilmente todo o material sobre o Grupo Mineiro.

Na tentativa de organizar o material que foi sendo pesquisado, criamos seis partes, que se interligam, mas que apresentam suas especificidades:

I. Influência Geral da Obra de Carl Rogers, incluindo a produção escrita em forma de livros tanto de Carl Rogers, quanto de autores estrangeiros.

II. Núcleos de Profissionais e Boletins por eles veiculados.

III. Eventos oferecidos ao público em geral, de caráter mais vivencial e eventos profissionais, incluindo os cursos de formação e sua produção escrita, através das monografias de conclusão, trabalhos apresentados nos Fóruns Internacionais, Encontros Latino-Americanos e Fórum Brasileiro.

IV. Material Publicado por autores brasileiros: Artigos de Revistas Nacionais Especializadas ou Jornais de grande circulação; Teses de Mestrado, Doutorado e de Livre Docência e Livros de autores brasileiros ou estrangeiros que escreveram a partir de suas experiências no Brasil.

V. Depoimentos obtidos através de cartas e/ou entrevistas gravadas em áudio e vídeo, com profissionais de longa experiência, nossos "desbravadores" ou "precursores".

VI. Conclusões.

Esboçamos algumas reflexões, a partir destes dados brutos, (relacionados anualmente) no intuito de descrevermos o processo que esses 50 anos de prática e teorização pudesse nos oferecer. Na primeira versão hipotetizamos três momentos distintos da História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil. Após a apresentação do trabalho no VII Encontro Latino, recebemos novas informações e corrigimos os dados equivocados, o que gerou a reformulação atual para quatro fases:

1) De 1945 a 1976: **Pré-História** - Caracteriza-se pela inexpressiva quantidade de eventos e publicações e também pela presença de profissionais trabalhando de forma isolada principalmente nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco.

2) De 1977 a 1986: **Fertilização** - Seu marco se dá com a vinda de Rogers e sua equipe (John K.Wood, Maureen Miller, Maria e Jack Bowen) no Brasil em 1977. Observa-se neste período o entrosamento dos profissionais, a oferta de vários eventos assim como a abertura de núcleos profissionais. Com a vinda de Rogers e a realização dos primeiro e segundo workshops de grande grupo (Arcozelo/ 1977 e 1978), toda comunidade brasileira teve a oportunidade de participar e promover eventos que estimularam o pensamento sistematizado. A quantidade de artigos, monografias, teses, livros, encontros latino-americanos, jornadas de Psicologia Humanista e encontros Nordestinos, aumentaram significativamente.

- 3) De 1987 a 1989: Declínio** - Se caracteriza por um período de luto com o falecimento de Rachel Rosenberg/SP e Carl Rogers (EUA), assim como a saída de precursores expressivos desta orientação teórica (Teresa Dourado/PE e Tereza Cristina Carretero/RJ) ou mesmo do meio acadêmico (Lúcio Campos/PE). Observa-se que principalmente a região sudeste se abalou muito com estas perdas, evidenciando-se poucas realizações de eventos vivenciais e a extinção de alguns núcleos existentes. Percebemos também uma diminuição significativa na publicação de artigos, livros e teses, e na oferta de eventos experenciais. Neste período já se observa uma leve ascensão da região Nordeste com a formação de núcleos em estados até então não representativos, tais como o Ceará, a Paraíba e Alagoas. Parece que a comunidade centrada necessitou de tempo para superar estas perdas e encontrar sua própria energia para fortalecer o seu trabalho. Não podemos deixar de mencionar a influência da popularidade de outras orientações terapêuticas (Psicanálises e Terapias Corporais) no meio acadêmico, o que pode ter contribuído para este declínio.
- 4) De 90 em diante: Ascensão/Renascimento** - Caracteriza-se por um aumento significativo de formação de núcleos (nove até a presente data), a maioria formada por ex-alunos dos profissionais da fase da "Fertilização"; eventos vivenciais, eventos profissionais (mais do que em todas as décadas anteriores), produção escrita a nível de trabalhos apresentados nos eventos, artigos publicados ainda que poucos livros escritos e editados no Brasil, como, também somente três boletins veiculados nessa fase. Desde o início da década de 90, observa-se quanto o Nordeste desenvolveu e divulgou a Abordagem, estimulando Estados da Paraíba e Rio Grande do Norte, além daqueles já citados, bem como influenciando outras regiões do país. A partir do Fórum Brasileiro (1996), a comunidade apoiou os profissionais da região Sul, indicando o Rio Grande do Sul como a sede do próximo Fórum (1997), estimulando assim os profissionais daquela parte do país. Até a presente data, ainda se observa pouca representatividade das regiões Norte e Central.

I. A INFLUÊNCIA GERAL DA OBRA DE ROGERS

Os eventos internacionais mostram como as idéias de Rogers e colaboradores estão vivas e envolvem um grande número de pessoas ao redor do mundo, mesmo após o seu falecimento, em 1987. O trabalho de Rogers alcançou 25 países e a maioria de seus 21 livros foi traduzida para 12 idiomas, além da publicação de mais de 250 artigos e a realização de 12 filmes sobre o seu trabalho, o que demonstra o impacto em diferentes culturas e sistemas políticos. Por outro lado, vários autores da Europa e dos Estados Unidos apontam para a necessidade de reformulações.

Lietaer, em recente artigo (1993), apresenta a Abordagem Centrada na Pessoa, após o Projeto de Winsconsin, subdividida em quatro grupos, que mostram diversidade, porém sem inter-relação. Destaca o grupo do *Center for Studies of the Person* (La Jolla, USA), preocupado mais com a dimensão política, com a elaboração de uma filosofia básica, utilizando a metodologia desestruturada na maioria de suas atividades. Já o grupo de *Gendlin*, partilhando mais da filosofia existencial européia, tenta criar o "método dos métodos", a partir da focalização, minimizando o contexto interpessoal. Por outro lado, a preocupação de *Wexler e Rice*, com a aprendizagem cognitiva, mostra o processo terapêutico como um processo integrador de informação. Por fim, a influência de *Truax e Carkhuff*, a partir de um modelo eclético da relação de ajuda, permite a criação de uma metodologia estruturada para treinamento de habilidades.

Lietaer, no mesmo artigo, apresenta algumas propostas que tornariam a Abordagem Centrada na Pessoa mais bem delimitada. Para tanto, sugere a organização de canais de comunicação, o restabelecimento da imagem de profissionais competentes, o estímulo a novas gerações, através das academias, a expansão da teoria da terapia, sugerindo a publicação de um manual, maior atenção às pesquisas significativas e uma melhor definição dos seus limites.

Thorne (1993) entende que a morte de Rogers levou ao aparecimento de diferentes agrupamentos interessados em dar continuidade à Abordagem Centrada na Pessoa, gerando certas ambigüidades e conflitos. Alguns querem defender uma posição clássica da Terapia Centrada no Cliente. Outros advogam a inclusão de variados métodos como "uma necessidade centrada no cliente". Já os "gendlinianos" pretendem o aperfeiçoamento da Terapia Centrada no Cliente e se autodenominam terapeutas experenciais. A contribuição de Natalie Rogers, ao propor a utilização de técnicas expressivas, define um outro grupo não muito aceito na comunidade centrada internacional, que questiona até que ponto as instruções para os exercícios colocam o poder nas mãos dos facilitadores.

Interessante notar que a ambigüidade do que é a Abordagem Centrada na Pessoa, leva alguns profissionais a se autodenominarem "centrados", independente de compartilharem os princípios básicos. O próprio Rogers era avesso ao adjetivo "rogeriano", temendo o aparecimento de "clones" dele mesmo, o que seria contraditório com todo o seu pensamento, de que cada um deve encontrar seu próprio jeito de ser centrado.

Wood (1994) nos explicita a "confusão" do que considera-se hoje a Abordagem Centrada na Pessoa: uma diversidade que pode ser tudo ou nada, desde uma escola de pensamento importante em Psicologia, uma tradição, uma filosofia de ser, um conjunto de atitudes, uma terapia, até um modelo lingüístico ou mesmo um "movimento". Ele considera esta confusão desnecessária e propõe: "É meramente uma Abordagem, nada mais, nada

menos. É um 'Jeito de Ser' ao se deparar com certas situações, que consiste de:

- uma perspectiva de vida;
- uma crença numa tendência formativa direcional;
- uma intenção de ser eficaz nos próprios objetivos;
- um respeito pelo indivíduo e por sua autonomia e dignidade;
- uma flexibilidade de pensamento e ação;
- uma tolerância quanto às incertezas ou ambigüidades;
- senso de humor, humildade e curiosidade."

Dentre os diversos olhares e propostas de levar adiante a obra radical e original de Carl Rogers, encontramos em Wood (1996) um melhor esclarecimento do que é a Abordagem e o incentivo a fortalecermos as sementes plantadas por Rogers e, quem sabe, avançarmos nosso conhecimento sobre o ser humano. "Se alguma coisa indica uma direção dentro da Abordagem Centrada na Pessoa, pode ser a perspectiva que essas várias direções, quando forem compreendidas a partir de uma postura comum - a ACP - conseguirem mostrar um movimento muito forte e definido em direção a uma maior ordem, maior complexidade, maior inter-relacionamento". (p.11)

Wood sugere uma definição: "A ACP é exatamente o que as palavras sugerem, uma Abordagem, que consiste de atitudes, crenças, intenções da parte da pessoa que se defronta com o fenômeno (uma pessoa em terapia, um grupo de encontro, um workshop que se reúne por vários motivos). Assim é uma postura". (p. 13)

A relação completa dos 21 livros de Carl Rogers encontra-se no trabalho original. As traduções para o Português começaram a chegar no Brasil na década de 70 e, somente cinco livros não foram ainda traduzidos. Interessante ressaltar que três de seus livros ("A Pessoa como Centro", "Em Busca de Vida" e "Quando Fala o Coração" só foram editados no Brasil e em co-autoria com Brasileiros (Rachel Rosenberg, Afonso H. L. da Fonseca, Antonio Monteiro dos Santos e Maria Bowen). Outra observação refere-se à tradução do livro *A Way of Being*, que, no original, contém os artigos de Rogers anteriormente publicados em "A Pessoa como Centro", além de outros que foram contemplados na sua tradução de "Um Jeito de Ser".

Foi realizada uma pesquisa junto à Livraria Martins Fontes Editora, principal editora responsável pela tradução e distribuição das obras de Rogers no Brasil, a saber: *Tornar-se Pessoa* (1972), *Terapia Centrada no Cliente* (1974), *Grupos de Encontro* (1978), *O Tratamento Clínico da Criança Problema* (1978), inclusive o livro de Natalie Rogers, *A Mulher Emergente* (1980). A editora informa que o ápice de venda se deu na década de 70 até meados dos anos 80. Hoje, embora com vendas mais reduzidas, o livro *Tornar-se Pessoa* ainda é considerado o livro mais vendido das obras de Rogers.

II. NÚCLEOS E BOLETINS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Conseguimos informações sobre 25 núcleos criados desde 1970. Os mesmos são formados por grupos de profissionais interessados no aprofundamento, divulgação e práticas da Abordagem. A maioria deles foi instituída com caráter de associação sem finalidade lucrativa ou se constituindo como agrupamento informal. Outros núcleos formalizaram suas atividades através da constituição de uma sociedade civil. Alguns criaram seus próprios boletins informativos com publicações de artigos, depoimentos e entrevistas. Notamos, no entanto, que nenhuma revista especializada foi até o momento criada no Brasil. A partir de 1995, a Associação Rogeriana de Psicologia/RJ passou a editar o seu Informativo, o *Jornal da Abordagem Centrada na Pessoa*, com edição trimestral.

Vale ressaltar que dos 27 núcleos originais, 18 continuam atuantes e dos 8 boletins produzidos, somente três estão sendo veiculados. A média de duração dos núcleos extintos foi de aproximadamente 6 anos, e dos boletins, de 2,5 anos.

Dos cinco núcleos da fase da "pré-história", somente um continua atuando, entretanto os núcleos constituídos durante e após o período da fertilidade têm mantido suas atividades por mais tempo e alguns até hoje. Dos 13 núcleos da fase atual (Renascimento), somente um encerrou suas atividades. Nesse sentido, o aparecimento dos núcleos confirma nossa hipótese sobre as fases propostas, especialmente o fortalecimento dos agrupamentos profissionais atuais.

No final da década de 80, surgem outros núcleos em vários pontos do país, com a maioria editando seus boletins, destacando-se o *Núcleo Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa*, que organizou e incentivou vários eventos e publicou sistematicamente, durante cinco anos, o Boletim do Núcleo Paulista, de ampla circulação, contendo artigos, comentários de livros, informes e troca de correspondências. Vale a pena ressaltar que esse núcleo foi muito atuante nos três primeiros anos, não tendo contudo conseguido a mesma performance posteriormente. Hoje em dia sua atuação restringe-se a oferta de alguns cursos e a edição eventual de um boletim meramente informativo, denominado *Fax-Cilitando*.

O Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) da Universidade de São Paulo assegurou um lugar para a Psicologia Humanista como mais uma das abordagens representativas da Psicologia Brasileira, além da Psicanálise e do Behaviorismo. Esse foi um dos primeiros núcleos responsável pela iniciação à Abordagem Centrada na Pessoa de vários estudantes da USP contribuindo assim para o reconhecimento da profissão de psicólogo e garantindo aos psicólogos a possibilidade de uma área de atuação profissional. Nesse sentido a história do SAP entrelaça-se com o desenvolvimento da Psicologia no Brasil.

Por iniciativa de Rachel Rosenberg foi criado o **Centro de Desenvolvimento da Pessoa** na década de 70, no Instituto Sedes Sapientiae/SP, que mais tarde originou o GPH - Grupo de Psicologia Humanística, realizando diversas atividades teóricas e vivenciais, inclusive, o I Encontro Nacional de Psicologia Humanística. Dario Oliveira e Luís Alfredo Monteiro, ambos do Rio de Janeiro, também faziam parte do grupo coordenador do GPH, que encerrou suas atividades na década de 80. Recentemente, na cidade de Campinas, surge o GROH - **Grupo de Orientação Humanística**, objetivando a orientação de pesquisas. Esse núcleo surgiu a partir do trabalho de Mauro Amatuzzi com alunos de Pós-Graduação da PUCCAMP e para pessoas que queiram narrar seu trabalho e experiências profissionais, em forma de pesquisa. É um grupo informal que pertence ao Departamento de Pós-Graduação em Psicologia.

Em Minas Gerais, as atividades dos profissionais surgiram durante o Primeiro Curso de Psicologia da Universidade Federal (UFMG), iniciado em 1963, que contemplou seus alunos com seminários e os professores com treinamento sobre a Teoria Centrada no Cliente. Antonio Quinam relata sobre a constituição do primeiro grupo de estudos da Abordagem Centrada na Pessoa em 1970, que posteriormente se constituiu em sociedade civil designada CENEP- Centro de Estudos de Psicoterapia, dissolvido em 1978, ainda que alguns de seus integrantes continuem até hoje, como um grupo de estudos. Temos notícias do primeiro grupo de Formação de Psicoterapeutas, coordenado por Antonio Luiz Costa, no final da década de 60, período que ocorreu grande divulgação da Abordagem, inclusive no meio acadêmico. O grupo mineiro foi, de certa forma, influenciado por Pierre Weil, Max Pagès, Maria Bowen, Maureen Miller e, mais recentemente, por Jaime Doxsey e John Wood, profissionais convidados para cursos, workshops e Encontros Mineiro de Psicologia Humanista.

Outro núcleo mineiro, o Projeto Integração, coordenado por Luiz Roberto Rodrigues, iniciou um veículo de comunicação: *Integrando: Boletim do Projeto Integração*, editando três números no ano de 1988, ocupando-se principalmente em informar o andamento da organização do IV Fórum Internacional. Lamentavelmente esse Boletim interrompeu suas atividades, que foram retomadas no ano de 1994, através do Boletim do GRUMPSIH. Esse boletim surgiu da necessidade das pessoas envolvidas com a Abordagem em Belo Horizonte de formalizarem suas atividades, através do GRUMPSIH - **Grupo Mineiro de Psicologia Humanista**, criado em 1993. Notamos pequena participação destes núcleos nos grandes eventos nacionais e internacionais, o que contrasta com a antigüidade do grupo e o volume considerável de suas publicações, excetuando-se as participações de Luiz Roberto Rodrigues e Dinah Meireles. Esse movimento "inconfidente", como os próprios mineiros denominaram, se modificou a partir de 1994, quando um grupo maior esteve presente no VII Encontro Latino e tem organizado anualmente (desde 1993) o

Encontro Mineiro de Psicologia Humanista, convidando profissionais de outras cidades. Obtivemos informações de um novo núcleo denominado Instituto Humanista de Psicoterapia.

Em Porto Alegre o então **Centro de Estudos da Pessoa** funcionou de 70 a 80, quando os seus integrantes (Irmão Henrique Justo, Rodolfo Hess, Hermes Pandolfo, Villi Bocklage e outros) decidiram investir mais nas academias, proporcionando assim uma década fecunda em relação a livros e teses, além da prática com pequenos grupos. Em 1994, um novo núcleo, **DELPHOS - Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento Humano**, foi criado para dar continuidade ao trabalho desenvolvido nas academias, oferecendo cursos de formação de psicoterapeutas. Ainda na região Sul encontramos a recente instituição denominada **Núcleo de Psicologia Humanista**, na cidade de Tubarão/SC.

O Estado do Rio de Janeiro conta com 8 núcleos atuantes nas cidades de Niterói e Rio de Janeiro, além de outros profissionais em todo o Estado, que se identificam com a Abordagem, mas que trabalham isoladamente. O **Centro de Psicologia da Pessoa**, um dos núcleos mais antigos do Brasil, fundado em 1975, tem se desenvolvido através de cursos de formação de psicoterapeutas, atendimento psicoterapêutico, clínica social, organização de eventos nacionais e internacionais, convite a profissionais de outras cidades e países para realização de cursos, conferências e workshops. Neste núcleo foi criada uma biblioteca especializada em Psicologia Humanista, que contém um acervo significativo dos trabalhos apresentados nos Fóruns Internacionais, nos Encontros Latino-Americanos, nas Jornadas de Psicologia Humanista, nos Encontros Nordestinos, além de diversas teses e monografias. Após uma década de existência, criou seu primeiro boletim, que teve apenas três números editados, devido a escassez de material e de recursos financeiros. Esse boletim objetivava estabelecer uma rede de comunicações, baseada na *Person Centered Approach Letter Network*, coordenada então por Ann Weiser/EUA.

Em Petrópolis, o **Centro de Psicologia e Estudos da Pessoa** (CEPEP), foi criado em 1980, com o objetivo de servir de pólo centralizador e irradiador da Abordagem, através da psicoterapia individual, grupos de encontro, debates com profissionais que realizassem outros "estudos da pessoa", serviço de orientação sexual e de psicólogos de plantão, curso de aperfeiçoamento teórico-vivencial, estudo e realização de grandes grupos, além de ter participado ativamente na organização do I Encontro Latino-Americano.

O Boletim *ACP em Movimento* surgiu a partir da necessidade de profissionais de Petrópolis/RJ de transformar o movimento da Abordagem Centrada na Pessoa em palavras, após uma história de quase 15 anos de atividades isoladas. O primeiro boletim foi editado em 1988 e o último (terceiro) em 1989, quando encerrou a circulação. A equipe responsável não pertencia a nenhum núcleo formal, ainda que os integrantes do CEPEP também

participassem, através de artigos e da própria confecção dos boletins. Não dispomos de informações precisas em relação à sua extinção. Pouco tempo depois, o CEPEP também encerrou suas atividades institucionais e seus integrantes continuaram suas práticas de psicoterapia, isoladamente.

Ainda na década de 90, cinco novos núcleos se estabeleceram no Rio de Janeiro, com objetivos semelhantes e convergentes com os do CPP: CPHN (*Centro de Psicologia Humanista* de Niterói), *Espaço-Vida e Instituto do Desenvolvimento Humano*, em Niterói. Recentemente, foi fundada a ARP (*Associação Rogeriana de Psicologia*), e o mais recente, Nova - *Núcleo de Orientação Vocacional* da Barra, ambos na cidade do Rio de Janeiro.

O Centro de Psicologia Humanista de Niterói (CPHN), foi criado em 1990 a partir da união de cinco profissionais ligados a esta orientação. O CPHN vem ao longo destes seis anos contribuindo para a divulgação da Abordagem com um espaço para workshops, sala de estudos e cursos de curta e longa duração e desde 1994 tem organizado em parceria com Lenise Brandão, as Jornadas de Psicologia Humanista de Niterói. Em 1995, passou a oferecer também um espaço para profissionais já formados com o intuito de pesquisar e aprofundar o contexto teórico-prático.

O Espaço-Vida, a partir de 1991, tem incentivado o estudo, a prática e a formação da Psicoterapia Infantil, conjugando a Teoria Sistêmica com a Abordagem Centrada na Pessoa, além do interesse constante direcionado a adultos, idosos e grupos. Em 1993, o Instituto de Desenvolvimento Humano, passa a oferecer suas atividades de psicoterapia, grupos de estudo e cursos de pequena duração, com uma leitura humanista baseada na qualidade da relação onde os profissionais envolvidos tiveram formação nesta orientação. Esses três núcleos têm servido como centros de referência, divulgação e atendimento psicoterápico dirigido à comunidade do interior do Estado do Rio de Janeiro.

A Associação Rogeriana de Psicologia - ARP, objetiva congregar as pessoas interessadas na divulgação da teoria e das práticas da Abordagem, através de cursos de Introdução e Formação, Orientação Vocacional, Conexão Criativa, atendimento à população de baixa renda, trabalhos vivenciais com grupos específicos (portadores do HIV e seus familiares, terceira idade, educação de Base Humanista), projetos culturais e de prevenção do estresse, além de outros a serem propostos pelos novos associados. Recentemente formou-se o Núcleo da ARP de Petrópolis.

Recentemente fundada no Rio de Janeiro, a NOVA - Núcleo de Orientação Vocacional da Barra, tem como proposta facilitar a escolha profissional de jovens estudantes através da potencialização do autoconhecimento. É uma instituição específica de Orientação Vocacional, aproximando a contribuição de Natalie Rogers - Terapia Expressiva com a Abordagem Centrada na Pessoa.

Interessante ressaltar que os iniciadores desses núcleos, bem como de outros no Rio de Janeiro, atualmente extintos, fizeram sua formação no Centro de Psicologia da Pessoa e sentiram-se estimulados a criar seu espaço independente. Em termos quantitativos, percebemos uma atuação constante e crescente nesse Estado em relação a outras regiões do país. Um novo núcleo passa a funcionar na Baixada Fluminense denominado *Espaço Cultural Humanista*.

Verificamos que, inicialmente, a influência da Abordagem no Nordeste se faz sentir nos trabalhos pioneiros desenvolvidos por Lúcio F. Campos, com a colaboração de Maria Ayres, Maria Auxiliadora e Tereza Dourado, realizando o treinamento dos primeiros grupos de profissionais, que a partir de então, se disseminaram por várias cidades da região. Tal iniciativa resulta, em 1972, na formação do *Centro Rogeriano de Psicologia Clínica*, em Recife, tendo, mais tarde (1976), mudado sua denominação para *Centro Pernambucano de Psicoterapia*, a fim de dissolver quaisquer idéias de sectarismo quanto a uma determinada ideologia, passando a divulgar também artigos de outras orientações teóricas.

Em 1988, surgem os Núcleos Cearense e de João Pessoa de Estudos da Abordagem Centrada na Pessoa. Aproximadamente, nesta mesma época, é criado o *Centro de Estudos de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial*, em Maceió, com os esforços de Afonso L. da Fonseca.

Já o *Núcleo Humanista Centrado na Pessoa*, em Recife, que juntamente com o *Núcleo Cearense*, extinto em 1991, acabam por convergir, articulando um único núcleo, dando origem à ANPHE - *Associação Nordestina de Psicologia Humanista-Existencial*, que vem, desde então, se empenhando no sentido de promover uma intercomunicação e maior integração entre os profissionais nordestinos orientados pelos princípios Humanista-Existenciais. Esta Associação promoveu o VII Encontro Latino-Americano. No Nordeste, especialmente em Recife, vários profissionais têm se dedicado ao estudo e às práticas da Abordagem, sem constituir um núcleo formal, entretanto organiza eventos, participam de outros e coordenam cursos de Pós-Graduação, fortalecendo a comunidade centrada.

Antônio Monteiro dos Santos, após retornar dos EUA, onde foi realizar seu Doutorado em Psicologia Clínica, inicia grupos de formação de terapeutas em Brasília e Campo Grande/MT, trabalhando isoladamente de 1980 a 1993, quando novamente retorna aos EUA. Não temos notícias da constituição de nenhum núcleo, ainda que alguns profissionais desenvolvam seus trabalhos como psicoterapeutas. Antônio organizou a terceira vinda de Rogers ao Brasil em 1985, quando conseguiu reunir um grupo de 180 pessoas. Adriano Holanda, após o retorno de Antônio aos EUA, desenvolveu individualmente dois grupos de treinamento desde 1992, e continua exercendo suas atividades em Brasília, como professor universitário e como terapeuta.

As regiões Norte e Centro-Oeste contam com um número reduzido de profissionais que, a partir da participação nos Encontros Regionais e Latino-Americanos, começam a se expressar porém de forma isolada. Imaginamos que essa reflexão não esgota as atividades de outros colegas pelo Brasil. Entretanto, orientamo-nos pelas informações a que tivemos acesso e que foram acrescentadas no VII Encontro Latino-Americano/94.

III. EVENTOS

Desde a década de 60, inúmeros eventos têm sido realizados, entretanto, a escassez de informações nos impediu de relacioná-los completamente. Nesse sentido, esta reflexão representa os eventos que foram divulgados através dos Boletins e prospectos a que tivemos acesso.

Não podemos deixar de mencionar as atividades desenvolvidas por Eduardo Bandeira em diversas cidades brasileiras no período que antecedeu a vinda de Rogers ao Brasil. Desde 1974, Bandeira, após ter visitado o Center for Studies of the Person (La Jolla, USA), trouxe filmes de entrevistas de psicoterapia realizadas por Rogers, os quais foram legendados e apresentados em universidades e clínicas de Psicologia. Acreditamos que essa iniciativa preparou o terreno para divulgação da Abordagem e para que o trabalho de Rogers pudesse ser bem acolhido posteriormente. Bandeira contou com o apoio do IPCEP e seus colaboradores.

Com a vinda de Rogers e uma equipe do Center for Studies of the Person (Maria Bowen, John Wood, Maureen Miller e Jack Bowen) e a realização do Primeiro Encontro Brasileiro Centrado na Pessoa / 1977 (Arcozelo I), houve uma maior interação entre os grupos já existentes, ocasionando maior difusão no Brasil e o surgimento de novos agrupamentos profissionais. J. Wood e M. Miller realizaram atividades de treinamento e de workshops em diversas cidades brasileiras, de 1977 a 1984, "reciclando" a comunidade nacional. John Wood continua entre nós até hoje, influenciando mais a região Sudeste, através de suas publicações e realizações, tendo editado um livro em português com a colaboração de oito brasileiros, além de incentivar o desenvolvimento da reflexão teórica.

Optamos por separar os eventos em duas categorias: Vivenciais e Profissionais, considerando seus respectivos objetivos iniciais. Os eventos classificados como vivenciais têm tido o objetivo de oferecer uma oportunidade de crescimento pessoal ao público em geral. Por outro lado, os eventos ditos profissionais têm-se proposto a congregar profissionais que utilizam o referencial da Abordagem Centrada no Cliente/Pessoa nas suas práticas, visando a troca de experiências e o avanço teórico. Essa divisão foi aqui utilizada com finalidades didáticas, o que a torna artificial e parcial, visto que os eventos têm

atingido, na sua maioria, tanto as dimensões cognitivas quanto experiencias, independentemente de seus objetivos iniciais.

III.1. EVENTOS VIVENCIAIS

Sabemos que inúmeros grupos de encontro (pequenos grupos) e workshops de grandes grupos têm sido realizados desde a década de 60 e de 70, respectivamente. Não foi possível relacionar todos, devido a escassez de informações. A relação dos eventos inicia-se em 1977, quando foi realizado o *I Encontro Brasileiro Centrado na Pessoa* (Arcozelo I), de iniciativa de Eduardo Bandeira. Este evento contou com a participação de 200 pessoas de todo Brasil, além de uma equipe de facilitadores brasileiros, que juntamente com Rogers, Wood, Maria e Jack Bowen e Maureen, compuseram o "staff" do primeiro grande grupo brasileiro. O segundo workshop de grande grupo foi realizado no ano seguinte, quando a comunidade nacional pode se reciclar, contando novamente com Rogers e parte de sua equipe. Durante este workshop realizou-se um documentário, dirigido por Joaquim Assis, cuja cópia não foi possível ser encontrada.

De 1975 a 1993, o Centro de Psicologia da Pessoa (CPP) ofereceu, pelo menos dois grupos de encontro por ano: um dirigido a seus alunos dos cursos de formação, objetivando a parte vivencial do curso e a promoção da maior integração entre os alunos e a equipe. O outro, aberto ao público em geral, convidando profissionais de outros núcleos a co-facilitarem.

Em São Paulo, destacamos a iniciativa de Rachel Rosenberg, que coordenou e realizou a maioria dos eventos, promovendo workshops de pequenos e grandes grupos, destacando-se os de Pirassununga I e II, Vinhedo, Salesópolis e o I Workshop de Família, juntamente com o grupo de Psicologia Humanística. Após 1987, o Núcleo Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa tem promovido diversas atividades de natureza vivencial.

De 1988 a 1992, viabilizou-se a formação de uma equipe interestadual para realizar workshops residenciais de grandes grupos com Luiz Alfredo Millecco Monteiro (RJ), Marcia Tassinari (CPP/RJ), Jaime Doxsey (UFES/ES), Raquel Rosenthal (Núcleo Paulista/SP), Monica Serra (Núcleo Paulista/SP), Afonso Lisboa da Fonseca (Cooperativa de Maceió/AL) e contando com a participação de Sérgio Scotti (UFSC/SC) em um workshop. Parte desse grupo realizou 7 workshops, em diferentes cidades do eixo Rio-São Paulo. Infelizmente, as informações desses trabalhos não foram sistematicamente organizadas pela própria equipe e a tentativa de se realizar pesquisas e estudos de follow-up não puderam ser concluídas, devido a falta de feedback da maioria dos participantes e a distância geográfica entre os profissionais da equipe facilitadora.

Pela primeira vez, em 1993, concretizou-se um workshop reunindo cerca de 45 treinandos dos cursos de formação de terapeutas de São Paulo (do Instituto Sedes Sapientiae), Rio de Janeiro (do Centro de Psicologia da Pessoa) e Campinas (do Grupo de Estudos da Vera Cury), numa tentativa de entrosamento e reflexão sobre a formação. Professores e supervisores dessas equipes, além de J. Doxsey, formaram o staff facilitador deste evento, considerado enriquecedor para ambas as partes, levantando questões relevantes.

A maioria dos eventos vivenciais foi realizada na região Sudeste. Sabemos que essas informações não refletem verdadeiramente as outras regiões. Cabe ressaltar que nossa pesquisa orientou-se pelo material disponível e encaminhado, mas sabemos informalmente que diversos profissionais realizaram eventos vivenciais, principalmente no Nordeste.

III.2. EVENTOS PROFISSIONAIS

Em relação aos eventos públicos específicos, constatamos que a maior parte deles ocorreu após a realização do Primeiro Encontro Latino-Americano, em 1983, sem minimizar a importância do Primeiro Encontro Nacional de Psicologia Humanística (São Paulo, 1979). Anteriormente, realizavam-se jornadas esporádicas em São Paulo e eventos vivenciais, tipo workshops abertos ao público em geral, sem o objetivo específico de troca de experiências profissionais.

Incluímos na lista de eventos profissionais os Encontros Latinos que, apesar de não serem eventos nacionais, contavam com a presença significativa da comunidade brasileira (em média 70% dos participantes e dos trabalhos apresentados); além disso, três desses encontros foram sediados no Brasil, influenciando a maioria dos profissionais.

O Encontro Latino-Americano nasceu do grande desejo e necessidade, experimentados por um grupo de profissionais latinos (psicólogos, pedagogos, professores universitários e sociólogos), participantes do I Fórum Internacional, em Oaxtepec, México, 1983, no sentido de constituir um espaço próprio, onde as deficiências e problemas da Abordagem pudessem ser discutidos e refletidos numa perspectiva sociocultural e histórica latino-americana.

Até o momento, oito encontros já foram realizados, sendo o último, realizado em Aguascalientes, México, em outubro de 1996. Comentando um pouco sobre estes eventos, seguem algumas das principais características:

- quanto à organização: trata-se de encontros residenciais intensivos, onde uma equipe local responsabiliza-se pela infra-estrutura básica, e por sua divulgação e mobilização dos participantes;
- são encontros diferentes dos congressos tradicionais ou reuniões profissionais, uma vez que não há, a princípio, uma estrutura prévia.

Todos os participantes são co-responsáveis pela construção do evento, através dos "grupões" (encontro da comunidade), onde as questões variam desde temas pessoais, conteúdo emocional a conflitos interpessoais, culturais e políticos. Os encontros funcionam como um modelo institucional informal, que promovem uma disseminação espontânea dos princípios e conceitos da Abordagem Centrada na Pessoa não se propondo, entretanto, a representá-la em caráter oficial na América Latina;

- têm demonstrado a presença ativa de participantes brasileiros, através de uma rica diversidade de dissertações, teses e artigos. Os dados estatísticos demonstram que nos oito encontros realizados até o momento, foram apresentados mais de 150 trabalhos escritos por brasileiros, representando 49% do total. Estes dados nos mostram uma participação significativa de autores brasileiros que favorece a troca e, portanto, o desenvolvimento da Abordagem no Brasil;
- também têm participado dos Encontros representantes da Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru, México, Venezuela, Chile, Equador e EUA.
- a respeito dos trabalhos apresentados, conclui-se que a rica diversidade de temas revela uma série de aplicações da Abordagem em vários países. Observou-se que o tema Psicoterapia, seguido pelo da Educação, têm sido as principais áreas de foco. O tratamento teórico de temas e processos complexos parecem ser a característica fundamental dos trabalhos, onde os autores demonstram a capacidade de integrar teoria e prática
- quanto à questão da natureza obrigatória da apresentação de trabalhos como uma exigência para a participação nos encontros, foi observado que, inicialmente, tal exigência se deu como consequência natural da ausência de material escrito. Porém, a partir do III Encontro, tal exigência foi polemizada em função de alguns participantes considerarem-na incompatível com os princípios "centrados na pessoa". Os encontros seguintes vêm sendo ambíguos quanto a isso. Em consequência, temos observado uma queda significativa na produção de material escrito.

Digno de menção, a realização em 1989, do *IV Fórum Internacional*, que congregou cerca de 130 profissionais de 12 países. Pela primeira vez, o formato do Fórum não contou com nenhuma estrutura interna prevista pela comissão organizadora. Os participantes trouxeram suas contribuições e apresentaram-nas de acordo com o ritmo do grupo. Segundo a metodologia dos Encontros Latinos, os grupões de comunidade serviram de fonte inspiradora para as discussões e para a própria estruturação do Fórum.

A década de 80 ofereceu vários eventos regionais quando percebe-se um amadurecimento dos grupos envolvidos com a Abordagem. Assim, encontramos nesta década a realização de quatro Encontros Latinos, dois

Cursos Avançados, duas Vivências Acadêmicas, seis Jornadas de Psicologia Humanista, três Encontros Nordestinos e três participações nas Reuniões Anuais de Psicologia de Ribeirão Preto, além do Fórum Internacional.

Esses eventos têm prosseguido na década de 90 demonstrando a potencialidade dos mesmos em gerar maior entrosamento dos profissionais e sedimentação dos conhecimentos e práticas. Da mesma forma que os Encontros Latinos, os Encontros Nordestinos surgiram da necessidade dos profissionais nordestinos, criarem um espaço para reflexão e troca de suas experiências, contextualizando-as. Até o momento não foi possível agrupar os trabalhos apresentados nos Encontros Nordestinos, que têm agregado um número cada vez maior de profissionais, não só do Nordeste. O Estado do Ceará sediara em 1997 o *VII Encontro Nordestino*.

Em 1996, na cidade de Engenheiro Paulo de Frontin - RJ, foi realizado o *Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa* com a presença de 100 participantes brasileiros e 04 estrangeiros (latino-americanos). A idéia deste encontro nasceu da necessidade de profissionais e estudantes desta abordagem terem um espaço com características basicamente brasileiras. Como afirmou Fonseca (1996), o Fórum... “*se configura como um ponto de convergência para onde podem confluir os processos naturais dos grupos locais, ao mesmo tempo em que este ponto de confluência pode funcionar como um incrível retroalimentador e enriquecedor destes processos dos grupos locais, à medida em que é por eles constituído*”.

III.3. CURSOS DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A nível acadêmico, a penetração da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil está se expandindo, ainda que, quando comparada com outras orientações teóricas, seu espaço seja ainda muito reduzido.

São Paulo parece ter sido o primeiro Estado a introduzir cursos e práticas na Abordagem, na USP, através dos esforços iniciais de Oswaldo Barros Santos e de Rachel Rosenberg, com a implantação do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) desde 1963, e do curso de aperfeiçoamento “Aconselhamento Psicológico Rogeriano” (1970), curso de especialização: “Aconselhamento Psicológico” (1975 a 1979). Após a morte de Rachel Rosenberg, outros profissionais têm continuado o Serviço de Aconselhamento, oferecendo oportunidade de treinamento e prática aos estudantes de Graduação, bem como aos de pós-graduação, através do curso de aperfeiçoamento “Aconselhamento Psicológico em Instituição”. De 1988 a 1992, o SAP tem realizado o curso de especialização “Adolescência: Compreensão e Cuidados - Abordagem Fenomenológica - Existencial”.

O Centro de Desenvolvimento da Pessoa/SP, promoveu de 1977 a 1986 uma série de eventos, workshops de grandes grupos, incentivando, princi-

palmente, os profissionais desse Estado, a difundir a Abordagem. Rachel Rosenberg foi, sem dúvida, a principal figura no Estado de São Paulo, tendo sido responsável pela maioria dos eventos e cursos dentro e fora das academias. Organizou, juntamente com John Wood, o I Curso Avançado, quando convidou os profissionais a se reciclarem. Esse curso realizado de 1983 a 1985 contou com a participação de profissionais de diversas cidades brasileiras, além de participantes da Argentina e do Uruguai. Em 1987, foi iniciado outro Curso Avançado, incluindo Jaime Doxsey/ES na equipe facilitadora. Esse segundo curso foi realizado em São Sebastião/SP, num único módulo inicial. Acreditamos que a sua interrupção deveu-se ao falecimento de Rachel, pouco tempo depois (junho/87).

Os profissionais paulistas, fundaram em 1987 o Núcleo Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa, oferecendo workshops, palestras e mini-cursos, além da distribuição de Boletins (com artigos, informes, troca de correspondências) trimestrais aos seus associados.

A necessidade de criação de uma formação mais estruturada e que pudesse oferecer prática supervisionada aos alunos recém-formados, levou à implantação do primeiro curso de Especialização de Psicoterapeutas, em São Paulo, através da conjugação de esforços de Raquel Rosenthal, Sebaldo Bartz e vários profissionais do Estado de São Paulo, no Instituto Sedes Sapientiae, no ano de 1992.

Várias instituições universitárias na cidade de São Paulo, oferecem algumas disciplinas, onde a Abordagem é incluída em algumas com estágio supervisionado (Faculdade São Marcos com Myriam Vilarinho, PUC). Nas outras cidades do Estado de São Paulo, encontramos em Ribeirão Preto (USP) um trabalho significativo, a nível de Graduação para os alunos de Psicologia e de Pós-Graduação para os alunos de Psiquiatria, coordenados por Marisa Japur e Sônia Loureiro. Em Campinas, a PUC dá oportunidade aos alunos de Graduação, através de disciplinas obrigatórias, e estágio supervisionado específico, sob a supervisão de Vera Cury. Ainda que nessa cidade não exista um curso de formação de terapeutas estruturado, alguns grupos de profissionais continuam suas reflexões e supervisão com Vera Cury e formam um grupo de estudos, que, na prática, parece funcionar como um grupo de formação. Dircenéa Navarro vem sendo responsável desde 1991 pelo estágio e por algumas disciplinas da Abordagem na Universidade de Franca e tem oferecido treinamento de ludoterapeutas, desde 1991, em seu consultório particular. Em São José dos Campos/SP, Elias Boainain tem realizado o Curso de Facilitação Grupal desde 1990 e workshops com Abordagem Centrada Transpessoal.

A Escola Paulista de Psicologia Avançada/SP - EPPA, promoveu no semestre de 1996, dois cursos especializados de curta duração denominados

"Psicoterapia Rogeriana" e "Psicoterapia Centrada na Pessoa". Os profissionais do Estado de São Paulo têm desenvolvido suas atividades de forma isolada, deixando assim de ter o Núcleo como referência.

O Centro de Psicologia da Pessoa (CPP) / RJ, vem oferecendo cursos de Formação, desde 1976, para terapeutas individuais (de crianças, adolescentes e de adultos) e, eventualmente, para a facilitação de grupos, quer a nível de psicoterapia de grupo ou de grupos vivenciais, além da realização anual de um grupo de estudos avançados para a reciclagem dos profissionais.

Em Petrópolis, o CEPPEP ofereceu cursos de formação e, na década de 80, cursos de aperfeiçoamento teórico-vivencial. O Centro de Psicologia Humanista de Niterói oferece cursos de formação e de curta duração desde 1990.

Em termos acadêmicos, no Rio de Janeiro, a Universidade Gama Filho, ofereceu em 2 momentos, cursos de Especialização em Psicoterapia Centrada na Pessoa (1987 e 1990). Nessa instituição, os alunos de Graduação entraram em contato com a Teoria de Rogers em disciplinas obrigatórias gerais, entretanto dois supervisores da Clínica-Escola(SPA), oferecem estágio supervisionado aos alunos do 9º. e 10º. períodos de Graduação. A Universidade Santa Úrsula oferece uma disciplina específica e eletiva sobre a Teoria de Rogers e estágio supervisionado aos seus alunos de Graduação.

No Rio Grande do Sul, a Abordagem tem encontrado espaço dentro e fora das universidades. Os profissionais que fundaram o Centro de Estudos da Pessoa em Porto Alegre e funcionaram na década de 70 como instituição particular, voltaram-se mais para a formação acadêmica, inaugurando na PUC, o Curso de Especialização em Psicologia Humanista, com duas opções: Rogers e Viktor Frankl. Em 1994, a PUC-RS passou a oferecer curso de Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade, tendo a Psicologia Humanista, como uma das possibilidades. Em Canoas, a Faculdade La Salle também ofereceu em 1994 um curso de Especialização em Psico-Educação/Reeducação Clínica na Abordagem Centrada na Pessoa, coordenado por Henrique Justo. Neste Estado, destacamos os workshops realizados por Vili Bocklage, recentemente falecido. Há dois anos, a DELPHOS passou a realizar cursos de formação de psicoterapeutas.

Francisco Bordin, na Universidade Federal do Pará, ofereceu em 1988 um curso de Especialização, tendo contado com a participação de uma equipe interestadual de docentes. No nível da graduação, os alunos também têm oportunidade de fazer estágio com a orientação teórica da Terapia Centrada no Cliente/Pessoa, além de poderem participar de cursos de Formação coordenado por Bordin em seu consultório.

No Nordeste, na década de 60, quando as faculdades de Psicologia de Recife ofereciam disciplinas obrigatórias na graduação, relacionadas à

Abordagem, vários cursos de formação de terapeutas foram realizados, todos por iniciativa de Lúcio Campos, Maria Auxiliadora Moura e Maria Ayres. As atividades de supervisão e estudo teórico foram levadas a outras cidades nordestinas e formou-se um núcleo considerável de profissionais. Vale ressaltar a contribuição da Unite/PE, então coordenada por Teresa Dourado, que oferecia cursos e atendimento psicoterapêutico.

No final da década de 80, observamos o "renascimento" da Abordagem no Nordeste, através da conjugação dos esforços de Carmem Barreto, Iaraci Advíncula, Afonso Lisboa da Fonseca, Sônia Gusmão, Gercilene Araújo e outros, oferecendo cursos de formação de psicoterapeutas e estágio supervisionado nas faculdades e em seus consultórios particulares.

Coordenado por Virgínia Moreira, surge a partir da demanda de dois grupos, o curso de treinamento de terapeutas, em 1989, em Fortaleza. A metodologia era centrada nos interesses emergentes dos alunos, através de leituras, realização de workshops, convite a outros profissionais para cursos específicos. Segundo Moreira (1989), "*trata-se de um processo de aprendizagem que está se dando genuinamente, a partir da necessidade das pessoas e de sua própria mobilização para atender estas necessidades*"(p .6) Esses dois grupos continuaram suas atividades, mas outros cursos não foram mais oferecidos à comunidade cearense.

Em 1993, foi implantado o Curso de Especialização em Psicologia Existencial-Fenomenológica Centrada na Pessoa, na UNICAP (Universidade Católica de Recife), sendo esse o primeiro curso acadêmico da Abordagem no Nordeste. Essa iniciativa de Carmem Barreto, docente de Graduação da UNICAP e coordenadora do Programa, tem possibilitado que outros profissionais do nordeste possam colaborar com seus conhecimentos e práticas. Esse curso também conta com a colaboração de profissionais de outros Estados e já está na sua terceira turma.

Vemos assim que a maioria dos núcleos e profissionais isolados priorizaram a realização de cursos de formação de psicoterapeutas e de eventos voltados mais para a própria comunidade centrada. Sentimos falta de ofertas de cursos para as outras aplicações da Abordagem.

IV. MATERIAL PUBLICADO

IV.1. ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS E JORNais NACIONAIS

Conseguimos relacionar 129 artigos, que foram publicados em revistas especializadas de Psicologia e Pedagogia, assim como em jornais de grande circulação, destacando-se as produções da autora Virgínia Moreira/CE e de Mauro Martins Amatuzzi/SP, com 10 publicações cada; o Jornal Estado de

Minas com 8 artigos, seguido da Revista dos Arquivos Brasileiros de Psicologia/RJ, com 9 publicações e a Revista das Faculdades Franciscanas/SP, com 6 publicações.

Apesar de o volume de publicações em revistas especializadas ser pequeno quando comparado a outras orientações teóricas, percebe-se um aumento gradativo de artigos publicados a partir de 1980, sendo que os primeiros surgiram já na década de 60. Também podemos constatar que nos seis anos da década de 90 foram relacionados 47 artigos. Isso indica um interesse crescente de sistematização e divulgação do que se tem feito na Abordagem nos últimos anos.

Em nossa pesquisa, encontramos quantidade significativa de material escrito não publicado e não divulgado ou, eventualmente publicado em jornais e revistas não especializadas nas diversas cidades brasileiras. Esse material não foi relacionado, pois trata-se, na sua maioria, de comunicações para o grande público, além de não parecerem estar prontos para publicação científica.

Por estas e outras razões, pensamos na hipótese da criação de uma revista e/ou jornal especializados da Abordagem, que pudesse conter esse material. Acreditamos que isso possa servir de incentivo para que diversos profissionais que tenham em seu poder trabalhos rascunhados com idéias interessantes, possam divulgá-los, após uma revisão.

Em relação aos temas desses artigos, da mesma forma que das teses e monografias, constatamos uma preponderância sobre a prática psicoterápica, seguida pelo ensino centrado, supervisão e treinamento de terapeutas. Somente dois artigos relacionam trabalhos corporais com a psicoterapia.

IV.2. TESES DE MESTRADO, DOUTORADO E LIVRE DOCÊNCIA

A produção acadêmica foi aqui considerada a partir da relação das Teses de Mestrado, Doutorado e Livre Docência. Encontramos um total de 30 teses realizadas predominantemente nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Este dado parece refletir a própria oferta de Cursos de pós-graduação na região sudeste. A produção por períodos revelou predominância da fase da "fertilidade", com 50% do total.

Interessante notar que as teses de Mestrado surgem mais nas décadas de 70 e 80, aparecendo um aumento significativo no período 90-94 das teses (2 de Mestrado e 4 de Doutorado), enquanto que nas décadas de 70, a relação Mestrado/Doutorado foi de 6/3 e na de 80 foi de 7/6. Tal fato indica que alguns profissionais envolvidos com a Abordagem, continuam aprofundando suas reflexões e práticas, apresentando suas conclusões em níveis mais avançados.

Em relação aos temas, percebe-se uma nítida concentração na área da psicoterapia individual (29 teses), quer em relação ao terapeuta, às condições

facilitadoras, à relação terapeuta-cliente, à comparação com outras orientações teóricas (Freud e Labov), aos métodos e aos instrumentos expressivos. Em segundo lugar, a preferência temática concentra-se na área da Educação (7 teses), correlacionando-a com permissividade, criatividade, personalidade e comparando a proposta do Ensino Centrado no Aluno com a Educação de Adultos, de Paulo Freire. A temática de Grupos ocupa o espaço de cinco teses. Outros temas isolados, como afetividade, personalidade, limites, auto-revelação, supervisão, comparação com a filosofia de Buber, Psicologia Transpessoal, relacionamento interpessoal, ocupam as reflexões dos outros autores.

Nesta relação também observamos que a aplicação da Abordagem Centrada na Pessoa na psicoterapia tem atraído a maioria dos profissionais envolvidos e a questão do ensino, dos trabalhos com pequenos e grandes grupos, ainda que realizados, são pouco divulgados e/ou sistematizados. Sentimos falta de pesquisas, que pudessem fundamentar melhor essas práticas. Esse aspecto reflete também o pouco relevo que, nós brasileiros, damos às pesquisas.

IV.3. LIVROS BRASILEIROS

Ao relacionarmos os 25 livros em língua portuguesa, escritos por autores brasileiros ou estrangeiros, excluímos para análise, as traduções dos livros de Rogers e de outros autores estrangeiros, visto estarmos interessados, nesse momento, na produção nacional, de autores que publicaram a partir de suas experiências e reflexões no Brasil.

Com referência à produção por fases, encontramos um maior volume de livros no período da "fertilidade" (15) seguido do período da "pré-história", com quatro livros e, somente dois desde 1993. Interessante notar que 18 dos 25 livros foram publicados no Sudeste do país, especialmente em São Paulo. Essa tendência não reflete integralmente a nossa realidade, pois encontramos autores de outros Estados publicando no sul do Brasil. Por outro lado, os núcleos da Abordagem são mais numerosos no eixo Rio-São Paulo, congregando mais profissionais, que têm melhores oportunidades (via cursos formais e informais da Abordagem Centrada na Pessoa) de transformarem suas reflexões em livros.

As temáticas dos livros variam desde grupos, supervisão, psicoterapia, aprendizagem, teoria da personalidade e da motivação até comparações com a teoria Freudiana. A maioria contempla, pelo menos um capítulo para a psicoterapia individual com adultos e raramente aparecem referências ao trabalho com crianças, família ou casal. Esses autores, além de explicitarem os conceitos básicos da Teoria Centrada no Cliente/Pessoa, para a psicoterapia, legitimam a sua aplicação nos trabalhos por eles desenvolvidos, demonstrando

que a proposta psicoterápica centrada no cliente/pessoa adequa-se à realidade brasileira.

Consideramos essa relação de livros pequena em face da atuação de diversos profissionais há mais de 20 anos, do crescente número de eventos e de núcleos desde 1987. Por outro lado, o volume de artigos publicados em revistas especializadas tem aumentado desde 1990, o que nos leva a sugerir que esses autores possam desenvolver mais suas reflexões e agrupá-las em livros, possibilitando maior circulação da informação e divulgação da Abordagem.

V. DEPOIMENTOS

Tentando alcançar os objetivos aqui propostos, decidimos entrevistar alguns profissionais que pudessem complementar as escassas informações que tínhamos até o momento, especificamente quanto à "chegada" da Abordagem Centrada na Pessoa ao Brasil. Julgamos necessário estabelecer alguns critérios que, embora subjetivos, pudessem responder às nossas indagações. Os critérios utilizados foram: profissionais de diferentes partes do país, envolvidos há mais de 15 anos com a Abordagem, contribuidores, divulgadores ativos e públicos e profissionais que se afastaram, mas que contribuíram para uma análise crítica desse processo.

Num primeiro momento, enviamos uma circular, apresentando o projeto, solicitando informações (material publicado) e sugestões de outros profissionais que devessem ser contactados. Além disso, pedimos suas reflexões pessoais sobre o percurso da Abordagem no Brasil e sobre o próprio projeto. Obtivemos uma resposta satisfatória, uma vez que 64% das solicitações foram atendidas.

Paralelamente, fizemos entrevistas gravadas e manuscritas, com os profissionais precursores em diversos pontos do país. A estes, foi então solicitado que explicitassem como se envolveram com a Abordagem, as influências recebidas, as dificuldades e facilidades encontradas e a leitura pessoal sobre essa história no Brasil.

Dessa maneira, entramos em contato com Mariana Alvim, talvez a primeira pessoa que tenha trazido as noções de Rogers para o Brasil. Mariana conheceu Rogers em 1945, em Chicago, quando foi estudar nas "boas" instituições dos EUA, que trabalhavam com delinqüentes desvalidos. Aprendeu o que na época denominava-se "Entrevista Não-Diretiva". A partir desse contato, decidiu mudar toda técnica de seu trabalho. Mariana nos relata que sentiu-se bem-recebida pela maneira afetuosa e interessada expressada por Rogers, que já naquele ano mostrou interesse em vir ao Brasil. Em 1947, Mariana foi chamada para organizar o ISOP (Instituto de Seleção e Orientação Profissional)/RJ, quando passou a usar efetivamente a "técnica não-diretiva". Ela também foi parcialmente responsável pela inserção de Maria Constança Villas-Boas Bowen

na Abordagem. Maria se encantou com essa maneira de "conduzir" a entrevista e, após se graduar em Psicologia, foi fazer Mestrado nos EUA e procurar Rogers para continuar seus estudos. Mariana teve oportunidade de participar de vários workshops nos EUA e no Brasil, tendo mantido contato estreito com Rogers e partilhado de suas idéias de maneira viva, aplicando-as em seu trabalho, sem, contudo, ter criado um grupo específico de disseminação.

Várias entrevistas com profissionais mais antigos refletem suas afiliações através da paixão. Japur (1988) explicita de forma brilhante: "Por razões da minha própria história e por significados muito pessoais e subjetivos, tomar contato com a Abordagem representou para mim a possibilidade de reconfigurar o sentido da própria vida... falo, antes de tudo, do lugar de uma pessoa que faz seu primeiro vínculo com ela de forma apaixonada, de uma paixão com sabor de reencontro comigo mesma, que me permitiu ter acesso a um desejo profundo, até então irreconhecido, de estar comprometida com o permanente processo de recriação humana" (p. 2).

Todos os profissionais entrevistados e consultados, ao descreverem o "ritual de iniciação", relatam essa identificação com os princípios sugeridos por Rogers quanto à aproximação do fenômeno humano e citam uma pesca-critério com quem estudaram e/ou fizeram psicoterapia. Alguns referem-se à participação em grupos como determinante de suas escolhas profissionais. Percebemos assim, que os "precursores" e a primeira geração dos profissionais centrados definiram-se pela Abordagem de maneira experiencial e depois foram aprofundar os conhecimentos, através dos livros, de treinamentos no Center for Studies of the Person (USA) ou mesmo no Brasil com Maria Bowen, John Wood e Maureen Miller etc.

Esse "ritual" tem passado por algumas mudanças, desde o aparecimento de instituições que oferecem cursos de formação e outras atividades que, de certa forma, legitimam a inserção na Abordagem. Outro fator que contribui para que as gerações posteriores tenham uma "iniciação" menos determinada pela "paixão" parece ser a troca de experiências veiculadas pelos eventos regionais, latino-americanos e internacionais. Nesses, em número crescente desde 1980, podemos nos atualizar, conhecendo o que pensam, como praticam, as principais dificuldades encontradas pelos profissionais mais experientes e também pelos "novatos".

Realizamos várias entrevistas no Nordeste, onde evidenciou-se a forte influência de Lúcio Campos como psicoterapeuta, professor e supervisor de várias gerações de psicólogos desde a década de 60, quando fundou o Instituto de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. A formação de Campos foi feita nos Estados Unidos, onde tornou-se psicólogo, aprofundando seus estudos na "Terapia Rogeriana". Seu contato com Rogers, ainda nos EUA parece ter sido muito proveitoso. Ele também trouxe alguns membros da equipe de Rogers para a realização de trabalhos, quando várias atividades foram

realizadas. Sua principal característica, segundo nos relata sua esposa era a "crença na providência divina e na pessoa humana", o que fazia com que "mergulhasse de cabeça" em suas idéias, fato este que contagiava as pessoas. Sua influência foi tão fortemente sentida que muitos nordestinos atribuem-lhe o declínio dos estudos teóricos e práticos, na década de 70, após seu afastamento das instituições universitárias. Campos continuou exercendo suas atividades de psicoterapeuta e de supervisor até sua morte, em 1990, quando estava terminando um livro sobre a Abordagem Centrada na Pessoa e Pacientes Terminais, cujo manuscrito foi perdido.

Rogério Buys (RJ) foi autodidata e, descobriu Rogers em 1965, através da leitura de alguns de seus livros. O contato com Max Pagès em 1968, num curso intensivo em Minas Gerais, deixou marcas profundas no seu envolvimento com o humanismo. Rogério sempre quis divulgar a Abordagem, através da constituição de um centro que se interessasse permanentemente em aperfeiçoar e praticar os postulados da Psicologia Humanista, até que conseguiu reunir um grupo, em 1975 e fundar o Centro de Psicologia da Pessoa (RJ). Em relação às suas reflexões, tem escrito bastante, ainda que publicado pouco, além de alguns artigos, sua tese de Mestrado sobre afetividade, seu livro sobre supervisão e, recentemente (agosto/96), defendeu sua tese de Doutorado sobre as relações interpessoais nas psicoterapias humanistas.

Em relação ao momento atual da Abordagem, Rogério considera que ela tem se confundido com o bom-senso, tendendo à superficialização, pois confunde-se humanista com humanitário. Por outro lado, pensa que a Abordagem tem profundidade e fecundidade que não têm sido levadas em conta, como, por exemplo seu potencial de questionamentos sobre as relações interpessoais, com pouca exploração sobre as repercussões sociais. Nesse ponto, percebemos uma grande convergência com os mais recentes interesses de Wood, ao apontar que a maior fraqueza da Abordagem é não utilizar suas reais potencialidades.

Todos reconhecem que o pertencimento à Abordagem não tem uma delimitação pública, clara, criando certa dose de marginalidade, especialmente, nos meios acadêmicos. Mas, ao recusarmos esquemas tradicionais de institucionalização corremos o risco do exercício do poder velado, não assumido. Até que ponto estamos utilizando nossas capacidades na promoção do crescimento pessoal para facilitarmos nosso próprio grupo de pertinência na Abordagem Centrada na Pessoa?

A maioria dos profissionais entrevistados é composta de psicólogos, que são psicoterapeutas, alguns também professores universitários. Assim, nossa leitura pode estar mais direcionada para a aplicação na psicoterapia, entretanto queremos destacar a contribuição do sociólogo e professor Jaime Doxsey/ES, que tem realizado pesquisas, reflexões e trabalhos com o Ensino Centrado no Aluno, além de facilitar grupos em todo o Brasil, sem contudo ter

estabelecido um núcleo em sua cidade.

Alguns profissionais não puderam ser consultados, devido à falta de informação sobre sua localização, mas como temos a intenção de continuar esse projeto, essa lacuna poderá ser preenchida. Esses profissionais são: Terezinha Moreira Leite, Padre Anthonius Benko, Célio Garcia, Ruth Scheffer, dentre outros.

Outros colegas que, também contribuíram significativamente, não puderam nos emprestar suas idéias mais recentes, mas por outro lado, foram responsáveis pela implantação e disseminação da Abordagem, entre nós. A esses, que partiram precocemente, nossos mais sinceros aplausos: Dario de Oliveira, Rachel Rosenberg, Lúcio Campos, Maria Auxiliadora Moura, Franz Vitor Rudio e Vili Bocklage.

VI. CONCLUSÕES

Pretendemos ensaiar algumas reflexões que nos permitam oferecer à comunidade centrada uma "topografia", demarcando os diferentes relevos, os pontos frágeis e ousando sugerir melhor aproveitamento das potencialidades da Abordagem.

Nos seguimentos anteriores procuramos ter uma atitude mais descriptiva em relação às informações obtidas, relacionando os temas mais privilegiados do material escrito, os tipos de eventos oferecidos, as instituições que divulgam e praticam a Abordagem (em seus diferentes níveis), além de examinar as impressões dos seus "precursores".

Os dados nos sugeriram um certo ritmo, por nós hipotetizados em quatro momentos distintos do percurso da Abordagem no Brasil: Pré-História, Fertilidade, Declínio e Ascensão, caracterizados por eventos marcantes dentro da comunidade centrada e também influenciados pela própria história do Brasil. Nesse sentido, podemos entender melhor, por exemplo, a grande receptividade dos trabalhos de grupo no momento em que a sociedade brasileira sentia-se ameaçada em expressar suas convicções, frustrações e receios. Assim, a possibilidade de vivenciarmos, ainda que fugaz e provisoriamente, um clima de liberdade num ambiente confiável, parecia um "oásis". Da mesma forma, um certo retorno atual, ao culto do individualismo do descartável, nos leva a entender melhor o pequeno interesse pelos trabalhos de grandes grupos.

A presença de participantes brasileiros nos Fóruns Internacionais, nos Encontros Latinos e em outros eventos, além da organização do IV Fórum Internacional e de três Encontros Latino-Americanos são fatores importantes no desenvolvimento da Abordagem no Brasil. Os diversos trabalhos apresentados nesses eventos demonstram o potencial de contribuição dos profissionais brasileiros. Apesar das ocasionais discussões explorando a

possibilidade de um encontro nacional, somente em 1996, a comunidade brasileira realizou o seu primeiro Fórum no Rio de Janeiro.

O destaque que demos aos Encontros Latinos é uma decorrência da intensa participação de brasileiros, sendo esse o espaço que a comunidade centrada tinha até então para se reciclar. Fonseca (1994) destaca que os Encontros Latinos têm influenciado o desenvolvimento de encontros regionais e a organização de grupos locais. Também comenta que somos "um espelho partido". Precisamos nos encontrar, juntar uns pedaços para que possamos ver a nossa cara. Na opinião de Fonseca (1994), os Encontros têm-se tornado "*um intenso laboratório de aprendizagem individual e coletiva a nível pessoal e profissional, teórico e vivencial, cultural e intercultural. Percebemos a necessidade de ampliarmos nossas redes de relações e comunicações com estes países para um maior intercâmbio dos nossos propósitos e objetivos junto à Abordagem Centrada na Pessoa no contexto Latino*".

Quanto à produção destes eventos, Tassinari & Doxsey (1992) afirmam: "*O trabalho escrito reflete a abertura à experiência, à prática congruente com o necessário desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa, verificando-se o profundo compromisso destes autores com a Abordagem através de seus estudos, que denotam anos de experiência com reflexão crítica*". Vale ressaltar que poucos autores destacam questões relativas ao contexto sócio-político e cultural tão diferente das raízes do pensamento de Rogers. Esse fato é interessante, principalmente ao verificarmos que diversos trabalhos isolados apresentados nos Encontros Latino-Americanos, apontam para essa questão.

Desta forma, observamos que o desenvolvimento contínuo e relevante da Abordagem, especificamente na América Latina, depende da disseminação deste material, tão necessário para confrontar questões ideológicas e políticas. Sendo assim, acreditamos ser os Encontros Latinos um terreno fértil, onde podemos plantar nossas idéias e refletir a respeito de nossas experiências, fortalecendo e criando, cada vez mais, novas possibilidades de utilização e expansão desta orientação teórica no Brasil e na América Latina como um todo.

Interessante refletir o aparecimento, no VII Encontro Latino - Maragogi/AL do termo "dinossauro" para categorizar os profissionais mais antigos da ACP. Esta denominação foi cunhada pelos mais jovens como uma crítica ao posicionamento dos mais antigos; logo em seguida aparece em contraposição o termo "babysauro". Esta denominação retorna no Fórum Brasileiro de forma mais compreensiva e afetiva, talvez demonstrando uma maior aceitação das diferenças. A idéia do "conflito de gerações" tem permeado quase todos os eventos centrados no Brasil (não dispomos de informação deste movimento em outros lugares). Raquel Rosenthal/SP solicitou aos participantes do Fórum Brasileiro uma avaliação por escrito dessa experiência. Numa entrevista dada ao Jornal da ARP (Ano II, Set./96) comenta: "Para algumas pessoas que

responderam à carta, ficou faltando oportunidade de discussão teórica e, tenho quase certeza (a ser confirmada na releitura e sistematização) de que esta queixa veio de membros com maior tempo de atuação na ACP; já os mais novos valorizaram principalmente o fato de o Fórum ter sido predominantemente vivencial. Embora sejamos todos "dinossauros", considero importante que começemos a avaliar as diferentes expectativas dos "Dinos" (mais antigos) e "Babies" (participantes mais recentes)".

Fazendo uma comparação entre os Encontros Latinos e o Fórum Brasileiro, foi observado o quanto a comunidade brasileira privilegia os primeiros, pois percebe-se uma presença significativa de brasileiros nestes encontros, muitas vezes mais do que cinqüenta por cento do total de participantes. Refletindo acerca deste dado pensamos que a comunidade brasileira acredita que a troca teórica pode ser maior nos Encontros Latinos devido à influência de outros países, principalmente Argentina. Um outro fator por nós refletido é que encontros a nível internacional dão mais *status profissional*.

Os depoimentos revelaram que os "precursores" se envolveram com a Abordagem pela "paixão", ao se identificarem com os postulados básicos propostos nas leituras de Carl Rogers. Interessante notar que a formação desses profissionais pode ser caracterizada como "autodidata", pois só tiveram contato pessoal com Rogers (quando tiveram), após estarem praticando a Abordagem Centrada na Pessoa. Além disso, Rogers visitou o Brasil somente três vezes (1977, 1978 e 1985), o que permitiu um desenvolvimento autônomo da comunidade brasileira, buscando aplicar os conceitos, a partir da nossa realidade concreta de terceiro mundo. Quase todos os entrevistados foram mais influenciados, no início, por experiências pessoais, isto é, a partir da participação em alguma vivência, sentiram-se profundamente "tocados" e identificados com os princípios da Abordagem.

Outro ponto convergente dos depoimentos refere-se à explicitação de uma certa "lacuna teórica", evidenciada pelas práticas sem o devido acompanhamento de sua sistematização, bem como ênfase no nível vivencial. A necessidade de maior embasamento teórico que ofereça respaldo à atuação profissional é sentida por vários profissionais que praticam a Abordagem Centrada na Pessoa. Observa-se um certo descuido com a teoria em detrimento da prática e da vivência. Alguns sentem falta de uma estrutura mais sólida, previamente construída, que traga mais segurança no desenvolvimento de seus trabalhos na Abordagem, fator responsável por certa evasão. Outros profissionais reclamam por maior fundamentação filosófica nos princípios. Neste ponto, temos um grupo de profissionais nordestinos que compartilha desta preocupação, reunindo seus esforços no sentido de promover maior respaldo teórico, fundamentando-o na filosofia Fenomenológica-Existencial.

Pudemos observar muito empenho e interesse de todos os entrevistados em expandir os conhecimentos desta orientação, tentando torná-los cada vez

mais acessíveis e ao alcance de estudantes e profissionais da área. De certa forma, parece haver um consenso quanto à opinião de que a Abordagem já “viveu dias melhores”. A maioria sente falta de estímulo, de reciclagem. As pessoas querem produzir, mas nota-se uma certa prostração por parte de alguns e ansiedade, por parte de outros, que sentem-se solitários em seus ideais de trabalho.

Interessante perceber que as profissionais entrevistadas que “trocaram” a Abordagem por outra orientação teórica apresentam críticas semelhantes, quanto à fragilidade teórica e a questão do poder, por exemplo. O que para estas significou momento de partida, para os que “permaneceram”, representou convite a aprofundar e a completar as lacunas.

Foi observado uma certa deceção por parte de alguns profissionais que, na sua vivência pessoal e profissional, defrontaram-se com dificuldades e limitações diante de aspectos de nossa cultura, ideologia e nosso contexto sócio-político-econômico. Esta impressão, compartilhada por profissionais que, atualmente, não fazem mais parte da Abordagem.

Percebemos que a Abordagem vem sendo praticada em núcleos isolados, que se esforçam para crescer, porém encontram muitas dificuldades neste movimento de expansão, principalmente quando se trata de ampliar a rede de relações inter-núcleos. Da mesma forma, diversos profissionais trabalham isoladamente, trocando experiências nos eventos, mas não produzindo coletivamente. Percebemos que no Nordeste, os profissionais trabalham de uma forma menos institucionalizada, conseguindo agrupar muitas pessoas, tanto quanto a região Sudeste, ainda que esta tenha um número bem maior de núcleos.

A necessidade de um sistema eficiente de comunicação, tipo boletim, entre a comunidade centrada parecia urgente. Conforme mencionado anteriormente a Associação Rogeriana de Psicologia tem preenchido essa lacuna, distribuindo gratuitamente entre os associados, nas universidades e nos núcleos da Abordagem, seu Jornal. Pensamos também que o “grupo centrado” já está amadurecido para ter sua própria revista, onde além da troca de informações sobre programas e eventos, seriam apresentados artigos, debates e resenha de livros e teses.

Pensamos também que a comunidade centrada pode se beneficiar de um interessante instrumento gestor que é a Internet, através de seus grupos de discussão. Essa possibilidade, a partir da década de 90, tem permitido a atualização através de trocas de experiências pessoais e profissionais, agilizando o processo de intercomunicação.

A necessidade de repensarmos a compreensão teórica no contexto brasileiro e quais as questões básicas que nos têm inquietado, está sendo construída através do recente projeto de Luiz Alfredo M. Monteiro, apresentado no Fórum Brasileiro, denominado “Ciranda Abordada”. Tal como a dança

nordestina Ciranda, a idéia é que todos “entrem na dança”, explicitando suas reflexões, respondendo a sete perguntas sugeridas, podendo acrescentar outras ou mesmo retirar aquelas que não transmitam a essência da “Abordagem Brasileira”.

A reduzida penetração acadêmica da Abordagem, não se configura como característica brasileira, uma vez que encontramos esse fato também nos EUA e na Europa.

A questão cultural tem permeado o interesse de alguns profissionais, destacando-se as reflexões de Wood e Fonseca que evidenciam a sua indissociabilidade com as questões epistemológicas. Fonseca sugere a mudança de reflexões para uma epistemologia trágica, pré-socrática, para um Existencialismo-Fenomenológico Europeu, Judaico-Franco-Alemão, para um politeísmo grego, pagão e para uma racionalidade trágica ou Zen.

A noção de transindividualidade da pessoa começa a merecer a atenção de nossos colegas para melhor compreendermos a relação que se desenvolve entre “seres intrinsecamente pertinentes a sujeitos coletivos e históricos específicos” (Fonseca, 1994). Isso traz implicações importantes para a psicoterapia, educação, trabalhos com pequenos e grandes grupos. Até a própria manifestação das “condições necessárias e suficientes” é influenciada pelos fatores culturais.

A questão institucional tem sido debatida e parece apontar para que possamos refletir sobre nossa comunidade centrada, enquanto um grupo de pessoas interessadas em promover o aprimoramento humano. Sabemos que o próprio Rogers recusou-se a formas tradicionais de organização institucional, tipo associação ou sociedade que pudesse restringir a Abordagem e/ou fomentar a disputa de poder. Partilhamos da opinião de Rogers que não gostaria que alguém se constituísse como representante ou “dono” da Abordagem. Ele queria que o processo institucional da Abordagem pudesse ser descentralizado e criativo, sem “burocracias sufocantes e excluientes”. Nesse ponto Rogers foi muito coerente, pois a organização que ele ajudou a criar e da qual participou ativamente, em momento algum se constituiu como o órgão oficial. Inúmeras vezes Rogers recusou-se a emprestar seu nome para instituições ou programas de treinamento. Isso não significa que não podemos nos organizar eficientemente, sem cometer os equívocos que tantas instituições têm apresentado.

Wood (1994) propõe que, ao se considerar a Abordagem Centrada na Pessoa como uma Abordagem e pesquisar o que acontece quando ela é aplicada a fenômenos complexos, poder-se-ia formular uma Psicologia mais adequada para melhor compreensão dos fenômenos dos grupos humanos, incluindo a terapia. Uma Psicologia que nos forneça explicações plausíveis sobre as dimensões da mente, os estados alterados de consciência, agressão,

oportunismo, comportamentos tribais, efeito placebo, influências físicas, ambientais e culturais a que estamos expostos etc.

Observamos também que a identidade da Abordagem Centrada na Pessoa vem sendo bastante questionada, principalmente, pelo então grupo de Jaguariúna (John Wood, Vera Cury, Jaime Doxsey, Raquel Rosenthal, Mariza Japur, Sônia Loureiro, Lucila Assumpção, Marcia Tassinari, Mônica Allende Serra), que tentou defini-la, concluindo ser tão ampla, que, desta forma, não se torna passível de definição, dificultando sua compreensão no sentido de suas potencialidades e possibilidades. Segundo John Wood, "a Abordagem Centrada na Pessoa é tudo e nada, e as pessoas entram e saem desta abordagem com muita liberdade".

Esse grupo evidenciou a necessidade de inserção da Abordagem na cultura, na consciência e no jeito de ser das pessoas, o que já ocorre informalmente. Talvez isto se dê em função do que já foi mencionado anteriormente, sobre uma certa falta de estruturação no arcabouço teórico que sustenta esta orientação. Por um lado, isto parece gerar algum desconforto, por outro, oferece condições de liberdade de pensamento e um verdadeiro respeito e consideração pela pessoa humana, aceitando seus limites e potencialidades, o que se torna extremamente atraente e "convida" as pessoas a fazerem parte desta "família".

Referências Bibliográficas

- FONSECA, A.H.L. (1994). *De Oaxtapec ao Nordeste da América do Sul: O Encontro Latino Americano da Abordagem Centrada na Pessoa*, texto não-publicado.
- LIETAER, G.; ROMBAUTS, J. & VAN BALEN, R. (1990). *Client-Centered and Experiential Psychotherapy in the Nineties*, Leuven: Leuven University Press.
- TASSINARI, M.A. & DOXSEY, J.R. (1992). The Latin American Encounters (1983-1992): Recent Trends in Written Material on the Person-Centred Approach - Part II, V Forum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, Terschelling, Holanda.
- THORNE, B. (1992). *Carl Rogers (Key Figures in Counselling and Psychotherapy)*, London: Sage Publications.
- WOOD, J.K. et alli (Orgs.)(1994). *Abordagem Centrada na Pessoa*, Vitória: Editora Fundação Cecílio Abel de Almeida/UFES.
- WOOD, J.K. (1994). *Abordar a Abordagem*, texto não-publicado.

(A Primeira Versão deste trabalho foi apresentada no VII Encontro Latino-Americano da Abordagem Centrada na Pessoa, Outubro/94, Maragogi-AL, Brasil, com a colaboração de Andréa Lins, Clayse Silva, Evandro Farias, Monica Silva, Rosane Oliveira e Yeda Portela. A Segunda Versão foi apresentada no VI Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa, Julho/95, Leptokarya, Grécia).⁹

(As pessoas interessadas em consultar a versão integral deste, com seus respectivos apêndices, podem entrar em contato diretamente com a autora).

CARL ROGERS: VIDA E OBRA

Sérgio Leonardo Gobbi

Carl Ransom Rogers nasceu em 8 de janeiro de 1902, em Oak Park, Illinois. Ele era o 4º de 6 filhos, cinco dos quais eram meninos. O pai de Rogers, Walter graduou-se na Universidade de Wisconsin, e quando Carl nasceu ele já tinha se estabelecido como um ascendente homem de negócios no campo da engenharia. A mãe dele, Júlia, tinha também freqüentado a faculdade por 2 anos. Sua família era de religião rigorosamente fundamentalista. Sua infância foi limitada pelas crenças e atitudes de seus pais e pela assimilação que ele próprio fez de suas idéias. Sua educação era baseada sobre o culto da virtude e do trabalho árduo.

Era uma suposição básica no lar de Rogers, que a família era diferente das outras e consequentemente eles observavam padrões de comportamento apropriados para aqueles que eram "eleitos" de Deus. Não era permitido beber álcool, dançar ou ir ao teatro, jogos de cartas, sendo assim havia pouca vida social de qualquer tipo. Em substituição havia ênfase numa vida de família fechada e na necessidade de muito trabalho em todos os momentos.

A saúde de Carl, quando menino, não era muito boa e ele era considerado pelo resto da família como uma criança um pouco adoentada, propensa a ser muito sensível. Isto, em algumas vezes, levou-o a sofrer brincadeiras provocativas por parte de outras crianças que podiam beirar a crueldade, exacerbando uma tendência da parte de Carl para retirar-se para dentro dele mesmo e para dentro do seu próprio mundo. Ele freqüentemente falava de si mesmo como uma criança solitária a quem fora permitido poucas oportunidades de fazer amigos fora da família, e que era dirigido mais e mais para buscar uma consolação nos livros, os quais ele lia incessantemente.

Quando ele começou a escolarização formal, ele já estava lendo num padrão de muitos anos à frente de sua idade e essa habilidade distanciou-o mais de seus colegas.

Em 1914 a família mudou-se para uma fazenda a 30 milhas ao oeste de Chicago. Refletindo sobre a mudança, mais tarde, Rogers viu-a como motivado por dois fatores, em primeiro lugar, seu pai, agora, era um bem-sucedido e próspero homem de negócios, queria uma fazenda para passatempo, mas Carl veio a acreditar que a segunda e mais importante razão era o desejo por parte de seus pais de proteger os filhos que se tornavam adolescentes, das "tentações" da vida na cidade. (Rogers 1916)

No colegial tornou-se um excelente estudante, com ávidos interesses científicos, mas continuava o isolamento social. *"Já conseguia perceber que eu era diferente, um solitário, sem um lugar ou possibilidade de encontrar um*

lugar no mundo das pessoas. Era socialmente incompetente em qualquer tipo de contato que não fosse superficial. Durante este período, minhas fantasias eram nitidamente bizarras, e se viesssem a ser diagnosticadas provavelmente seriam classificadas como esquizóides, mas felizmente nunca cheguei a entrar em contato com nenhum psicólogo.” (Rogers 1973:197)

A vida na fazenda, no entanto, possibilitava-lhe desenvolver interesses que teriam significado na sua vida profissional posterior. Carl, tornou-se fascinado por grandes mariposas noturnas as quais habitavam os bosques ao redor da fazenda. Gradualmente ele tornou-se uma autoridade nessas exóticas criaturas. Lia extensivamente sobre elas, e começou a criá-las em cativeiro, criou lagartas e observou os casulos durante longos meses de inverno. O empenho científico foi mais encorajado pela determinação de Walter Rogers de operar sua nova fazenda sobre uma base científica.

Ele desafiou seus filhos a estabelecer pequenas aventuras independentes, por eles próprios e, como resultado, eles aprenderam desde a infância a lidar com o bando de galinhas e criar muitas variedades de animais de fazenda. Carl, através destas atividades, tornou-se um assíduo estudante de agricultura científica e aprendeu através da leitura de um volumoso livro chamado “*Feeds and Feeding*” (Alimentos e alimentação) de Marison. A partir desta obra ele entendeu o que era “grupo experimental” e “controle”, familiarizando-se com “procedimentos aleatórios”. Em resumo, ele adquiriu um conhecimento e um grande respeito pela metodologia científica e compreendeu, pela experiência de primeira mão, a dificuldade de testar uma hipótese.

Rogers começou a estudar, em Wisconsin, no campo da agricultura. Sua ambição, nesta fase, era administrar uma fazenda de modo mais moderno e científico possível. Ele dividia um quarto com seu irmão, Ross, no dormitório da YMCA (Young Men Christian Association) e, no seu primeiro ano, tornou-se membro de um grupo de estudantes de agricultura conduzidos por George Humphey. O impacto deste grupo foi enorme por muitas razões. Humphey encorajava o grupo a tomar suas próprias decisões e recusou a adorar o convencional papel de liderança. O próprio Rogers descreveu mais tarde a experiência em termos calorosos e referiu-se ao comportamento de Humphey como excelente exemplo de liderança facilitadora (in Burton, 1972).

Rogers foi afetado pela libertação do pensamento e sentimento que se seguiu, o que foi muito diferente da criação controladora que teve. Ele estava em condições pela primeira vez de desenvolver relacionamentos próximos e íntimos com jovens, pessoas de fora do círculo imediato da família, e isto também abriu para ele um inteiro mundo novo de excitantes possibilidades. A onda de energia emocional e intelectual precisava um novo canal e o idealismo emergente de Rogers logo conduziu a focalizar o seu compromisso Cristão. Antes do final do curso sentiu-se firmemente convicto de que seria chamado

para ser ministro Cristão e de acordo com isto, mudou seu curso de agricultura para história, acreditando que esta opção lhe forneceria o mais apropriado embasamento para o trabalho religioso. Para um jovem cujas melhores matérias na escola tinham sido ciências e inglês, a transição não apresentava dificuldades intelectuais. Mais significante era a transformação da natureza religiosa que estava acontecendo, à dogmática e moralista cristandade do ambiente da casa de Rogers, estava dando lugar a um intenso, mas apaixonado e pessoal envolvimento baseado numa mudança de percepção da natureza de Cristo. Não é certamente um exagero deduzir das leituras dos diários e cartas de Rogers deste tempo que o julgador e assustador Deus do Velho Testamento estava gradualmente sendo substituído na experiência de Rogers por um vibrante Jesus que oferecia uma nova intimidade e estendia a possibilidade para a liberdade pessoal, a qual teria sido inconcebível no contexto do fundamentalismo evangélico, com o qual Rogers tinha crescido.

Em meio a estas mudanças, Rogers foi um dos doze estudantes dos Estados Unidos escolhidos para participar da Conferência da Federação Mundial de Estudantes Cristãos, em Pequim, na China. Esta visita durou mais de 6 meses e foi divisor de águas no desenvolvimento espiritual e intelectual de Rogers. Durante este período ele manteve um “diário da China”, e escreveu longas cartas, tanto para a sua família como para Helen Elliot, uma moça que ele conhecia desde criança e que agora considerava sua “namorada”.

A situação dificilmente poderia ter sido mais conduzida para o desenvolvimento da autonomia pessoal de um jovem, pois não havia somente o estímulo da viagem ao estrangeiro e a experiência de uma cultura totalmente diferente, mas, também, a constante companhia de um grupo internacional de jovens altamente inteligentes e criativos.

Rogers foi forçado a estender seu pensamento em quase todas as direções e foi também induzido a ver a força dos sentimentos racionais, num período poucos anos depois do final da 1ª Guerra Mundial. Mais significativamente, ele veio reconhecer que era possível para pessoas sinceras e honestas manterem muitas crenças e percepções religiosas.

Rogers compreendeu que ela foi para ele um perfeito contexto para libertar-se do pensamento religioso de seus pais, e atingir a independência espiritual, intelectual e emocional. Do começo ao fim ele foi amparado pelo seu novo e profundo relacionamento pessoal com Cristo e pelo fato de que ele estava, através de cartas, tornando-se cada vez mais íntimo com Hellen e sua própria família. Parecia que ele estava compelido a ser honesto, e que esta compulsão “cegava-o temporariamente” para o efeito que tais cartas inevitavelmente teriam sobre seus pais, que estavam profundamente aflitos, por seu filho abraçar o que eles consideravam uma perigosa e perversa teologia. Somando-se a isto, eles não podiam fazer nenhuma réplica imediata, e no

tempo que suas reações negativas o alcançaram, Rogers estava completamente estabelecido em sua nova visão. Como ele mais tarde admitiu, foi através deste processo que, com um mínimo de dor para ele mesmo, ele rompeu com os laços intelectuais e religiosos, os quais tinham provado ser terrivelmente fortes.

Como ele vivenciou a profundidade da vida em grupo, assim tornou-se possível entender e valorizar diferenças individuais. Ainda mais com a aceitação que ele achou no grupo, a crescente segurança no relacionamento com Helen e a sua mudança de percepção da natureza de Deus, que lhe possibilitaram manter uma autenticidade que foi crucial para sua fuga da estreita visão familiar da realidade.

A visita à China trouxe perdas à saúde física de Rogers, que foi diagnosticado como sendo úlcera duodenal. Tão logo se recuperou, ele pegou um trabalho num depósito de antigüidades e registrou-se para um curso por correspondência de introdução à Psicologia, onde o texto principal era de William Jones. O tempo de sua recuperação também proporcionou uma admirável oportunidade para aprofundar seu relacionamento com Helen, que era uma estudante de artes. Com o tempo, seus sentimentos foram correspondidos, eles noivaram e dois meses depois Rogers graduou-se em história na Universidade de Wisconsin. O casamento teve lugar, apesar da insistência dos pais de ambos para postergar o evento até eles estarem mais firmemente estabelecidos em suas respectivas carreiras.

Rogers tinha sido aceito para o Seminário da União Teológica (Union Theological Seminary) em Nova Iorque, naquele momento o mais liberal do país e logo, depois do seu casamento, partiram para lá. Rogers despendeu dois anos na União. Ele encontrou alguns professores excepcionais e participou intensamente da vida de uma instituição que foi notavelmente progressista em suas atitudes para a aprendizagem e para as exigências e aspirações do estudante. Feita a notável solicitação para a administração de ser permitido aos estudantes de estabelecer um seminário sem instrutores, onde a pauta deveria ser composta inteiramente sobre suas próprias questões, admitiu-se com a presença de um jovem instrutor. Para Rogers, como para os outros envolvidos, este seminário "sem líder" provou ser profundamente esclarecedor e abriu novos caminhos.

Mais tarde Rogers citou que cada vez mais ele compreendia que, profundamente comprometido como ele estava com a melhoria de vida para a sociedade e para os indivíduos, ele não podia permanecer num campo onde seria solicitado a acreditar em uma doutrina religiosa específica.

Tendo em vista a intranqüilidade de Rogers com seus estudos religiosos ele achou um escondouro fazendo vários cursos no Teachers College da Universidade de Colúmbia. Simplesmente por atravessar a rua encontrou-se seguindo um curso sobre psicologia clínica, sob a orientação de Leta

Hollingworth, de quem ele observou que combinava as qualidades de um caloroso ser humano com as de uma competente pesquisadora. Foi graças a ela que ele teve a sua primeira experiência de trabalho com crianças com distúrbios. Igualmente importante foi seu contato com Willian Heardt Kilpatrick, um veterano de John Dewey, e apresentou a visão de Dewey sobre educação progressiva com grande força e persuasão. O estudante de graduação que tinha tentado ser ministro Cristão agora entra na carreira de psicólogo.

No mesmo ano que Rogers começou a estudar para o seu grau em psicologia clínica e educacional, no Teachers College, ele tornou-se pai pela primeira vez. David Rogers nasceu em março de 1926, tendo sua educação baseada no comportamentalismo watseniano. Rogers descreveu mais tarde que foi afortunado para todos eles, que Hellen tivesse suficiente senso comum para se fazer ser uma boa mãe, em face de todo o conhecimento psicológico.(in Burton, 1972)

No Teachers College, Rogers achou que o ponto de vista predominante era caracterizado por uma vigorosa abordagem científica, aliada a uma fria e objetiva metodologia. Isso contribuiu de alguma forma para a parte científica de sua personalidade, e seu trabalho de doutorado consistiu no desenvolvimento de um teste para medir o ajustamento da personalidade da criança de 9 a 11 anos (um teste que provou imensa popularidade e ainda vendia bem nos anos 70). O interesse em trabalhar com crianças levou Rogers a solicitar com sucesso sua inclusão no Instituto de Orientação para Crianças no ano acadêmico de 1927-28, ele teve a oportunidade de experienciar um meio inteiramente diferente daquele do Teachers. O Instituto era amplamente comprometido com a teoria e métodos psicanalíticos, e Rogers encontrou-se rodeado por clínicos cuja orientação era radicalmente diferente daquela da maioria de seus tutores na Teachers.

O teste de personalidade que emergiu de seus estudos de doutoramento satisfez a objetividade científica dos seus examinadores e foi também julgado útil como um instrumento clínico no Instituto.

Seu primeiro emprego foi em Rochester, Nova Iorque, no ano de 1928, num centro de orientação infantil, Child Study Department (Departamento de estudo de Crianças) da sociedade de Rochester de Prevenção da Crueldade à Criança. Ele era mal pago e parecia ter uma curta perspectiva de carreira. Trabalhava com crianças que haviam sido encaminhadas por várias agências sociais. "Não estava ligado a nenhuma universidade, ninguém me supervisionava a partir de qualquer orientação específica de treinamento...(as agências), não ligaram a mínima para a sua forma de procedimento, mas esperavam que você pudesse dar alguma assistência" (Rogers, 1970:514).

Durante os doze anos em Rochester, a compreensão de Rogers sobre o processo de psicoterapia progrediu de uma abordagem formal e diretiva para o que ele iria denominar mais tarde de "terapia centrada no cliente". Um seminário

de dois dias com Otto Rank impressionou-o: "Notei que em sua terapia, não em sua teoria, ele destacava alguma das coisas que eu começava a aprender" (Rogers, 1973:202).

Rogers estava totalmente imerso no seu trabalho e dedicou-se de forma ilimitada ao bem-estar de crianças desfavorecidas que eram encaminhadas para diagnóstico e assistência. O fato de muitas crianças estarem altamente comprometidas e terem com freqüência passado por agências sociais de trabalho, significava que havia pouco tempo para testar elaboradas teorias e hipóteses. Em substituição eram requeridos métodos que respondessem para as crianças e seus pais, que realmente funcionassem e provassem ser eficazes em satisfazer as suas necessidades. Assim, Rogers descobriu que algumas teorias nestes casos fracassavam. Mais e mais ele poderia considerar-se como um pioneiro na sua própria razão e que ele poderia assumir o risco de formular suas próprias idéias baseadas na experiência do dia-a-dia, dos encontros que ele estava tendo com aqueles que buscavam sua ajuda. Essa prática e prognóstica abordagem foi reforçada pelo entusiasmo e energia de alguns profissionais que trabalhavam no departamento de Rogers. Entre eles estava Elisabeth Davis, que era aluna de Otto Rank, e tinha sido treinada pela Universidade da Pensilvânia - Escola de Trabalho Social. Rogers também foi influenciado pelo trabalho de Jessie Talt, também aluna de Rank. Ela e seu colega Frederick Allen, tornaram-se uma grande influência na vida profissional de Rogers. Ele continuou a ligar a influência de Rank com a sua exposição prévia das idéias de Kilpatrick e John Dewey. Foi também, anos mais tarde, em Rochester, que ele reconheceu a ineficácia de interpretar um comportamento de clientes.

Foi nesse período que então ocorreu um incidente, quando Rogers finalmente desistiu de um jovem cliente, cuja mãe tinha constantemente se recusado a aceitar suas interpretações do comportamento para com seu filho, para, mais tarde, ser perguntado se atendia adultos para Aconselhamento. Quando Rogers aceitou, a mesma contou sua história de maneira própria. Para Rogers isso mostrou que o cliente é quem sabe como proceder e não o terapeuta, e que a tarefa do terapeuta seria basear-se no cliente para direção do movimento terapêutico.

Enquanto, ainda estava em Rochester, Rogers escreveu seu primeiro livro, *The Clinical Treatment of the Problem Child* (O Tratamento Clínico da Criança Problema), o qual foi publicado em 1939. O livro buscava dar uma visão geral do campo de orientação da criança, mas agora o interesse de Rogers situa-se mais na compreensão que ele fornece do próprio crescimento pessoal e profissional de Rogers.

Em dezembro de 1939, Rogers partiu para um amplo professorado na Ohio State University. Rogers, mais tarde, comentou que ele cordialmente fora

recomendado para entrar no mundo acadêmico no nível docente (Rogers, 1961).

Ele ministrava conferências freqüentemente, publicou numerosos artigos no seu primeiro ano, participou de muitos comitês e estabeleceu uma prática que a terapia supervisionada era realizado no campus universitário no seu primeiro momento.

Em 11 de dezembro de 1940, antes de ser convidado para uma audiência na Universidade de Minnesota, ele proferiu uma conferência intitulada "Novos Conceitos em Psicoterapia" e ele subsequentemente veio a considerar a data deste evento como o aniversário da Terapia Centrada no Cliente. Tendo lançado sua crítica dos velhos métodos de terapias, Rogers continuou em seu papel para descrever as "novas práticas". Ele fez justiça creditando a influência de Rank, Jessie Taft e Frederick Allen e fez alusão, também ao trabalho de Karen Horney e para o emergente campo da terapia do jogo e terapia de grupo. Rogers salientou, mais tarde, que a nova Abordagem não se interessava em resolver problemas, mas de preferência em ajudar indivíduos para o crescimento e desenvolvimento, com isto eles teriam mais respostas integradas para a vida em geral.

Em 1942 surgiu *Conseling and Psychotherapy: New Concepts in Practice* (Aconselhamento e Psicoterapia: Novos conceitos em Prática). Foi nesta obra que apareceu, pela primeira vez, o termo "cliente" e, também, a primeira transcrição completa publicada de uma consulta de terapia. Naquela época Rogers utilizava duas máquinas de gravação, usando discos de 78 rpm, que eram trocados a cada três minutos.

Rogers permaneceu na Ohio State por apenas quatro anos, e durante este período sua reputação foi grandemente realçada, pois ele tornou-se conhecido como uma pessoa de muita energia e um grande amor aos estudantes. Este último ponto é de muita importância, pois explica, parcialmente, o impacto de influência sobre seus estudantes. Em 1945 ele mudou-se para a Universidade de Chicago, tendo sido convidado para atuar com a solicitação específica de que ele deveria estabelecer um centro de aconselhamento.

Rogers passou doze anos em Chicago e certamente considerou este período como o mais criativo em sua carreira. O centro de Aconselhamento rapidamente estabeleceu-se como um inestimável recurso para os estudantes da Universidade e para as pessoas da comunidade. Reuniu um grupo motivado e inovador de colegas e pós-graduandos, criando um contexto no qual cada indivíduo poderia desenvolver-se. A administração da universidade teve dificuldades com sua recusa em conduzir este centro de forma convencional. Fiel aos seus princípios, Rogers acreditava na capacidade do grupo para achar seu próprio caminho, recusando-se a exercer a sua autoridade de modo formal. Ele ajudava a estabelecer um verdadeiro clima democrático, no qual, a partilha de poder tornava-se uma realidade diária. A pesquisa floresceu e inovações clínicas abundaram.

Em 1951 o livro de Rogers - *Conseling with returned semicewer* - apareceu e imediatamente ganhou um grande conjunto de leitores, apesar do pouco interesse da imprensa especializada. De muitas formas, o livro é uma revisão das atividades do Centro de Aconselhamento. Aos seus próprios olhos, no entanto, o ponto alto de seu sucesso, até aquele momento, foi a outorgação a ele em 1956 do prêmio "Destacada Contribuição Científica" pela Associação Americana de Psicologia. Rogers mais tarde comentou que este prêmio lhe foi o de maior significado pessoal. A premiação tinha sido precedida, em 1954, pela publicação do livro "Psicoterapia e Mudança da Personalidade", que Rogers publicou com Rosalind Dymond. Este trabalho (*University of Chicago*) consistiu em um suporte das hipóteses centradas no cliente e os jornais especializados, então, reagiram favoravelmente.

Rogers, em 1957, anunciou sua intenção de partir para sua antiga universidade de Wisconsin. A mais importante razão para a mudança parece ser a crença de Rogers de que seu novo posto lhe daria maior destaque. A atração particular de Wisconsin era que Rogers teria a chance de trabalhar em dois departamentos: o de Psicologia e o de Psiquiatria. Ele visualizava estagiários de psicologia e psiquiatria assistindo seminários e participando das mesmas pesquisas e projeto com ele. A mudança para Wisconsin foi, de muitas formas, um desastre. A visão de Rogers da psicologia e psiquiatria, dando as mãos, nunca foi satisfeita e ele logo entrou em atrito com muitos de seus novos colegas. Tão grande foram os conflitos que Rogers demitiu-se, continuando a trabalhar no departamento de psiquiatria. Publicou, em 1967, *The Therapeutic Relationship and its Impact: A study of Psychotherapy with schizophrenics*.

Por algum tempo Rogers estivera entusiasmado pelas hipóteses a respeito das condições de mudança de personalidade em pessoas seriamente perturbadas. O processo resultante ficou longe de ser satisfatório. Rogers mais tarde descreveu o projeto como "*sem dúvida o mais doloroso e angustiante episódio de toda a minha vida profissional*" (in Burton, 1972:62).

O projeto forneceu alguns sólidos suportes para as principais teorias de Rogers, mas a globalidade dos achados foi modesta em seu poder de persuasão. Contudo, foi o seu quinto livro "*Tornar-se pessoa*", publicado em 1961, que trouxe-lhe mais fama e influência do que jamais teria esperado. O livro espalhou-se por todo o mundo profissional através de educadores, terapeutas, filósofos e outros profissionais. Descobrindo que escrevendo este livro tornou-se repentinamente influente, o que não acontecera em Wisconsin, demitiu-se da universidade em 1963.

Quando Richard Farson, um de seus antigos estudantes, convidou-se, no verão de 1963, para juntar-se a ele e a outros no recentemente criado Instituto Ocidental de Ciência do Comportamento. Foi, então, para La Jolla na

Califórnia, para juntar-se ao instituto, uma organização sem fins lucrativos, preocupada principalmente com pesquisa humanística orientada às relações interpessoais. Rogers começou a confiar no trabalho de pequenos grupos com a mesma confiança que ele tivera previamente para com seus clientes individuais. Ao mesmo tempo ele achou possível usar o contexto de grupo para seu próprio desenvolvimento e tornou-se mais expressivo em seus próprios sentimentos. Esta mudança, em seu próprio comportamento estava acompanhada pelo aumento da aplicação dos princípios da "Terapia Centrada no Cliente" em situações fora de sala de terapia.

Em 1968, Richard Farson saiu da IOCC ocasionando mudanças administrativas, Rogers logo retirou-se e formou, junto com outros colegas da organização, o "Centro de Estudos da Pessoa", que ainda existe, e no qual Rogers permaneceu como "colaborador presidente" até sua morte. O centro logo tinha quarenta membros, vindos de diferentes disciplinas, e seus negócios foram induzidos de tal forma que cada membro era livre para desenvolver os seus próprios interesses. Todos os membros eram profundamente interessados em pessoas e no valor essencial da experiência subjetiva.

Seu trabalho com grupos de encontro originou-se nos seus últimos anos na Califórnia, onde foi livre para experimentar, inventar e testar suas idéias sem as influências restritivas de instituições sociais ou da respeitabilidade acadêmica. Durante este período, também com a ajuda de sua filha Natalie, Rogers iniciou uma série de workshops de grandes grupos, o primeiro em 1974 (*Person Central Workshops*). Nos últimos anos de sua vida ele estava preocupado com a paz no mundo e na possibilidade de atravessar as fronteiras raciais e culturais.

Na sua última década de vida, depois dos setenta anos, ele continuou a mostrar uma impressionante vitalidade e viajou pelo mundo para tornar suas idéias conhecidas, especialmente naquelas áreas onde a tensão e os conflitos eram, dia após dia, realidade. Irlanda do Norte, África do Sul, Polônia e Rússia, entre outros, figuraram no seu itinerário nestes anos. Em cada país ele não somente falou de seu trabalho mas participou ativamente em workshops.

Em 1979, falece sua esposa Helen. No ano seguinte, bastante mobilizado, Rogers publica *Um Jeito de Ser*, onde explora novas dimensões da ciência e do conhecimento. Perto do final de 1985, ele reuniu lideranças de dezessete diferentes países em uma conferência residencial no "Central American Challenge", realizada na Áustria. Esta conferência foi o mais espetacular exemplo de seu compromisso nos anos finais de sua vida, com a preservação da paz mundial e a evitação do confronto nuclear. Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz no ano de sua morte, que ocorreu em fevereiro de 1987. Neste mesmo ano, é publicado no Brasil *Quando Fala o Coração. A Essência da Psicoterapia Centrada na Pessoa*, com Antonio Monteiro dos Santos e Maria C.V.Bowen.

Obras Principais: Psicoterapia e Consulta Psicológica (1942); Terapia Centrada no Cliente (1951); Psychotherapy and Personality Change, em co-autoria com R.Dymons (1954); Tornar-se Pessoa (1961); Psicoterapia e Relações Humanas, em parceria com G.Kinget (1962); De pessoa a Pessoa, com B.Stevens, (1967); The Therapeutic Relationship and its Impact:A Study of Psychotherapy with schizophrenics, com Gendlin, A.Kiesler e C.Truax (1967); O homem e a ciência do homem, em co-autoria com W.Coulson (1968); Liberdade para Aprender (1969); Liberdade para aprender em nossa década (1972); Grupos de Encontro (1970); Sobre o Poder Pessoal (1977); A pessoa como Centro, com Raquel Rosenberg (1977); Um jeito de Ser (1980).

Referências Bibliográficas

1. EVANS, Richard Isadore. **Carl Rogers** : o homem e suas idéias. São Paulo : Martins Fontes, 1979. 196p. (Psicologia e pedagogia)
2. Hannoun, Hubert. **A atitude não-directiva de Carl Rogers**. Lisboa : Livros Horizonte, 1980. 235 p. (BEP; 55)
3. HUIZINGA, J. Developments in life and work of Carl Ranson Rogers. In: SEGRERA, Alberto S. **Proceedings of the First International Forum on the person - centered approach**. Mexico : Universidad Iberoamericana.
4. ROGERS, Carl Ransom. **Autobiographie**. Paris : EPI, 1967.
5. _____. **Le developpement de la personne**. Paris : Dunod, 1967.
6. _____. **Um jeito de ser**. São Paulo : EPU, 1983.
7. _____. **Tornar-se pessoa**. São Paulo : Martins Fontes, 1991.

ÍNDICE REMISSIVO DOS VERBETES

abertura, 15
abordagem centrada na pessoa, 15
aceitação positiva incondicional, 16
aconselhamento, 16
aconselhamento não-diretivo, 17
acordo interno, estado de, 18
Alvim, Mariana, 19
ameaça, 20
angústia, 21
aplicações da abordagem centrada na pessoa, 23
aprendizagem, 26
aprendizagem centrada na pessoa, 28
aprendizagem experiencial, 28
aprendizagem significativa, 29
atitude, 30
atitude transferencial, 30
atmosfera, 30
atualização do self, 31
autenticidade, 31
autoconceito, 33
autocorreção, 33
auto-imagem, 34
autonomia, 34
auto-realização, 34
avaliação, centro de, 34
avaliação condicional, 34
avaliação incondicional, 35
avaliação organísmica, 35
biofeedback, 37
Bowen, Maria Constança V-B., 38
Buber, Martin, 38
calor, 42
campo experiencial, 42
campo fenomenológico, 42
Campos, Lúcio, 43
catalisador, 43
capacidade individual, 44

centrado, 44
centro de avaliação, 44
cliente, 44
clima, 45
complexo de consideração, 45
comportamento defensivo, 45
compreensão, atitude de, 46
compreensão de si, 46
compreensão empática, 46
condições de terapia, 48
condições necessárias e suficientes, 48
confiança, 49
confronto, 49
congruência, 49
consciência, 49
consideração positiva, necessidade de, 51
consideração positiva incondicional de si, 51
consideração positiva incondicional, 51
consideração positiva de si, 53
consideração seletiva, 53
contato, 53
crescimento, 54
defesa, 55
deformação da experiência, 55
dependência, 56
desacordo, 56
desajustamento psíquico, 56
desenvolvimento, noção de, 57
desenvolvimento humano, 58
Dewey, John, 58
diagnóstico, 59
ego, concepção de, 61
elucidação, 61
empatia, 62
ensino centrado no estudante, 62
estrutura da relação terapêutica, 62
eu, 62
eu ideal, 62
existencialismo, 62
experiência, 64
experiência, abertura à, 64
experiência imediata, 65

experiência de si, 65
experiência não simbolizada, 65
experiência simbolizada, 65
experiencião, 66
experiencial, terapia, 67
expressão de sentimentos, 67
facilitador, 68
fases da aboragem centrada na pessoa, 68
fases do processo terapêutico, 72
fenômeno, 75
fenomenologia, 75
focalização, 77
funcionamento ótimo, 78
fundamentos filosóficos, 79
Gendlin, Eugene T., 81
genuinidade, 82
Growth, 82
grupos de encontro, 82
Heidegger, Martin, 85
heráclito, 86
homem, noção de, 87
homeostase, 88
humanismo, 89
Husserl, Edmund, 90
imagem de si, 92
imersão, 92
incongruência, 92
inconsciente, 92
insight, 95
Justo, Henrique, 96
Kierkegaard, Søren Aabye, 97
laisser-faire, 100
liberdade experencial, 100
limites, 101
Maslow, Abraham, 102
maturidade psíquica, 103
Merleau-Ponty, Maurice, 103
motivação, 105
não consciente, 106
não-direção, 106
não-diretividade, 107

Nietzsche, Friedrich, 107
Oliveira, Dario, 109
organismo, 109
organismo humano, 109
percepção, 110
percepção diferenciada, 110
percepção discriminativa, 111
percepção realista, 111
percepção seletiva, 111
percepção subliminar, 111
personalidade, teoria de, 111
pesquisas em abordagem centrada na pessoa, 116
pessoa, 118
pessoa-critério, 120
psicologia existencial, 121
psicologia humanista, 124
psicoterapia, 126
psicoterapia centrada no cliente, 127
psicoterapia centrada na pessoa, 127
psicoterapia experiencial, 127
quadro de referência externa, 129
quadro de referência interna, 129
Rank, Otto, 130
referência externa, ponto de, 130
referência interna, ponto de, 131
reflexo de sentimentos, 131
reiteração, 131
relação de ajuda, 131
relação terapêutica, 132
representação consciente, 132
respeito, 132
resposta-reflexo, 133
rigidez perceptual, 134
Rogers, Carl Ransom, 134
Rosenberg, Rachel L., 135
Santos, Oswaldo de B., 136
Sartre, Jean-Paul, 136
segurança, 138
self, 139
self ideal, 141
self real, 141

simbolização correta, 141
simbolização distorcida, 142
simbolização real, 142
subcepção, 142
técnica, 144
tendência atualizante, 145
tendência à atualização do self, 146
tendência formativa, 146
terapia centrada no cliente, 147
transferência e contratransferência, 149
versão de sentido, 151
vida plena, 152
vulnerabilidade, 152
Wood, John K., 153
workshop, 154